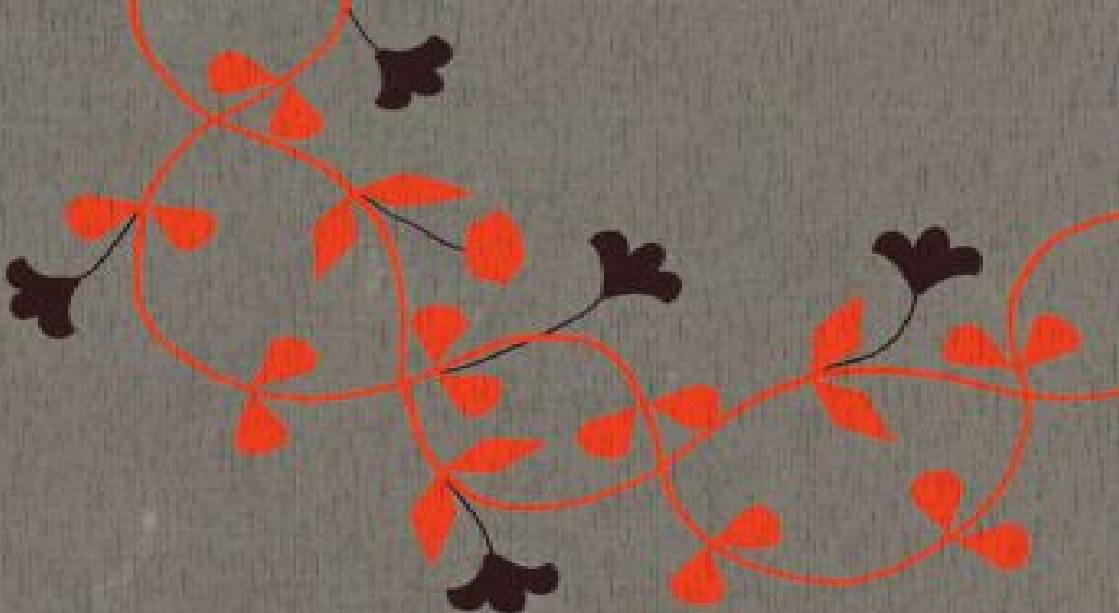


A decorative red floral vine with small leaves and star-shaped flowers, curving across the top right of the cover.

HARPER LEE

A horizontal red floral vine with small leaves and star-shaped flowers, passing behind the title.

Por Favor, não matem
a cotovia





POR FAVOR, NÃO MATEM A COTOVIA

Harper Lee

Título original: To Kill a Mockingbird

Dedicado a Mr. Lee e a Alice, em consideração pelo Amor e Afecto.

Suponho que os advogados já foram, um dia, crianças.

CHARLES LAMB

PARTE UM

QUANDO ESTAVA PRESTES A COMPLETAR TREZE ANOS, o meu irmão Jem fracturou gravemente o braço na zona do cotovelo. Quando recuperou, os seus receios de nunca mais poder voltar a jogar futebol foram postos de parte tão depressa quanto se esqueceu da sua lesão. Porém, o seu braço esquerdo ficara um tanto ou quanto mais curto do que o direito; quando estava parado, de pé, ou a caminhar, a palma da sua mão ficava mesmo perpendicular ao corpo, com o polegar paralelo à coxa. Mas isso não o incomodava, desde que conseguisse fazer passes e rematar.

Passados os anos suficientes para que os pudéssemos reviver com algum distanciamento, falávamos de quando em vez dos acontecimentos que tinham dado origem ao acidente. Eu continuo a achar que foram os Ewells que começaram tudo, mas o Jem, que era quatro anos mais velho do que eu, disse que tudo começou muito tempo antes. De facto, disse que tudo começara naquele Verão em que o Dill apareceu por estas bandas, da primeira vez que ele sugeriu que tentássemos obrigar o Boo Radley a sair de casa.

Aí eu disse-lhe que se quiséssemos ter uma visão mais alargada da questão, então teríamos de recuar até à época do presidente Andrew Jackson. Se o general Jackson não tivesse decidido expulsar a tribo Creek dos seus territórios rio acima, o Simon Finch jamais teria vindo parar ao Alabama. E então, onde é que nós estaríamos neste momento? Como já éramos demasiado crescidos para recorrermos aos punhos para resolver uma discussão, decidimos consultar o Atticus. E o nosso pai disse que ambos tínhamos razão.

Como Sulistas, era motivo de vergonha para alguns membros da família não termos conhecimento de qualquer familiar nosso que tivesse estado envolvido numa das facções da batalha de Hastings.

Sendo assim, apenas nos restava Simon Finch, um boticário negociante de peles da Cornualha, cuja piedade só era excedida pela sua usura. Em Inglaterra, Simon sentira-se deveras irritado ante a perseguição movida a quem se proclamava Metodista pelos seus irmãos mais liberais, e como Simon se considerava um Metodista, tratou de atravessar o Atlântico rumo a Filadélfia, daí para a Jamaica, daí para Mobile, até chegar a Saint Stephens. Consciente da censura de John Wesley sobre o uso excessivo da verborreia na compra e na venda, Simon fez fortuna com a prática da medicina, mas sentia-se algo infeliz nesta sua busca ante o medo de cair na tentação de exercer o seu ofício, não pela Glória de Deus, mas pela vacuidade do ouro e pelo luxo e ostentação do vestuário. Deste modo, Simon, ignorando por completo a avaliação formal do seu professor acerca da posse de bens humanos, acabou por comprar três escravos e, com a sua ajuda, construiu uma propriedade nas margens do rio Alabama, uns 70 kms acima de Saint Stephens. Só

voltou mais uma vez a Saint Stephens, desta feita para arranjar mulher e com ela estabelecer uma linhagem em que predominavam apenas raparigas. Simon viveu até a uma idade considerável e morreu rico.

Era costume os homens da família permanecerem na propriedade de Simon, chamada Plantação Finch, ganhando a vida com o algodão. O sítio era auto-suficiente: modesto em comparação com aqueles que o rodeavam, embora a Plantação produzisse tudo o que é essencial à vida, excepto gelo, farinha de trigo e artigos de vestuário, que eram fornecidos pelos barcos provenientes de Mobile.

Simon teria certamente acompanhado com fúria impotente os distúrbios entre o Norte e o Sul, dado que este conflito despojou os seus descendentes de tudo o que tinham, excepto a sua terra.

No entanto, a tradição de viver da terra manteve-se inabalável até ao século XX, altura em que o meu pai, Atticus Finch, foi para Montgomery estudar Direito e o seu irmão mais novo para Boston, estudar Medicina. A irmã deles, Alexandra, foi a única Finch que permaneceu na Plantação: casou com um homem taciturno, que passava a maior parte do seu tempo deitado junto ao rio numa cama de rede, imaginando se as suas redes de pesca estariam cheias ou não.

Quando o meu pai concluiu a sua licenciatura, regressou a Maycomb e começou a exercer advocacia. Maycomb, que se situava aproximadamente 30 kms a leste da Plantação Finch, era a sede de condado de Maycomb County. O gabinete de Atticus no tribunal continha pouco mais que um cabide para chapéus, um escarrador, um tabuleiro de damas e um Código Civil do Alabama novinho em folha. Os seus dois primeiros clientes foram as duas últimas pessoas a ser enforcadas na cadeia de Maycomb County.

Atticus tinha procurado convencê-los a aceitar a generosidade estadual, permitindo-lhes declararem-se culpados de homicídio em segundo grau e escapar com vida, só que eles eram Haverfords, apelido este que, em Maycomb County, era sinónimo de estupidez. Os Haverfords haviam despachado o mais importante ferreiro de Maycomb num mal-entendido alegadamente proveniente da má ferragem de uma égua. Só que foram imprudentes ao ponto de cometerem o crime na presença de três testemunhas e, mesmo assim, insistiam que «o-facto-de-o-filho-da-mãe-se-ter-atirado-a-eles» era por si só um bom argumento de defesa para qualquer um. Teimavam em alegar que estavam INOCENTES de homicídio em primeiro grau, por isso a Atticus nada mais restava fazer pelos seus clientes, do que estar presente na sua última e derradeira viagem, uma ocasião que terá, porventura, despertado o seu profundo desgosto pela prática do direito criminal.

Ao longo dos seus primeiros cinco anos em Maycomb, Atticus exerceu acima de tudo Economia; depois, durante os anos subsequentes, decidiu investir os seus rendimentos na educação do irmão.

John Hale Finch era dez anos mais novo que o meu pai e decidiu optar por Medicina numa altura em que o algodão não estava a render; porém, só depois de dar uma mãozinha ao tio Jack, é que Atticus começou a tirar um lucro razoável da advocacia. Nado e criado em Maycomb, gostava de Maycomb, conhecia a sua gente, eles conheciam-no e, devido à prole de Simon Finch, Atticus era parente de sangue ou por casamento de quase todas as famílias da cidade.

Maycomb era uma cidade velha, mas quando a conheci era uma cidade velha e cansada. Com o tempo chuvoso as ruas transformavam-se em lodo avermelhado; a erva crescia nos passeios e o velho tribunal vergava-se sobre a praça. Seja como for, naquela época o tempo era bem mais quente: qualquer cão preto penava num dia de Verão; perante o calor sufocante, as mulas escanzeladas aparelhadas às carroças modelo Hoover sacudiam as moscas à sombra dos carvalhos existentes na praça. Pelas nove da manhã já os colarinhos bem engomados dos homens perdiam a goma. As senhoras tomavam banho antes do meio-dia, depois da sesta das três e ao anoitecer eram como biscoitos de manteiga cobertos com gotículas de suor e pó de talco perfumado.

Naqueles tempos as pessoas deslocavam-se lentamente. Deambulavam pela praça, ora entrando, ora saindo das lojas à sua volta, ocupando o tempo com quase tudo. O dia tinha vinte e quatro horas, mas parecia ser bem mais longo. Não havia pressa, porque não havia nenhum sítio para onde ir, nada para comprar e nenhum dinheiro com que comprar, nada para ver além dos limites de Maycomb County. Mas, para alguns, eram tempos de vago optimismo: isto porque alguém dissera recentemente que Maycomb County nada tinha a temer, excepto o próprio medo.

Vivíamos na principal rua residencial da cidade: o Atticus, o Jem e eu, mais a Calpurnia, a nossa cozinheira. Eu e o Jem achávamos o nosso pai razoável: ele brincava connosco, lia para nós e tratava-nos com um distanciamento cortês.

Pelo contrário, a Calpurnia já era uma outra história. Era toda ângulos e ossos; era míope; estrábica; a sua mão era grande como uma trave e duas vezes mais dura. Estava constantemente a mandar-me sair da cozinha, a perguntar-me por que é que não me comportava tão bem como o Jem, quando ela sabia perfeitamente que ele era o mais velho e, além disso, tinha sempre a mania de me chamar para casa nas piores alturas. As nossas guerras eram épicas e unilaterais. Ela vencia sempre, muito porque o Atticus tomava sempre o seu partido. Estava connosco desde que o Jem tinha nascido e eu sentia a despótica presença dela desde que me lembrava de mim.

Eu tinha dois anos quando a nossa mãe morreu, por isso nunca senti a sua ausência. Era uma Graham de Montgomery. O Atticus conheceu-a quando foi eleito pela primeira vez para a comissão legislativa do estado. Ele era já um homem de meia-idade, enquanto ela era quinze anos mais nova. Jem era o fruto do seu primeiro ano de casamento; quatro anos mais tarde nasci eu e dois anos depois a nossa mãe morreu de um súbito ataque

cardíaco. Disseram que era hereditário. Não senti a falta dela, mas penso que o Jem sentiu, e bastante. Ele lembrava-se perfeitamente dela e às vezes, a meio de um jogo, começava aos suspiros e, em seguida, saía e ia jogar sozinho para trás da garagem. Mal ele começava assim, eu já sabia que não o devia importunar.

Quando eu tinha quase seis anos e o Jem para aí uns dez, as fronteiras do nosso Verão (mas sempre ao alcance do chamamento da Calpurnia) limitavam-se à casa de Mrs. Henry Lafayette Dubose, duas portas a norte, e à Casa Radley, três portas a sul.

Nunca nos tínhamos atrevido a ultrapassá-las. A Casa Radley era habitada por uma entidade desconhecida cuja descrição era suficiente para nos fazer andar bem comportados dias a fio; quanto a Mrs. Dubose, ela era um verdadeiro inferno.

Foi nesse Verão que conhecemos o Dill.

Certa (manhã, bem cedinho, quando estávamos a começar as nossas brincadeiras no pátio das traseiras, eu e o Jem ouvimos alguma coisa na horta de Miss Rachel Haverford. Dirigimo-nos à cerca de arame para ver se do outro lado já havia algum cachorrinho (a terrier rateira de Miss Rachel estava prenhe), mas em vez disso encontrámos uma pessoa sentada a olhar para nós. Sentado, ele não seria muito maior do que as couves. Ficámos a olhar para ele até que ele disse:—Olá!

— Olá pá ti tam'em—disse o Jem educadamente.

— Chamo-me Charles Barker Harris—disse ele.— E sei ler.

— Sim, e depois?—retorquiu o Jem.

— Pensei que gostassem de saber que sei ler. Se quiserem qu'eu leia qualquer coisa, é só dizer...

— Quantos anos tens—perguntou o Jem—quatro e meio?

— Tou quase a fazer sete.

— Atão e depois?—disse o Jem, fazendo-me sinal com o polegar.

— Ali a Scout lê desde que nasceu e ainda nem sequer anda na escola. Para quem vai fazer sete anos pareces-me muito pequenote.

— Sou pequeno, mas já tenho alguma idade—respondeu ele.

O Jem puxou o cabelo para trás para ver melhor.

— Por que é que não vens connosco, Charles Barker Harris? perguntou.

— Meu Deus, mas que nome!

— É tão esquisito com'ó teu. A minha tia Rachel diz que o teu nome é Jeremy Atticus Finch.

O Jem franziu o sobrolho.—Eu pelo menos tenho tamanho suficiente para o meu nome!—disse.—O teu nome ainda é maior que tu. P'rai um metro.

— Os meus amigos chamam-me Dill—disse o Dill, tentando passar por baixo da cerca.

— Safavas-te melhor se passasses por cima e não por baixo disse-lhe.

— Dond’ê que vens? O Dill era de Meridian, Mississippi, e estava a passar o Verão com a sua tia, Miss Rachel, e a partir de agora viria passar todos os Verões a Maycomb. A sua família era originalmente oriunda de Maycomb County. A mãe dele trabalhava para um fotógrafo em Meridian e tinha enviado uma fotografia de Dill para um concurso de beleza infantil e ganhou cinco dólares. Depois, deu o dinheiro ao Dill, que, à custa dele, foi ao cinema vinte vezes.

— Nós cá não temos cinema, excepto às vezes os filmes bíblicos que passam no tribunal—referiu o Jem.—Já viste alguma coisa de jeito?

O Dill já tinha visto o Drácula, uma revelação que fez com que o Jem comesse a vê-lo com um pouco mais de respeito.

— Conta-nos lá!—pediu-lhe, O Dill era um bocado para o estranho. Usava uns calções azuis de linho abotoados até à camisa, o cabelo era branco como a neve e colado à cabeça como a penugem de um pinto; era um ano mais velho do que eu, mas eu era mais alta do que ele. À medida que nos ia contando aquela história já com barbas, os seus olhos ora clareavam, ora escureciam; o seu riso era instantâneo e feliz e tinha por hábito puxar para trás uma mecha de cabelo que tinha bem no centro da testa.

Quando o Dill reduziu o Drácula a cinzas, e o Jem disse que o relato parecia melhor do que o livro, perguntei ao Dill onde estava o pai dele:—Ainda não disseste uma palavra sobre ele.

— Não tenho pai.

— Morreu? , -Não...—Atão se não morreu, tens pai, não tens?

O Dill corou e o Jem mandou-me calar, um sinal óbvio de que o Dill tinha passado o teste e sido aceite. Daí em diante o Verão passou num contentamento rotineiro. Por contentamento rotineiro entendíamos: melhorar a nossa casa da árvore, suspensa no pátio entre duas gigantescas cerejeiras, preocuparmo-nos com coisas insignificantes, percorrer a nossa lista de dramatizações baseadas nos trabalhos de Oliver Optic, Victor Appleton e Edgar Rice Burroughs.

Nesta matéria tínhamos sorte em ter o Dill. Era ele que agora desempenhava as personagens que antes me eram atribuídas—o macaco de Tarzan, Mr. Crabtree de The Rover Boys, Mr. Damon de Tom Swift.

Foi assim que ficámos a conhecer o Dill como uma espécie de Merlin em ponto pequeno, cuja imaginação fervilhava de planos excêntricos, estranhos desejos e bizarras fantasias.

No entanto, no final de Agosto, já o nosso repertório estava gasto de tantas e incontáveis representações e foi aí que o Dill nos deu a ideia de tentarmos despertar o Boo Radley.

Dill estava fascinado pela Casa Radley. Apesar dos nossos avisos e explicações, atraía-o como a Lua atrai a água, só que não o atraía para além do poste de electricidade da

esquina, algo que se podia considerar como a margem de segurança para o portão dos Radley. E ali ficava ele, abraçado ao poste gordo, a olhar e a imaginar.

A Casa Radley erguia-se numa curva apertada perto da nossa casa. Caminhando para sul, via-se a sua varanda; o passeio contornava-a e estendia-se ao longo do terreno.

Esta casa térrea fora outrora branca e tivera uma vasta varanda frontal com portadas verdes. Mas há muito que tinha escurecido até se transformar naquele tom cinzento-escuro que a envolvia. As telhas apodrecidas pela chuva debruçavam-se sobre as caleiras da varanda; os carvalhos impediam a entrada do sol. Os restos de uma cerca para prender os animais guardavam, meio ébrios, o pátio da frente—a chamada «sala de visitas» (*) que nunca recebia ninguém—onde cresciam em abundância sorgos bravos e perpétuas.

Dentro da casa vivia um fantasma malévolos. As pessoas diziam que existia, embora eu e o Jem nunca o tivéssemos visto. Diziam que saía nas noites em que a lua estava baixa e punha-se a espreitar às janelas. Quando, de um momento para o outro, as azáleas de alguém congelavam, era sinal de que ele tinha estado a respirar ali perto.

Todos os pequenos crimes furtivos cometidos em Maycomb eram obra dele. Certo dia a cidade acordou aterrorizada por uma série de mórbidos acontecimentos nocturnos: as galinhas e os animais domésticos tinham aparecido mutilados; apesar de o acusado ser o Addie «Tonto», que mais tarde acabaria por se afogar em Barker's Eddy, a verdade é que as pessoas continuavam a olhar para a Casa Radley, renitentes em abandonar as suas suspeitas iniciais.

Era certo e sabido que um negro jamais se atreveria a passar perto da Casa Radley durante a noite; atravessaria para o outro passeio e começaria a assobiar à medida que ia caminhando. As instalações da escola de Maycomb eram contíguas às traseiras do terreno dos Radley; as enormes noqueiras do quintal dos Radley deixavam cair os seus frutos no pátio da escola, mas as crianças não tocavam nas nozes: as nozes dos Radleys matam, dizia-se. Uma bola de basebol que fosse parar ao pátio dos Radley era considerada uma bola perdida e ninguém fazia mais perguntas.

A miséria daquela casa começara muito antes de eu e o Jem termos nascido. Os Radleys, gente bem-vista em qualquer parte da cidade, guardavam para si próprios uma das predilecções mais imperdoáveis de Maycomb. Em vez de irem à igreja, que era o principal divertimento de Maycomb, rezavam em casa. Mrs. Radley raramente atravessava a rua para ir tomar o seu cafezinho a meio da manhã com as vizinhas, se é que alguma vez o fez, e a verdade é que também nunca se juntou a qualquer círculo missionário de caridade. Diariamente, pelas onze e meia da manhã, Mr. Radley ia à cidade e voltava ao meio-dia em ponto, por vezes carregando um saco castanho de papel, que a vizinhança considerava como sendo as compras da mercearia. Nunca soube como é que o velho Mr. Radley ganhava a vida—o Jem disse que ele «comprava algodão», uma forma gentil de dizer que ele não fazia nada—mas a verdade é que Mr. Radley e a mulher

viviam ali com os dois filhos desde sempre.

As portadas e as portas da casa dos Radley eram fechadas aos domingos, outra coisa deveras estranha face aos costumes de Maycomb: fechar as portas só podia significar uma de duas coisas, doença ou tempo frio. De entre todos os dias, o domingo era o dia das visitas formais vespertinas: as senhoras usavam espartilhos, os homens usavam casaco, as crianças usavam sapatos. Porém, subir os degraus da frente da casa dos Radley e dizer «Viva!» num domingo à tarde, foi coisa que os vizinhos nunca fizeram. A Casa Radley nem sequer tinha portas de rede. Uma vez perguntei ao Atticus se alguma vez tinha tido e ele respondeu-me que sim, mas muito antes de eu nascer.

Segundo a lenda do bairro, quando o filho mais novo dos Radley era adolescente, tornou-se amigo de alguns Cunninghams de Old Sarum, uma enorme e destabilizadora tribo domiciliada na parte norte do país, e decidiram formar a coisa mais parecida com um gang, que até então se tinha visto em Maycomb. Faziam pouco, mas o suficiente para andarem nas bocas de todo o mundo e serem avisados publicamente em três homilias diferentes: os seus tempos de ócio eram ocupados à volta da barbearia; aos domingos iam de autocarro até Abottsville para ver uns filmes; frequentavam os bailes do Dew-Drop Inn & Fishing Camp, o salão de jogos do condado junto ao rio; tentavam produzir whiskey ilegal. Ninguém em Maycomb tinha coragem suficiente para dizer a Mr. Radley que o seu filho andava com más companhias.

Certa noite, num súbito ataque de «euforia etílica», os rapazes deram umas voltas à praça numa campana «emprestada», resistiram à tentativa de prisão do antigo oficial de justiça de Maycomb, Mr. Conner, e trancaram-no nos anexos do tribunal. A cidade decidiu que devia de ser tomada alguma medida; Mr. Conner referiu que conhecia todos e cada um dos rapazes, e estava certo e determinado a não os deixar escapar impunes por tais acções. Assim sendo, os rapazes foram presentes ao juiz do Tribunal de Família sob a acusação de conduta desordeira, de perturbação da paz, insultos e agressões, uso abusivo e profano de linguagem na presença e ao alcance de uma pessoa do sexo feminino. O juiz perguntou a Mr. Conner o porquê de ter incluído a última queixa; Mr. Conner referiu que eles tinham praguejado tão alto que, de certeza, todas as mulheres de Maycomb os tinham ouvido. O juiz decidiu mandar os rapazes para um reformatório, local para onde os rapazes eram às vezes enviados, somente porque lá tinham um tecto e comida: não era nenhuma prisão, nem nenhuma vergonha. Só que Mr. Radley não partilhava desta opinião. Se o juiz libertasse o Arthur, Mr. Radley encarregar-se-ia de o manter livre de sarilhos. O juiz, sabendo que Mr. Radley era um homem de palavra, libertou-o de boa vontade.

Os outros rapazes permaneceram no reformatório e receberam a melhor educação que aquele estado tinha para oferecer ao nível do secundário; um deles até conseguiu continuar os estudos na escola de engenharia de Auburn. E foi assim que as portas da

Casa Radley se fecharam aos dias de semana e aos domingos também.

E durante quinze anos ninguém tornou a ver o filho de Mr. Radley.

Foi então que chegou o dia, um pouco turvo na memória do Jem, em que o Boo Radley foi visto e ouvido por várias pessoas, menos o meu irmão. Ele disse-me que o Atticus nunca falava muito acerca dos Radley: quando o Jem lhe colocava alguma questão acerca deles, o Atticus apenas lhe respondia para ele se meter na sua vida e deixar a dos Radleys em paz, uma vez que eles tinham esse direito; mas quando tudo aquilo aconteceu, o Jem disse que aí, o Atticus abanou a cabeça e disse, «Uhhh, uhhh».

Deste modo, o Jem acabou por receber a maior parte da informação através de Miss Stephanie Crawford, a rabugenta cá do bairro, que jurava saber de tudo. Segundo Miss Stephanie, o Boo estava sentado na sala de estar a recortar alguns artigos do The Maycomb Tribune para colar no seu álbum de recordações. O seu pai entrou na sala.

Quando Mr. Radley ia a passar, o Boo espetou a tesoura na perna dele, arrancou-a, limpou-a às suas calças e lá ficou a terminar os seus recortes.

Mrs. Radley saiu para a rua a correr e a gritar que o Arthur os estava a matar a todos, mas quando o xerife chegou, o Boo lá continuava sentado na sala de estar a fazer recortes do Tribune. Tinha, naquela altura, trinta e três anos.

Miss Stephanie disse que o velho Mr. Radley afirmou que nenhum Radley ia para um asilo, quando sugeriram que uma temporada em Tuscaloosa podia ajudar o Boo. O Boo não era maluco, mas apenas um pouco instável. Mr. Radley admitiu que ele deveria ser enclausurado, embora tenha insistido que o Boo não poderia ser acusado de nada: ele não era um criminoso. Como o xerife não teve coragem para o colocar na prisão ao lado dos negros, o Boo acabou por ser fechado na cave do tribunal.

A transição do Boo da cave para a casa não estava lá muito nítida na memória do Jem. Miss Crawford contou que alguns membros do conselho municipal disseram a Mr.

Radley que se ele não levasse o Boo de volta, ele acabaria por morrer do bolor da humidade.

E além disso o Boo não poderia viver para sempre às custas do condado.

Ninguém sabia que forma de intimidação Mr. Radley tinha empregue sobre o Boo para o manter longe da vista da cidade, mas o Jem estava convencido de que, na maior parte das vezes, Mr. Radley o mantinha acorrentado à cama. O Atticus negou-o, que não era esse tipo de coisa e que havia outras formas de transformar as pessoas em fantasmas.

A minha memória despertou quando vi Mr. Radley abrir ocasionalmente a porta da frente, aproximar-se da varanda e regar as suas canas da índia. Era um homem magro e escorrido com olhos incolores, de tal forma incolores, que não reflectiam a luz.

Tinha os malares afiados e a boca larga, revelando o lábio superior fino e o lábio inferior mais cheio. Miss Stephanie Crawford disse que ele era tão rígido e inflexível, que tomava a palavra de Deus como a sua única lei, e nós acreditávamos nela, porque a

postura de Mr. Radley era, de facto, de antes quebrar que torcer.

Ele nunca nos dirigiu a palavra. Quando nos cruzávamos na rua, nós olhávamos para o chão e dizíamos, «Bom-dia, senhor», e como forma de resposta ele tossia. O filho mais velho de Mr. Radley vivia em Pensacola; só vinha a casa no Natal, e era uma das poucas pessoas que nós vimos a entrar ou a sair daquele lugar. As pessoas diziam que a casa tinha morrido a partir do dia em que Mr. Radley levou o Arthur para lá.

Mas houve um dia em que o Atticus nos avisou que nos castigava se fizéssemos barulho no pátio e instruiu a Calpurnia para nos castigar na sua ausência, caso fizéssemos o mínimo ruído.

Mr. Radley estava a morrer.

Porém, a sua hora ainda demorou algum tempo a chegar. A estrada que dava para o terreno dos Radley estava bloqueada em ambas as extremidades por barreiras, os passeios foram cobertos de palha e o trânsito foi desviado para a rua das traseiras.

Sempre que os Radleys o chamavam, o Dr. Reynolds estacionava o carro em frente da nossa casa e ia a pé até à casa deles. Durante dias, eu e o Jem andámo-nos a arrastar silenciosamente pelo pátio. Por fim, os bloqueios de estrada foram retirados e, da nossa varanda da frente, assistimos à última viagem de Mr. Radley, frente à nossa casa.

— Ali vai o homem mais ruim a quem algum dia Deus concedeu a dádiva da vida — murmurou Calpurnia e cuspiu meditativamente para o pátio. Olhámos para ela com um ar surpreendido, porque a Calpurnia raramente fazia comentários sobre pessoas brancas.

Todo o bairro estava convencido de que quando Mr. Radley fosse enterrado o Boo seria libertado, só que algo mais ainda estava para acontecer: o irmão mais velho do Boo regressou de Pensacola para ocupar o lugar de Mr. Radley. A única diferença entre ele e Mr. Radley era a idade. O Jem disse que Mr. Nathan Radley também «comprava algodão». No entanto, Mr. Nathan respondia-nos quando lhe dávamos os bons-dias e, às vezes, víamo-lo a chegar da cidade com um jornal na mão.

Quanto mais contávamos ao Dill sobre os Radleys, mais ele queria saber, mais tempo passava abraçado ao poste de iluminação na esquina e mais desperta ficava a sua imaginação.

— Só gostava de saber o que é que ele faz ali — murmurava.

— Parece que acabou de espreitar pela porta.

O Jem respondeu:

— Ele sai, mas só quando está escuro como breu. A Miss Stephanie Crawford disse c'uma vez acordou a meio da noitinha e viu-o a olhar pra' ela p'la janela... disse c'a cabeça dele era com' uma caveira a olhar pra' ela. Ó Dill, tu nunca acordaste a meio da noite com os barulhos dele? Ele caminha assim...

O Jem começou a arrastar os pés pela gravilha.

— Porqu' é c' achas que a Miss Rachel tranca tudo bem trancadinho à noite? Eu já vi as

pegadas dele no nosso pátio das traseiras e uma noite ouvi-o mesmo a arranhar a porta de rede de lá de trás, mas quando o Atticus foi lá, já tinha desaparecido e pronto.

— Com'ê qu' ele será? — questionou o Dill.

O Jem fez uma descrição razoável do Boo: a avaliar pelas pegadas, ele teria aí um metro e oitenta e cinco, comia esquilos crus e todos os gatos que pudesse apanhar, e era por isso que tinha as mãos manchadas de sangue — se comermos um animal cru, nunca conseguiremos tirar o sangue das mãos. Apresentava uma profunda cicatriz ao longo da face; e tinha cá uns dentes, amarelos e podres; os olhos esbugalhados, e ainda por cima babava-se a maior parte do tempo.

— Vamos tentar fazê-lo vir cá para fora! — exclamou o Dill.

— Eu é qu' gostava de ver com' é qu' ele é.

O Jim disse que se algum dia o Dill quisesse morrer bastava-lhe ir bater à porta dos Radley.

A nossa primeira investida aconteceu porque o Dill decidiu apostar o The Gray Ghost contra os dois Tom Swifts do Jem, em como ele não conseguiria ir além do portão da Casa Radley. Em toda a sua vida, o Jem nunca tinha recusado um desafio.

O Jem ficou a matutar naquilo durante três dias. Penso que prezava mais a honra do que a cabeça, porque o Dill acabou por convencê-lo facilmente: — Medricas! — disse ele, logo no primeiro dia.

— Não tou com medo, apenas respeito, percebes? — respondeu o Jem.

No dia seguinte, o Dill voltou à carga: — Tu 'té tens medo de pôr o dedo grande do pé no pátio da frente.

O Jem afirmou que não, que passava todos os dias à frente da Casa Radley quando ia para a escola.

— Semp'a correr, a correr — intervim.

Mas ao terceiro dia o Dill lá o apanhou, quando contou ao Jem que as gentes de Meridian de certeza que não eram tão medrosas como as de Maycomb e que nunca tinha visto gente tão medricas como a de Maycomb.

Isto foi o suficiente para fazer com que o Jem corresse até à esquina, onde parou e se encostou ao poste de electricidade, observando o portão que pendia, desconcertante, sobre a sua dobradiça improvisada.

— Ouve lá, 'spero qu' saibas qu' ele inda nos mata um a um, Dill Harris. — disse o Jem, quando nos juntámos a ele. — E depois não me atires com as culpas, quando ele te arrancar os olhos fora.

Não t'esqueças, tu é que começaste.

— Ainda 'tás com medinho — murmurou pacientemente o Dill.

O Jem queria que o Dill percebesse de uma vez por todas que ele não estava com medo de nada: — Só não consigo arranjar uma maneira de o fazer vir cá fora sem que nos

apanhe.

Além disso, o Jem ainda tinha de pensar na sua irmãzinha.

Mal ele disse aquilo, apercebi-me de que estava com medo.

O Jem também pensou na sua mana daquela vez em que o desafiei a saltar do telhado da casa—Se eu morrer, o que vai ser de ti?—perguntou-me então.

Em seguida saltou, aterrou ileso e o seu sentido de responsabilidade abandonou-o até ser confrontado agora com a Casa Radley.

— Não me digas que vais fugir a um desafio?—perguntou o Dill.—É que se vais, então...

— Dill, temos de pensar nestas coisas—disse o Jem.—Deixa-me pensar um minuto... é que isto é como se tentássemos fazer sair uma tartaruga da sua carapaça...

— E atão com' é que se faz isso?—perguntou o Dill.

— Acendes um fósforo por baixo dela.

Avisei o Jem que se ele ateasse fogo à casa dos Radley, eu ia fazer logo queixa dele ao Atticus.

O Dill disse que acender um fósforo por baixo de uma tartaruga era uma maldade.

— Não é maldade, apenas a convence... não é como se a pusesses a assar na fogueira—ripostou o Jem.

— E tu com' é que sabes que não a magoa?

— As tartarugas não sentem, ó estúpido!—disse o Jem.

— E tu, por acaso já alguma vez foste tartaruga, ah?

— Caraças, Dill! Agora deixa-me pensar... imaginemos que o conseguíamos perturbar...

O Jem parou para pensar tanto tempo que o Dill propôs um acordo razoável:—Olha lá, eu não digo a ninguém que fugiste a um desafio e troco contigo o The Gray Ghost, se fores lá 'cima tocar na casa.

O rosto de Jem iluminou-se.

— Tocar na casa, só isso? ; O Dill abanou com a cabeça.

— Tens a certeza qu' é só isso, por agora? Depois não me venhas dizer uma coisa diferente quando eu voltar.

— Sim, é só isso—disse o Dill.—Se calhar mal ele te vir no pátio, vai sair disparado a correr atrás de ti e depois eu e a Scout saltamos pá' cima dele e depois vamos agarrá-lo até lhe conseguirmos dizer que não lhe queremos fazer mal nenhum.

Dobrámos a esquina, atravessámos a rua que passava frente da Casa Radley e parámos mesmo em frente ao portão.

— Atão? Anda lá!—disse o Dill.—Eu e a Scout estamos memo atrás de ti.

— 'Tou indo—disse o Jem.—Não me apresses, tá.

Dirigiu-se até à esquina do terreno e depois voltou, estudando o espaço envolvente,

como se estivesse a decidir sobre como efectuar a entrada da melhor forma.

Franziu o sobrolho e coçou a cabeça.

Foi então que eu sorri para ele.

Vai daí o Jem empurrou o portão e correu até à parede lateral da casa, bateu-lhe com a palma da mão e voltou a correr para a nossa beira, não esperando sequer para ver se a sua demanda fora bem sucedida. Eu e o Dill fugimos logo colados atrás dele.

Quando já estávamos na segurança da nossa varanda e sem fôlego, virámo-nos para trás.

A velha casa estava na mesma, lânguida e doente, mas quando olhámos para o fundo da rua, parecia mesmo que tínhamos visto uma portada interior a mover-se. Flic.

Um movimento repentino.

Um pequeno movimento, quase invisível, e a casa caiu novamente em sossego.

O DILL DEIXOU-NOS NO INÍCIO DE SETEMBRO e voltou para Meridian. Vimo-lo partir no autocarro das cinco e senti imenso a falta dele até me aperceber de que a escola começava na semana seguinte. Confesso que nunca desejei tanto uma coisa na minha vida. Durante o Inverno ia para a casa da árvore e punha-me a olhar para o recreio da escola, espiando as multidões de crianças através do telescópio bifocal que o Jem me tinha dado, tentando aprender os seus jogos, seguindo o casaco vermelho do Jem, aos círculos, a fugir à cabra-cega, no fundo partilhando secretamente as suas infelicidades e as suas mais pequenas vitórias. E ansiava por estar junto deles.

O Jem foi condescendente ao ponto de me levar à escola no primeiro dia, uma tarefa que, normalmente, cabia a um dos pais, mas o Atticus disse que o Jem iria ficar encantado com a oportunidade de me poder mostrar onde era a minha sala. Cá para mim, acho que esta pequena transacção envolveu algum dinheiro, porque quando dobrámos a esquina da Casa Radley ouvi um tilintar nada habitual nos bolsos do Jem.

Quando nos aproximámos do passeio perto do recreio da escola, o Jem teve o cuidado de me explicar que eu não o devia incomodar durante as horas de escola, não me devia aproximar dele para lhe pedir que encenasse um capítulo do Tarzan e os Homens-Formiga, não o devia embaraçar com referências à sua vida privada, nem segui-lo durante os intervalos ou à hora de almoço. Eu devia era andar com os do primeiro ano e ele com os do quinto. Resumindo, devia deixá-lo em paz.

— Isso quer dizer que não podemos brincar mais? — perguntei.

— Faremos como costumamos sempre fazer em casa — disse-me, — mas sabes... na escola é diferente.

E a verdade é que era. Antes da primeira manhã chegar ao fim, Miss Caroline Fisher, a nossa professora, arrastou-me até à frente da sala, deu-me uma reguada na palma da mão e depois fez-me ficar de pé no canto até ao meio-dia.

Miss Caroline não tinha mais que vinte e um anos. Tinha o cabelo ruivo claro, faces cor-de-rosa e usava um verniz avermelhado.

Também usava saltos altos e um vestido às riscas vermelhas e brancas. Na verdade, parecia-se e cheirava como um reбуçado de hortelã-pimenta. Estava hospedada do outro lado da rua, um pouco mais abaixo de nossa casa, no quarto da frente do primeiro andar de Miss Maudie Atkinson. E quando nos foi apresentada por Miss Maudie, o Jem andou de cabeça no ar durante dias.

Miss Caroline escreveu o nome no quadro e disse: — Aqui diz que me chamo Miss Caroline Fisher. Venho do Alabama do Norte, de Winston County. — A turma murmurou apreensivamente, não fosse ela aplicar toda a vasta panóplia de peculiaridades inerentes àquela região. (Quando o Alabama se separou da União a 11 de Janeiro de 1861, Winston

County separou-se do Alabama e é óbvio que todas as crianças de Maycomb County tinham perfeito conhecimento disso.) O Alabama do Norte estava repleto de negócios ligados ao álcool, grandes tubarões da indústria e finanças, empresas metalúrgicas, Republicanos, professores e outras pessoas sem qualquer passado.

Miss Caroline começou o dia lendo-nos uma história sobre gatos. Os gatos tinham longas conversas uns com os outros, usavam roupas pequenas e engraçadas e viviam numa casa quentinha por baixo de um fogão de cozinha. Na altura em que a D. Gata telefonou para a mercearia para encomendar um rato coberto de chocolate, a turma escangalhou-se de riso como um balde cheio de minhocas.

Miss Caroline parecia desconhecer por completo que aquele grupo de alunos maltrapilhos do primeiro ano, de camisas de ganga e saias feitas de sacos de farinha, muitos dos quais já ceifavam algodão e alimentavam os porcos desde que aprenderam a andar, era imune à leitura imaginativa. Então ela chegou ao fim da história e disse:— Minha nossa, não foi bonito?

Depois foi ao quadro, escreveu o alfabeto em enormes letras maiúsculas quadradas, virou-se para a turma e perguntou:— Alguém sabe o que é isto?

E claro que toda a gente sabia; a maior parte dos alunos do primeiro ano era repetente.

Suponho que ela me escolheu a mim porque sabia o meu nome; à medida que eu lia o alfabeto ia aparecendo uma ténue ruga entre as sobrancelhas e, depois de me obrigar a ler grande parte d'O Meu Primeiro Livro de Leitura e as cotações do mercado da bolsa do The Mobile Register em voz alta, descobriu que eu sabia ler e olhou para mim com enorme desgosto. Miss Caroline disse-me para eu pedir ao meu pai para ele parar de me ensinar, porque isso interferia com a minha leitura.

— Ensinar-me?—respondi eu, surpreendida.—Ele não me ensinou nada, Miss Caroline. O Atticus não tem tempo pá' me ensinar nada.—Acrescentei, enquanto Miss Caroline sorria e abanava a cabeça.—Porque ele à noite tá tão cansado que só se senta a ler na sala de estar.

— Se ele não te ensinou, então quem foi?—perguntou afavelmente Miss Caroline. — Alguém deve ter sido. Tu não nasceste a ler o The Mobile Register.

— O Jem diz que sim. Ele leu num livro qu'eu era uma Bullfinch em vez duma Finch. E ele diz que o meu nome verdadeiro é Jean Louise Bullfinch, que fui trocada à nascença e que sou mesmo uma...

Aparentemente Miss Caroline pensou que eu estava a mentir.

— Então, vá lá, não nos vamos deixar levar pela nossa imaginação, querida—disse ela. —Agora vai dizer ao teu pai para ele não te ensinar mais. O melhor é começar a ler com uma mente virgem.

Diz-lhe que eu tomo conta da situação a partir daqui e que vou tentar corrigir o erro...

—Senhora Professora?

— O teu pai não sabe ensinar. Agora podes-te sentar.

Murmurei um pedido de desculpas e retirei-me a meditar no crime que tinha cometido. Nunca quis aprender deliberadamente a ler, mas a verdade é que, de alguma forma, tinha andado a chafurdar ilicitamente nos jornais diários. Durante as intermináveis horas da missa—será que foi nessa altura que aprendi? Não me lembro de não conseguir ler os cânticos religiosos. Mas agora, que tinha sido obrigada a reflectir naquilo, encarava a leitura como algo que tinha aparecido inconscientemente na minha vida, tal como aprender a colocar o cinto do meu uniforme sem olhar para as presilhas, ou a dar dois laços nos atacadores. Não me recordo de quando é que as linhas acima do dedo do Atticus se transformaram em palavras, mas lembro-me perfeitamente de ficar a observá-las, noite após noite, ouvindo as notícias do dia, os Decretos aguardando a sua passagem a Leis, os diários de Lorenzo Dow (*)—tudo o que, por mero acaso, o Atticus estivesse a ler quando eu me arrastava para o colo dele antes de me deitar. Só comecei a gostar de ler quando finalmente perdi o medo de abdicar de tudo aquilo. Respirar também não é algo que se faz por gosto.

Sabia que tinha aborrecido Miss Caroline, por isso fiquei sozinha a olhar para a janela até ao intervalo, altura em que o Jem me resgatou do bando dos alunos do primeiro ano que estavam no recreio.

Perguntou-me como é que eu me estava a dar. E eu contei-lhe.

— Se não fosse obrigada a ficar, já tinha ido embora há muito!

Sabes Jem, o raio daquela professora diz que o Atticus me tem ensinado a ler e quer que ele pare...

— Não te preocupes, Scout—confrontou-me o Jem.—A nossa professora disse que Miss Caroline está a introduzir um novo método de ensino. Que aprendeu na faculdade.

Daqui a pouco tempo vai ser assim em todos os anos. Acho que dessa maneira não precisamos de estudar muito pelos livros... é 'ssim, se tu quiseses estudar as vacas, vais ordenhar uma e pronto, percebes?

— Tudo bem, Jem. Mas eu não quero estudar vacas, eu...

— É claro que queres. Tens de saber de vacas, porque elas fazem parte da vida de Maycomb County.

Contentei-me em perguntar ao Jem se ele tinha perdido o juízo.

— Ó minha cabeça dura, só te 'tou a tentar explicar a nova maneira de ensinar a primeira classe. Chama-se Sistema Decimal Dewey (*).

Se antes nunca tinha questionado as afirmações do Jem, também não era agora que ia começar. O Sistema Decimal Dewey consistia, em parte, na Miss Caroline acenar-nos com cartões onde estava escrito «o», «gato», «ratazana», «homem» e «tu». Não era suposto fazermos qualquer comentário e a turma recebia estas revelações impressionistas em

absoluto silêncio. Estava aborrecida, por isso comecei a escrever uma carta ao Dill. Miss Caroline apanhou-me a escrever e disse-me para eu pedir ao meu pai para me parar de ensinar.

— Além do mais—disse ela—nós no primeiro ano não escrevemos, desenhemos as letras. Só se aprende a escrever no terceiro ano.

A culpada disto era a Calpurnia. Acho que essa era a sua técnica preferida para evitar que eu a chateasse nos dias de chuva. Ela dava-me uma tarefa de escrita que consistia em sarrabiscar o alfabeto no topo de uma tabuinha para depois eu copiar um capítulo inteiro da Bíblia por baixo. Se eu reproduzisse satisfatoriamente a sua caligrafia, ela recompensava-me com uma enorme sanduíche de manteiga e açúcar. Nos ensinamentos de Calpurnia não havia lugar para sentimentalismos: Eu muito raramente lhe agradava e ela raramente me recompensava.

— Quem vai almoçar a casa levante a mão—perguntou Miss Caroline, perturbando aquele meu novo ressentimento para com a Calpurnia.

As crianças da cidade assim fizeram e ela observou-nos um a um.

— Quem traz almoço é favor colocá-lo em cima da sua secretária.

Latas de melaço começaram a aparecer vindas do nada e o tecto parecia dançar com o reflexo da luz metálica. Miss Caroline começou a percorrer as filas para cima e para baixo, indagando e metendo o nariz nas lancheiras, abanando a cabeça afirmativamente se o conteúdo lhe agradava e franzindo o sobrolho aos outros em sinal de reprovação. Parou na secretária do Walter Cunningham.

— Onde é que está o teu?—perguntou.

A cor da face do Walter Cunningham dizia a toda a turma do primeiro ano que ele tinha lombrigas. Por outro lado, a ausência de sapatos dizia-nos como a tinha apanhado.

As pessoas apanhavam lombrigas quando iam descalças para os celeiros ou às tocas dos ouriços. Se o Walter tivesse sapatos certamente que os teria usado no primeiro dia de escola e só os largaria a meio do Inverno. Mas ele tinha uma camisa limpa e um macacão lindamente remendado.

— Hoje esqueceste-te do almoço?—perguntou Miss Caroline.

O Walter olhou em frente. Reparei num músculo mexendo-se no seu queixo escanzelado.

— Esqueceste-te do almoço hoje, foi?—perguntou Miss Caroline.

O queixo do Walter voltou a contorcer-se.

— Si' stôra...—murmurou ele finalmente.

Miss Caroline dirigiu-se à sua secretária e abriu a carteira.

— Tens aqui vinte e cinco centimes—disse ela ao Walter.—Vai e come na baixa da cidade hoje. Podes-me pagar amanhã.

O Walter abanou com a cabeça.—Obrigado mas não, stôra retorquiu ele, arrastando

suavemente a voz.

A impaciência instalou-se no tom de voz de Miss Caroline:—Toma, aqui tens Walter, anda buscá-lo.

O Walter tornou a abanar com a cabeça.

Quando o Walter abanou a cabeça pela terceira vez, alguém sussurrou:—Anda lá Scout, diz-lhe!

Eu voltei-me para trás e vi a maior parte dos miúdos da cidade e a delegação inteira do autocarro com os olhos fixos em mim. Eu e Miss Caroline apenas tínhamos conversado por duas vezes e eles já estavam a olhar para mim com a inocente certeza de que a familiaridade gera entendimento.

Decidi interferir graciosamente a favor do Walter:—Uhm... Miss Caroline?

— Sim, Jean Louise?

— Miss Caroline, ele é um Cunningham.

Voltei a sentar-me.

— Como, Jean Louise?

Pensava que tinha sido suficientemente explícita. Era perfeitamente claro para nós: o Walter estava para ali sentado a mentir com quantos dentes tinha. Ele não se tinha esquecido do almoço; ele não tinha era almoço nenhum! E não teria almoço hoje, nem amanhã, nem no dia seguinte. Provavelmente, nunca na vida tinha visto três moedas de vinte e cinco cêntimos juntas!

Voltei a tentar:

— Miss Caroline, o Walter é um dos Cunninghams.

— Perdão, Jean Louise?

— Não faz mal, professora, mais tarde ou mais cedo vai ficar a conhecer todas as pessoas cá da terra. Os Cunninghams nunca aceitam nada que não possam pagar—o cesto do ofertório na igreja ou os vales de compras. Nunca roubaram nada a ninguém e só vivem com aquilo que têm. Não têm muito, mas dá pá' viver.

O meu conhecimento particular da tribo dos Cunninghams diga-se, em boa verdade, um dos seus ramos—foi adquirido através dos acontecimentos do Inverno passado. O pai do Walter era um dos clientes do Atticus. Uma noite, após uma conversa sombria na nossa sala de estar sobre o morgadio, antes mesmo de sair, Mr. Cunningham disse «Não sei quando é que lhe vou poder pagar, Dr. Finch.»—Walter, que essa seja a menor das tuas preocupações—respondeu o Atticus.

Quando perguntei ao Jem o que era um «morgadio», e o Jem o descreveu como uma forma de se estar entalado, perguntei ao Atticus se algum dia Mr. Cunningham nos ia pagar.

— Não em dinheiro—respondeu o Atticus -, mas ele vai pagar antes do ano acabar.

Vais ver.

E vimos. Certa manhã eu e o Jem encontrámos um monte de lenha para o fogão no nosso pátio das traseiras. Uns dias mais tarde, apareceu um saco cheio de nozes nas escadas lá de trás. Juntamente com o Natal veio um grande cesto de salsaparrilha e azevinho.

Na Primavera seguinte, quando encontrámos um saco cheio de rebentos de cebola, o Atticus disse a Mr. Cunningham que ele já tinha mais do que pago.

— Por que é que ele te paga assim? — perguntei.

— Porque é a única forma que ele tem de me pagar. Ele não tem dinheiro.

— Atticus, somos pobres? O Atticus abanou com a cabeça. — De facto somos. , Jem franziu o nariz. , — Somos tão pobres como os Cunninghams?

— Nem por isso. Os Cunninghams são gente do campo, lavradores e a Depressão atingiu-os em cheio.

O Atticus disse que os profissionais liberais eram pobres, porque os lavradores também eram pobres. E como Maycomb County era uma terra de lavradores, era complicado para os médicos, dentistas e advogados serem pagos em dinheiro vivo. O problema das sucessões hereditárias era apenas uma das muitas aflições de Mr.

Cunningham. Os hectares que não tinham sido abrangidos pelo morgadio foram completamente hipotecados e a pequena soma de dinheiro proveniente da sua exploração ia toda direitinha para os juros. Se Mr. Cunningham mantivesse a boca calada, podia conseguir um emprego através da WPA (*), mas a sua terra seria arruinada se ele a abandonasse. Por isso, estava disposto a passar fome para manter o seu quinhão e tomaria a decisão que muito bem entendesse.

O Atticus disse que Mr. Cunningham, pertencia a uma geração de homens duros.

Como os Cunninghams não tinham dinheiro para pagar a um advogado, pagaram simplesmente com o que tinham.

— Sabias — disse o Atticus — que o Dr. Reynolds trabalha da mesma forma? A algumas pessoas, por ajudar num parto, ele costuma cobrar um saco grande de batatas.

Agora Miss Scout, se me der um pouco da sua atenção, explico-lhe o que é um morgadio. É que às vezes as definições do Jem podem ser muito pouco exactas.

Se eu pudesse explicar estas coisas a Miss Caroline, teria poupado a mim própria alguns inconvenientes e a sua subsequente mortificação, mas a verdade é que estava muito para além das minhas capacidades explicar as coisas tão bem como o Atticus.

Por isso, disse:

— 'Tá a envergonhá-lo, Miss Caroline. O Walter não tem uma moeda de vinte e cinco cêntimos em casa para lhe dar e além disso a senhora não precisa de lenha para o fogão.

Miss Caroline ficou impávida e serena, depois agarrou-me pelo colarinho e puxou-me até à sua secretária.

— Jean Louise, já estou farta de te aturar esta manhã! — disse ela. — Estás a entrar com

o pé esquerdo em toda a linha, minha querida. Estende a mão.

Eu pensava que ela ia cuspir nela, porque em Maycomb esta era a única razão pela qual se estendiam as mãos: tratava-se de um método de selar contratos verbais que, ao longo dos tempos, foi ganhando alguma legitimidade. Confusa, tentando saber qual o bom negócio que teríamos feito, olhei para a turma em busca de uma resposta, mas eles responderam-me com um olhar intrigado.

Miss Caroline pegou na régua, deu-me meia dúzia de reguadas rápidas e disse-me para ir para o canto e ficar lá de pé. Uma sonora tempestade de riso irrompeu pela sala quando finalmente a turma percebeu que Miss Caroline tinha acabado de me castigar.

Quando Miss Caroline os ameaçou com um destino semelhante ao meu explodiram de novo, ficando sóbrios apenas quando pressentiram a sombra de Miss Blount a pairar sobre eles. Natural de Maycomb e ainda ignorante quanto aos mistérios insondáveis do Sistema Decimal, Miss Blount apareceu na porta, de mãos nas ancas, a mostrar toda a sua autoridade:—Se ouço mais algum barulho, o mínimo que seja, vindo desta sala faço da vossa vida um inferno. Miss Caroline, o sexto ano não se consegue concentrar nas pirâmides com todo este chinfrim!

A minha estadia no canto foi breve. Salva pela campainha, Miss Caroline observou a turma a sair em fila para o almoço.

Como fui a última a sair, vi-a a afundar-se na cadeira e a meter a cabeça entre os braços. Se a sua conduta para comigo tivesse sido mais amigável, teria tido pena dela.

Ela era amorosa.

Confesso que apanhar o Walter Cunningham no recreio deu-me algum consolo, mas no momento em que lhe estava a esfregar o nariz na terra, apareceu o Jem que me disse para parar.

— És maior qu'ele! — gritou.

— Ele tem quase a tua idade! — disse eu. — Fez-me entrar com o pé esquerdo!

— Scout, larga-o. Porquê?

— Ele não tinha almoço — comecei, e expliquei a razão da minha interferência nas questões dietéticas do Walter.

O Walter tinha-se levantado e escutava calmamente a nossa conversa. Tinha os punhos semicerrados, como se estivesse à espera de uma investida de algum de nós. Bati violentamente com os pés no chão para o enxotar, mas o Jem estendeu a mão e fez-me parar. Examinou o Walter com um ar inquiridor.

— O teu papá é Mr. Cunningham de Old Sarum? — perguntou ele e o Walter acenou com a cabeça.

O Walter tinha o aspecto de quem crescera a ser alimentado só com comida de peixe: os seus olhos, tão azuis como os do Dill Harris, estavam raiados de vermelho e húmidos. A sua cara não tinha qualquer cor, excepto a ponta do nariz, que era de um rosa viscoso. Agarrou as alças do seu macacão, mexendo nervosamente nos ganchos de metal.

Subitamente, o Jem disse-lhe com um sorriso nos lábios.

— Anda almoçar lá a casa, Walter — sugeriu. — A gente ficava contente se tu fosses.

A cara do Walter iluminou-se, mas logo de seguida ficou sombria.

O Jem disse: — O nosso pai é amigo do teu. Aqui a Scout é que tem um parafuso a menos. Ela não luta mais contigo.

— Se fosse a ti, não 'taria tão certo disso — afirmei. A livre dispensa da minha promessa por parte do Jem irritou-me, mas sentia que estava a perder alguns dos preciosos minutos da minha hora de almoço.

— Prontos Walter, não volto a saltar outa vez pá' cima de ti.

Gostas de feijões de manteiga? A nossa Cal é uma óptima cozinheira.

O Walter permaneceu no seu lugar, mordiscando o lábio. Então o Jem e eu desistimos, mas quando estávamos já a chegar perto da Casa Radley ouvimos o Walter a chamar: — Hei, tudo bem, eu vou!

Quando o Walter nos apanhou, o Jem estabeleceu uma conversa agradável com ele.

— Ali vive uma criatura — começou ele cordialmente, apontando para a casa dos Radley. — Já alguma vez ouviste falar nele, Walter?

— Acho que sim — respondeu o Walter. — Quase morri no primeiro ano em que vim pr'á escola e comi as nozes de lá. A gente diz que ele lhes bota veneno e depois as manda

p'ró lado da escola.

O Jem parecia não ter medo do Boo Radley, agora que eu e o Walter íamos ao lado dele. Na verdade, até se começou a gabar:—Uma vez eu cheguei mesmo a ir até ao pé da casa—disse ele para o Walter.

— Quem já lá foi uma vez não precisa de continuar a correr sempre que passa por ela —disse eu para as nuvens.

— E quem é que corre, ó Miss Espertalhona?

— Tu, quando tás sozinho!

Quando chegámos aos degraus da entrada da nossa casa, o Walter já se tinha esquecido que era um Cunningham. O Jem correu para a cozinha e disse à Calpurnia para pôr mais um prato na mesa, porque tínhamos companhia. O Atticus cumprimentou o Walter e deu início a uma discussão sobre colheitas, que nem eu, nem o Jem conseguíamos perceber.

— O motivo porque não consigo passar do primeiro ano, Mr.

Finch, é que todas as Primaveras tenho qu'ajudar o papá na ceifa, mas agora já há outro lá em casa que tem tamanho suficiente para trabalhar no campo.

— Então pagaram um saco de batatas por ele, foi?—perguntei-lhe, mas o Atticus abanou a cabeça negativamente na minha direcção.

Enquanto o Walter ia acumulando comida no prato, ele e o Atticus falavam como dois homens, para meu espanto e do Jem.

O Atticus estava a expor alguns problemas de agricultura quando o Walter interrompeu para perguntar se tínhamos melaço em casa.

O Atticus chamou a Calpurnia, que voltou com o jarro do melaço.

Ficou à espera enquanto o Walter se servia. O Walter encharcou generosamente os legumes e a carne com o melaço. Provavelmente também o teria deitado no copo de leite, se eu não lhe perguntasse que raio é que estava a fazer.

A salva de prata tilintou quando colocou o jarro sobre a mesa.

Ele rapidamente pôs as mãos no colo e baixou a cabeça.

O Atticus voltou a fazer de novo sinal com a cabeça para mim.

— Mas ele afogou o almoço dele em melaço!—protestei.—Encharcou-o completamente...

Foi então que a Calpurnia exigiu a minha presença na cozinha.

Ela estava furiosa, e quando estava furiosa, a sua gramática tornava-se errática.

Mas quando estava tranquila, a sua gramática era tão boa como a de qualquer habitante de Maycomb. O Atticus dizia que a Calpurnia era mais instruída do que a maior parte das pessoas de cor.

Quando ela me olhou com aquele olhar estrábico, as pequenas linhas à volta dos seus olhos ficaram mais carregadas.

— Hás pessoa' que num come como nós—sussurrou ela violentamente—mas você num tem o direito de os deixar ficar mal à mesa quando são diferente. 'Quele moço é seu convidado e se quiser até pode comer a toalha, percebeu?

— Ele não é convidado, Cal, é só um Cunningham...

— Cale-me já essa boca! Seja lá quem ele for! Quem põe os pés nesta casa é seu convidado e eu que num a apanhe a fazer reparos às suas maneira como se a menina fosse perfeita! Vossemecês até podem ser melhores qu'os Cunninghams, ma num vale a pena 'tar a envergonhá-lo assim. Se não se consegue portar bem na mesa, então bem pode vir comer aqui p'ra cozinha!

A Calpurnia mandou-me de volta para a sala de jantar pela porta giratória com uma palmada vigorosa.

Levantei o meu prato e acabei de almoçar na cozinha, mas confesso que até estava agradecida por ter sido poupada à humilhação de os voltar a enfrentar. Prometi a mim mesma que a Calpurnia não esperaria pela demora. Mais tarde ou mais cedo ia vingarme: um destes dias, quando ela não estivesse a ver, eu ia fugir e afogar-me em Barker's Eddy. E aí é que ela se ia arrepender. Além do mais, pensei, ela hoje já me tinha posto em xeque: tinha-me ensinado a escrever e a culpa era toda dela.

— Caluda aí! —ameaçou ela.

O Jem e o Walter foram para a escola à minha frente: o facto de ter ficado para trás para contar ao Atticus as injustiças da Calpurnia valeu-me um sprint solitário pela Casa Radley.

— De qualquer forma, ela gosta mais do Jem que de mim—concluí e sugeri ao Atticus que não demorasse muito a despachá-la.

— Já reparaste que o Jem não se preocupa tanto com ela como tu?—disse o Atticus com um tom de voz impiedoso.—Olha que não tenho qualquer intenção de me livrar dela, nem agora, nem nunca. Não conseguíamos passar um único dia sem a Cal. Já pensaste nisso? Já pensaste no quanto ela faz por ti? Vê lá se te tens algum apreço por ela, ouviste?

Voltei para a escola com um firme ódio à Calpurnia em mente, até que um grito súbito abalou os meus ressentimentos. Levantei os olhos e vi que Miss Caroline estava espedada no meio da sala, com uma expressão de horror estampada na cara. Ao que parece já estava suficientemente recomposta do choque da manhã para conseguir vingar na sua profissão.

— Está vivo! —gritou.

A população masculina correu em bloco em seu auxílio. Meu Deus, pensei, mas ela está assustada com um rato. O pequenito Chuck Little, cuja paciência com todos os seres vivos era extraordinária, disse:—P'a qu' lado foi, Miss Caroline? Diga-nos p'a donde foi, rápido! D.C.—virou-se para um rapaz atrás dele—D.C., fecha a porta p'ró apanharmos.

Depressa, stôra, p'ra onde foi?

Miss Caroline pôs-se a apontar com o dedo a tremer, não para o chão, nem para a secretária, mas para um indivíduo rústico e imundo que eu não conhecia. O pequeno Chuck contraiu a cara e disse delicadamente:—Quer dizer ele, stôra? Si' senhora, ele está vivo. Ele assustou-a, foi?

Miss Caroline disse em desespero:—Eu ia a passar quando ele rastejou do cabelo dele... rastejou do cabelo dele...

O pequeno Chuck fez um sorriso de orelha a orelha.

— Não há razão p'ra té medo de um piolho, stôra. Nunca tinha visto um? Não tenha mais medo, volte p'ra sua secretária e ensine-nos aí mais umas coisitas.

O pequeno Chuck Little era outro membro da população que não fazia a mínima ideia de quem é que lhe ia dar a próxima refeição, mas era um cavalheiro nato. Colocou a mão debaixo do cotovelo de Miss Caroline e, apoiando-a, conduziu-a até à frente da sala.

— Agora, não se aflija mais, stôra—sossegou-a.—Não é preciso ter medo de um piolho. Eu vou buscar-lhe um copito d'água fresquinha.

O portador do piolho não mostrou o mais pequeno interesse pelo tumulto que tinha causado. Começou a procurar acima da sua testa, no couro cabeludo e, tendo localizado o seu hóspede, esmagou-o com o polegar e o indicador.

Miss Caroline assistiu ao processo com um misto de fascínio e horror. O pequeno Chuck trouxe água num copo de papel e ela bebeu-a agradecida. Por fim lá conseguiu falar.

— Como é que te chamas, filho?—perguntou ela delicadamente.

O rapaz pestanejou.—Quem, eu?

Miss Caroline acenou com a cabeça.

— Burris Ewell. ? ;

Miss Caroline inspeccionou o seu livro de ponto.

— Tenho aqui um Ewell, mas não tenho o primeiro nome... importas-te de o soletrar para mim?

— Num sei. Em casa chamam-me Burris.

— Bem, Burris—disse Miss Caroline -, acho que é melhor dispensar-te pelo resto da tarde. Quero que vás para casa e laves o cabelo.

A partir da sua secretária apresentou um livro grosso, desfolhou-o e leu durante um bocado.

— É um bom remédio caseiro... Burris, quero que vás para casa e laves o cabelo com sabão de potassa. Depois de o lavares, trata o teu couro cabeludo com querosene.

— P'ra quê, ó possôra?

— Para eliminares os... os piolhos. Sabes Burris, as outras crianças podem apanhá-los e tu não ias querer isso, pois não?

O rapaz manteve-se imóvel. Ele era o ser humano mais imundo que eu já tinha visto. O seu pescoço era cinzento-escuro, as palmas das mãos estavam enferrujadas e as unhas das mãos eram negras como a noite. Ele pôs-se a observar Miss Caroline através de um ínfimo espaço limpo na sua cara, do tamanho de um punho. Ninguém tinha reparado nele, provavelmente porque eu e Miss Caroline tínhamos sido o centro das atenções durante toda a manhã.

— Mais outra coisa Burris — pediu Miss Caroline — por favor, toma um banho antes de voltares amanhã.

O rapaz riu-se insolentemente.

— Ouça lá, a possôra num me tá a mandar p'ra casa. É qu'eu 'tava memo pa me pôr na alheta — já tenho que chegue p'ra este ano.

Miss Caroline pareceu ficar um pouco confusa. .

— O que é que queres dizer com isso?

O rapaz não respondeu. Em vez disso, fez-lhe uma expressão de desprezo.

Um dos alunos mais velhos da turma respondeu-lhe: — Ele é um dos Ewells, stôra — e eu questionei-me se esta explicação seria tão infrutífera como a minha. Mas Miss Caroline parecia estar disposta a ouvir.

— A escola está cheia deles. Vêm no primeiro dia de todos os anos e depois não vêm mais. A senhora da secretaria consegue trazê-los cá, porque os ameaça com o xerife, mas ela está a pensar em desistir de o fazer. Ela admite que o faz só p'ra cumprir a lei e p'ra que os seus nomes fiquem inscritos no primeiro dia. A professora deve é marcar-lhes falta durante o resto do ano...

— Mas, e os pais dele? — perguntou Miss Caroline com verdadeira preocupação.

— Ele não tem mãe — foi a resposta -, e o pai também não é lá boa peça.

O Burris Ewell sentia-se lisonjeado com aquele recital.

— Há três anos qu'eu venho p'ra cá no primeiro dia d'aulas do primeiro ano — disse ele expansivamente. — C'um bocadinho de sorte vão ver qu'este ano eles in té me deixam passar p'ró segundo...

Miss Caroline ordenou:

— Senta-te Burris, por favor — só que mal acabou de o dizer vi logo que ela cometera um grave erro. A condescendência do rapaz rapidamente se transformou em raiva.

— Ora obrigue-me lá, ó possôra.

O pequeno Chuck Little levantou-se. — Deixe-o ir, stôra — disse.

— Ele tem mau feitio, mesmo muito mau feitio. É possível que ele arme confusão e aqui há gente muito pequena.

Ele era um dos mais pequenos, mas quando o Burris Ewell se virou para ele, o Little Chuck meteu logo a mão direita ao bolso.

— Põe-te a pau, Burris — ameaçou. — Olha que te desfaço num abrir e fechar de olhos.

Vai mas é p'ra casa.

O Burris parecia estar com medo de uma criança com metade da sua altura e Miss Caroline aproveitou-se da sua indecisão:—Burris, vai para casa. Se não eu chamo o director—atirou.

— De qualquer forma, tenho de fazer uma participação disto.

O rapaz soltou um urro e arrastou-se preguiçosamente para a porta.

Quando já estava a uma distância segura, virou-se e gritou:—Olhe participe lá e eu quero mais é que se lixe! Num vai ser uma cabra duma professora de nariz empinado que vai mandar em mim! Você num me vai obrigar a ir p'ra lado nenhum, possôra.

Lembre-se disso, você num me vai obrigar a ir p'ra lado nenhum!

Esperou até ter a certeza de que ela estava a chorar e, em seguida, arrastou-se para fora do edifício.

Pouco tempo depois estávamos todos reunidos à volta da secretária dela a tentar arranjar várias formas de a confortar. Que sim, que ele era mesmo mau de todo... do mais reles... que não tinha sido chamada para ensinar gente assim... e que as maneiras de Maycomb não eram assim, Miss Caroline, nada mesmo... e agora não 'steja assustada, professora. Miss Caroline, porque é que não nos lê uma história? Aquela do gato, hoje de manhã, parecia ser engraçada...

Miss Caroline sorriu, assoou o nariz e disse:—Obrigada, queridos—depois dispersou-nos, abriu um livro e distraiu o primeiro ano com uma longa narrativa sobre um sapo que vivia num castelo.

Naquele dia, quando passei pela quarta vez frente à Casa Radley—duas vezes a todo o gás—a minha disposição era tão sombria como aquela casa. Se o resto do ano lectivo fosse tão carregado de drama como o primeiro dia, até era capaz de ser moderadamente divertido, mas a perspectiva de passar nove meses a refrear a leitura e a escrita faziam-me pensar em fugir.

Ao fim da tarde já a maior parte dos meus planos de viagem estava completa; quando eu e o Jem fizemos uma corrida até ao passeio para irmos ter com o Atticus, que vinha do trabalho, não lhe dei muita luta. Tínhamos por hábito correr de encontro ao Atticus assim que o víamos lá ao longe a dobrar a esquina do posto dos correios. O

Atticus parecia que se tinha esquecido da minha querela da hora de almoço; estava cheio de perguntas em relação à escola. As minhas respostas eram monossilábicas e ele não me pressionou.

Acho que a Calpurnia se apercebeu que o meu dia tinha sido mau: isto porque me deixou vê-la a preparar o jantar.

— Feche os olhos e abra a boca, qu' eu dou-lhe uma surpresa anunciou.

Era raro ela fazer bola de carne, dizia que não tinha tempo, mas estando nós os dois na escola, o dia de hoje tinha sido fácil.

E ela sabia que eu adorava bola de carne.

— Hoje, senti a sua falta—disse ela.—As casa ficou tão vazia que antes das duas horas tive de ligar os rádio.

— Porquê? Eu e o Jem só estamos dentro de casa quando tá a chover.

— Eu sei—disse ela -, mas um de vocês está sempre ao meu alcance. Nem sei bem quanto tempo passo a chamar pela menina durante o dia. Bem—disse ela levantando-se da cadeira da cozinha—acho que o tempo necessário para terminar uma data de bolas de carne. Agora vá à sua vida e deixe-me pôr o jantar na mesa.

A Calpurnia baixou-se e deu-me um beijo. Eu saí a correr, pensando no que lhe tinha dado. Ela quis fazer as pazes comigo, foi isso. Como tinha sido sempre muito severa comigo, pelo menos tinha-se apercebido do erro que estava a cometer, estava arrependida só que era demasiado teimosa para o admitir. Sentia-me esgotada por causa de todas as confusões daquele dia.

Depois do jantar, o Atticus sentou-se com o jornal na mão e chamou-me:—Estás preparada para ler, Scout?—Deus enviou-me mais do que eu podia suportar e por isso fugi para a varanda da frente.

O Atticus foi atrás de mim.

— Passa-se alguma coisa, Scout?

Disse ao Atticus que não me sentia lá muito bem e que estava a pensar em não ir mais à escola, se ele não se importasse.

O Atticus sentou-se no baloiço e cruzou as pernas. Os seus dedos viajaram até ao bolso do relógio; ele disse que aquela era a única maneira de conseguir pensar. Esperou num silêncio cúmplice e amigo, enquanto eu tentava reforçar a minha posição:—Tu nunca andaste na escola e safaste-te bem, por isso também vou ficar em casa.

Podes ensinar-me como o avô te ensinou, a ti e ao tio Jack.

— Não, não posso—disse o Atticus.—Tenho de ganhar a vida.

Além disso, mandavam-me para a prisão se te deixasse ficar em casa. Sendo assim, esta noite tomas uma dose de magnésia e amanhã escola.

— Afinal, acho que já me estou a sentir melhor.

— Bem me parecia. Agora, qual é o problema?

Pedacinho a pedacinho, comecei a contar-lhe as desventuras do dia.—,...e ela disse que me ensinaste tudo mal, por isso não podemos ler mais, nunca mais. Por favor não me mandes para lá, por favor pai.

O Atticus levantou-se e caminhou até à frente da varanda.

Quando completou o exame à glicínia trepadeira voltou de novo para junto de mim.

— Em primeiro lugar—começou—Scout, se tu conseguires aprender uma coisa bastante simples, vais ver que te darás melhor com todo o tipo de pessoas. Nunca conseguirás compreender totalmente uma pessoa se não vires as coisas do seu ponto de

vista...

— Mas, pai?

—....se não fores capaz de te colocar na pele dessa pessoa e aí permaneceres um bocado.

O Atticus disse-me que eu hoje tinha aprendido muitas coisas e que a própria Miss Caroline também. Em primeiro lugar, ela tinha aprendido que não se devia emprestar nada a um Cunningham, mas que se eu e o Walter nos puséssemos na pele dela aperceber-nos-íamos de que ela tinha cometido um erro lógico. Não podíamos estar à espera que ela aprendesse tudo sobre Maycomb num só dia e não a podíamos responsabilizar, porque ela não sabia.

— Mas é que assim ela já vai começar a tomar-me de ponta queixei-me.

— Eu não sabia que não devia ter lido para ela e ela culpou-me por isso... ouve Atticus, eu não tenho de ir para a escola, pois não!

Estava a arrebentar para lhe dizer uma coisa.

— O Burris Ewell, lembras-te?—Ele só vai para a escola no primeiro dia. A senhora da secretaria pensa que cumpriu a lei quando apontou o nome dele no livro de ponto...

— Tu não podes fazer isso, Scout—disse o Atticus.—Às vezes, em casos especiais, é preciso contornar um bocadinho a lei. No teu caso, a lei permanece inflexível. Sendo assim, tens de ir para a escola.

— Não vejo porque tenho de ir, quando ele não vai.

— Então ouve-me com atenção.

O Atticus disse que os Ewells eram a vergonha de Maycomb há já três gerações.

Que ele se lembrasse, nunca nenhum deles tinha tido um dia honesto de trabalho na vida. Disse-me ainda que num dos próximos Natais, quando se fosse desfazer do pinheiro, mostrar-me-ia onde é que eles viviam. Eram pessoas, mas viviam como animais.

— Eles podem ir para a escola quando quiserem, isto quando mostrarem o mais pequeno interesse em querer uma educação afirmou o Atticus.

— Há formas de os obrigar a ficar na escola, mas é uma loucura forçar pessoas como os Ewells a adaptarem-se a um novo ambiente...

— Se eu não fosse para a escola amanhã, tu obrigavas-me.

— Bem, vamos colocar as coisas da seguinte forma—disse o Atticus secamente.—Tu, Miss Scout Finch, és o cidadão comum.

E tens de obedecer à lei.

Ele contou-me que os Ewells eram membros de uma sociedade exclusiva apenas composta por Ewells. E, em determinadas circunstâncias, o cidadão comum permitia-lhes judicialmente certos privilégios, apenas pelo simples método de fecharem os olhos a algumas das actividades dos Ewells. Primeiro ponto, eles não tinham de ir para a escola.

Segundo ponto, o senhor Bob Ewell, o pai do Burris, estava autorizado a caçar e a

manter presos animais fora da época de caça.

— Mas, Atticus, isso é mau—contrapus. Em Maycomb County, caçar fora de época era, aos olhos da lei, considerado um pequeno delito mas, aos olhos da população, era punível com a pena capital.

— É contra a lei, sim senhor—disse o meu pai—e é muito mau, mas quando um homem gasta a sua pensão em whiskey, os filhos choram com fome. Não conheço nenhum proprietário de terras daqui das redondezas que impeça o pai daquelas crianças de deitar a mão a qualquer peça de caça que lhe apareça pela frente.

— Mas o Mr. Ewell não devia fazer isso...

— Claro que não, mas ele nunca vai mudar. Agora, vais continuar a não gostar dos filhos dele?

— Não senhor—murmurei e aproveitei para adiantar o meu último argumento: -

Mas se continuar a ir para a escola, nunca mais vamos poder ler...—Isso está-te mesmo a incomodar, não está?

— Sim, pai.

Quando o Atticus olhou para mim reparei naquela expressão dele que me fazia sempre ficar na expectativa.

— Sabes o que é um compromisso?—perguntou.

— Contornar a lei?

— Não, é chegar a um acordo através de concessões mútuas.

Funciona da seguinte forma—explicou.—Se aceitares a necessidade de ir à escola, continuamos a ler todas as noites, como sempre lemos. De acordo?

— Sim, senhor!

— Vamos considerá-lo selado sem recorrer às formalidades habituais—sugeriu o Atticus, quando me viu preparada para cuspir na mão.

Quando abri a porta de rede da frente o Atticus disse:—A propósito, Scout, é melhor não comentares nada na escola sobre o nosso acordo.

—Porquê? —Receio que as nossas actividades sejam recebidas com grande desaprovação por parte das autoridades competentes.

Eu e o Jem estávamos habituados à linguagem jurídica do meu pai e, além disso, autorizados a interrompê-lo de forma a obtermos uma tradução, quando o que ele dizia estava para além do nosso entendimento.

— O quê, pai?

— Eu nunca andei na escola—confessou -, mas tenho a sensação de que se disseses a Miss Caroline que lemos todas as noites ela vinha atrás de mim e eu não a quero atrás de mim, percebes?

Naquele fim de tarde, o Atticus captou as nossas atenções, lendo seriamente colunas sobre um homem que permanecera sentado num pau de bandeira sem qualquer razão

aparente, o que foi motivo suficiente para que o Jem passasse a tarde do sábado seguinte isolado na casa da árvore. Esteve lá sentado desde o pequeno-almoço até ao pôr do Sol e teria passado lá a noite se o Atticus não lhe tivesse cortado as fontes de abastecimento. Eu passei a maior parte do dia para cima e para baixo, a dar-lhe recados, abastecendo-o de literatura, comida e água e estava a levar-lhe cobertores para ele passar a noite, quando o Atticus disse que se eu não lhe prestasse atenção ele acabaria por descer. E assim foi.

O RESTO DOS MEUS DIAS DE ESCOLA não foi lá muito mais auspicioso do que o primeiro. Em boa verdade, fazia tudo parte de um Projecto interminável que, lentamente, se foi transformando numa Unidade, e na qual o estado do Alabama gastou quilómetros e quilómetros de papel de lustro, cartolina e lápis de cera, nos seus bem-intencionados, mas infrutíferos esforços para me ensinar Dinâmica de Grupo. Aquilo a que o Jem chamara Sistema Decimal Dewey acabou por estar implantado em toda a escola no final do meu primeiro ano, pelo que não tive hipótese de o comparar com outras técnicas de ensino. Só me restava olhar à minha volta: o Atticus e o meu tio, que fizeram a sua escolaridade em casa, sabiam tudo—pelo menos, o que um não sabia, sabia o outro. Além disso, não pude deixar de reparar que o meu pai exercia há anos na comissão legislativa do estado, eleito sempre sem qualquer oposição, alheio aos ajustes que os meus professores achavam essenciais ao desenvolvimento da Boa Cidadania. O Jem, produto híbrido de uma educação meio Decimal e meio moderna e, ao mesmo tempo, estupidificante e repressiva para o aluno com as suas tradicionais orelhas de burro, parecia trabalhar eficazmente sozinho ou em grupo, mas diga-se de passagem que o Jem não era lá o melhor exemplo: não havia sistema pedagógico inventado pelo homem que o conseguisse impedir de chegar aos livros.

Quanto a mim, eu nada sabia, a não ser a informação que ia conseguindo reunir da revista Times e tudo a que pudesse deitar a mão lá em casa. Porém, à medida que ia sendo triturada impiedosamente pelo sistema escolar de Maycomb County, não podia deixar de ter a impressão de que me estavam a esconder qualquer coisa.

Independentemente do que soubesse ou não, jamais poderia acreditar que aqueles doze anos de tédio ininterrupto eram tudo o que o estado tinha em mente para mim.

Durante o ano, e dado que saía trinta minutos mais cedo do que o Jem, que tinha de ficar até às três, passava a correr frente à Casa Radley, o mais depressa que podia, só parando quando alcançava a segurança da nossa varanda. Uma tarde, numa dessas corridas, houve alguma coisa que me chamou a atenção. De tal maneira que respirei fundo, olhei em volta e voltei para trás.

Em cada uma das extremidades do terreno dos Radleys erguiam-se dois carvalhos verdes americanos; as suas raízes estendiam-se até à estrada, nela criando até uma pequena lombaa. Algo numa das árvores despertou o meu interesse.

Havia um pedaço de papel de estanho enfiado num buraco na casca do carvalho, um pouco acima do nível dos meus olhos, fazendo-me sinal, brilhando sob a luz daquele Sol de fim da tarde. Pus-me em bicos de pés, tornei a olhar em volta apressadamente, meti a mão no buraco e tirei duas lâminas de pastilha elástica sem os respectivos papéis de embrulho.

O meu primeiro impulso foi metê-las à boca o mais rápido possível, mas depois lembrei-me onde estava. Corri para casa e pus-me a admirar o meu saque na varanda. A pastilha elástica parecia fresca. Cheirei-a e cheirava mesmo bem. Depois lambi-a e esperei um pouco. O que não mata engorda, pensei, e meti-a boca dentro num abrir e fechar de olhos: Wrigley's Double Mint.

Quando o Jem chegou a casa perguntou-me onde é que tinha arranjado tamanho tesouro. Eu disse-lhe que o tinha encontrado.

— Ouve lá, não comas coisas que encontres, Scout.

— Mas isto não 'tava no chão, 'tava numa árvore.

O Jem resmungou qualquer coisa.

— Bem, 'tava—sosseguei-o.—Estava enfiado numa daquelas árvores acolá, sabes, aquelas que ficam no caminho que dá p'rá escola.

— Cospe já isso, mas é!

E eu lá cuspi. De qualquer modo, também já estava a ficar sem sabor.

— 'Tive a mastigá-la toda a tarde e ainda não morri, e nem sequer 'tou doente.

O Jem bateu com o pé no chão.

— Tu não sabes que naquele sítio nem sequer devias tocar nas árvores? Olha que morres se o fizeres!

— E tu já tocaste na casa uma vez!

— Isso foi diferente! Vai gargarejar... imediatamente, ouviste?

— Não vou nada, porque assim tiro o gosto da minha boca.

— Se não fores, eu vou fazer queixa de ti à Calpurnia!

Preferi não arriscar um desentendimento com a Calpurnia, por isso obedeci ao Jem. Por alguma razão, o meu primeiro ano de escola tinha provocado uma enorme mudança no nosso relacionamento: a tirania, injustiça e intromissão da Calpurnia na minha vida tinham esmorecido e dado origem a uns ternos murmúrios de desaprovação geral. Por mim, às vezes tentava evitar grandes sarilhos, só para não a provocar.

O Verão estava mesmo a chegar; eu e o Jem aguardávamo-lo com grande impaciência. O Verão era a nossa estação preferida: significava dormir na cama de rede da varanda coberta das traseiras, ou quem sabe, tentar dormir na casa da árvore; o Verão era sinónimo de tudo de bom para comer; era uma paleta com milhares de cores numa paisagem queimada pelo sol; mas acima de tudo, o Verão era o Dill.

No último dia de escola a direcção deixou-nos sair mais cedo e eu e o Jem fomos juntos para casa.

— Aposto que o Dill vem amanhã—comecei.

— Provavelmente só depois de amanhã—retorquiu o Jem.

— No Mississipi só os deixam ir de férias um dia mais tarde.

Assim que chegámos aos carvalhos da Casa Radley ergui o meu dedo para apontar

pela centésima vez para o buraco onde tinha encontrado a pastilha elástica, tentando convencer o Jem de que a tinha encontrado ali. Foi então que dei por mim a apontar para outro pedaço de papel de estanho.

— Estou a ver, Scout! Estou a ver...

O Jem olhou em seu redor, esticou o braço e, cautelosamente, meteu no bolso um pequeno pacote reluzente. Corremos para casa e, na varanda da frente, pusemo-nos a observar uma pequena caixa feita a partir de diversos retalhos de papel de estanho tirado de embalagens de pastilha elástica. Era o género de caixa onde vêm as alianças de casamento, de veludo púrpura com uma pequena fechadura. Subitamente, o Jem abriu a minúscula fechadura. Dentro da caixa estavam duas moedas polidas e coçadas, uma por cima da outra.

O Jem examinou-as.

— Efégies de índio—concluiu.—Mil novecentos e seis, e olha Scout, uma delas é de mil e novecentos. Eh pá, são mesmo antigas.

— Mil e novecentos—repeti.—Diz-me...

— Cala-te um minuto, estou a pensar.

— Jem, achas que há alguém escondido naquela casa?

— Na, para além de nós não passa muita gente por ali, a não ser que sejam adultos...

— Oh, os adultos não têm esconderijos. Achas qu'as devemos guardar, Jem?

— Não sei mesmo o que fazer, Scout. A quem é qu'as íamos devolver? Tenho a certeza que ninguém passa ali por perto... O Cecil vai pela rua das traseiras e dá a volta à cidade para chegar a casa.

O Cecil Jacobs, que vivia ao fundo da nossa rua, portas meias com os correios, percorria mais de um quilómetro por dia para evitar a Casa Radley e a velha Mrs. Henry Lafayette Dubose.

Mrs. Dubose vivia duas portas acima de nós; a opinião do bairro era unânime: Mrs. Dubose era a velhota mais cruel que alguma vez tinha vivido à face da terra. O Jem não passava à porta dela sem ter o Atticus por perto.

— Qu'ê qu'achas que fazemos então, Jem?

Até prova em contrário, achado não é roubado. Colher uma camélia de vez em quando, beber um jacto de leite morninho directamente da vaca de Miss Maudie Atkinson num dia quente de Verão, apanharmos uvas moscatel da videira de alguém, tudo isso fazia parte da nossa cultura étnica, mas com dinheiro era diferente.

— Digo-te uma coisa—disse o Jem.—Vamos guardá-las até a escola começar e depois perguntamos s'elas pertencem a alguém.

Talvez pertençam a alguns dos miúdos do autocarro—ele é demasiado agarrado para se ter esquecido delas quando saiu da escola.

— Elas pertencem a alguém—disse eu -, tenho a certezinha absoluta.

Estás a ver como elas foram polidas? Foram preservadas.

— OK, mas por que é que alguém havia de querer desperdiçar pastilha elástica desta forma? Tu sabes que não dura muito tempo.

— Não sei, Scout. Mas estas moedas são importantes para alguém...

— Como assim, Jem...?

— Bem, efígies de índio... significa, portanto, que elas vêm dos índios. Têm mesmo magia de verdade, dão-nos boa sorte. Não é como comermos galinha frita quando menos estamos à espera, mas coisas bem mais sérias, como uma vida longa e saúde e passar nos testes semestrais... isso sim, tem muito valor para algumas pessoas.

Olha, vou pô-las no meu baú.

Antes de o Jem ir para o quarto, ficou a olhar bastante tempo para a Casa Radley.

Parecia estar de novo a pensar.

Dois dias depois chegou o Dill com grande pompa e circunstância: tinha vindo sozinho no comboio desde Meridian até Maycomb Junction (um título de cortesia já que Maycomb Junction situava-se em Abbot County), onde era esperado por Miss Rachel e pelo único táxi de Maycomb; tinha jantado no vagão-restaurant, tinha visto dois gémeos siameses, unidos um ao outro, saírem do comboio em Bay St. Louis e continuou a contar as suas histórias apesar das nossas ameaças. Tinha abandonado aqueles abomináveis calções azuis abotoados até ao pescoço e agora usava calças curtas com um cinto; tinha engordado um pouco, mas não tinha crescido muito, e disse que tinha visto o pai. O pai do Dill era mais alto do que o nosso, tinha barba preta (pontiaguda), e era presidente dos Caminhos-de-ferro L & N.

— Até dei uma mãozinha ao maquinista durante algum tempo—exclamou o Dill, gabando-se.

— Ai sim, e eu sou o Pai Natal, Dill. Cala-te, mas é—disse o Jem.—A que é que vamos brincar hoje?

— Ao Tom, ao Sam e ao Dick—disse o Dill.—Vamos para o pátio da frente.

Dill preferia os Rover Boys, porque eram três papéis de respeito.

Estava claramente farto de ser o nosso homem dos papéis secundários.

— Oh, já 'tou farta desses—respondi. Estava já farta de fazer de Tom Rover, que a meio do filme perde subitamente a memória e desaparece do argumento até ao final da história, altura em que é encontrado no Alasca.

— Inventa um para nós, Jem—sugeri eu.

— Já 'tou farto de os inventar.

Vejam só, os nossos primeiros dias de liberdade e já estávamos entediados. Por este andar já imaginava o que é que nos traria o resto do Verão.

Caminhámos até ao pátio da frente, onde o Dill fixou o olhar no fundo da rua, mais precisamente para a fachada lúgubre da Casa Radley.

— Cheira-me a morte—disse.—Cheira mesmo, estou a falar a sério—continuou, quando lhe disse para estar calado.

— Atão queres dizer qu' tu consegues cheirar quando alguém 'stá p'ra morrer?

— Não, o qu' quero dizer é qu' consigo cheirar as p'ssoas e dizer-lhes se vão morrer.

Foi uma velhota que me ensinou.

O Dill inclinou-se e cheirou-me.

— Jean... Louise... Finch, vais morrer dentro de três dias.

— Dill, se não te calas, bato-te nessas ganchetas. Agora 'tou a falar a sério...

— Calem-se!—retorquiu o Jem—estão a agir como se acreditassem em Suga-Vidas.

— E tu ages como se não acreditassem—atirei.

— O que é um Suga-Vidas?—perguntou o Dill.

— Nunca caminhaste à noite numa estrada deserta e passaste por um sítio quente? — perguntou o Jem ao Dill.—Um Suga-Vidas é alguém qu' não consegue ir p'ró Céu e que fica apenas a vaguear pelas estradas desertas e se tu tiveres o azar de te cruzar com ele, atão quando morreres transformas-te num, e depois passas a andar à noite a sugar a respiração das pessoas...

— Como é que podemos evitar cruzar-nos com um?

— Não podes—ameaçou o Jem.—Eles às vezes estendem-se ao longo da estrada toda, mas se tiveres de passar por um tens de dizer, «Anjo-Luz, vida na morte, sai do meu caminho, não me leves a sorte». Isso evita que eles te apanhem...

— Não t'acredites numa única palavra do qu' ele está pr'ai a dizer, Dill—sosseguei-o.

—A Calpurnia diz que isso é paleio de negros.

O Jem olhou para mim com um olhar de reprovação sombriamente carregado, mas disse:—Bem, vamos brincar ou não?

— Vamos rolar no pneu—sugeri.

O Jem suspirou. ,—Já sabes que sou grande demais.

— Podes sempre empurrar.

Corri para o nosso pátio das traseiras e tirei um velho pneu de automóvel debaixo da casa. Pus-me a saltitar com ele no chão até chegar ao pátio da frente.

— Primas!—exclamei.

O Dill disse que tinha de ser ele o primeiro porque acabara de chegar.

Foi o Jem que decidiu, concedendo-me o primeiro empurrão mas, em compensação, algum tempo extra para o Dill. Dobrei-me e enrolei-me dentro do pneu.

Só quando aquilo aconteceu é que percebi que o Jem tinha ficado ofendido por eu o ter contrariado naquela historieta dos Suga-Vidas e só estava pacientemente à espera para se vingar. E assim fez, empurrando-me pelo passeio abaixo com toda a força que tinha no corpo. De repente, chão, céu e casas fundiram-se numa paleta louca, os meus ouvidos latejavam, sentia-me a sufocar. Nem sequer podia pôr as mãos de fora para parar

já que elas estavam presas entre o meu peito e os joelhos. Só me restava esperar que o Jem nos parasse, a mim e ao pneu, ou que uma lomba no passeio o fizesse.

Ouvia-o atrás de mim, a correr e a gritar.

O pneu saltou na gravilha, atravessou a estrada, bateu contra uma barreira e fez-me saltar como uma rolha para o pavimento.

Tonta e enjoada, fiquei deitada no cimento e abanei a cabeça, com os ouvidos tapados, até começar a ouvir a voz do Jem:—Pira-te daí, Scout, anda lá!

Levantei a cabeça e fiquei especada a olhar para os degraus da Casa Radley bem à minha frente. Congelei de medo.

— Anda lá Scout, não fiques p'rai deitada—gritava o Jem.

— Levanta-te, não consegues?

Levantei-me, tremendo à medida que descongelava.

— 'bora, traz o pneu!—berrou o Jem.—Trá-lo contigo! 'Tás doida ou quê?

Quando me recompus, corri para eles o mais depressa que os meus joelhos trémulos me deixavam.

— Por que é que não o trouxeste?—gritou o Jem.

— Olha e por que é que não o vais buscar tu?—gritei-lhe eu.

O Jem ficou em silêncio.

— Vai lá, não está muito p'ra lá do portão da entrada. Atão? Até já tocaste uma vez na casa, lembraste?

O Jem olhou para mim furioso, mas como não podia recusar, correu pelo passeio abaixo, caminhou silenciosamente até ao portão e depois entrou como uma flecha e tirou o pneu.

— Tás a ver?—vangloriava-se o Jem triunfante.—Não tem nada que saber. Juro-te Scout, às vezes tu portas-te tanto como uma mariquinhas que até dói.

Ele não sabia da missa a metade, mas eu decidi mantê-lo na ignorância.

A Calpurnia apareceu na porta da frente e gritou.

— Hora da limonada! Toca a sair já desse sol 'ntes que sejam queimados vivos!

A limonada a meio da manhã era um ritual de Verão. A Calpurnia colocou um jarro e três copos na varanda e foi à sua vida.

Não estava lá muito preocupada pelo facto de não ter caído nas boas graças do Jem. A limonada ia repor a sua boa disposição.

O Jem bebeu de um só trago o seu segundo copo cheio de limonada e bateu no peito.

— Já sei a que vamos brincar—anunciou.—Uma coisa nova, uma coisa bem diferente.

— A quê?—perguntou o Dill.

— Ao Boo Radley.

As vezes, a mente do Jem era transparente: tinha inventado uma maneira de me fazer compreender que ele não tinha medo dos Radleys sob qualquer forma ou feitio, ou seja,

para contrastar a minha cobardia com o seu heroísmo destemido.

— Ao Boo Radley? Mas como? — voltou a perguntar o Dill.

O Jem respondeu:

— Scout, tu podes ser a Mrs. Radley... — Eu é que sei se sou ou não. Não acho que...

— Que se passa? — disse o Dill. — Inda 'tás com medo?

— Olha que ele pode sempre sair à noite enquanto estivermos a dormir... — adverti.

Mas o Jem pronunciou em tom sibilante: — Scout, com'é qu'ele vai saber o que 'tamos a fazer? Além disso, acho que ele já não está ali. Há anos qu'ele morreu, só que eles meteram-no pela chaminé acima.

O Dill disse:

— Jem, tu e eu podemos brincar e a Scout, se está com medo, fica a ver.

Eu tinha praticamente a certeza que o Boo Radley estava dentro daquela casa, mas não o podia provar, e achei melhor manter a minha boca calada ou seria acusada de acreditar em Suga-Vidas, um fenómeno a que, durante o dia, estava perfeitamente imune.

O Jem distribuiu os papéis: eu era a Mrs. Radley e tudo o que tinha de fazer era sair e varrer a varanda. O Dill fazia de velho Mr. Radley: ele andava para trás e para a frente no passeio e tossia quando o Jem lhe dirigia a palavra. É claro que o Jem fazia de Boo: meteu-se debaixo dos degraus da frente e, de quando em vez, gritava e gemia.

À medida que o Verão avançava, também o nosso jogo progredia.

Fomo-lo polindo e aperfeiçoando, acrescentámos-lhe algum diálogo e enredo, até o transformarmos numa pequena peça que ia sofrendo alterações todos os dias.

O Dill era o vilão dos vilões: conseguia interpretar qualquer papel que lhe fosse destinado e, se a encomenda assim o exigisse, até conseguia parecer alto. Era tão bom como o seu pior desempenho; e o seu pior desempenho era mais o género gótico. Eu ia relutantemente interpretando algumas senhoras que, aqui e ali, entravam na peça.

Nunca achei que era tão divertido como fazer de Tarzan, pelo que, durante aquele Verão, brinquei com extrema ansiedade, apesar de o Jem me assegurar que o Boo Radley estava morto e nada me podia apanhar, estando ele e a Calpurnia em casa de dia e o Atticus à noite.

O Jem era um herói nato.

Tratava-se de uma pequena história melodramática, composta por partes e pedacinhos de intriga e lendas do nosso bairro: Mrs. Radley era uma mulher linda até ter casado com Mr. Radley e ter perdido todo o dinheiro. Também perdeu grande parte dos seus dentes, cabelo e ainda o dedo indicador direito. (Contributo este do Dill. O Boo tinha-o arrancado à dentada, numa noite em que não encontrou quaisquer gatos e esquilos para comer.); a maior parte do tempo sentava-se na sala e chorava, enquanto o Boo ia desbastando lentamente toda a mobília da casa.

Nós os três éramos os miúdos que se metiam sempre em sarilhos; eu era o juiz do

tribunal de menores, para variar; o Dill levava o Jem, prendendo-o debaixo dos degraus, onde lhe batia, picando-o com a vassoura. O Jem ia aparecendo sempre que necessário, sob a forma de xerife, um rapaz qualquer da cidade e de Miss Stephanie Crawford, que tinha mais a dizer sobre os Radleys do que qualquer outra habitante de Maycomb.

Quando chegava a altura de interpretar a grande cena do Boo, o Jem esgueirava-se para dentro de casa, roubava a tesoura da gaveta da máquina de coser quando a Calpurnia não estivesse a ver e depois sentava-se no baloiço a cortar jornais. Então o Dill passaria por ele, tossia para o Jem e ele fingia que desferia um golpe na perna do Dill.

Do sítio onde eu estava parecia bem real.

Sempre que Mr. Nathan Radley passava por nós na sua ida diária à cidade, permanecíamos quietos e em silêncio até ele estar longe da nossa vista e depois ficávamos a pensar o que é que ele nos faria se descobrisse. Interrompíamos as nossas actividades quando algum dos nossos vizinhos aparecia, e uma vez vi mesmo a Miss Maudie Atkinson, espedada no outro lado da rua a olhar para nós, com a tesoura de poda meio no ar.

Certo dia estávamos tão ocupados a interpretar o Capítulo XXV, Livro II de A Família de um Homem Só, que não vimos o Atticus parado no passeio a olhar para nós, batendo no joelho com uma revista enrolada. O Sol indicava meio-dia.

— A que é que estão a brincar? — perguntou.

— A nada — disse o Jem.

A resposta evasiva do Jem fez-me perceber que o nosso jogo era um segredo, por isso mantive-me em silêncio.

— Então que é que estás a fazer com essa tesoura? Por que é que estás a rasgar esse jornal? Olha que se for o de hoje dou-te uma sova.

— Nada.

— Nada, o quê? — perguntou o Atticus.

— Nada, pai.

— Dá-me imediatamente essa tesoura — ordenou o Atticus.

— Não são coisas para se estar a brincar. Isto por acaso tem alguma coisa que ver com os Radleys?

— Não, senhor — disse o Jem, corando.

— Espero bem que não — disse ele secamente e entrou em casa.

— Je-m...

— Cala-te! Ele foi para a sala, ainda nos pode ouvir.

Em segurança no quintal, o Dill perguntou ao Jem se podíamos continuar a brincar.

— Não sei. O Atticus não disse que não podíamos...

— Jem — adiantei -, de qualquer forma eu acho que ele sabe.

— Não, não sabe. E se soubesse dizia.

Eu não tinha a certeza, mas entretanto o Jem disse-me que eu estava a ser uma menina, que as meninas estavam sempre a imaginar coisas, que era por isso que as outras pessoas as detestavam e que se eu me comesse a comportar como uma, então podia sair e procurar alguém com quem brincar.

— Tudo bem, então continua— disse-lhe eu.— E depois vais ver.

A chegada do Atticus foi a segunda razão para eu querer desistir do jogo. A primeira surgiu logo naquele dia em que fui a rolar até ao pátio da Casa Radley. No meio de todos aqueles abanões na cabeça, repressão das náuseas e os gritos do Jem, a verdade é que tinha ouvido outro som, tão baixo que não podia tê-lo ouvido do passeio.

Havia alguém a rir-se dentro da casa.

Tal como eu previra, a minha persistência acabou por levar a melhor sobre o Jem e, para meu alívio, abrandámos aquele jogo por uns tempos. Contudo, ele continuava a insistir que o Atticus não tinha dito que não podíamos, logo podíamos; e mesmo se o Atticus dissesse que não podíamos, então o Jem já tinha pensado numa forma de lhe dar a volta: iria pura e simplesmente mudar o nome das personagens e, dessa forma, não podíamos ser acusados de estar a brincar a fosse o que fosse.

O Dill estava plenamente de acordo com este plano de acção.

A verdade é que se estava a tornar numa espécie de adversário, concordando com tudo o que o Jem dizia. No início do Verão tinha-me pedido em casamento, mas depois rapidamente se esqueceu da proposta. Tinha-me escolhido, marcou-me como sua propriedade, disse que eu era a mulher que amaria para toda a vida e depois ignorou-me. Dei-lhe duas tarefas, mas de nada adiantou, já que só o fez aproximar-se do Jem.

Passavam dias a fio na casa da árvore fazendo planos e combinações, só chamando por mim quando precisavam de um terceiro interveniente. Quanto a mim, decidi manter-me uns tempos à distância dos seus imprudentes esquemas e, sob pena de voltar a ser chamada de «menina», passei a maior Parte dos restantes crepúsculos daquele Verão sentada com Miss Maudie Atkinson na sua varanda da frente.

Eu e o Jem sempre gostámos de correr livremente pelo pátio de Miss Maudie, desde que nos mantivéssemos afastados das suas azáleas. No entanto, a nossa relação com ela estava tudo menos claramente definida. Até o Jem e o Dill me excluïrem dos seus planos, ela não passava de mais uma senhora do bairro, embora, convenhamos, uma presença relativamente benigna.

O nosso acordo tácito com Miss Maudie consistia em poder brincar no relvado dela, comer as suas uvas verdes desde que não saltássemos na videira e explorar o seu vasto quintal traseiro, termos tão generosos que raramente lhe falávamos, preocupados que estávamos em preservar o delicado equilíbrio do nosso relacionamento.

Porém, com o seu comportamento, o Jem e o Dill fizeram-me aproximar dela.

Miss Maudie detestava a sua casa: o tempo passado dentro de portas era tempo perdido. Era viúva e parecia um verdadeiro camaleão, tal a forma como, ora trabalhava nos seus canteiros de flores com um velho chapéu de palha e um macacão de homem, ora surgia na varanda, destilando sobre a rua a sua magistral beleza, depois do banho das cinco.

Ela adorava tudo o que crescesse na terra de Deus, até ervas daninhas. Apenas com uma excepção. Se ela encontrasse uma simples erva daninha no quintal então era certo e sabido que estávamos perante uma reconstituição da Segunda Batalha do Marne: debruçava-se sobre ela com um pulverizador e submetia-a a várias vaporizações de uma

substância venenosa a partir do caule. Ela dizia que esta substância era tão poderosa que nos podia matar a todos se não saíssemos da frente.

— Por que é que não a arranca logo?—perguntei-lhe, depois de testemunhar uma prolongada investida contra uma folha que não teria mais do que três centímetros de altura.

— Arrancá-la, miúda, arrancá-la?—apanhou a erva moribunda e esmagou-a com o polegar. Dela saíram uns grãos microscópicos.

— Sabes, uma só folha de erva-noz pode destruir um quintal inteiro. Repara.

Quando chega o Outono, isto seca e o vento espalha tudo por Maycomb County!—A expressão no rosto de Miss Maudie fazia crer que tal acontecimento era igual a uma das pragas do Velho Testamento.

O seu discurso era vivo para um habitante de Maycomb. Tratava-nos pelos nossos nomes próprios e quando sorria, revelava dois pequenos ganchos de ouro presos nos dentes caninos. Mal reparei neles, desejei logo, um dia, ter uns iguais, e ela disse «Repara».

Então, através de um movimento com a língua, tirava a dentadura, um gesto de cordialidade que acabou por cimentar a nossa amizade.

A benevolência de Miss Maudie estendia-se ao Jem e ao Dill, sempre que eles faziam uma pausa nas suas asneiras: e então colhíamos os benefícios de um talento que Miss Maudie tinha, até então, mantido em segredo. Ela fazia os melhores bolos cá do bairro. Mal foi admitida no seio da nossa confiança, e sempre que se dedicava à doçaria, costumava fazer um bolo grande e três pequenos e, no fim, o seu chamamento ecoava por toda a rua:—Jem Finch, Scout Finch, Charles Baker Harris, venham cá!

— E a nossa prontidão era sempre recompensada.

No Verão, os crepúsculos do fim de tarde eram longos e sossegados.

Várias eram as vezes em que eu e Miss Maudie nos sentávamos silenciosamente na sua varanda a observar o céu mudando de amarelo para cor-de-rosa, à medida que o Sol se punha, a ver os bandos de andorinhas a sobrevoar o bairro e desaparecerem por trás dos telhados da escola.

— Miss Maudie—comecei, num fim de tarde—acha que o Boo Radley ainda tá vivo?

— O nome dele é Arthur e ainda está vivo, sim—respondeu ela.

Estava a baloiçar-se lentamente na sua grande cadeira de madeira de carvalho.

— Sentes o cheiro das minhas mimosas? Esta noite até parece a respiração de um anjo.

— Sim, senhora. E com'é que sabe? >/—Sei o quê, querida?

— Que o Bo... que Mr. Arthur 'tá vivo?

— Mas que pergunta tão mórbida. Mas também acho que é um assunto mórbido. Eu sei que está vivo, Jean Louise, porque ainda não vi ninguém a levá-lo para o cemitério.

- Talvez ele tenha morrido e o tenham enfiado pela chaminé acima.
- Onde é que foste buscar tal ideia?
- Foi o que o Jem disse que achava que eles tinham feito.
- tss-tss. Cada dia que passa está mais parecido com o Jack Finch.

Miss Maudie conhecia o tio Jack Finch, irmão do Atticus, desde os tempos de criança. Eram praticamente da mesma idade, tinham crescido juntos na Plantação Finch.

Miss Maudie era filha de um latifundiário vizinho, o Dr. Frank Buford. O Dr. Buford era médico e vivia obcecado por tudo o que crescesse no chão, por isso nunca enriqueceu. O tio Jack Finch limitava a sua paixão por agricultura a uns vasos de janela em Nashville e acabou por ficar rico.

Nós víamos o tio Jack todos os Natais, e todos os Natais ele gritava para o outro lado da rua pedindo Miss Maudie em casamento. E Miss Maudie respondia, gritando, «Fala um bocadinho mais alto, Jack Finch, para ver se te ouvem nos Correios, porque eu cá não te consigo ouvir!» Eu e o Jem achávamos que esta era uma forma um pouco estranha de pedir a mão de uma senhora em casamento, mas também o tio Jack era um bocado estranho.

Ele disse que estava a tentar cair no goto de Miss Maudie, que já o fazia infrutiferamente há quarenta anos, que ele era a última pessoa no mundo com quem Miss Maudie pensava em casar, mas a primeira em que pensava para arreliar, e por isso, a melhor forma de se defender dela era a chamada ofensa espirituosa. Para nós, aquilo era tudo claro como água.

— O Arthur Radley apenas permanece dentro de casa, só isso disse Miss Maudie. - Tu também não ficavas dentro de casa se não quisesses sair?

— Sim, senhora, mas eu quero sair. Por que é qu'ele não quer?

Miss Maudie semicerrou os olhos.

— Conheces essa história tão bem como eu. , ,,,,—Mas nunca ouvi a razão. Nunca ninguém ma explicou.

Miss Maudie voltou a colocar a dentadura.

— Sabias que o velho Mr. Radley era um Anabaptista lava-pés dos sete costados?...

— Isso é o que a senhora é, certo?

— Não sou assim tão devota, minha filha. Sou apenas uma Anabaptista.

— Vocês não acreditam todos na cerimónia do lava-pés?

— Acreditamos. Em casa, na banheira.

— Mas nós não podemos comungar com vocês todos...

Aparentemente decidindo que era mais fácil definir o anabaptismo primitivo do que a comunhão fechada, Miss Maudie afirmou:—Os lava-pés acreditam que tudo o que dá prazer é pecado.

Sabias que um destes sábados houve alguns que saíram da mata e vieram p'rá aqui

dizer-me que eu e as minhas flores íamos para o Inferno?

— As suas flores também?

— Sim, senhora. E que vão arder juntamente comigo. Achavam que eu passava demasiado tempo a desfrutar da Natureza que Deus nos deu e não dentro de casa a ler a Bíblia.

A minha confiança nos sermões do púlpito diminuiu com a visão de Miss Maudie a arder para sempre nos vários infernos Protestantes.

Era verdade que ela tinha uma língua afiada e não andava propriamente pelo bairro a fazer boas acções, como fazia Miss Stephanie Crawford. Mas enquanto ninguém que tivesse um pouco de tino confiava em Miss Stephanie, eu e o Jem tínhamos uma confiança quase inabalável em Miss Maudie. Nunca tinha feito queixa de nós, nunca nos tinha perseguido e não estava minimamente interessada na nossa vida privada. Era nossa amiga. Por isso não compreendíamos como é que uma criatura tão atinada podia viver com o perigo do eterno tormento.

— Mas isso não está certo, Miss Maudie. A senhora é a melhor pessoa que conheço.

Miss Maudie sorriu.

— Obrigado, minha cara amiga. O problema, é que os lava-pés pensam que as mulheres por si só já são um pecado. Sabes, eles levam a Bíblia à letra.

— É por isso qu'ó Mr. Arthur fica em casa, p'ra se manter afastado das mulheres?

— Não faço a mínima ideia.

— P'ra mim isso não faz sentido. O que me parece é que se o Mr. Arthur quisesse ir para o Céu, podia ao menos vir à varanda.

O Atticus diz que Deus quer que a gente ame as pessoas tanto quanto nos amamos a nós próprios...

Miss Maudie parou de se baloiçar e o seu tom de voz endureceu.

— És muito nova para perceber—disse ela—mas por vezes a Bíblia na mão de um homem é pior do que uma garrafa de whiskey nas mãos do... olha, do teu pai!

Eu fiquei em estado de choque.

— O Atticus não bebe whiskey—disse.—Nunca bebeu uma gota em toda a sua vida... desculpe, bebeu. Disse que uma vez bebeu um bocado e não gostou.

Miss Maudie riu-se.

— Não estava a falar do teu pai—retorquiu.—O que eu queria dizer era, se o Atticus Finch bebesse até cair, se calhar não seria tão severo como alguns homens são naturalmente. Só que há alguns tipos de homem que... que estão tão ocupados preocupando-se com o próximo mundo, que nunca aprendem a viver neste, e podes bem olhar para esta rua que vêes os resultados.

— Acha que é verdade, todas essas coisas que se dizem por aí Do Bo... Mr. Arthur?

— Que coisas?

Contei-lhe.

— Olha, isso são três quartos de conversa de gente de cor e um quarto de Stephanie Crawford—disse Miss Maudie num tom taciturno.

— Uma vez a Stephanie Crawford até me contou que acordou a meio da noite e o encontrou a olhar para ela através da janela.

E então eu perguntei-lhe o que tinha feito, «Stephanie, chegaste-te para lá na cama e deste-lhe espaço para ele se deitar?» E isso calou-a por uns tempos.

Tenho a certeza que sim. A voz de Miss Maudie era o suficiente para calar quem quer que fosse.

— Não, querida—disse ela -, aquela é uma casa triste. Lembro-me de quando o Arthur Radley era criança. Dirigia-se sempre a mim educadamente, independentemente do que as pessoas digam agora. Falava o mais delicadamente comigo que sabia.

— Acha que ele é doido?

Miss Maudie abanou com a cabeça.

— Se não era, agora deve estar. Nós nunca sabemos aquilo que acontece às pessoas.

O que se passa dentro das portas e janelas fechadas, os segredos...

— O Atticus nunca fez nada a mim e ao Jem dentro de casa que não fizesse no pátio—anunciei, sentindo que era meu dever defender o meu pai.

— Minha querida filha, estava só a dar um exemplo, nem sequer estava a pensar no teu pai, mas agora que estou, digo-te uma coisa: Atticus Finch é uma e a mesma pessoa, seja em casa ou na rua.

Queres levar um bocadinho de bolo fresco para casa?

Eu adorava.

Na manhã seguinte, quando acordei, fui encontrar o Jem e o Dill no quintal embrenhados numa conversa profunda. Quando me juntei a eles disseram-me para ir embora, como de costume.

— Não vou e não vou. Este quintal é tão teu como meu, Jem Finch. Tenho tanto direito de brincar aqui como tu.

Depois de se reunirem num breve concílio, o Jem e o Dill abordaram-me:—Se ficares, tens de fazer o que te mandarmos—avisou o Dill.

— Sim senhor—ironizei.—Olha, olha quem ficou todo mandão de repente?

— Se não disseres que fazes o que nós queremos, não te contamos nada—continuou o Dill.

— Portas-te como se tivesses crescido 10 cms durante a noite!

Tá bem, o que é?

O Jem disse placidamente:

— Vamos entregar um bilhete ao Boo Radley.

— Mas como?

Procurava lutar contra o terror que, automaticamente, começava a apoderar-se de mim. Eu não tinha problemas em ouvir Miss Maudie a falar disso... era velha e estava confortavelmente sentada na sua varanda. Mas para nós era diferente.

O Jem ia simplesmente colocar o bilhete na ponta de uma cana de pesca e enfiá-la pelas persianas. Se aparecesse alguém, o Dill tocava a sineta.

O Dill ergueu a mão direita. Reparei que segurava a sineta de jantar em prata da minha mãe.

— Vou mas é dar a volta à casa—disse o Jem.—Ontem, do outro lado da rua, vimos que há uma persiana solta. Em último caso, acho que talvez consiga prendê-lo no peitoril da janela.

— Jem...

— Agora que já tás metida nisto e não consegues sair, tens de ficar, ouviste ó medricas!

— Tá bem, tá bem, mas não quero ver. Jem, alguém estava...

— Vais sim senhor, vais vigiar as traseiras do terreno e o Dill a frente da casa e a rua, e se vier alguém ele toca a sineta. Percebido?

— Tudo bem. E o que lhe vais escrever?

O Dill disse:

— Ora bem, 'tamos-lhe a dizer educadamente p'ra vir cá fora às vezes e dizer-nos o que faz lá dentro... dizemos que não lhe fazemos mal e que lhe compramos um gelado.

— Vocês 'tão mas é malucos de todo, ele vai matar-nos!

O Dill continuou:

— A ideia é minha. Achei que se ele viesse cá fora e desse dois dedos de conversa connosco podia sempre sentir-se melhor.

— Como é que sabes que ele não se sente bem?

— Com'e que tu te sentias se tivesses sido enclausurada durante cem anos só com gatos p'ra comer? Aposto que ele tem uma barba até aqui...

— Como a do teu papá?

— Ele não tem barba, ele...—o Dill parou, como se estivesse a tentar lembrar-se.

—Ah! Ah! Apanhei-te!—exclamei. -Antes disseste que quando saíste do comboio o teu querido paizinho tinha uma barba preta...

— Só p'ra tua letra ele cortou-a o Verão passado! Sim, e tenho uma carta a prová-lo... e ele também me mandou dois dólares, ouviste!

— Continua lá... aposto que até te mandou um uniforme da polícia montada! Que afinal nunca apareceu, pois não? Anda lá, continua a inventar, meu lindo...

O Dill Harris conseguia contar as maiores petas que já tinha ouvido. Entre as quais, que tinha voado num avião-correio dezassete vezes, tinha visitado a Nova Escócia, tinha visto um elefante e o seu avô era o brigadeiro-general Joe Wheeler que, inclusivamente,

lhe tinha deixado a sua espada.

— Calem-se lá os dois!—disse o Jem. O Jem correu apressadamente para debaixo da casa e saiu com uma cana de bambu.

— Aham que isto é suficientemente comprido para chegar lá desde o passeio?

— Quem é suficientemente corajoso p'ra ir lá acima tocar na casa, não precisa de usar uma cana de pesca—disse eu.—Por que é que não deitas a porta da frente abaixo?

— Isto... é... diferente—defendeu-se o Jem.—Quantas vezes é que preciso de to dizer?

O Dill tirou um pedaço de papel do bolso e deu-o ao Jem.

Caminhámos os três cautelosamente até junto da velha casa. O Dill permaneceu junto do poste de electricidade mesmo em frente ao terreno, enquanto eu e o Jem nos esgueirámos pelo passeio paralelo a um dos lados da casa. Eu fui andando à frente do Jem e parei num sítio onde pudesse ter uma visão da esquina.

— Costa livre—disse eu.—Não se vê vivalma.

O Jem olhou para o outro lado do passeio para o Dill, que lhe fez sinal com a cabeça.

O Jem atou o bilhete à ponta da cana de pesca, estendeu-a através do quintal e pressionou-a contra a janela que tinha escolhido.

Faltavam alguns centímetros à cana e o Jem inclinou-se o mais que podia. Estava há tanto tempo a vê-lo fazer aqueles malabarismos que abandonei o meu posto e decidi ir ter com ele.

— Não o consigo tirar da cana—murmurou -, ou se a conseguir tirar não consigo fazer com que lá fique. Volta p'ra trás p'ró teu lugar, Scout.

Voltei e, da esquina, observei a rua vazia. De vez em quando olhava para o Jem, que estava pacientemente a tentar colocar o bilhete no peitoril da janela. O vento estava sempre a deitá-lo ao chão e o Jem sempre a picá-lo, altura em que comecei a pensar que se o Boo Radley o chegasse a receber, jamais o conseguiria ler. Estava a vigiar a rua quando, de súbito, a sineta de jantar tocou.

Levantei-me e virei-me, à espera de encarar o Boo Radley com as suas presas sangrentas; mas, em vez disso, vi o Dill a tocar a sineta com toda a força nas barbas do Atticus.

O Jem parecia tão apavorado que nem sequer tive coragem de lhe dizer que já o tinha avisado. Ele veio ter connosco penosamente, arrastando a cana atrás de si pelo passeio.

Foi então que o Atticus disse:—Pára de tocar a sineta.

O Dill prendeu o badalo da sineta; naquele silêncio que se seguiu desejei que a tivesse continuado a tocar. O Atticus empurrou o chapéu para trás na cabeça e colocou as mãos nas ancas.

— Jem—repreendeu -, mas o que é que tu estavas a fazer?

— Nada, senhor.

— Não é essa a resposta que me deves dar. Diz-me lá.

— Eu estava... estávamos só a tentar dar uma coisinha a Mr. Radley.— E o que é que lhe queriam dar?

— Só uma carta.— Deixa-me vê-la. ; ?

O Jem mostrou um pedaço de papel imundo. O Atticus pegou nele e tentou lê-lo.

— Por que é que vocês querem que Mr. Radley saia?

O Dill respondeu:

— Achámos que podia gostar de nós...— e secou as lágrimas quando o Atticus olhou para ele.

— Filho—disse, virando-se para o Jem.— Vou-te dizer uma coisa e não to volto a repetir: pára de atormentar o homem. E isto também serve para vocês os dois.

O que Mr. Radley fazia era lá com ele. Se quisesse sair, saía.

Se queria ficar dentro de sua própria casa, tinha todo o direito de permanecer dentro de casa longe da atenção de crianças inquisitivas, que era um termo suave para classificar alguém como nós. Será que nós também iríamos gostar se, de repente, o Atticus comesse a intrometer-se nas nossas vidas, sem bater à porta quando estávamos nos nossos quartos à noite? No fundo, era isso que estávamos a fazer a Mr. Radley. O que Mr. Radley fazia podia-nos parecer peculiar, mas para ele não. Além disso, será que nunca nos tinha ocorrido que a forma mais civilizada de comunicar com outro ser humano era pela porta da frente e não pela janela do lado? Por fim, doravante estávamos proibidos de nos aproximarmos daquela casa a não ser que fôssemos convidados, proibidos de brincar a qualquer jogo idiota que ele nos tivesse visto a jogar, e ainda de fazer troça de alguém daquela rua ou daquela cidade...

— Nós não 'távamos a fazer troça dele, nós não 'távamos a rir dele—defendeu-se o Jem -, apenas 'távamos...

— Com que então era isso que estavam a fazer, não era?

— A fazer troça dele?

— Não—disse o Atticus.— Conseguiram trazer a história da vida dele para a praça pública para edificação de todo o nosso bairro.

O Jem sentiu-se ligeiramente ofendido.

— Eu não disse que estávamos a fazer isso, eu não disse isso!

O Atticus sorriu secamente.

— Acabaste de mo dizer—ripostou.— Parem imediatamente com este disparate, todos vocês.

O Jem ficou boquiaberto.

— Tu queres ser advogado, não queres?— A boca do nosso pai estava suspeitamente cerrada, como se num esforço para conter algo.

O Jem decidiu que não fazia sentido continuar a discutir e permaneceu em silêncio.

Quando o Atticus entrou em casa para ir buscar uma pasta que se tinha esquecido de

levar para o trabalho naquela manhã, o Jem percebeu que tinha sido apanhado pelo truque de advogado mais antigo que existia. Esperou a uma distância respeitável dos degraus da frente e viu o Atticus a sair de casa, dirigindo-se para a cidade.

Quando o Atticus já não o podia ouvir, o Jem gritou:—Olha, eu pensava que queria ser advogado, mas agora já não tenho tanta certeza!

«PODEM» RESPONDEU O NOSSO PAI, quando o Jem lhe perguntou se podíamos ir até casa de Miss Rachel e sentarmo-nos no lago dos peixes com o Dill, já que esta era a sua última noite em Maycomb.

— Digam-lhe adeus por mim e cá o esperamos no próximo Verão.

Saltámos o pequeno muro que separava o quintal de Miss Rachel da entrada da nossa garagem. O Jem assobiou imitando uma codorniz e o Dill respondeu na escuridão.

— Não está ponta de vento—disse o Jem.—Olha acolá.

Apontou para leste. Por detrás das nogueiras de Miss Maudie erguia-se uma Lua gigantesca.

— Parece qu'inda a faz mais quente—concluiu.

— Tem lá uma cruz esta noite?—perguntou o Dill, sem olhar para cima. Estava a fazer um cigarro a partir de cordel e jornal.

— Não, só a senhora. Não acendas isso, Dill, que vais empestar este lado da cidade.

Em Maycomb dizia-se que havia uma senhora na Lua. E que estava sentada ao toucador a escovar o cabelo.

— Vamos sentir a tua falta miúdo—admiti.—Não achas que é melhor irmos dar uma olhadela a Mr. Avery?

Mr. Avery morava do outro lado da rua frente à casa de Mrs.

Henry Lafayette Dubose. Para além de ajudar no peditório aos domingos, Mr.

Avery ficava sentado na varanda todas as noites até às nove horas e espirrava imenso.

Uma noite tivemos o privilégio de assistir a uma das suas demonstrações, que nos pareceu mesmo a última, dado que nunca mais a repetiu quando o estávamos a observar.

Certa noite eu e o Jem íamos a sair de casa de Miss Rachel quando o Dill nos interpelou:—Céus, olhem p'rá acolá—apontou para o outro lado da rua.

À primeira vista não víamos nada a não ser uma varanda coberta de videiras, mas um olhar mais atento revelou um arco de água que descia por entre as folhas e que ia cair no círculo de luz amarela do candeeiro lá da rua, para aí a alguns cinco metros de distância.

O Jem disse que Mr. Avery tinha má pontaria, que devia beber quatro litros por dia, e então o concurso que se seguiu para determinar as distâncias relativas e seu respectivo valor só me fizeram sentir de novo à parte, dado que não tinha nenhum talento nesta área.

O Dill espreguiçou-se, soltou um bocejo e disse descontraidamente ao mesmo tempo:—Já sei, vamos dar um passeio.

Aquilo pareceu-me um pouco suspeito. Em Maycomb ninguém saía só para dar um passeio.

— Onde, Dill? O Dill apontou para sul com a cabeça.

Depois, foi a vez do Jem falar. — Tudo bem.!

Quando eu protestei, ele acrescentou com brandura: „ „ „.

— Tu não precisas de vir connosco, minha santinha. ;,—Se eu fosse a vocês não ia.

Lembra-te só...

O Jem não era pessoa de aprender com os erros do passado: parecia que a única lição que tinha tirado do Atticus era um aprofundamento na arte do interrogatório.

— Scout, a gente não vai fazer nada, só vamos até ó poste de electricidade e voltamos.

Caminhámos em silêncio pelo passeio, ouvindo as cadeiras de baloiço a ranger nas varandas, sob o peso da vizinhança, escutando os suaves murmúrios nocturnos dos adultos da nossa rua. Por um momento conseguimos mesmo ouvir Miss Stephanie Crawford a rir.

— Bom, atão como é que é? — perguntou o Dill.

— Tudo bem — respondeu o Jem. — Por que é que não voltas p'ra casa, Scout?

— O que é que vocês estão a armar?

O Dill e o Jem iam apenas espreitar pela tal janela com a persiana solta para ver se conseguiam ver o Boo Radley e se eu não quisesse ir com eles devia era ir direitinha para casa e manter a minha matraca calada, e ponto final.

— Mas por alma de quem é que vocês esperaram até ser noite?

Porque à noite ninguém os conseguia ver, porque o Atticus ia estar tão embrenhado num livro que nem se aperceberia do Juízo Final, porque se o Boo Radley os matasse eles faltariam à escola e não às férias e porque era mais fácil ver para dentro de uma casa sombria à noite do que à luz do dia. Seria assim tão difícil de perceber? - Jem, por favor..:

— Scout, pela última vez, cala essa matraca ou vai para casa...

Meu Deus, cada dia que passa estás mais menininha!

Ao ouvir aquilo, não tive outra alternativa senão juntar-me a eles. Pensámos que era melhor passarmos por baixo da cerca de arame nas traseiras do terreno dos Radleys já que, dessa forma, havia menos possibilidades de nos descobrirem. A cerca rodeava um grande jardim e um pequeno anexo para guardar lenha.

O Jem levantou o arame inferior e ajudou o Dill a passar por baixo. Eu fui logo a seguir e segurei no arame para o Jem passar.

Passou mesmo à tangente.

— Nem um pio — sussurrou o Dill. -Aconteça o que acontecer, não se metam no meio das couves qu'ainda acordam os mortos!

Lembrando-me disto, acho que passei a dar um passo por minuto.

Só apressei o passo quando vi o Jem a acenar lá longe à luz da lua. Chegámos ao portão que separava o jardim do quintal das traseiras. O Jem tocou-lhe. O portão rangeu.

— Cospe-lhe — murmurou o Dill.

— Meteste-nos num beco sem saída, Jem — disse eu baixinho.

Agora não conseguimos sair daqui tão facilmente quanto isso.

— Chiu! Cospe-lhe, Scout.

Cuspinos até ficarmos secos e o Jem abriu lentamente o portão, levantando-o para o lado e encostando-o à cerca. Estávamos no quintal das traseiras.

Confesso que as traseiras da Casa Radley eram menos acolhedoras do que a frente; havia uma varanda em ruínas a toda a largura da casa; havia duas portas e duas janelas escuras entre as portas.

Em vez de uma coluna, uma trave grosseira dois por quatro suportava uma das extremidades do telhado. Num dos cantos da varanda estava um velho fogão modelo Benjamin Franklin; por cima dele, o espelho de um cabide de chapéus reflectia a luz da lua e brilhava com uma intensidade lúgubre.

— Ai, ai — disse o Jem cuidadosamente, levantando o pé.

— Qu'é que foi?

— Galinhas — sussurrou.

A obrigação de nos desviarmos do desconhecido foi confirmada quando, à nossa frente, o Dill, murmurando, soletrou M-e-u D-e-u-s. Esgueirámo-nos silenciosamente bem rentes à casa até chegarmos à janela com a persiana solta. O peitoril era várias vezes mais alto do que o Jem.

— Eu dou-te uma mão para subires — murmurou para o Dill.

— Espera aí.

O Jem agarrou no seu pulso esquerdo e no meu pulso direito, eu agarrei no meu pulso esquerdo e no direito dele e o Dill sentou-se na nossa cadeirinha. Levantámo-lo e ele conseguiu alcançar o peitoril da janela.

— Despacha-te — sussurrou o Jem — olha qu'não aguentamos muito mais.

O Dill tocou no meu ombro e baixámo-lo.

— O qu'é qu'viste?

— Nada. Cortinas. Há uma pequena luz de presença algures.

— Vamos mas é sair daqui — sussurrou o Jem. — É melhor darmos a volta e voltar para trás. — E calou! — avisou-me, perante a minha intenção de protestar.

— Vamos tentar pela janela das traseiras.

— Dill, não — disse eu.

O Dill parou e deixou o Jem ir à frente. Mal o Jem colocou o pé no primeiro degrau, o degrau rangeu. Ele parou, e depois foi experimentando passo a passo. O degrau não fez barulho. O Jem saltou dois degraus, colocou um pé na varanda, subiu e hesitou por longos momentos. Voltou a ganhar balanço e saltou, baixando-se de seguida. Rastejou até à janela, levantou a cabeça e espreitou lá para dentro.

E foi então que eu vi um vulto. Era a sombra de um homem com um chapéu. A princípio pensei que fosse uma árvore, mas não havia vento e os ramos das árvores não

caminham. A varanda das traseiras estava inundada pela luz da lua, e ovulto, nítido e recortado como uma sombra chinesa, atravessou a varanda em direcção ao Jem.

Logo depois foi a vez de o Dill o ver. De imediato, tapou a cara com as mãos.

Quando a sombra passou pelo Jem, este viu-a. Então, cobriu a cabeça com os braços e ficou rígido como uma pedra.

O vulto parou aí a um metro do Jem. Levantou um dos braços, depois baixou-o e ficou imóvel. Então virou as costas, voltou a passar pelo Jem, caminhou ao longo da varanda e dobrou a esquina, percorrendo o mesmo caminho que o tinha trazido até ali.

O Jem saltou da varanda e correu desenfreado até nós. Abriu violentamente o portão, empurrou-me a mim e ao Dill e seguiu-nos por entre duas filas de hortaliças. A meio do caminho tropecei, no preciso momento em que um disparo de uma caçadeira atrozou o bairro.

O Dill e o Jem mergulharam atrás de mim. A respiração do Jem vinha aos soluços.

— Rápido, a cerca à beira do pátio da escola!... Anda lá, Scout!

O Jem levantou o arame; eu e o Dill rolámos por baixo e, quando já estávamos a meio caminho do abrigo do carvalho solitário do Pátio da escola, sentimos que o Jem não estava connosco. Voltámos para trás a correr e vimos que ele se debatia com o arame, tentando tirar as calças para se soltar. Depois, correu para o carvalho em cuecas.

Em segurança atrás do tronco, o entorpecimento tomou conta de nós, só que a cabeça do Jem não parava:—Temos qu'ir p'ra casa, qu'eles 'inda vão dar p'la nossa falta.

Atravessámos o pátio da escola a correr, rastejámos por baixo da cerca até ao Deer's Pasture, nas traseiras da nossa casa, trepámos a cerca do fundo e estávamos nos degraus de trás mesmo antes de o Jem nos deixar fazer uma pausa para descansar.

Quando recuperámos o fôlego, caminhámos os três o mais despreocupadamente possível até ao pátio da frente. Olhámos para o fim da rua e vimos um círculo de vizinhos junto ao portão dos Radleys.

— É melhor irmos lá abaixo—disse o Jem.—Vão achar estranho se não formos.

Mr. Nathan Radley estava de pé do lado de dentro do portão com uma caçadeira aberta debaixo do braço. O Atticus estava ao lado de Miss Maudie e Miss Stephanie Crawford. Miss Rachel e Mr. Avery estavam junto deles. Nenhum deles deu por nós. , Parámos ao lado de Miss Maudie, que olhou em redor.

— Onde é que vocês estavam, não ouviram o estrondo?

— O que é que aconteceu?—perguntou o Jem.

— Mr. Radley disparou contra um negro na horta.

— Ah. E acertou-lhe?

— Não—disse Miss Stephanie.—Disparou para o ar. Acho que ele ficou branco como a cal. Por isso, se alguém vir um negro branco, é ele. E diz que tem o outro cartucho à espera de ouvir o próximo barulho que venha daquele quintal, e que da próxima vez não

vai disparar para o ar, seja cão, negro, ou... Jem Finch! — senhora? — perguntou o Jem.

Atticus pronunciou-se: — Onde é que estão as tuas calças, filho?

— Calças, pai? — Sim, calças.

Não havia nada a fazer. Ali em cuecas, aos olhos de Deus e de toda a gente. Soltei um suspiro.

— Ummm... Mr. Finch?

À luz daquele candeeiro conseguia ver o Dill a engendrar uma mentira: arregalou os olhos e a sua cara de querubim ficou ainda mais bolachuda, — O que é que foi Dill? — perguntou o Atticus.

— Umm... fui eu que lhas ganhei — disse ele, vagamente.

— Ganhaste? Como?

O Dill coçou a nuca com a mão. Depois levou-a à frente e começou a coçar a testa.

— Estávamos a jogar strip póquer acolá no laguito — disse ele.

Eu e o Jem relaxámos. Os vizinhos pareciam satisfeitos: ficaram todos de orelhas arrebitadas. Mas afinal o que era o strip póquer?

Mas não tivemos oportunidade de descobrir já que Miss Rachel disparou como a sirene dos bombeiros: — Deus Nosso Senhor nos acuda, Dill Harris! A jogar na minha piscina? Eu é que te dou o strip póquer, ai dou, dou!

O Atticus salvou o Dill de um desmembramento iminente.

— Um momento, Miss Rachel — interrompeu. — Não sabia que eles faziam isso. E estavam todos a jogar às cartas, era?

O Jem completou a manobra de diversão do Dill com os olhos fechados: — Não senhor, só com fósforos.

Admirei o meu irmão. Os fósforos eram perigosos, mas as cartas eram fatais.

— Jem, Scout — disse o Atticus -, não quero ouvir falar em póquer seja de que forma for. E tu, vai buscar as tuas calças ao Dill, Jem. Resolvam lá a vossa contenda.

— Não te preocupes, Dill — disse o Jem, enquanto subíamos o passeio — que ela não te vai fazer mal. Ele acaba por lhe dar a volta. Aquilo é que foi um raciocínio rápido, miúdo. Ouve... 'tás a ouvir?

Parámos e ouvimos a voz do Atticus lá no fundo: — ,...não estavam a falar sério... todos eles passam por isso, Miss Rachel...

O Dill sentia-se reconfortado, mas eu e o Jem não. É que havia ainda o problema de o Jem de manhã não ter calças para vestir.

— Eu dou-te umas minhas — disse o Dill, assim que chegámos aos degraus da casa de Miss Rachel. O Jem disse que nunca iria caber nelas, mas agradeceu na mesma.

Despedimo-nos e o Dill entrou em casa. É óbvio que se lembrou que estávamos noivos e então voltou para trás e beijou-me rapidamente em frente ao Jem.

— Escrevam, 'tá bem? — gritou, quando nos afastámos.

Mesmo que o Jem tivesse as calças em segurança com ele, de qualquer forma não teríamos dormido muito naquela noite. Todos os sons nocturnos que ouvia da minha cama de rede na varanda das traseiras eram triplicados; qualquer raspar de pés na gravilha era o Boo Radley à procura de vingança, qualquer negro que passasse na rua a rir-se era o Boo Radley à solta atrás de nós; os insectos que batiam na rede eram os dedos loucos do Boo Radley desfazendo o arame em pedaços; as cerejeiras pairavam sobre mim como espíritos malignos. Deixei-me ficar meio a dormir, meio acordada até que ouvi o Jem murmurar.

— Então, já chegou o João Pestana?

— Tás maluco?

— Chiu. A luz do Atticus já está apagada.

À luz pálida do luar vi o Jem a pôr os pés no chão.

— Vou à procura delas — afirmou.

Pus-me de pé.

— Não podes. Não te deixo.

Enfiou a camisa, meio atabalhado.

— Tenho d'ir.

— Se fores, acordo o Atticus.

— E se o fizeres, dou cabo de ti.

Agarrei-o e puxei-o para o meu lado na cama. Tentei convencê-lo.

— Mr. Nathan vai descobri-las manhãzinha cedo, Jem. Ele sabe qu'as perdeste. E quando ele as mostrar ao Atticus ele vai ficar furioso, é isso que vai acontecer. Volta mas é p'rá cama.

— Já sei disso — disse o Jem. — É por isso que as vou buscar.

Comecei a sentir-me mal. Voltar àquele sítio sozinho... lembrei-me de Miss Stephanie: Mr. Nathan tinha o outro cartucho à espera do próximo ruído que escutasse, fosse negro, cão... o Jem sabia-o melhor do que eu.

Sentime desesperada:

— Olha Jem, não vale a pena. Uma tarefa dói, mas acaba por passar. Ainda levas um tiro, Jem. Por favor...

Ele assoprou pacientemente.

— Eu... é assim, Scout — murmurou. — Que me lembre o Atticus nunca me bateu. E quero que seja sempre assim.

Esta era uma mera conjectura. Até parecia que o Atticus nos ameaçava todos os dias.

— O que tu queres dizer é qu'ele nunca t'apanhou a fazer asneiras.

— Talvez, mas... só quero manter as coisas dessa forma, Scout.

Não devíamos ter feito aquilo esta noite, Scout.

Acho que foi naquele preciso momento que eu e o Jem nos começámos a afastar.

Por vezes não o compreendia, mas a verdade é que os meus períodos de desnorte estavam prestes a acabar. Só que este estava fora do meu alcance.

— Por favor—supliquei -, pensa nisso ao menos um bocadinho... imagina, tu, sozinho, ali naquele sítio...

— Cala-te!

— Não é que ele deixasse de falar contigo ou qualquer coisa do género... Olha, vou acordá-lo Jem, juro que vou...

O Jem agarrou na gola do meu pijama e apertou-o bem.

— Então eu vou contigo...—sentia-me sufocada.

— Não, não vais, só ias fazer barulho.

Não havia nada a fazer. Destranquei a porta das traseiras e segurei nela enquanto ele descia os degraus silenciosamente. Deviam ser duas da manhã. A Lua estava a pôr-se e as sombras gradeadas iam desaparecendo, fundindo-se lentamente com o nada indistinto.

Via-se a fralda da camisa branca do Jem a baloiçar como um pequeno fantasma, dançando para escapar à manhã vindoura. Soprava uma leve brisa que arrefecia o suor que escorria pelo meu corpo.

Foi pelas traseiras, pelo Deer's Pasture, atravessando o pátio da escola e contornando a cerca, isto é, penso eu... pelo menos era por ali que ia. Decerto ia demorar algum tempo, por isso ainda não era altura de me preocupar. Fiquei à espera, até que essa hora chegasse e ouvisse a espingarda de Mr. Radley. Depois, pareceu-me ouvir o ranger da cerca das traseiras. Era a minha imaginação a falar por mim.

Mais tarde ouvi o Atticus tossir. Sustive a respiração. Às vezes, quando a meio da noite fazíamos uma peregrinação ao quarto de banho descobríamo-lo a ler. Ele dizia que acordava muitas vezes a meio da noite, via como nós estávamos, lia um bocadinho e voltava a dormir. Fiquei à espera que a luz se acendesse, esforçando os olhos para a ver inundar o corredor. Manteve-se apagada e eu voltei a respirar.

Os insectos nocturnos já se tinham retirado, mas as cerejas maduras batiam no telhado quando o vento soprava e a escuridão desoladora era ainda mais sublinhada pelo latir de cães lá ao longe.

Mas eis que ele aparece, vindo na minha direcção. A sua camisa branca baloiçava sobre a cerca das traseiras e ia lentamente ficando maior. Subiu os degraus traseiros, trancou a porta atrás de si e sentou-se no seu beliche. Mudo e quedo, mostrou-me as suas calças. Deitou-se e, durante algum tempo, ouvi o seu beliche a tremer. Pouco depois parou. E não o ouvi tremer de novo.

O Jem andou mudo e tristonho durante uma semana. Tal como o Atticus me tinha dito uma vez, tentei colocar-me na pele do Jem e andar dentro dela durante um dia: se tivesse ido sozinha à Casa Radley às duas da manhã, bem que podiam marcar o meu funeral para o dia seguinte. Por isso, deixei o Jem em paz e tentei não o importunar.

Recomeçaram as aulas. O segundo ano era tão mau como o primeiro, só que ainda um pouco pior... ainda nos bombardeavam com cartões e não nos deixavam ler nem escrever. Os progressos de Miss Caroline, na sala do lado, podiam ser avaliados pelo volume e frequência da galhofa; contudo, a turminha do costume tinha chumbado de novo no primeiro ano e sempre davam uma ajudinha para manter a ordem. A única coisa boa do segundo ano era que agora tinha de ficar na escola até à hora em que o Jem saía, pelo que normalmente regressávamos juntos a casa lá para as três da tarde.

Certa tarde, quando atravessávamos o pátio da escola em direcção a casa, o Jem, de repente, disse:— Há uma coisa que não te contei.

Como esta era a sua primeira frase completa em três dias, encorajei-o:— Acerca do quê?

— Acerca daquela noite.

— Mas tu nunca me contaste nada acerca daquela noite — retorqui.

O Jem esquivou-se das minhas palavras como de mosquitos esvoaçantes. Ficou silencioso durante algum tempo e depois disse:— Quando fui buscar as minhas calças... quando as tentei despir, ficaram todas emaranhadas no arame, por isso não me consegui livrar delas. Quando voltei...—o Jem respirou fundo.— Quando voltei, elas estavam dobradas em cima da cerca... como se estivessem à minha espera.

— Em cima...

— E outra coisa ainda...—Jem baixou o tom de voz.— Eu mostro-te quando chegarmos a casa. Foram cosidas. Não como se fosse uma mulher a cosê-las, mas como se alguém estivesse a aprender.

Todas tortas. É como se alguém...

—....soubesse que tu ias voltar para as buscar.

O Jem estremeceu—Como se alguém me estivesse a ler o pensamento... como se alguém conseguisse adivinhar o que eu ia fazer. Ora ninguém pode adivinhar o que vou fazer a não ser que me conheça, não é, Scout?

A pergunta do Jem era um apelo. Tentei sossegá-lo:— Ninguém pode adivinhar o que vais fazer mesmo que viva em casa contigo, e às vezes nem eu mesma sei.

Passávamos agora pela nossa árvore. No seu buraco no tronco repousava um novelo de cordel cinzento.

— Não lhe pegues, Jem — disse eu. — Este é o esconderijo de alguém.

— Não acho, Scout.

— É, sim senhor. Alguém como o Walter Cunningham que vem cá todos os intervalos e esconde aqui as suas coisas... e depois vimos nós e tiramo-las. Ouve, deixa isso e vamos esperar uns dias.

Se ainda aqui estiver, atão levamo-lo, tá bem?

— Tá bem, se calhar tens razão—disse o Jem.—Deve ser o esconderijo dalgum miúdo... que esconde as suas coisas dos adultos.

Já viste que é só no tempo de aulas que encontramos coisas.

— É—disse eu—mas ta'mem nunca passamos aqui no Verão.

Fomos para casa. Na manhã seguinte o cordel estava onde o tínhamos deixado.

Como no terceiro dia ainda estava lá, o Jem meteu-o ao bolso. Desse momento em diante, acordámos que tudo o que estivesse naquele buraco no tronco da árvore seria nossa propriedade.

O segundo ano era uma seca, mas o Jem garantiu-me que quanto mais eu crescesse, melhor seria a escola, que ele tinha começado da mesma forma que eu e só quando se chegava ao sexto ano é que se aprendia alguma coisa com valor. O sexto ano parecia agradar-lhe desde o início: passou por um breve Período Egípcio que me confundia... andava sempre a tentar caminhar com os pés chatos, colocando um braço à frente e outro atrás das costas, com um pé atrás do outro. Dizia que os egípcios andavam daquela forma; eu respondi-lhe que se eles andassem assim não percebia bem como é que tinham conseguido fazer alguma coisa de jeito, mas o Jem disse que eles já tinham feito mais do que algum dia os americanos iam ser capazes de fazer, que tinham inventado o papel higiénico e o embalsamamento perpétuo e perguntou-me onde é que estaríamos hoje se não tivessem inventado isso. O Atticus disse-me que se eu apagasse os adjectivos, acabaria por descobrir os factos.

As estações do ano no Sul do Alabama não estão claramente definidas; o Verão muda para o Outono e a este, por vezes, nunca se segue o Inverno, mas sim uma Primavera das antigas que se funde de novo com o Verão. Aquele Outono foi longo, raramente frio o suficiente para se usar casaco. Numa amena tarde de Outono eu e o Jem estávamos a percorrer a nossa órbita quando o nosso buraco no tronco da árvore nos fez parar de novo. Desta vez havia uma coisa branca lá dentro.

O Jem deixou-me fazer as honras: de lá de dentro tirei duas Pequenas imagens esculpidas em sabão. Uma era a figura de um rapaz, a outra usava um vestido grosseiro.

Antes mesmo de me lembrar que essa coisa a que chamam voodoo não existe, dei um grito e atirei-as para o chão.

O Jem apanhou-as.

— Qu'è qu'se passa contigo?—gritou. Esfregou as figuras para lhes tirar o pó avermelhado.—São fixes—disse ele.—Nunca vi nenhuma assim tão fixes.

Mostrou-mas. Eram miniaturas quase perfeitas de duas crianças.

O rapaz tinha uns calções e tinha sido feito um sulco no sabão em forma de madeixa que lhe cobria as sobrancelhas. Depois olhei para o Jem. Uma madeixa de cabelo castanho caía-lhe quase até à face.

Nunca antes tinha reparado nela.

O Jem desviou o olhar da boneca e fixou-o em mim. A boneca usava uma franja no cabelo. E eu também.

— Estes, somos nós — concluiu.

— E quem é que os fez, sabes?

— Quem é que nós conhecemos daqui que talhe? — perguntou ele.

— Mr. Avery.

— Mr. Avery não faz destas coisas. Refiro-me a entalhar.

Em média, Mr. Avery desfazia um toro de lenha por semana; afiava-o até ficar como um palito e depois chupava-o.

— Há ainda o ex-namorado de Miss Stephanie Crawford lembrei-me.

— Esse esculpe, sim senhora, mas vive no campo. E desde quando é que ele nos poderia ter prestado atenção?

— Talvez ele fique sentado na varanda a olhar para nós em vez de olhar para Miss Stephanie. Se eu fosse a ele, era isso que fazia.

O Jem ficou tanto tempo especado a olhar para mim que lhe perguntei o que se passava, mas apenas obtive um "Nada, Scout" como resposta. Quando chegámos a casa, o Jem colocou os bonecos no baú dele.

Menos de uma semana depois encontrámos um pacote inteiro de pastilha elástica, da qual gostámos muito. O facto de que tudo na Casa Radley era veneno varreu-se por completo da memória do Jem.

Na semana seguinte o buraco no tronco presenteou-nos com uma velha medalha enferrujada. O Jem mostrou-a ao Atticus, que disse tratar-se de uma medalha de soletração e que, muito antes antes de nós nascermos, as escolas de Maycomb County organizavam concursos de soletração onde atribuíam medalhas aos vencedores.

O Atticus disse que alguém a devia ter perdido e perguntou se nós tínhamos tentado saber de quem era. O Jem deu-me um coice quando eu ia contar onde a tínhamos encontrado. Depois, perguntou ao Atticus se ele se lembrava de alguém que tivesse ganho uma e ele respondeu que não.

Mas o nosso maior prémio surgiu quatro dias depois. Tratava-se de um relógio de bolso que não funcionava, com uma corrente e um canivete de alumínio.

— Achas que é ouro branco, Jem? — Não sei. Vou mostrar ao Atticus.

O Atticus disse que provavelmente deviam valer dez dólares, o canivete, a corrente e o resto, se fossem novos.

— Trocaste isto com algum miúdo da escola? — perguntou.

— Oh, não senhor! — então o Jem mostrou o relógio do avô que o Atticus o deixava usar, uma vez por semana, se ele tivesse cuidado.

Nos dias em que andava com o relógio, o Jem parecia que caminhava sobre ovos.

— Atticus, se não te importares, antes prefiro andar com este.

Talvez o consiga arranjar.

Quando o novo relógio destronou o do avô, e a mania de andar com ele se tornou num fardo, o Jem nunca mais sentiu a necessidade de verificar as horas de cinco em cinco minutos.

Tinha feito um bom trabalho, só tinham sobrado uma mola e duas pequenas peças, mas o relógio não funcionava.

— Oh — suspirou — nunca mais vai trabalhar. Scout?...

— Hum?

— Achas que devemos escrever uma carta a quem quer que seja que nos anda a deixar estas coisas?

— Era capaz de ser simpático, Jem, podíamos agradecer... Mas o que se passa contigo?

O Jem estava a tapar os ouvidos e a abanar a cabeça de um lado para o outro.

— Não percebo, não percebo mesmo... não sei porquê, Scout...

— Olhou em direcção à sala de estar. — A minha vontade era ir contar tudo ao Atticus... não, acho melhor não.

— Eu conto-lhe por ti. — Não, não faças isso, Scout. Scout?

— O quêêê?

Ele tinha estado à beira de me contar qualquer coisa durante toda a noite. O seu rosto iluminava-se, inclinava-se para mim, mas depois mudava de ideias. E mudou outra vez.

— Oh, nada.

— Anda lá, vamos escrever uma carta. — Tirei um bloco de folhas e um lápis mesmo debaixo do nariz dele...

— 'Tá bem. Caro Senhor...

— Como é que sabes que é um homem? Aposto que é Miss Maudie... já tenho esse palpite há muito tempo.

— Ah, ah, Miss Maudie não consegue mascar pastilha elástica... — o Jem soltou uma risada.

— Sabes, ela de vez em quando gosta de ser toda bem falante.

Uma vez perguntei-lhe se queria uma pastilha e ela agradeceu-me, mas não, que...

«a pastilha elástica colava-se-lhe ao palato e que isso constituía um impedimento à sua plena articulação do discurso» — disse o Jem cuidadosamente. — Isso soa bem, não soa?

— Sim, ela de vez em quando diz umas coisas bem bonitas.

De qualquer forma, ela nunca teria um relógio e uma corrente.

— Caro Senhor—recomeçou o Jem.—Agradecemos o... não, agradecemos tudo o que tem colocado na árvore para nós. Atenciosamente, Jeremy Atticus Finch.

— Ele não vai saber quem és, se assinares dessa forma, Jem.

O Jem apagou o nome dele e escreveu, «Jem Finch». Eu assinei«Jean Louise Finch (Scout)», por baixo. O Jem colocou o bilhete dentro de um envelope.

Na manhã seguinte, no caminho para a escola, ele correu à minha frente e parou na árvore. Estava virado para mim quando olhou para cima e, de súbito, começou a ficar branco como a cal.

— Scout!

Eu corri para junto dele.

Alguém tinha tapado o nosso buraco da árvore com cimento.

— Scout, agora não desates a chorar... não chores, não te preocupes...—e lá foi a resmungar o caminho todo para a escola.

Quando voltámos para casa, o Jem engoliu a comida sem mastigar, correu para a varanda e parou nos degraus. Eu segui-o:—Ele ainda não passou—disse ele.

No dia seguinte o Jem repetiu a vigília e acabou por ser recompensado.

— Passou bem, Mr. Nathan?—disse ele.

— Bom-dia Jem, Scout—respondeu Mr. Radley quando ia a passar.

— Mr. Radley—disse o Jem.

Mr. Radley voltou-se.

— Mr. Radley, uhm... por acaso colocou cimento naquela árvore lá em baixo?

— Sim—respondeu.—Tapei o buraco.

— Por que é que o fez, senhor?

— A árvore está a morrer. Costumamos tapá-las com cimento quando estão doentes. Tu já devias saber isso, Jem.

O Jem não tocou mais no assunto até ao fim da tarde. Quando passámos pela nossa árvore deu-lhe uma pancadinha meditativa no cimento e aí permaneceu, absorto, durante uns tempos. Parecia estar a ficar de mau humor, por isso mantive a distância.

Como era hábito, fomos ter com o Atticus quando ele regressava do trabalho, ao fim da tarde. Quando chegámos à nossa porta, o Jem disse:—Atticus, olhe para aquela árvore acolá, pai.

Que árvore, filho?

— Aquela na esquina do terreno dos Radleys, no caminho da escola.

— Sim?—Aquela árvore está a morrer?

— Não filho, não acho. Olha para as folhas, estão todas verdes e cheias, não têm quaisquer manchas castanhas...

— Nem sequer tá doente?

— Aquela árvore está tão saudável como tu, Jem. Porquê?

— Mr. Nathan Radley disse que estava a morrer.

— Talvez esteja. De certeza que Mr. Radley percebe muito mais de árvores do que nós.

O Atticus deixou-nos na varanda. O Jem encostou-se a um pilar, coçando os ombros.

— Tens comichão, Jem?—perguntei o mais educadamente que pude. Ele não respondeu.

— Anda para dentro, Jem—disse eu.—Daqui a um bocado.

E ficou para ali até ao anoitecer e eu à espera dele. Quando entrámos em casa reparei que ele tinha estado a chorar; a cara estava suja naqueles pontos mais óbvios, mas achei estranho não o ter ouvido.

Naquele ano, por razões insondáveis que estavam para além da compreensão dos mais experientes profetas de Maycomb County, o Outono transformou-se efectivamente em Inverno. Segundo o Atticus, tivemos as duas semanas mais frias desde 1885. Mr. Avery aproveitou para dizer que estava escrito na Pedra de Roseta que quando as crianças desobedeciam aos pais, fumavam ou guerreavam umas contra as outras, as estações do ano mudavam: por isso, eu e o Jem carregávamos o fardo da culpa por haveremos contribuído para tais aberrações da natureza, tendo causado, portanto, tristeza nos nossos vizinhos e desconforto em nós próprios.

A velha Mrs. Radley morreu naquele Inverno, mas a sua morte não levantou muitas ondas — o bairro raramente a via, excepto quando regava as suas canas da índia.

Eu e o Jem decidimos que o Boo finalmente a tinha apanhado, mas, para nossa decepção, quando o Atticus voltou da Casa Radley contou-nos que ela tinha morrido de causas naturais.

— Pergunta-lhe! — sussurrou o Jem. — Pergunta-lhe tu. És mais velho. — É por isso que tens de ser tu a perguntar-lhe.

— Atticus — comecei -, viste Mr. Arthur?

O Atticus desviou com severidade os olhos do jornal e olhou Para mim: Não, não vi.

Jem poupou-me a mais perguntas. Disse que o Atticus ainda estava sensível em relação a nós e aos Radleys e que não valia a pena estar a fazer-lhe quaisquer perguntas.

O Jem tinha a noção de que o Atticus sabia que as nossas actividades naquela noite do Verão passado não tinham estado estritamente confinadas ao strip póquer. Mas, como não tinha uma base concreta para aquela ideia, dizia que era apenas um palpite.

Na manhã seguinte, ao acordar, olhei para a janela e quase morri de susto. Os meus gritos fizeram o Atticus sair do quarto de banho ainda com a barba meia por fazer.

— Atticus, é o fim do mundo! Por favor, faz alguma coisa...

Arrastei-o até à janela e aponteí.

— Não é nada — disse ele. — Está apenas a nevar.

O Jem perguntou ao Atticus se aquilo se poderia conservar.

Ele também nunca tinha visto neve, mas sabia o que era. O Atticus disse que não sabia muito mais sobre neve do que o Jem.

— Penso, contudo, que se é assim tão líquida, acabará por se transformar em chuva.

O telefone tocou e o Atticus deixou o pequeno-almoço a meio para o ir atender.

— Era a Eula May — disse ele, quando voltou. — E passo a citar, «Como já não nevava em Maycomb County desde 1885, hoje não haverá escola».

Eula May era a telefonista chefe de Maycomb. Estava encarregada de fazer os anúncios públicos, convites para casamento, activar a sirene de incêndio e fornecer

instruções para primeiros-socorros quando o Dr. Reynolds estava ausente.

Quando finalmente o Atticus nos chamou à atenção e nos obrigou a olhar para o prato em vez de olhar para a janela, o Jem perguntou:—Como é que se faz um boneco de neve?

— Não faço a mais pequena ideia—respondeu o Atticus.—Eu não vos quero desapontar, mas duvido que haja neve suficiente para fazer um boneco de neve.

A Calpurnia entrou e disse que achava que a neve ia continuar a cair. Quando corremos para o quintal das traseiras, vimos que estava coberto por uma fina camada de neve quase líquida.

— Não devíamos andar em cima dela—disse o Jem.—Repara, todos os passos que damos estão a estragá-la.

Olhei para trás para as minhas pegadas ainda frescas no chão.

O Jem disse que se esperássemos que nevasse mais, com um bocadinho de esforço podíamos fazer um boneco de neve. Pus a língua de fora e apanhei um floco de neve.

Queimava.

— Jem, 'tá quente!

— Não, não está. Está é tão fria que até queima. Scout, agora não a comas que a desperdiças. Deixa-a cair.

— Mas eu quero andar em cima dela!

— Tenho uma ideia. Podíamos ir a pé até casa de Miss Maudie.

O Jem saltitou até ao pátio da frente. Eu segui as suas pegadas.

Quando estávamos no passeio em frente à casa de Miss Maudie fomos interpelados por Mr. Avery. Tinha a face rosada e uma enorme barriga por baixo do cinto.

— 'Tão a ver o que fizeram?—confrontou-nos.—Já num nevava em Maycomb desd' Appomattox. São crianças más como vocês que fazem com c'as estações mudem.

Imaginava se Mr. Avery sabia com quanta esperança tínhamos aguardado, no Verão passado, que ele repetisse a sua cena e pensei que, se a nossa punição era aquilo, então certamente que havia muito a dizer sobre pecados. Não era preciso pensar bastante para saber onde é que Mr. Avery reunia as suas estatísticas meteorológicas: elas vinham directamente da Pedra de Roseta.

— Jem Finch, Jem Finch!—Miss Maudie 'tá-te a chamar, Jem.

— Deixem-se ficar no meio do pátio. Por baixo da varanda há algumas flores enterradas debaixo da neve. Não as pisem!

— Sim, senhora!—respondeu o Jem.—É lindo, não é Miss Maudie?

— Lindo, o tanas! Se esta noite continuar a nevar as minhas azáleas vão morrer!

O velho chapéu de palha de Miss Maudie brilhava com os cristais de neve. Ela estava dobrada sobre alguns pequenos arbustos, embrulhando-os em sacos de serapilheira. O Jem perguntou-lhe por que é que estava a fazer aquilo.

— Para os manter quentes—respondeu.
— Como é possível manter as flores quentes? Elas não circulam.
— Não posso responder a essa pergunta, Jem Finch. Tudo o que sei é que se esta noite nevar estas plantas vão congelar, por isso estou a cobri-las. Percebeste?
— Sim, senhora. Miss Maudie?
— Sim, caro senhor?
— Pode-nos emprestar alguma da sua neve, a mim e à Scout?
— Façam favor, levem-na toda! Debaixo da casa está um cesto velho para os pêssegos, levem-na aí.

Depois, Miss Maudie franziu o sobrolho, desconfiada:—Jem Finch, o que é que estás a pensar fazer com a minha neve?

— Vai ver—respondeu o Jem e carregámos tanta neve quanta podíamos do pátio de Miss Maudie para o nosso. Uma operação líquida...

— O que é que vamos fazer, Jem?—perguntei eu.

— Vais ver—respondeu.

— Agora pega no cesto e traz toda a neve que puderes do quintal das traseiras aqui para a frente. Atenção, segue sempre as tuas pegadas—ordenou-me.

— Vamos ter um bebé de neve, Jem?

— Não, vamos ter um boneco de neve a sério. E agora mãos à obra.

O Jem correu para o quintal das traseiras, pegou na enxada do jardim e começou a escavar rapidamente por trás da pilha de lenha, apartando as minhocas que encontrava.

Entrou em casa, voltou com o cesto da roupa suja, encheu-o com terra e foi para o pátio.

Quando tínhamos cinco cestos cheios de terra e dois de neve, o Jem disse que estávamos prontos para começar.

— Não achas qu'isto é um bocadinho imundo?—perguntei.

— Agora parece uma sujeira, mas depois não—respondeu.

O Jem pegou numa mão cheia de terra, juntou-a até fazer um monte e juntou outra e mais outra até construir um tronco.

— Jem, nunca ouvi falar num boneco de neve negro—disse eu.

— Não vai ficar negro por muito tempo—retorquiu.

Pegou em alguns galhos do pessegueiro do quintal das traseiras, entrançou-os e dobrou-os até se tornarem ossos para serem cobertos de terra.

— Parece Miss Stephanie Crawford com as mãos nas ancas comentei.

— Gorduchinha no meio e com uns braços pequeninos.

— Eu faço-os maiores.

O Jem borrifou água para o boneco de lama e acrescentou mais terra. Por um momento pareceu pensativo, depois moldou uma grande barriga abaixo da linha da

cintura. Olhou de relance para mim e os seus olhos cintilavam.

— Mr. Avery é mesmo parecido com um boneco de neve, não é?

Pegou em alguma neve e começou a revestir o boneco. Só me deixou cobrir as costas, guardando as partes visíveis para ele. Aos poucos Mr. Avery foi ficando branco.

Usando bocados de madeira para os olhos, nariz, boca e alguns botões, o Jem conseguiu fazer com que Mr. Avery ficasse com um ar zangado. Um pau de lenha de fogão completou a figura. O Jem deu um passo atrás e observou a sua criação.

— 'Tá altamente, Jem—elogiei.—Só lhe falta falar.

— 'Tá fixe, não está?—disse ele timidamente.

Mal podíamos esperar que o Atticus chegasse a casa para o jantar, por isso telefonámos-lhe e dissemos que tínhamos uma grande surpresa para ele. Pareceu surpreendido quando viu que praticamente todo o nosso quintal das traseiras tinha-se mudado para o pátio da frente, mas disse que tínhamos feito um trabalho digno de nota.

— Confesso que não sabia como é que o ias fazer, filho—virou-se para o Jem—mas a partir de agora nunca mais me preocupo com o teu futuro, porque tens sempre alguma coisa em mente.

Jem corou até às orelhas com os elogios do Atticus, mas levantou logo a cabeça quando viu que o Atticus recuava. O Atticus pôs-se a olhar de soslaio para o boneco durante algum tempo. Sorriu e depois soltou uma gargalhada.

— Filho, não te sei dizer o que vais ser quando fores grande... engenheiro, advogado ou retratista. Acabaste de perpetrar aqui um pequeno acto de difamação. Temos de disfarçar este companheiro.

O Atticus sugeriu que emagrecêssemos um pouco a parte da frente do boneco, trocássemos o pau de lenha por uma vassoura e lhe colocássemos um avental.

O Jem explicou que se o fizesse, o boneco de neve acabaria por ficar lamacento e assim deixaria de ser um boneco de neve.

— Não me interessa o que faças, desde que faças alguma coisa—disse o Atticus. -

Não podes andar por aí a fazer caricaturas dos vizinhos.

— Não é uma caricatura—defendeu-se o Jem.—É apenas parecido com ele.

— Mr. Avery pode não pensar da mesma forma.

— Já sei!—disse o Jem. Atravessou a rua a correr, desapareceu no quintal das traseiras de Miss Maudie e voltou triunfante. Enfiou o chapéu de palha dela na cabeça do boneco e meteu-lhe a tesoura de poda debaixo do braço. O Atticus disse que assim estava bem.

Miss Maudie abriu a porta da frente e veio à varanda. Olhou para nós do outro lado da rua. Subitamente, esboçou um sorriso.

— Jem Finch—chamou.—Seu diabinho, devolve-me já o meu chapéu!

O Jem olhou para o Atticus, que abanou a cabeça.

— Ela está a brincar—sossegou.—Ela está verdadeiramente impressionada com a tua... obra de arte.

O Atticus caminhou até ao passeio de Miss Maudie, local onde teve início uma conversa pontuada por muitos gestos. A única frase que consegui perceber foi «...ergueram um verdadeiro hermafrodita naquele pátio! Jamais serás capaz de os educar, Atticus!"

Durante a tarde parou de nevar, a temperatura baixou e, ao anoitecer, as piores previsões de Mr. Avery concretizaram-se: a Calpurnia manteve todas as lareiras da casa acesas, mas nós sentíamos imenso frio. Naquela noite, quando o Atticus regressou a casa, disse que o frio tinha vindo para ficar e perguntou se a Calpurnia queria ficar a dormir em nossa casa. A Calpurnia olhou para os tectos altos e para as enormes janelas e disse que se sentiria mais quente e aconchegada em casa dela. Então o Atticus foi levá-la a casa de carro.

Antes de adormecer o Atticus colocou mais carvão na braseira do meu quarto.

Disse que o termómetro marcava nove graus negativos, que era a noite mais fria de que tinha memória e que, lá fora, o boneco de neve estava congelado.

Alguns minutos mais tarde, pareceu-me, fui acordada por alguém a abanar-me. O sobretudo do Atticus estava estendido sobre mim.

— Já é de manhã?

— Levanta-te amor.

O Atticus estava a segurar o meu roupão de banho e um casaco.

— Veste primeiro o roupão—indicou.

O Jem estava ao lado do Atticus, despenteado e a cair de sono.

Uma mão segurava o sobretudo junto ao pescoço e a outra estava metida no bolso.

Parecia estranhamente obeso.

— Despacha-te, querida—disse o Atticus.—Aqui tens os sapatos e as meias.

Meia estúpida, calcei-os.

— Já é de manhã?

— Não, já passa da uma da manhã. Despacha-te. ; Por fim lá me apercebi de que havia algo de errado.

— O que se passa?

Naquela altura era escusado alguém explicar-me. Tal como os pássaros sabem para onde ir quando chove, eu sabia quando acontecia algo de mal na nossa rua.

Assustada, ouvia lá fora um inquietante roçar de roupas e o barulho abafado de gente em correria nervosa.

— Onde é?

— Em casa de Miss Maudie, querida—respondeu o Atticus com brandura. , Da nossa porta da frente víamos as labaredas irrompendo pelas janelas da sala de jantar da Miss

Maudie. E, como que a confirmar a nossa visão, a sirene dos bombeiros da cidade fez-se ouvir estridentemente até ao topo da escala e depois manteve-se nesse tom, em altos berros.

— Vai passar, não vai? — gemeu o Jem.

— Espero que sim — disse o Atticus. — Agora ouçam, os dois.

Desçam a rua e ponham-se em frente à Casa Radley. E mantenham-se fora do caminho, estão a ouvir? Vejam para que lado o vento está a soprar, está bem?

— Ahm — disse o Jem. — Atticus, achas que devemos começar a retirar a mobília?

— Ainda não, filho. Faz o que te digo. Vão-se embora. Toma conta da Scout, ouviste? Mantém-na debaixo de olho.

Com um empurrão, o Atticus guiou-nos para o portão da frente da Casa Radley.

Ficámos a ver a rua repleta de homens e carros enquanto o fogo devorava silenciosamente a casa de Miss Maudie.

— Mas por que é que eles não se despacham, por que é que eles não se despacham... - murmurava o Jem.

Depois vimos porquê. O velho camião dos bombeiros, morto de frio, estava a ser empurrado desde a cidade por uma multidão de homens. Quando os homens ligaram a sua mangueira a uma boca-de-incêndio, a mangueira rebentou e a água espalhou-se, inundando o pavimento.

— Ai meu Deus, Jem.

O Jem colocou o braço à minha volta.

— Calma, Scout — disse ele. — Ainda não é altura para preocupações. Eu digo-te quando for.

Os homens de Maycomb, uns mais vestidos, outros menos, mudaram a mobília de Miss Maudie de dentro de casa para o pátio do outro lado da rua. Vi o Atticus carregando a pesada cadeira de baloiço de Miss Maudie e pensei como era sensato da parte dele salvar o objecto que lhe era mais valioso.

Às vezes ouvíamos gritos. Depois, apareceu a cara de Mr. Avery numa das janelas do primeiro andar.

Atirou um colchão para a rua pela janela e começou a atirar a mobília até os homens gritarem: — Sai daí, Dick! As escadas estão quase a ir à vida! Saia daí, Mr. Avery!

Mr. Avery preparava-se para sair pela janela.

— Scout, ele está encurralado... — sussurrou o Jem. — Ai meu Deus...

Mr. Avery estava entalado na janela. Enterrei a minha cabeça debaixo do braço do Jem e só voltei a olhar quando o Jem gritou: — Ele soltou-se, Scout! Ele 'tá bem!

Olhei para cima e vi Mr. Avery a atravessar a varanda do primeiro andar. Passou as pernas por cima do corrimão e preparava-se para descer um pilar quando escorregou.

Caiu com um grito e acertou em cheio na sebe de Miss Maudie.

De súbito, reparei que os homens se afastavam da casa de Miss Maudie e que estavam agora a descer rua abaixo na nossa direcção. Já não carregavam mobília. O fogo já consumia o segundo andar e começava agora a abrir caminho para o telhado: os caixilhos das janelas eram molduras pretas contrastando com um centro laranja vivo. -

Jem, parece uma abóbora...—Scout, olha!

Rolos de fumo saíam da nossa casa e da de Miss Rachel como o nevoeiro sai das margens de um rio e os homens tentavam tudo para aproximar as mangueiras. Atrás de nós, o carro dos bombeiros de Abottsville apitou a sirene ao desfazer a curva, parando à frente da nossa casa.

— Aquele livro...—disse eu.

— O quê?—perguntou o Jem.

— Aquele livro do Tom Swift, não é meu, é do Dill...

— Não te preocupes, Scout, ainda não estás na altura de te preocupares—disse o Jem.

E depois apontou.

— Olha pr'á acolá.

O Atticus estava especado, mãos nos bolsos do sobretudo, juntamente com um grupo de vizinhos. Parecia que estava a assistir a um jogo de futebol. Miss Maudie estava ao lado dele.

— 'Tás a ver, ele ainda não está preocupado—disse o Jem.

— Mas por qu'ê qu'ele não 'stá no telhado duma das casas?

— É muito velho, ainda partia o pescoço.

— Achas que o devemos obrigar a tirar as nossas coisas de lá de dentro?

— Não o vamos incomodar, ele decerto saberá quando for a altura certa—reafirmou o Jem.

O camião dos bombeiros de Abbottsville começou a bombear água para a nossa casa; no telhado, um homem ia apontando para os sítios onde era mais precisa. Vi o nosso Hermafrodita Perfeito a ficar preto e a desmoronar-se; o chapéu de palha de Miss Maudie permanecia por cima do monte. Só não conseguia ver a sua tesoura de poda.

Com o calor que estava entre a nossa casa, a de Miss Rachel e a de Miss Maudie, os homens há muito que tinham despido os casacos e os roupões. Trabalhavam em pijama ou com as camisas de noite metidas dentro das calças, mas aos poucos fui-me apercebendo de que estava literalmente a congelar naquele sítio.

O Jem tentava manter-me quente, mas o braço dele não chegava.

Libertei-me dele e pus as mãos nos ombros. Se dançasse um bocadinho, era capaz de sentir os pés.

Surgiu outra viatura dos bombeiros e parou em frente da casa de Miss Stephanie Crawford. Como não havia boca-de-incêndio para outra mangueira, os homens tentaram molhar a casa dela com extintores.

O telhado de zinco de Miss Maudie ia conseguindo controlar as chamas. Rugindo, a casa desmoronou-se; o fogo espalhou-se por todo o lado, seguido por um tumulto de homens armados de cobertores que, do topo das casas adjacentes, tentavam apagar faúlhas e pedaços de madeira a arder.

O amanhecer despontou antes mesmo que os homens se comesçassem a ir embora, primeiro um a um, depois em grupo. Empurraram o caminhão dos bombeiros de Maycomb de volta até à cidade, o caminhão de Abbottsville partiu e só o terceiro ficou. No dia seguinte, descobrimos que tinha vindo de Clark's Ferry, a quase cem quilómetros de distância.

Eu e o Jem atravessámos a rua. Miss Maudie estava parada a olhar para o buraco negro fumegante no seu terreno e o Atticus fez-nos sinal com a cabeça alertando-nos de que ela não queria falar. Levou-nos para casa, abraçado a nós, como que a aconchegar-nos face àquela rua gelada. Disse que Miss Maudie iria ficar em casa de Miss Stephanie durante algum tempo.

— Alguém quer chocolate quente? — perguntou. Estremeci quando o Atticus acendeu o fogão da cozinha.

Enquanto bebíamos o nosso cacau, reparei que o Atticus estava a olhar para mim, primeiro com curiosidade, depois com severidade.

— Pensei que vos tinha dito para ficarem quietos — começou.

— Porquê, mas nós ficámos. A sério que ficámos...

— Então de quem é esse cobertor?

— Cobertor?

— Sim, senhora, cobertor. Não é nosso.

Olhei para baixo e reparei que estava embrulhada num cobertor de lã castanho que me cobria os ombros, à moda índia, tipo squaw.

— Atticus, não sei, mas pai... eu...

Olhei para o Jem à espera de uma resposta, mas o Jem ainda estava mais atónito do que eu. Ele disse que não sabia como tinha ido ali parar, pois tínhamos feito exactamente o que o Atticus nos tinha dito, mantendo-nos em frente do portão da Casa Radley longe de todos, sem nos mexermos um milímetro — o Jem calou-se.

— Mr. Nathan estava no incêndio — balbuciou. — Eu vi-o, eu vi-o, estava a puxar aquele colchão — eu juro, Atticus...

— Tudo bem, filho — o Atticus esboçou um sorriso. — De qualquer forma, parece que Maycomb em peso esteve cá fora esta noite.

Jem, acho que há algum papel de embrulho na despensa. Vai buscá-lo para começarmos a...

— Por favor Atticus, não! ; , O Jem parecia que endoidecera de vez. Começou a contar a torto e a direito todos os nossos segredos com total indiferença à minha segurança, se

não também à dele, não deixando escapar nada, o buraco da árvore, as calças, tudo, tudo.

—Mr. Nathan pôs cimento naquela árvore, Atticus, e fê-lo p'ra nos impedir de encontrar lá coisas.—Eu acho qu'ele é doido, tal como dizem, mas Atticus, eu juro por Deus qu'ele nunca nos fez mal, nunca nos fez mal, e naquela noite ele podia ter cortado a minha garganta de orelha a orelha, mas em vez disso tentou remendar as minhas calças... ele nunca nos fez mal, Atticus...

O Atticus interrompeu-o, dizendo «Pronto, calma, filho», tão gentilmente que eu fiquei bastante animada. Era óbvio que não tinha percebido uma palavra do que o Jem tinha dito, por isso apenas disse:—Tens razão. É melhor guardarmos isto e o cobertor para nós.

Talvez um dia a Scout lhe possa agradecer por a ter coberto.

— Agradecer a quem?—perguntei.

— Ao Boo Radley. Estavas tão distraída a olhar para o incêndio que não reparaste quando ele te colocou o cobertor pelas costas.

Senti o meu estômago às voltas e quase vomitei quando o Jem agarrou no cobertor e se aproximou de mim.

— Ele escapou-se da casa... deu uma volta... e voltou a esquivar-se para dentro, assim, num abrir e fechar de olhos!

O Atticus disse secamente:

— Espero que isto não te sirva de inspiração para futuras proezas, Jeremy.

O Jem começou a troçar:

— Não lhe vou fazer nada—só que eu bem via aquela centelha, sinal de novas aventuras, no seu olhar.

— Imagina só, Scout—disse ele—se te tivesses voltado, tinha-lo visto.

A Calpurnia acordou-nos ao meio-dia. O Atticus disse que naquele dia não precisávamos de ir para a escola, já que não se aprendia nada sem uma boa noite de sono. A Calpurnia disse para tentarmos limpar o pátio da frente.

O chapéu de palha de Miss Maudie estava suspenso sobre uma fina camada de gelo, como uma mosca no mel e tivemos de escavar no meio da sujeira para encontrar a tesoura de poda. Fomos encontrá-la no quintal das traseiras a olhar para as azáleas geladas e carbonizadas.

— Viemos devolver-lhe as suas coisas, Miss Maudie—disse o Jem.

— Lamentamos muito.

Miss Maudie olhou em volta e a sombra do seu velho sorriso voltou a encher o seu rosto.

— Sempre quis ter uma casa mais pequena, Jem Finch. Assim tenho mais terreno. Já viste, agora tenho mais espaço para as minhas azáleas!

— Não 'stá a sofrer, Miss Maudie?—perguntei eu, surpreendida.

O Atticus tinha-me dito que aquela casa era praticamente tudo o que ela tinha.

— A sofrer, querida? Porquê? Detestava aquele estábulo. Pensei em pegar-lhe fogo aí umas cem vezes, mas acho que ainda ia parar à cadeia.

— Mas...

— Não te preocupes comigo, Jean Louise Finch. Há formas de se fazer as coisas que ainda não conheces. Agora vou construir uma casa mais pequena e arranjar um par de hóspedes... e, se Deus quiser, terei o melhor quintal de todo o Alabama. E quando eu começar aqueles Bellingraths vão ficar roídos de inveja.

Eu e o Jem entreolhámo-nos:—Como é que o fogo se ateou, Miss Maudie?—perguntou ele.

— Não sei, Jem. Provavelmente devido à fuligem na chaminé da cozinha. Na noite passada deixei o fogão aceso para aquecer umas plantas que tinha nos vasos. Ouvi dizer que tiveste uma companhia inesperada a noite passada, Jean Louise.

— Como é que sabe?

— Foi o Atticus que me contou, esta manhã, a caminho da cidade. Olha, sou-te sincera, gostava de ter estado contigo. E teria tido a esperteza suficiente para olhar para trás.

Miss Maudie deixou-me intrigada. Tinha perdido a maior parte dos seus bens, o seu amado quintal estava arruinado e, mesmo assim, mantinha aquele interesse vivo e cordial pelos nossos assuntos.

Eu acho que ela se apercebeu da minha perplexidade. E disse:—A única coisa que me preocupou na noite passada foi o perigo e o sobressalto causados. Podia ter destruído o bairro todo. Mr. Avery ainda vai estar de cama uma semana -, está todo chamuscado, coitado.

É muito velho para fazer coisas como aquela e eu bem que o avisei. Quando melhorar das mãos e quando Miss Stephanie Crawford não estiver a olhar, vou-lhe fazer um bolo recheado com frutos secos. Aquela Stephanie já anda atrás da minha receita há trinta anos e se ela pensa que eu agora lha vou dar só por estar em casa dela, está muito enganada.

Pensei que, mesmo que Miss Maudie cedesse e lha desse, ela nunca o conseguiria fazer. Certo dia, Miss Maudie tinha-me deixado assistir: entre outras coisas, a receita exigia uma grande chávena de açúcar.

O dia estava calmo e tranquilo. O ar estava tão frio e cristalino que ouvíamos o barulho do carrilhão do relógio do tribunal, a chocalhar e a ranger, antes de dar as horas.

O nariz de Miss Maudie tinha uma cor nunca antes vista por mim e perguntava-me porquê.

— Estou aqui fora desde as seis da manhã—respondeu ela.

— A esta hora já devia estar congelada.—Ergueu as mãos. Uma rede de minúsculas

linhas cruzava-lhe as palmas das mãos, castanhas e sujas de terra e de sangue seco.

— Estragou-as todas — disse o Jem. — Por que não arranja um criado preto?

Não havia qualquer nota de sacrifício na sua voz quando, mais tarde, acrescentou:—

Ou então, eu e a Scout, nós podemos ajudá-la.

Miss Maudie respondeu:

— Obrigado, amigo, mas o teu trabalho é acolá. — E apontou para o nosso quintal.

— 'Tá-se a referir ao hermafrodita? — perguntei eu. — Sabe que mais, a gente despacha aquilo num instante!

Miss Maudie ficou a olhar para mim, mexendo os lábios silenciosamente.

De repente, levou as mãos à cabeça e começou a rir.

Quando a deixámos, ainda se estava a rir.

Jem disse que não sabia bem o que se passava com ela — mas que aquela era mesmo a

Miss Maudie.

— RETIRA JÁ O QUE DISSESTE, RAPAZ!

Esta ordem, dada por mim ao Cecil Jacobs, marcava o início de tempos um tanto ou quanto conturbados, tanto para mim, como para o Jem. Cerrei os punhos e estava pronta para atacar. O Atticus já tinha prometido que me castigava se soubesse que eu tinha andado à pancada; já era bem crescadinha para coisas tão infantis, e quanto mais cedo aprendesse a controlar-me, melhor seria para todos. Mas depressa me esqueci de tudo isso.

A culpa foi toda do Cecil Jacobs. Tinha andado a dizer no recreio da escola que o paizinho da Scout Finch defendia os pretos.

Eu neguei-o, mas depois até contei ao Jem.

— O qu'ê qu'ele q'ria dizer com aquilo? — perguntei.

— Nada — disse o Jem. — Pergunta ao Atticus, ele explica-te.

— Defendes pretos, Atticus? — perguntei-lhe eu nessa mesma tarde.

— Claro que sim. Não digas preto, Scout. É feio.

— Mas é o qu'toda a gente diz na escola. '' — Então, a partir de agora passa a ser toda a gente, menos uma pessoa...

— Mas então, se não queres que cresça a falar desta maneira, por que é que me mandas p'rá escola?

O meu pai olhou para mim de forma indulgente. Via-se que estava obviamente divertido. Apesar do nosso compromisso, a minha campanha para evitar a escola tinha continuado aqui e ali, desde a minha primeira dose de aula: o início de Setembro último tinha trazido consigo depressões, tonturas e leves queixas gástricas. Cheguei ao ponto de pagar uma moeda só para ter o privilégio de esfregar a minha cabeça contra a do filho da cozinheira, Miss Rachel, que sofria de tremendas impigens. Não adiantou.

Só que agora havia outra coisa que me apoquentava.

— Todos os advogados defendem pré...negros, Atticus?

— Claro que sim, Scout.

— Então, por que é que o Cecil diz que tu defendes pretos? É que ele deu a entender que fazes alguma coisa fora do vulgar.

O Atticus suspirou:

— Neste momento estou a defender um negro... chama-se Tom Robinson. Vive naquela pequena casa que fica para além da lixeira da cidade. É membro da igreja da Calpurnia e a Cal conhece bem a família dele. Diz que são gente honesta. Scout, ainda não tens idade para compreender determinadas coisas, mas correm alguns rumores na cidade acerca deste caso e dizem que eu não devia fazer muito para defender este homem. É um caso peculiar... só será julgado na audiência de Verão. O juiz John Taylor

foi suficientemente simpático para nos conceder um adiamento...

— Se não o devias estar a defender, então por que é que o fazes?

— Por muitas e variadas razões—respondeu o Atticus.—A principal é que, se não o defendesse, não poderia andar de cabeça erguida na cidade, não poderia representar este condado na comissão legislativa, nem sequer te poderia dar ordens a ti e ao Jem.

— Queres dizer que se não defendesses aquele homem, eu e o Jem não tínhamos de nos ralar mais?

— Correcto.—Porquê?—Porque nunca mais vos podia dizer para me obedecerem.

Scout, devido à natureza do seu trabalho, ao longo da sua vida um advogado tem sempre um caso que o afecta a nível pessoal. Penso que este é o meu. Com certeza vais ouvir algumas coisas desagradáveis na escola, mas faz-me um grande favor: mantém a cabeça levantada e os punhos em baixo. Não liguês ao que te possam dizer e, sobretudo, não deixes que eles te irritem. Tenta, para variar, lutar com a cabeça... vais ver que é uma boa solução, embora custe a aprender.

— Atticus, vais ganhar o caso?

— Não, querida.

— Então, mas porque...

— Lá porque fomos derrotados há cem anos, não significa que agora não possamos tentar ganhar—disse o Atticus.

— Pareces mesmo o primo Ike Finch—disse eu. O primo Ike Finch era o único sobrevivente de Maycomb County da guerra da Secessão. Usava uma barba tipo general Hood na qual depositava extremo orgulho. Pelo menos uma vez por ano, eu e o Jem íamos visitá-lo e eu tinha de lhe dar um beijo. Era horrível. Depois, eu e o Jem ficávamos a ouvir respeitosamente ele e o Atticus a reviver a guerra.

— Digo-te uma coisa, Atticus—dizia o primo Ike—o que nos derrotou foi o Compromisso do Missouri, mas se pudesse voltar atrás repetia passo a passo o que fiz e desta vez havíamos de os vencer... agora em 1864 quando apareceu o Stonewall Jackson... desculpem lá crianças. Nessa altura já o velho Blue Light estava no céu, Deus dê descanso à sua alma...

— Anda cá, Scout—disse o Atticus. Subi para o colo dele e aninhei-me, encaixando a cabeça debaixo do queixo dele. Ele pôs os braços à minha volta e começou a embalar-me suavemente.

— Só que desta vez é diferente—disse ele.—Desta vez não estamos a lutar contra os ianques, estamos é a lutar contra os nossos amigos. Mas lembra-te de uma coisa, por mais complicadas que as coisas se tornem, eles continuam a ser nossos amigos e esta continua a ser a nossa casa.

Com este pensamento em mente, no dia seguinte decidi enfrentar o Cecil Jacobs no pátio da escola:—Tão, vais retirar o que disseste, rapaz?

— Ora obriga-me! — gritou ele. — Os meus pais disseram qu’o teu era uma vergonha e c’aquele preto devia ser enforcado no depósito da água!

Preguei-lhe um soco, mas depois lembrei-me do que o Atticus tinha dito, baixei os punhos e virei-lhe as costas, escutando-o aos gritos: — A Scout é uma ganda co... barde! — Foi a primeira vez que desisti de uma luta.

De certo modo, se tivesse lutado com o Cecil estaria a desiludir o Atticus. O Atticus raramente me pedia a mim ou ao Jem para fazermos alguma coisa por ele. Acho que por ele, aguentava ser chamada de cobarde. Sentia-me extremamente nobre por me ter lembrado e assim permaneci durante três semanas. Depois veio o Natal e foi então que a bomba explodiu.

Eu o Jem víamos o Natal com sentimentos antagónicos. O seu lado bom era a árvore e o tio Jack Finch. Todas as vésperas de Natal, lá íamos nós buscar o tio Jack a Maycomb Junction e ele passava uma semana connosco.

O reverso da medalha era caracterizado pelos traços intransigentes da tia Alexandra e do Francis.

Penso que também devo incluir o tio Jimmy, o marido da tia Alexandra, mas como ele nunca na vida me tinha dirigido a palavra excepto uma vez para dizer, «Sai de cima da cerca», não via razão para o incluir. Nem tão pouco à tia Alexandra. Há muito tempo atrás, num acesso de pura amizade, a minha querida titi e o tio Jimmy produziram um filho, de seu nome Henry, que saiu de casa, tão rápido quanto lhe foi humanamente possível, casou e, por seu turno, acabou por gerar o Francis.

Todos os Natais, o Henry e a sua esposa depositavam o Francis nos avós para depois partirem em busca dos seus próprios prazeres.

Não havia nostalgia suficiente que levasse o Atticus a deixar-nos passar o dia de Natal em casa. Desde que me lembro, que passávamos todos os Natais na Plantação Finch. O facto de a tia ser uma boa cozinheira compensava o facto de ser obrigada a passar um feriado religioso com o Francis Hancock. Era um ano mais velho do que eu e, regra geral, eu fazia tudo para o evitar: gostava de tudo o que eu desaprovava e detestava as minhas engenhosas brincadeiras.

A tia Alexandra era irmã do Atticus, mas quando o Jem me contou histórias acerca de trocas e confusões entre irmãos, decidi logo que ela devia ter sido trocada à nascença e que talvez os meus avós tivessem recebido uma Crawford em vez de uma Finch. Se alguma vez tivesse acolhido aquelas noções místicas sobre montanhas que tanto parecem obcecar os advogados e os juízes, então a tia Alexandra seria comparável ao Monte Everest: ao longo da minha infância, ela foi sempre fria e distante e, no entanto, imperturbavelmente presente.

Quando o tio Jack saltou do comboio na véspera de Natal, tivemos de esperar que o bagageiro lhe entregasse dois grandes embrulhos. Eu e o Jem achávamos sempre piada

quando o tio Jack dava um beijo na cara do Atticus; eram os únicos dois homens que alguma vez vi a beijarem-se. O tio Jack dava um aperto de mão ao Jem e pegava em mim, lançando-me bem alto no ar; a bem dizer, não o suficientemente alto: é que o tio Jack era um palmo mais baixo do que o Atticus; o benjamim da família, era mais novo do que a tia Alexandra. Ele e a nossa tia eram parecidos, mas o tio Jack era bem mais favorecido em termos de cara: raramente nos apercebíamos do seu queixo e nariz afiados.

Era dos poucos homens de ciência que não me amedrontavam, muito provavelmente porque nunca se comportava como um médico.

Quando desempenhava um pequeno serviço a mim ou ao Jem, como retirar uma farpa de um pé, dizia-nos exactamente o que estava a fazer, dava-nos sempre uma estimativa de quanto ia doer e que uso iria dar a alguma pinça que utilizasse. Certo Natal andava eu a fugir pelos cantos, às voltas com uma farpa espetada no pé, não deixando que ninguém se chegasse perto de mim. Quando o tio Jack me apanhou, pôs-me logo a rir, contando-me uma história de um padre que detestava tanto ir à igreja que ficava parado todos os dias no portão da frente de sua casa, enfiado na sua batina, a fumar narguilé e a pregar sermões de cinco minutos aos transeuntes que desejassem algum conforto espiritual. Interrompi-o só para lhe pedir que me avisasse quando a ia arrancar, mas nessa altura já ele segurava uma farpa ensanguentada num par de pinças e disse que a tinha extraído enquanto me ria e que, no fundo, aquilo era o que vulgarmente se chamava «relatividade».

— O que é que está dentro daquelas caixas?—perguntei-lhe, apontando para uns pacotes finos e compridos que o bagageiro lhe tinha dado.

— Não tens nada a ver com isso—respondeu.

O Jem disse:

— Como vai a Rose Aylmer?

A Rose Aylmer era a gata do tio Jack. Era uma bela fêmea de cor amarela e o tio Jack disse que era uma das poucas mulheres que conseguia suportar permanentemente.

Meteu a mão no bolso e tirou algumas fotografias. Ficámos a admirá-las.

— Está mais gorda—disse eu.

— Também acho que sim. Come todos os restos, orelhas e dedos que lhe trago do hospital.

— Ena pá, o raio dessa história é mesmo de partir o coco! disse eu.

— O quê?

O Atticus interrompeu:

— Não lhe prestes atenção, Jack. Só te está a pôr à prova. A Cal diz que ela anda a praguejar há uma semana.

O tio Jack levantou as sobrancelhas e não disse nada. A minha teoria obscura era que, para além da atracção inata por aquelas palavras, se o Atticus descobrisse que eu as tinha

aprendido na escola, talvez me proibisse de ir mais para lá.

Mas naquela noite, ao jantar, quando lhe pedi para ele me pás-sar por favor o raio do fiambre, o tio Jack apontou para mim.

— Depois falamos, minha menina—ameaçou.

Quando acabámos de jantar, o tio Jack foi para a sala de estar e sentou-se. Bateu nas coxas para eu me ir sentar no colo dele.

Gostava do seu cheiro: era como uma garrafa de álcool, só que misturada com alguma coisa agradavelmente doce. Puxou as minhas repas para trás e olhou para mim.

— Pareces-te mais com o Atticus do que com a tua mãe—disse ele.—E também me andas a sair um bocado da casca.

— Acho que já não sou nenhum pinto...

— Com que então agora gostas de palavras como «raio» e «diabo», não gostas?

Reconheci que sim.

— Pois eu não gosto mesmo nada—disse o tio Jack—a não ser que haja extrema provocação ligada a elas. Olha, vou estar aqui uma semana e não quero ouvir esse género de palavras enquanto aqui estiver, está bem? Olha que ainda te vais meter em sarilhos se continuares a falar assim, Scout. Tu queres ser crescida e queres ser uma senhora, não queres?

Eu respondi que nem por isso.

— Claro que queres. Anda, agora vamos fazer a árvore.

Estivemos a decorar a árvore até à hora de ir dormir e nessa noite sonhei com dois enormes presentes destinados a mim e ao Jem. Na manhã seguinte, eu o Jem, fomos direitinhos à procura deles: eram do Atticus, que tinha escrito ao tio Jack para as trazer para nós e correspondiam exactamente àquilo que nós tínhamos pedido.

— Não a apontes dentro de casa—advertiu o Atticus, quando o Jem apontou a espingarda para um quadro na parede.

— Tens de os ensinar a disparar—disse o tio Jack.

— Essa é a tua função—disse o Atticus.—Limitei-me a adiar o inevitável.

O Atticus teve de fazer uso da sua voz de tribunal para nos obrigar a afastar da árvore. Não permitiu que levássemos as nossas espingardas de pressão de ar para a Plantação (confesso que já estava a imaginar alvejar o Francis) e disse que se déssemos um passo em falso as retiraria de vez das nossas mãos.

A Plantação Finch consistia numa ribanceira de trezentos e sessenta e seis degraus que desciam a pique até culminarem num cais. A jusante do rio, depois da ribanceira, havia vestígios de uma velha plantação de algodão, onde os negros Finch tinham carregado fardos e outros produtos agrícolas, descarregado blocos de gelo, farinha e açúcar, equipamento de lavoura e vestuário feminino.

Um pequeno caminho de bois estendia-se ao longo da margem do rio e desaparecia

na escuridão das árvores. No fim dessa estrada havia uma casa branca de dois andares com varandas a toda a volta, em cima e em baixo. O nosso antepassado, Simon Finch, tinha-a construído na sua velhice para agradar à sua irritante mulher; porém, qualquer semelhança com as outras casas da época terminava apenas nas varandas. A decoração interior da mansão Finch era um reflexo da sua absoluta ingenuidade e da total confiança que Simon depositava na sua prole.

No andar de cima havia seis quartos, quatro para as oito meninas, um para o Welcome Finch, o seu único filho, e ainda outro para as visitas. Tudo bastante simples; só que o acesso aos quartos das filhas apenas podia ser feito por um lanço de escadas, enquanto o acesso aos quartos do Welcome e das visitas era feito por outra escadaria.

Dado que a Escadaria das Meninas terminava no quarto dos pais, no rés-do-chão, Simon sabia sempre as horas das entradas e saídas nocturnas das filhas.

Havia uma cozinha separada do resto da casa, cujo acesso era feito através de um passadiço de madeira; no quintal das traseiras existia um sino ferrugento pendurado num poste que servia para chamar os trabalhadores dos campos ou como sinal de alerta; no telhado havia um varandim tipo «passeio das viúvas», só que nenhuma viúva passeava por ali—era daí que Simon supervisionava o capataz, observava os barcos no rio e bisbilhotava as vidas dos outros latifundiários da vizinhança.

Com a casa havia também a habitual lenda sobre os ianques: uma das mulheres Finch, noiva há pouco tempo, vestiu o seu enxoval completo para a salvar dos invasores que se aproximavam; ficou, entretanto, presa na porta da Escadaria das Meninas, mas molharam-na toda e ela finalmente lá conseguiu soltar-se. Quando chegámos à Plantação, a tia Alexandra beijou o tio Jack, o Francis beijou o tio Jack, o tio Jimmy deu um aperto de mão silencioso ao tio Jack e eu e o Jem demos os nossos presentes ao Francis, que por sua vez também nos deu um presente. O Jem tomou, de repente, consciência da sua idade e gravitou rapidamente para a órbita dos adultos, deixando-me a entreter o meu primo. O Francis tinha oito anos e o cabelo penteado para trás.

— O que é que recebeste no Natal?—perguntei educadamente.

— Mesmo aquilo que tinha pedido—respondeu-me. O Francis tinha pedido um par de calções, uma pasta para os livros em couro vermelho, cinco camisas e um laço.

— Isso é muito giro—menti eu.—Olha eu e o Jem tivemos umas espingardas de pressão de ar e o Jem ainda teve um estojo de química...

— Um de brincar?

— Não, um de verdade. Vai-me fazer tinta invisível para eu depois escrever ao Dill com ela.

O Francis perguntou qual a utilidade daquilo.

— Bem, imagina só a cara dele quando receber uma carta minha sem nada escrito?

Vai ficar todo maluco!

Falar com o Francis dava-me a sensação de estar a descer lentamente até ao fundo do mar. Era a criança mais aborrecida que algum dia tinha conhecido. Como vivia em Mobile, não podia fazer queixa de mim às autoridades escolares, mas lá arranjava maneira de ir contar tudo o que sabia à tia Alexandra, que por sua vez descarregava tudo no Atticus, que ou o esquecia ou me infernizava a vida, dependendo da sua vontade. Mas a única vez que vi o Atticus a falar agressivamente para alguém foi numa altura em que o ouvi dizer:—Mana, eu faço o melhor que posso com eles!—Acho que tinha alguma coisa a ver com o facto de eu andar de jardineiras.

O tema do meu vestuário era uma verdadeira obsessão para a tia Alexandra.

Nunca mais me tornaria numa senhora se usasse calções; quando eu lhe disse que para mim um vestido não tinha utilidade nenhuma, ela respondeu-me que não era suposto eu andar a fazer coisas que exigissem um par de calças. A visão da tia Alexandra sobre o meu comportamento envolvia brincar com pequenos fogões, serviços de chá e usar o colar de pérolas que ela me tinha dado quando eu nasci; além disso, eu devia era ser um raio de sol na solitária vida do meu pai. Eu lembrei-a que também se pode ser um raio de sol com calças, mas a tia contra-argumentou que nos tínhamos de comportar como um raio solar, que eu nascera boazinha, mas que cada ano que passava eu estava pior.

Magoava-me constantemente e deixava-me os nervos em franja, mas quando contei tudo ao Atticus, ele sossegou-me, dizendo que já havia raios de sol que chegassem na família e para eu continuar a viver a minha vida, que ele não se importava muito com a minha maneira de ser.

No jantar de Natal, fiquei sentada numa pequena mesa na sala de jantar; o Jem e o Francis ficaram sentados à mesa de jantar com os adultos. A minha querida tia insistia em isolar-me, mesmo depois do Jem e do Francis terem sido promovidos para a mesa grande.

De vez em quando punha-me a imaginar o que é que ela pensava que eu era capaz de fazer. Levantar-me da mesa e atirar com qualquer coisa? Às vezes apetecia-me pedir-lhe para ela me deixar sentar à mesa grande com as outras pessoas, para que lhe pudesse mostrar como eu era civilizada; afinal de contas, comia todos os dias em casa sem contratempos de maior. Quando pedi ao Atticus para fazer uso da sua influência, ele disse que não tinha nenhuma—éramos convidados, e sentávamo-nos onde nos indicassem. Depois aproveitou para dizer que a tia Alexandra não compreendia muito bem as raparigas pois nunca tinha tido uma.

Mas os seus cozinhados desculpavam tudo: três tipos de carne, legumes de Verão vindos directamente das prateleiras da sua dispensa, pêssego em conserva, dois tipos de bolo e ambrósia, esta era a ementa do nosso modesto jantar de Natal. Mais tarde, os adultos dirigiram-se à sala de estar e sentaram-se num ligeiro estado de ébria sonolência.

O Jem deixou-se ficar deitado no chão e eu fui para o quintal das traseiras.

— Veste o casaco—disse o Atticus meio nas nuvens, por isso não lhe obedeci.

O Francis sentou-se atrás de mim nos degraus.

— Este foi sem dúvida o melhor jantar que tivemos—comecei.

— A avó é uma ótima cozinheira—disse o Francis.—E vai ensinar-me.

— Os rapazes não cozinham—dei uma risada ao imaginar o Jem de avental.

— A avó diz que todos os homens deviam aprender a cozinhar, qu'os homens devem ser cuidadosos com as suas mulheres e tomar conta delas quando elas não se sentem bem—afirmou o meu primo.

— Eu quero lá que o Dill me sirva—disse eu.—Prefiro é servi-lo a ele.

— O Dill?

— Sim. Não contes a ninguém, mas logo que formos suficientemente crescidos vamos casar. Pedeu-me em casamento no Verão passado.

O Francis pôs-se a gozar.

— Mas qu'ele tem de mal?—perguntei eu.—Não há mal nenhum com ele.

— Queres dizer aquele lingrinhas de que a avó fala que vai para casa de Miss Rachel todos os Verões?

— Esse mesmo.

— Sei tudo sobre ele—disse o Francis.

— E o que é que sabes?

— A avó diz que ele não tem casa... ,—Tem pois, vive em Meridian.

— ...que anda às bolandas, de parente em parente» e que Miss Rachel fica com ele durante o Verão.

— Isso é mentira, Francis!

O Francis sorriu para mim.

— Às vezes és mesmo burra, Jean Louise. És mesmo tapada e as coisas passam-te ao lado, não é?

— O que é que queres dizer com isso?

— Se o tio Atticus te deixa andar com cães vadios, isso é lá com ele, como a avó diz, por isso a culpa não pode ser tua. Se calhar até não tens culpa por o Atticus ser amigalhaço dos negros, mas o qu' te digo é qu'isso anda a preocupar o resto da família...

— Francis, que diabo queres dizer?

— Apenas aquilo que já te disse. A avó diz que já é mau ele deixar-te andar por aí a vadiar, mas agora que se tornou amigalhaço dos negros nunca mais poderemos voltar a andar pelas ruas de Maycomb. Está a arruinar a família, é isso que ele está a fazer.

O Francis levantou-se e correu pelo passadiço de madeira até à velha cozinha.

Quando atingiu uma margem de segurança gritou:—Não passa é de um amiguinho dos negros!

— Não é nada! — rugiu eu. — Não sei do que tás a falar, mas é bom que o retires neste preciso momento!

Pus-me de pé num pulo e comecei a correr pelo passadiço abaixo. Foi fácil apanhar o Francis pelo colarinho. Ordenei que ele retirasse depressa o que tinha dito.

O Francis deu um puxão para trás, soltou-se e enfiou-se na cozinha velha: — Amigalhaço dos negros! — gritou.

Quando se está a perseguir uma presa, o melhor é fazê-lo com tempo. Se não falarmos, é tão certo como dois e dois serem quatro que ela acaba por ficar impaciente e sai da toca. O Francis apareceu à porta da cozinha.

— Ainda estás zangada, Jean Louise? — perguntou ele, cauteloso.

— Não há nada p'ra falar — disse eu.

O Francis veio para o passadiço.

— Vais retirar o que disseste, Fra... ancis? — só que dei demasiado nas vistas. O

Francis fugiu para a cozinha, por isso retirei-me "para os degraus. Podia esperar pacientemente. Estava sentada há cinco minutos quando ouvi a tia Alexandra perguntar: — Onde é que está o Francis?

— Anda acolá a brincar na cozinha. — Ele sabe que não pode andar a brincar ali.

O Francis veio à porta e gritou: — Avó, ela trancou-me aqui e agora não me deixa sair!

— O que é que se passa, Jean Louise?

Virei a cabeça para cima e encarei a tia Alexandra: — Não o tranquei nada ali, tia, nem o estou a prender.

— Está sim, avó — gritou o Francis — ela não me deixa sair!

— Estiveram a discutir?

— A Jean Louise está fula comigo, avó — disse o Francis.

— Francis, anda cá! Jean Louise, se ouço mais outra queixa acerca de ti, faço queixa ao teu pai. Pareceu-me ouvir-te dizer «diabo» há bocado, é verdade?

— Não, s'nhora.

— É que me pareceu. Espero bem não tornar a ouvir essas coisas.

A tia Alexandra era uma coscuvilheira. Quando ela virou costas o Francis veio cá para fora com a cabeça erguida a rir-se.

— Não te metas comigo — ameaçou.

Saltou para o quintal e manteve a distância, pontapeando tufo de erva e voltando-se de vez em quando a rir-se para mim. O Jem veio à varanda, olhou para nós, e voltou para dentro. O Francis trepou à acácia, desceu, meteu as mãos nos bolsos e começou a passear à volta do quintal.

— Ah! — recomeçou.

Perguntei-lhe quem é que ele pensava que era, o tio Jack?

O Francis disse que como me tinham dado uma valente descompostura, eu devia mas

era ficar sentada e deixá-lo em paz.

— Eu nem te estou a incomodar—disse eu.

O Francis olhou-me de alto a baixo, concluiu que eu já tinha sido suficientemente humilhada e sussurrou em tom suave e provocador:— Amiguinho dos negros...

Desta é que foi de vez e até esfolei os nós dos dedos contra os dentes dele. Como fiquei lesionada na esquerda, aproveitei para lhe acertar com a direita, mas não por muito tempo. É que o tio Jack prendeu-me os braços e disse:—Quieta, já!

A tia Alexandra começou a tratar do Francis, enxugando-lhe as lágrimas com o lenço, ajeitando-lhe o cabelo e fazendo-lhe festinhas na cara. O Atticus, o Jem e o tio Jimmy já tinham assomado à varanda das traseiras quando o Francis começou aos gritos:—Quem é que começou?—perguntou o tio Jack.

Eu e o Francis apontámos um para o outro.

— Avó—balbuciou ele -, ela chamou-me pega e saltou para cima de mim!—É verdade, Scout?—questionou o tio Jack.

— Se ele o diz.

Quando o tio Jack olhou para mim, as suas feições ficaram parecidas com as da tia Alexandra.

— Sabes que te disse que ainda te ias meter em sarilhos se usasses esse tipo de linguagem? Eu avisei-te, não avisei?

— Sim, senhor, mas...

— Bom, e cá estás tu metida num sarilho e dos grandes. Fica aí.

Pus-me a pensar com os meus botões para ver se havia de ficar ou fugir, só que demorei tempo demais a tomar uma decisão: tentei virar-me para escapar, mas o tio Jack foi mais rápido. Num abrir e fechar de olhos e lá estava eu, estendida no meio do relvado, observando uma formiguinha a debater-se com uma pequena migalha de pão.

— Enquanto for viva, nunca mais te falo! Detesto-te, desprezo-te e espero que morras amanhã!

Frase esta que, aliás, pareceu dar ainda mais ânimo ao tio Jack.

Corri para o Atticus em busca de algum conforto, mas ele disse que eu já sabia que aquilo ia acabar por acontecer e que o melhor era irmos para casa porque já era tarde.

Subi para o assento de trás do carro sem me despedir de ninguém e, uma vez chegada a casa, corri para o meu quarto e bati com a porta. O Jem tentou dizer alguma coisa agradável, mas não o deixei.

Quando fiz a inspecção geral aos danos reparei que só havia sete ou oito marcas vermelhas e estava a reflectir sobre a sua relatividade quando alguém bateu à porta.

Perguntei quem era; respondeu-me o tio Jack.

— Vai-te embora!

O tio Jack disse que se eu lhe voltasse a falar assim ele voltava a dar-me uma surra,

por isso manteve-me calada. Quando ele entrou no quarto refugiei-me num canto e virei-lhe as costas.

— Scout—disse ele —, ainda estás zangada comigo?

— Por favor, vai-te embora, tio.

— Mas porquê, se queres que te diga, achei que tu não ias ficar chateada comigo

- disse ele.—Mas sabes, tu desiludiste-me... e já sabias que isso ia acontecer.

— Não sabia nada!

— Querida, não podes andar por aí a insultar as pessoas...

— Não 'tás a ser justo—disse eu—não 'tás a ser justo.

O tio Jack ergueu as sobrancelhas.

— Injusto? Mas porquê?

— Tu és muito simpático, tio Jack, e acho que vou continuar a gostar de ti mesmo depois do que me fizeste, só que tu não compreendes bem as crianças.

O tio Jack colocou as mãos nas ancas e olhou para mim:—E por que é que eu não compreendo as crianças, menina Jean Louise? Uma conduta igual à que tiveste exige muito pouca compreensão.

Tu foste indisciplinada, desordeira e malcriada...

— Dás-me uma oportunidade para te explicar? Não te quero chatear, só quero que me deixem falar.

O tio Jack sentou-se na cama. Uniu as sobrancelhas e começou a observar-me por baixo delas.

— Continua—pediu.

Eu respirei fundo.

— Bem, em primeiro lugar, tu nem sequer paraste p'ra me deixar contar-te a minha versão... caíste logo em cima de mim. Quando normalmente eu e o Jem brigamos o Atticus nunca ouve só a versão da história do Jem, ouve a minha tam'em e, em segundo lugar, ele disse-me p'ra só dizer asneiras em casos de provocação extrema e o Francis provocou-me o suficiente p'ra lhe arrancar a pinha...

O tio Jack coçou a cabeça.

— E qual é a tua versão da história, Scout?

— O Francis pôs-se a chamar nomes ao Atticus e eu quis que ele retirasse o que disse.

— E o que é que o Francis lhe chamou?

— Amiguinho dos negros. Não sei bem o qu'è qu'isso quer dizer, mas a forma como Francis o disse... bom, agora deixa-me que te diga uma coisa, tio Jack, raios m'... juro por Deus que não volto a deixá-lo sentar-se ali a dizer coisas do Atticus.

— Foi isso que ele chamou ao Atticus?

— Sim, senhor, chamou, e muito mais. Disse que o Atticus ia ser a ruína da família e que me deixavam a mim e ao Jem andar por aí a vadiar...

Pela expressão no rosto do tio Jack, pensei que estava metida de novo em maus lençóis. Mas quando ele me disse «Temos de tratar do assunto» eu sabia que o Francis é que estava em maus lençóis.

— Ora aí está um óptimo motivo para ir lá esta noite.

— Por favor, deixa estar. Por favor.

— De modo nenhum. Não tenciono deixar as coisas assim disse ele.—É preciso que a Alexandra esteja a par disto. Só pensar que... espera até eu pôr as mãos naquele rapaz...

— Tio Jack, por favor promete-me uma coisa, por favor. Promete que não contas nada disto ao Atticus. Ele... ele uma vez disse-me para eu não me deixar afectar com as coisas que dizem sobre ele e eu prefiro que ele pense que nós estávamos a lutar por outra coisa qualquer. Promete-me, por favor...

— Mas não me agrada mesmo nada que o Francis saia impune de uma coisa como esta...

— Mas ele não saiu impune. Achas que podes fazer o curativo à minha mão? Ainda está a sangrar um bocadinho.

— Claro que sim, querida. Não conheço eu outra mão que me desse tanto prazer curar. Vens comigo?

Com elegância e delicadeza, o tio Jack fez uma vénia guiando-me para o quarto de banho. Enquanto limpava e ligava os nós dos meus dedos, foi-me entretendo com a história de um velho cavalheiro muito míope que tinha um gato chamado Arisco e que contava todas as rachas no passeio sempre que ia à cidade.

— Pronto, já está—exclamou.—Vais ficar com uma cicatriz muito pouco apropriada para uma senhora no teu dedo anelar.

— Obrigado, Sr. Dr. Tio Jack?

— Diga, minha cara senhora?

— O que é uma pega?

O tio Jack embrenhou-se noutra historieta acerca de um velho primeiro-ministro que estava sentado na Câmara dos Comuns e que costumava pôr-se a soprar penas para o ar, tentando mantê-las suspensas, enquanto à sua volta toda a gente parecia perder a cabeça.

Acho que, de certa forma, estava a tentar responder à minha pergunta, mas no entanto, não fazia sentido nenhum.

Mais tarde, quando supostamente já devia estar na cama, desci até ao átrio para ir buscar um copo de água e ouvi o tio Jack e o Atticus na sala de estar:—Nunca hei-de casar, Atticus.

— Então porquê?—Porque posso vir a ter filhos. O Atticus afirmou:—Ainda tens muito que aprender, Jack.

— Eu sei. Esta tarde, a tua filha ensinou-me a minha primeira lição. Disse-me que eu não compreendia muito bem as crianças e explicou-me porquê. E estava certa. Atticus, ela

até me disse como é que a devia ter tratado... Ó diacho, estou tão arrependido de lhe ter batido.

O Atticus soltou uma risada.

— Ela mereceu, por isso não sintas muitos remorsos. Fiquei à espera, sustendo a respiração, para ver se o tio Jack contava ao Atticus a minha versão dos factos. Mas ele não o fez.

Em vez disso murmurou apenas:—A forma como ela usa toda aquela linguagem de carroceiro deixa muito pouco à imaginação. Mas ela nem sabe o significado de metade do que diz... imagina tu que me perguntou o que era uma pega...

— E tu, explicaste-lhe?

— Não, contei-lhe a história de Lord Melbourne.

— Jack! Quando uma criança te pergunta algo, por amor de Deus, responde-lhe.

Agora não faças disso uma encenação. As crianças são crianças, mas detectam uma resposta evasiva mais rapidamente do que os adultos, e a evasão só as confunde. Não... - meditou o meu pai—esta tarde deram-te a resposta certa, mas pelas razões erradas.

A malcriadez é uma fase por que todas as crianças passam e acaba por morrer com o tempo quando elas percebem que não chamam a atenção de ninguém através dela.

Mas a raiva e a impulsividade não. E a Scout tem de aprender a manter a calma e aprender depressa, sobretudo perante o que lhe está reservado nestes próximos meses.

Mas confesso que ela está a melhorar. O Jem está a ficar crescido e ela já segue um pouco o seu exemplo. Por vezes, o que ela precisa é de uma pequena ajuda.

— Atticus, tu nunca lhe tocaste num fio de cabelo.

— Admito que sim. Até agora consegui sempre resolver as coisas com ameaças.

Jack, ela aborrece-me e testame o mais que pode.

Metade das vezes não atinge o seu fim, mas que tenta, lá isso tenta.

— Essa não é a resposta—disse o tio Jack.

— Não, a resposta é que ela sabe que eu sei que ela tenta. E é isso que faz a diferença. O que me aborrece é que daqui a pouco tempo tanto ela como o Jem vão ter de engolir algumas coisas.

Não me preocupa se o Jem mantém ou não a calma, mas a Scout tanto está a olhar para uma pessoa, como a atirar-se para cima dela, como se fosse o seu orgulho que estivesse em risco...

Esperei que o tio Jack quebrasse a sua promessa. Ainda não o tinha feito.

— Atticus, a situação é assim tão grave? Ainda não tiveste muitas oportunidades para falar nisso.

— Não podia ser pior, Jack. A única coisa que temos é a palavra de um negro contra a dos Ewells. E as provas reduzem-se a um simples «Foste tu—Não fui». Não podemos estar à espera que o júri sobreponha a palavra do Tom Robinson à dos Ewells... tu

conheces os Ewells?

O tio Jack disse que sim, que se lembrava deles. Descreveu-os ao Atticus, mas o Atticus disse:—Estás uma geração atrasado. Mas os de agora são iguaizinhos.

— Então, o que é que vais fazer?

— Antes de acabar, pretendo chocar um bocado o júri... mas acho que tenho boas hipóteses no recurso. Neste momento, não te sei dizer, Jack. Sabes, esperava passar pela vida sem ter um caso destes, mas a verdade é que o John Taylor apontou para mim e disse «Você é a pessoa ideal».

— Passou-te a batata quente, certo?

— Certo. E tu achas que eu conseguiria encarar os meus filhos de outra forma?

Sabes tão bem como eu o que vai acontecer, Jack, e espero e rezo conseguir fazer com que a Scout e o Jem ultrapassem isto sem grandes amarguras, e acima de tudo, sem apanharem a habitual doença de Maycomb. Vá lá perceber-se por que é que as pessoas sensatas se transformam completamente em doidos varridos quando surge alguma coisa que envolve um negro. É algo que eu ainda não entendi... Só espero que o Jem e a Scout saibam procurar as respostas em mim e não no que se diz pela cidade.

Espero que confiem suficientemente em mim... Jean Louise?

Em pânico, senti que me tinham descoberto a careca. Meti a cabeça por entre a porta, mostrando-me.

— Pai?

— Vai para a cama.

Corri para o meu quarto e meti-me na cama. O tio Jack tinha sido um verdadeiro cavalheiro em não desonrar o nosso compromisso.

Mas nunca consegui descobrir como é que o Atticus sabia que eu estava à escuta e só muitos anos depois é que percebi que o seu objectivo, naquela noite, era mesmo que eu ouvisse cada uma das suas palavras.

O Atticus era uma pessoa cansada: tinha quase cinquenta anos.

Quando eu e o Jem lhe perguntámos por que estava tão velho, ele respondeu que tinha começado tarde, facto que, na nossa opinião, se reflectia nas suas capacidades e na sua masculinidade. Era muito mais velho do que os pais dos nossos colegas de escola, e não havia nada que eu ou o Jem pudéssemos dizer acerca dele quando os outros miúdos diziam, «O meu pai..."

O Jem era louco por futebol. O Atticus nunca estava cansado para jogar à defesa, mas quando o Jem fazia tenções de derrubá-lo, o Atticus dizia:—Já estou velho demais para isso, filho.

O nosso pai não fazia nada. Trabalhava num escritório, não numa drogaria. O Atticus não conduzia o camião do lixo do condado, não era xerife, não cultivava, não trabalhava numa garagem, nem fazia qualquer coisinha que suscitasse a admiração de alguém.

Além disso, usava óculos. Era praticamente cego do olho esquerdo, e dizia que os olhos esquerdos eram a maldição do clã dos Finch. Quando queria observar bem alguma coisa, virava a cabeça e olhava com o olho direito.

Normalmente, não fazia as coisas que os pais dos nossos colegas de escola faziam: nunca ia à caça, não jogava póquer, não pescava, não bebia, nem fumava. Só sabia ficar sentado na sala de estar a ler.

Contudo, apesar destes atributos, era incapaz de manter a discrição que nós tanto gostaríamos: naquele ano, a escola fervilhava com um imenso zunzum acerca do facto de ele estar a defender o Tom Robinson. E os comentários eram tudo menos simpáticos.

Depois da minha quezília com o Cecil Jacobs, e quando já me tinha votado a uma política de cobardia, começou a correr o boato de que a Scout Finch não ia lutar mais, pois o pai não a deixava. Ora isto não era inteiramente verdade: não ia lutar publicamente pelo Atticus, mas a família era território privado. Era capaz de lutar com unhas e dentes contra qualquer um, incluindo, claro está, o meu primo em terceiro grau.

Que o diga o Francis Hancock.

Quando nos ofereceu as espingardas de pressão de ar, o Atticus não nos ensinou a disparar. O tio Jack fez-nos uma pequena introdução aos rudimentos daquilo; justificou que o Atticus não se interessava por armas. Um dia, o Atticus virou-se para o Jem e disse:—Preferia que andasses aos tiros às latas no quintal, mas sei que vais andar atrás dos pássaros. Podes matar todos os gaios-azuis que encontrares, isto se lhes conseguires acertar, mas lembra-te que é pecado matar uma cotovia.

Foi a única vez que ouvi o Atticus dizer que era pecado fazer alguma coisa e questionei Miss Maudie acerca do assunto.

— O teu pai tem razão—disse ela.—As cotovias não fazem nada a não ser cantar belas

melodias para nós. Não estragam os jardins das pessoas, não fazem ninhos nos espigueiros, só sabem cantar com todo o sentimento para nós. É por isso que é pecado matar uma cotovia.

— Miss Maudie, este é um bairro muito velho, num é?

— É mais antigo ainda do que a cidade.

— Não é isso, s'nhora, o que quero dizer é que as pessoas aqui da rua são todas velhas. O Jem e eu somos os únicos miúdos que vivem aqui. Mrs. Dubose anda perto dos cem anos e Miss Rachel é velha, e a senhora e o Atticus tam'em.

— Não considero velha uma pessoa de cinquenta anos—disse, meio ofendida, Miss Maudie.—Não me estás a pôr fora de circulação, pois não? Nem ao teu pai. Mas devo admitir que a Divina Providência foi gentil ao ponto de me queimar aquele velho mausoléu, estou velha demais para o manter.. talvez tenhas razão, Jean Louise, este bairro é um bocado para o tradicional. Tu nunca conviveste muito com gente nova, pois não?

— Sim, s'nhora, lá na escola.

— Quero dizer, com jovens adultos. Vocês têm é muita sorte, sabes. É que tu e o Jem podem tirar partido da idade do teu pai.

Se o teu pai tivesse trinta anos vocês já iam encarar a vida de uma forma um tanto ou quanto diferente.

— De certeza que sim. Mas o Atticus não sabe fazer nada...

— Mas é que tu não fazes a mínima ideia—contrapôs Miss Maudie.—Ele ainda tem muita vida.

— Mas o qu'e qu'ele sabe fazer?

— Bem, ele consegue pôr tudo preto no branco num testamento, de tal forma que mais ninguém o consegue contestar.

—E mais...

— Mais? Tu sabias que ele é o melhor jogador de xadrez desta cidade? Sabias que quando estávamos lá na Plantação, o Atticus Finch conseguia ganhar a qualquer pessoa de uma ou de outra margem do rio.

— Tenha dó Miss Maudie, eu e o Jem 'tamos-lhe sempre a ganhar.

— Já era altura de perceberes que é porque ele deixa. Sabias que ele até sabe tocar berimbau?

Esta modesta proeza ainda me fez ter mais vergonha dele.

— Bem...—disse ela.

— Bem o quê, Miss Maudie?

— Bem, nada. Nada... pensava que com isto tudo ias ficar orgulhosa dele. Nem todos sabem tocar berimbau. Agora não atrapalhes os carpinteiros. É melhor ires para casa, porque vou estar de volta das minhas azáleas e não posso tomar conta de ti. Pode-te cair

uma tábua em cima.

Fui para o meu quintal das traseiras e dei com o Jem a disparar contra uma lata, o que parecia um bocado estúpido com tantos gaios-azuis à volta. Voltei ao pátio da frente e passei duas horas a tentar erguer uma barricada complicada ao lado da varanda, que consistia num pneu, uma caixa de laranjas, o cesto da roupa suja, as cadeiras da varanda e uma pequena bandeira dos Estados Unidos que tinha saído ao Jem numa caixa de cereais e que ele me tinha dado.

Quando o Atticus chegou para jantar encontrou-me de cócoras, atrás da barricada, a apontar para o outro lado da rua.

— Estás a disparar para quê?

— Para o traseiro de Miss Maudie.

O Atticus virou-se e viu o meu generoso alvo debruçado sobre os seus arbustos.

Empurrou o chapéu quase até à nuca e atravessou a rua.

— Maudie—chamou ele. -Achei que era melhor avisar-te. Corres um grande perigo.

Miss Maudie endireitou-se e olhou para mim. Depois, disse:— Atticus, és um diabo do inferno.

Quando o Atticus voltou disse-me para levantar o acampamento.

— Eu que te apanhe outra vez a apontar essa arma a alguém ameaçou.

Desejei que o meu pai fosse um diabo do inferno. Sondei a Calpurnia acerca do assunto:— Mr. Finch? Ora, ele sabe fazer muita coisa.

— Como, por exemplo?—perguntei.

A Calpurnia coçou a cabeça.

— Bom, não sei lá muito bem—respondeu.

O Jem voltou a tocar no assunto quando perguntou ao Atticus se ele ia alinhar pelos Metodistas e o Atticus lhe respondeu que se o fizesse ainda se magoava, pois era demasiado velho para esse tipo de coisas. Os Metodistas estavam a tentar liquidar a hipoteca da sua igreja e tinham desafiado os Anabaptistas para um jogo de futebol americano. Ao que parece, os pais de todos os miúdos da cidade iam comparecer, excepto o Atticus. O Jem disse que assim não lhe apetecia ir, mas como não conseguia resistir a qualquer forma de futebol lá permaneceu melancolicamente na linha lateral, comigo e com o Atticus, assistindo ao pai do Cecil Jacobs a fazer ensaios atrás de ensaios pelos Anabaptistas.

Certo sábado, eu e o Jem decidimos ir fazer umas explorações com as nossas espingardas, para ver se encontrávamos um coelho ou um esquilo. Já tínhamos ultrapassado aí uns quinhentos metros a Casa Radley, quando vi o Jem a olhar de lado fixamente para qualquer coisa ao fundo da rua. A sua cabeça estava virada para um lado, enquanto olhava para o outro pelo canto do olho.

— 'Tás a olhar p'ra quê?

— P'ra'li, pr'aquele cão velho acolá—respondeu ele. ,—Aquel'e o velho Tim Johnson, n'é?

— É.

O Tim Johnson pertencia a Mr. Harry Johnson, condutor do autocarro de Mobile, que vivia no extremo sul da cidade. O Tim era um cão de guarda malhado cor de fígado, a mascote de Maycomb.

— Mas o qu'e qu'ele tá a fazer?

— Não sei, Scout. É melhor irmos para casa.

— Oh Jem, é Fevereiro.

— Quero lá saber disso. Vou mas é contar à Cal. : Fizemos uma corrida até a casa e entrámos esbaforidos pela cozinha.—Cal—disse o Jem -, podes vir aqui ao passeio por um minuto?

— Prá quê, Jem? Não posso ir ao passeio sempre que tu quer.

— Passa-se alguma coisa com um cão velho que táTembaixo.

A Calpurnia soltou um suspiro.

— Não tenho tempo prá andar à tratar de cães. Na casa de banho há alguma gaze, vá buscá-la e faz você mesmo o curativo.

O Jem abanou a cabeça.

— Ele 'tá doente, Cal. Passa-se alguma coisa com ele.

— O qu'e qu'ele 'tá a fazer, a tentar apanhar a cauda?

— Não, 'tá a fazer assim.

O Jem pôs-se a engolir em seco como um peixinho de aquário, arqueou os ombros e torceu o tronco.

— 'Tá a fazer assim, mas não é por querer.

— 'Tá-me a pregar uma peta, Jem Finch?—a voz da Calpurnia ficou mais áspera.

— Não, Cal, juro que não. -'Tão'tava a correr? ; , , ;,—Não, 'tá a andar, mas tão lento que quase nem se nota. E 'tá a vir p'aqui. ; ; A Calpurnia lavou as mãos e seguiu o Jem até ao quintal.

— Não vejo nenhum cão—disse ela.

Seguiu-nos até à Casa Radley e fixou o olhar para onde o Jem apontava. Ao longe, o Tim Johnson não era mais do que um ponto, só que agora estava mais perto de nós.

Caminhava de forma errática, aos tombos, como se as patas da direita fossem mais curtas do que as da esquerda. Fez-me lembrar um carro atolado num banco de areia.

— Ele 'tá coxo—disse o Jem.

A Calpurnia fitou-o esgazeada, depois pegou em nós pelos ombros e levou-nos para casa. Fechou a porta de madeira atrás de nós, foi para o telefone e começou aos gritos:— Ligue-me já ó gabinete de Mr. Finch!

— Mr. Finch!—exclamou.—Daqui fala a Cal. Juro por Deus que há um cão raivoso

solto na rua... e 'tá a vir pa'qui, sim, s'nhor, ele... Mr. Finch, é o velho Tim Johnson, sim, s'nhor... sim, s'nhor... sim...

Desligou e abanou a cabeça quando lhe tentámos perguntar o que o Atticus tinha dito. Voltou a bater no descanso do telefone e disse:—Miss Eula May.. s'nhora, acabo de falar com Mr. Finch, por favor não me ligue mais... ouça, Miss Eula May, ligue já à Miss Rachel e à Miss Stephanie Crawford e a mais quem tenha telefone nesta rua e diga que anda um cão raivoso à solta? Por favor, 'nhã s'nhora!

A Calpurnia parou à escuta:—Já sei que 'tamos em Fevereiro, Miss Eula May, mas também sei reconhecer um cão raivoso quando vejo um. Por favor, s'nhora, depressa!

Depois, a Calpurnia perguntou ao Jem:—Os Radleys têm telefone?

O Jem viu na lista e disse que não.

— Calpurnia, duma maneira ou doutra eles não vêm cá fora.

— Na quero saber, vou avisá-los.

Correu para a varanda e eu e o Jem fomos atrás dela.

— Fiquem dentro de casa!—ordenou.

Naquela altura já o bairro tinha recebido a mensagem da Calpurnia.

Todas as portas de madeira ao alcance da nossa visão estavam fechadas. Não havia rasto do Tim Johnson. Vimos a Calpurnia a correr até à Casa Radley, segurando a saia e o avental acima dos joelhos. Subiu os degraus da frente e bateu à porta. Não tendo obtido resposta, desatou a gritar:—Mr. Nathan, Mr. Arthur, vem aí um cão raivoso! Vem aí um cão raivoso!

— Ela devia era ir pelas traseiras—disse eu.

O Jem abanou a cabeça.

— Agora não faz grande diferença—disse.

A Calpurnia tinha batido à porta em vão. Ninguém se apercebeu do seu aviso; melhor dizendo, era como se ninguém o tivesse ouvido.

Na altura em que Calpurnia fugia a sete pés até à nossa varanda das traseiras, surgiu na estrada um Ford preto. Eram o Atticus e Mr. Heck Tate.

Mr. Heck Tate era o xerife de Maycomb County. Era da mesma altura que o Atticus, só que mais magro. Tinha o nariz comprido, usava botas com ilhós de metal brilhantes, calças à cavaleiro e um casaco grosso à lenhador. O seu cinto ostentava uma fiada de balas.

Vinha armado com uma espingarda pesada. Mal ele e o Atticus chegaram ao varandim, o Jem abriu a porta.

— Deixa-te estar dentro de casa, filho—disse o Atticus.—Onde é que ele está, Cal?

— Deve andar por aí—disse a Calpurnia, apontando para a rua.

— E vinha a correr, vinha?—perguntou Mr. Tate.

— Na s'nhor, anda 'os tombos e 'os repelões, Mr. Heck.

— Acha que devemos ir atrás dele, Heck?—perguntou o Atticus.

— É melhor esperarmos, Mr. Finch. Normalmente andam em linha recta, mas nunca se sabe. Pode ser que siga a curva... espero que sim, senão vai direito ao quintal dos Radleys. Vamos esperar um pouco.

— Eu acho que ele não vai para o quintal dos Radleys—afirmou o Atticus.—A cerca vai impedi-lo. O mais provável é ele seguir a estrada...

Pensava que os cães raivosos espumavam pela boca, corriam, davam pinotes e se atiravam às gargantas, e pensava que só o fizessem em Agosto. Se o Tim Johnson tivesse reagido assim, eu não teria tanto medo.

Nada é mais aterrador do que uma rua deserta, expectante. As árvores não se moviam, as cotovias estavam silenciosas, os carpinteiros que trabalhavam na casa de Miss Maudie tinham desaparecido.

Mr. Tate fungou e depois assoou o nariz. Vi-o mudar a arma de posição, levando-a até à curva do braço. Reparei na cara de Miss Stephanie Crawford encaixilhada pela janela da sua porta da frente. Depois apareceu Miss Maudie e ficou ao lado dela. O Atticus colocou o pé na travessa de uma cadeira e pôs-se a esfregar a mão lentamente contra a coxa.

— Ali está ele—disse ele, tranquilamente.

Eis que surgia o Tim Johnson, bamboleando pelo lado de dentro da curva paralela à Casa Radley.

— Olha p'ra aquilo—sussurrou o Jem.—Mr. Heck disse que caminham em linha recta. Mas ele nem sequer se consegue manter na estrada!

— Parece mais doente do que outra coisa—comentei.

— Aposto que se alguma coisa se mete à frente dele, ele atira-se logo a ela.

Mr. Tate levou a mão à testa e inclinou-se para a frente, observando:—Tem raiva, sim senhor, Mr. Finch.

O Tim Johnson avançava a passo de caracol, mas não estava a brincar, nem a farejar as folhas: parecia empenhado em seguir um rumo e movido por uma força invisível que o fazia avançar lentamente na nossa direcção. Víamo-lo estremecer como um cavalo sacudindo as moscas; o seu maxilar abria e fechava; apesar do seu olhar perdido, era como se fosse gradualmente empurrado para nós.

— Está à procura de um sítio para morrer—disse o Jem.

Mr. Tate voltou-se.

— Está longe de estar morto, Jem, e ainda nem sequer começou.

O Tim Johnson chegou à rua transversal que atravessava frente à Casa Radley e o que restava da sua pobre alma fê-lo parar para pensar que caminho havia de tomar. Deu umas passadas hesitantes e parou em frente ao portão dos Radleys; depois, tentou voltar atrás, mas já estava em dificuldades.

O Atticus disse:

— Está na mira, Heck. É melhor apanhá-lo agora antes que ele meta por aquela rua... Deus sabe quem poderá dobrar a esquina.

Vai para dentro, Cal.

A Calpurnia abriu a porta de rede, trancou-a atrás de si, depois voltou a destrancá-la e ficou parada junto à maçaneta. Tentou-nos bloquear com o corpo, ao Jem e a mim, mas conseguíamos ver por baixo dos braços dela.

— Apanhe-o, Mr. Finch! — Mr. Tate entregou a espingarda ao Atticus; eu e o Jem quase desmaiámos.

— Não perca tempo, Heck — disse o Atticus. — Vá lá.

— Mr. Finch, isto é trabalho de um único tiro.

O Atticus abanou veementemente a cabeça: — Não fique aí parado, Heck! Olhe que ele não espera por si...

— Por amor de Deus, Mr. Finch, veja só onde ele está? Se falharmos ele entra directamente na Casa Radley! Eu não tenho boa pontaria e o senhor sabe-o!

— Eu já não disparo uma arma há trinta anos.

Mr. Tate quase atirou a arma ao Atticus.

— Sentia-me mais à vontade se o fizesse agora — disse ele.

No meio da confusão, vimos o nosso pai a pegar na arma e a dirigir-se para o meio da rua. Caminhou rapidamente, mas fiquei com a sensação de que se movia como um nadador debaixo de água: o tempo arrastava-se penosamente como numa lenta agonia.

Quando o Atticus levantou os óculos, a Calpurnia murmurou: — Deus Nosso Senhor o ajude — e levou as mãos à cara.

O Atticus empurrou os óculos para cima da testa; eles escorregaram e caíram na rua. No silêncio, ouvi-os partirem-se. O Atticus esfregou os olhos e o queixo; conseguíamos vê-lo a pestanejar imenso.

Frente ao portão dos Radleys, o Tim Johnson já tinha tomado uma decisão com o que lhe restava da sua mente. Por fim, lá se virou para prosseguir o seu caminho inicial rua acima. Deu dois passos, depois parou e levantou a cabeça. O seu corpo enrijeceu.

Com movimentos tão rápidos quanto simultâneos, a mão do Atticus puxou o cão da arma à medida que encostava a coronha ao ombro.

A espingarda disparou. O Tim Johnson deu um salto, rolou sobre si mesmo e caiu no passeio como uma massa branca e castanha.

Nem sequer se apercebeu do que o tinha atingido.

Mr. Tate saltou da varanda e correu para a Casa Radley. Parou em frente ao cão, baixou-se, virou as costas e bateu com o dedo na testa, acima do seu olho esquerdo.

— Desviou-se um nada para a direita, Mr. Finch — gritou.

— Sempre foi assim — respondeu o Atticus — se pudesse, teria usado a caçadeira.

Dobrou-se para apanhar os óculos, com o calcanhar reduziu as lentes partidas a pó e

depois dirigiu-se a Mr. Tate, ficando a olhar para o Tim Johnson no chão.

As portas foram-se abrindo uma a uma e, aos poucos, o bairro foi ganhando vida.

Miss Maudie desceu os degraus juntamente com Miss Stephanie Crawford.

O Jem estava paralisado. Belisquei-o para ver se se mexia, mas quando o Atticus nos viu a descer gritou logo: — Fiquem onde estão!

Quando Mr. Tate e o Atticus voltaram para o pátio, Mr. Tate vinha a sorrir.

— Vou pedir ao Zeebo para vir buscá-lo — disse. — Olhe que não desaprendeu, Mr. Finch. Quem sabe, nunca esquece.

O Atticus manteve-se em silêncio.

— Atticus? — perguntou o Jem.

— Sim? — Nada. — Eu vi, Finch «Cada Tiro Cada Melro»!

O Atticus voltou-se e deu de caras com Miss Maudie. Olharam um para o outro sem trocarem uma palavra e o Atticus entrou para o carro do xerife.

— Anda cá — virou-se para o Jem. — Não se aproximem daquele cão, estás a perceber?

Não se aproximem dele, que ele é tão perigoso morto como quando era vivo.

— Sim, senhor — disse o Jem. — Atticus...

— O que é, filho? — Nada.

— O que se passa contigo, rapaz, não sabes falar? — disse Mr.

Tate, sorrindo para o Jem. — Não sabias que o teu pai...

— Cale-se, Heck — disse o Atticus -, vamos voltar para a cidade.

Mal partiram, eu e o Jem dirigimo-nos para os degraus de Miss Stephanie.

Sentámo-nos à espera que o Zeebo chegasse no camião do lixo.

O Jem ficou sentado, ainda envolto num estado de letargia, e Miss Stephanie disse: — Uau, quem é que estaria à espera de um cão com raiva em Fevereiro? Se calhar não estava com raiva, talvez apenas louco. Eu é que não gostaria de ver a cara do Harry Johnson quando regressar de Mobile e descobrir que o Atticus Finch matou o cão dele.

Mas também, ele estava cheio de pulgas...

Miss Maudie referiu que a ladainha de Miss Stephanie seria bem diferente se o Tim Johnson ainda viesse a subir aquela rua, e que mais tarde, ou mais cedo, saberiam tudo, já que iam mandar a sua cabeça para Montgomery. Titubeante, o Jem lá conseguiu articular umas palavras vagas: i — Viste-o, Scout? Viste-o p'rá ali parado?... e, de repente, ficou todo descontraído, até parecia que ele e a arma eram um só... e foi tudo tão rápido, como... ó pá, e eu que tenho qu'apontar durante dez minutos antes de conseguir atingir alguma coisa... Miss Maudie exibiu um sorriso malicioso. — Bem, e agora, Miss Jean Louise — começou — ainda pensas que o teu pai não sabe fazer nada? Ainda tens vergonha dele?

— Não, senhora — respondi eu, timidamente. — No outro dia, esquecime de te dizer que, para além de saber tocar berimbau, no seu tempo, o Atticus Finch era o atirador

mais temido de Maycomb County.

— Mais temido... — repetiu o Jem.

— É isso mesmo, Jem Finch. E acho que a partir de agora vocês vão mudar a vossa cantiga. A propósito, não sabiam que a alcunha dele, quando era rapaz, era «Cada Tiro Cada Melro»? É que lá na Plantação, quando ele dava quinze tiros e só matava catorze pombas, já se queixava que estava a desperdiçar munições.

— Ele nunca nos disse uma palavra acerca disso — murmurou o Jem.

— Com que então nunca vos disse nada?

— Não, senhora.

— Não percebo por que é que ele agora nunca vai à caça comentei.

— Talvez eu vos possa explicar — prontificou-se Miss Maudie.

— Se há algo que caracteriza o vosso pai é o facto de ser civilizado, do fundo do coração. E a pontaria é um dom de Deus, um talento... sabem, é preciso praticar muito para atingir a perfeição, só que andar aos tiros é bastante diferente de tocar piano ou outra coisa parecida. Penso que ele colocou a arma de lado quando percebeu que Deus lhe tinha dado uma vantagem injusta sobre a maioria dos seres vivos. Acho que decidiu deixar de disparar até que fosse estritamente necessário, e hoje foi necessário. — Parece-me é que ele devia sentir orgulho nisso — disse eu.

— As pessoas que estão no seu perfeito juízo nunca se orgulham dos seus talentos — disse Miss Maudie.

Entretanto, vimos o Zeebo a chegar. Tirou uma forquilha da parte de trás do camião e levantou cuidadosamente o Tim Johnson.

Largou o cão no camião e depois despejou um líquido qualquer de um garrafão no sítio onde o Tim caíra.

— Ei, vocês aí, durante uns tempo, num venham p'ra este sítio — advertiu.

Quando voltámos para casa eu disse ao Jem que agora tínhamos mesmo um bom tema de conversa na segunda-feira na escola.

Depois o Jem virou-se para mim.

— Não contes nada acerca disto, Scout — pediu-me.

— O quê? Mas é claro que vou contar. Nem toda a gente se pode gabar de ter o pai com o tiro mais mortífero de Maycomb County.

O Jem retorquiu:

— Acho que se ele quisesse que nós soubéssemos, já nos tinha dito. E se ele tivesse orgulho nisso, já nos tinha dito também.

— Talvez se tenha esquecido — pensei.

— Não, Scout, é algo que tu não consegues compreender.

O Atticus já tem uma certa idade, mas não me importava mesmo se ele não conseguisse fazer nada... é que não me importava mesmo se ele não soubesse fazer nada

de nada.

O Jem apanhou uma pedra e atirou-a alegremente contra a garagem. Enquanto corria atrás dela, gritou:—O Atticus é um cavalheiro, tal como eu!

Quando éramos pequenos, eu e o Jem confinávamos as nossas actividades ao sul do bairro, mas quando já ia bem adiantada no segundo ano e atormentar o Boo Radley já tinha passado de moda, éramos frequentemente atraídos pela zona comercial de Maycomb, o que significava que tínhamos de passar pela propriedade de Mrs. Henry Lafayette Dubose. Era impossível ir à cidade sem ter de passar pela casa dela, a não ser que quiséssemos fazer um desvio de quase dois quilómetros. Os nossos pequenos encontros anteriores não me tinham deixado grandes saudades, mas o Jem disse que já tinha chegado a altura de eu ser crescida.

Mrs. Dubose vivia sozinha, exceptuando a constante presença de uma criadita negra, duas portas acima da nossa, numa casa com enormes degraus na frente e uma varanda coberta. Era muito velha; passava grande parte do dia na cama e o restante era passado numa cadeira de rodas. Corriam rumores de que guardava uma pistola do exército sulista escondida entre os seus inúmeros xales e mantas.

Eu e o Jem odiávamo-la. Se ela calhava de estar na varanda quando íamos a passar, éramos imediatamente varridos pelo seu olhar irado, seguido de um interrogatório inclemente sobre o nosso comportamento e, por fim, pronunciada uma melancólica profecia sobre aquilo em que nos iríamos tornar quando crescêssemos, o que, para ela, era sempre sinónimo de nada. Já há muito tempo que nos tinha surgido a ideia de atravessar para o outro lado da rua, evitando, assim, passar em frente à sua casa; mas isso só a fez levantar ainda mais a voz, fazendo com que todo o bairro ficasse a saber o que ela pensava.

Não conseguíamos fazer nada que lhe agradasse. Mesmo que a cumprimentasse o mais amável e educadamente possível «Olá, Mrs. Dubose!», obteria uma resposta do género «Não me digas "olá", sua miúda horrorosa! Diz antes "Boa tarde, Mrs.

Dubose!"» Era mesmo cruel. Uma vez ouviu o Jem a tratar o nosso pai por «Atticus» e ficou em estado de apoplexia total. Para além de nos dizer que éramos os fedelhos mais petulantes e irreverentes que alguma vez por ali tinham passado, ainda acrescentou que era uma pena o nosso pai não ter casado de novo depois da morte da nossa mãe. Não havia senhora mais encantadora do que a minha mãe, dizia ela, e era vergonhosa a forma como o Atticus nos deixava andar à solta. Eu não me lembrava da nossa mãe, mas o Jem sim (às vezes falava-me sobre ela), razão pela qual ficou pálido quando Mrs.

Dubose nos atirou com aquela mensagem.

Tendo o Jem sobrevivido ao Boo Radley, a um cão raivoso e outros terrores afins, concluiu que era cobardia parar em frente aos degraus da casa de Miss Rachel e esperar, e decretou que todos os fins de tarde devíamos ir a correr até à esquina do posto dos correios para esperar o Atticus que vinha do trabalho. Perdemos a conta aos fins de tarde

em que íamos ter com o Atticus e o Jem ficava furioso com algum comentário que Mrs. Dubose tinha feito à nossa passagem.

— Deixa lá, filho— dizia o Atticus.— É velhota e está doente.

Passa sempre de cabeça levantada e sê um cavalheiro. Diga ela o que disser, o teu objectivo é não deixar que ela te aborreça.

O Jem respondia que se ela gritava assim tanto era porque não estava assim tão doente. Quando passávamos os três por casa dela, o Atticus tirava o chapéu, acenava-lhe galantemente e dizia:— Boa-noite, Mrs. Dubose! Esta noite a senhora parece mesmo saída de um quadro.

Nunca ouvi o Atticus dizer de quem é que era o quadro. Depois contava-lhe as novidades do tribunal e dizia-lhe que esperava do fundo do coração que ela tivesse um bom dia no dia seguinte.

Voltava a colocar o chapéu na cabeça, colocava-me às suas cavalitas diante dos olhos dela e íamos para casa à luz do crepúsculo. Era em momentos como este que eu considerava o meu pai, que detestava armas e nunca tinha combatido em nenhuma guerra, como o homem mais corajoso do mundo.

Um dia depois do seu décimo segundo aniversário, o dinheiro parecia estar a queimar os bolsos do Jem, por isso, ao início da tarde, fomos à cidade. O Jem estava convencido que tinha dinheiro suficiente para comprar uma locomotiva a vapor em miniatura para ele e um bastão de majorete para mim.

Há muito tempo que andava de olho naquele bastão; vi-o na V. J. Elmore's, era todo enfeitado com lantejoulas e brilhantes e custava dezassete cêntimos. Na altura, a minha ambição era ser suficientemente crescida para poder rodar o bastão juntamente com a fanfarra do Liceu de Maycomb County. Dado que tinha desenvolvido o meu talento a ponto de atirar um pau e quase consegui-lo apanhar com as mãos na sua descida, estava proibida pela Calpurnia de entrar em casa sempre que esta me via com um pau na mão.

Sentia que era possível ultrapassar aquela falha com um bastão de verdade e achei que era generoso da parte do Jem oferecer-me um.

Mrs. Dubose estava na sua varanda quando passámos.

— Aonde é que vocês vão a estas horas do dia?— gritou ela.

— Fazer gazeta, não é? Vou já telefonar ao director da escola e dizer-lhe!

Colocou as mãos na cadeira de rodas e executou uma manobra perfeita.

— Oh, Mrs. Dubose, hoje é sábado!— disse o Jem.

— Não interessa se hoje é sábado— disse ela, de modo obscuro.

— Por acaso, o vosso pai sabe onde é que vocês andam, sabe?

— Mrs. Dubose, nós já vamos sozinhos à cidade desde que tínhamos esta altura.—

O Jem colocou a palma da mão a cerca de cinquenta centímetros do passeio.

— Não me mintas!— gritou ela.— Jeremy Finch, a Maudie Atkinson disse que hoje de

manhã lhe partiste uma das videiras do caramanchão. Ela vai fazer queixa ao teu pai e aí vais desejar nunca ter visto a luz do dia! Vais ver que para a semana estás enfiado num reformatório, não me chame eu Dubose!

O Jem, que não se aproximava das videiras de Miss Maudie desde o Verão passado, e sabia que mesmo que o tivesse feito Miss Maudie não diria uma palavra ao Atticus, emitiu uma negação universal.

— Não me contradigas!—vociferou Mrs. Dubose.—E tu aí apontando o seu dedo artrítico para mim—o que é que andas a fazer com esse macacão? Devias estar de vestido e camisolinha, minha menina! Se ninguém te educar, quando cresceres ainda vais andar a servir às mesas—uma Finch a servir à mesa no O.K. Café—ah!

Eu estava apavorada. O O.K. Café era um estabelecimento de má fama, no lado norte da praça. Agarrei a mão do Jem, mas ele repeliu-me.

— Vamos, Scout—sussurrou.—Não lhe liguês, levanta a cabeça e porta-te como uma dama.

Mas Mrs. Dubose impediu-nos:—Não só uma Finch a servir à mesa, mas também um no tribunal a defender negros!

Aí o Jem ficou petrificado. Mrs. Dubose tinha atingido um ponto sensível e ela sabia-o:—Pois é, para onde caminha este mundo, depois de um Finch se erguer contra os seus? E mais!—pôs a mão na boca. Quando a tirou, trazia agarrado um enorme fio de saliva prateado.

— O vosso pai não é melhor do que os negros e esse lixo para quem trabalha!

O Jem estava vermelho de raiva. Puxei-o pela manga e, ao longo do passeio, fomos acompanhados por uma série de invectivas dirigidas à degradação moral da nossa família, sendo que a maior premissa era que metade dos Finchs estava internada num asilo e se a nossa mãe estivesse viva nenhum de nós teria chegado a tal estado.

Não sei o que é que o Jem teria levado mais a peito, mas confesso que fiquei ressentida com as considerações de Mrs. Dubose em relação à sanidade mental da minha família. Já estava quase habituada a ouvir insultos dirigidos ao Atticus. Mas aquele era o primeiro vindo de um adulto. Exceptuando as observações ao Atticus, o ataque de Mrs.

Dubose não passava de mera rotina. Havia um cheirinho a Verão no ar... à sombra estava frio, mas o sol era quente, o que significava que os bons tempos estavam de volta: sem escola e com o Dill.

O Jem comprou a sua locomotiva a vapor e dirigimo-nos à loja Elmore para ir buscar o meu bastão. O Jem não teve qualquer tipo de prazer na sua compra; meteu-o ao bolso e caminhámos até casa lado a lado, em silêncio. Durante o caminho quase atingi Mr. Link Deas, que disse «Cuidado, Scout!» quando falhei um lançamento e, na altura em que nos aproximámos da casa de Mrs. Dubose, já o bastão estava todo sujo das vezes que o tinha apanhado do chão.

Ela não estava na varanda.

Nos anos que se seguiram, às vezes punha-me a pensar no que dera ao Jem para fazer aquilo, o que o fizera quebrar o compromisso do «Agora sê um cavalheiro, filho» e aquela fase de rectidão consciente em que tinha recentemente entrado. Provavelmente o Jem tinha aguentado mais disparates do que eu acerca do facto de o Atticus estar a defender negros e já tomávamos como dado adquirido que ele saberia manter a calma.

Ele era tranquilo por natureza e não se exaltava com facilidade. Contudo, na altura, a única explicação que arranjei para o que fez foi a de que ele simplesmente tinha, por breves minutos, enlouquecido.

O Jem fez exactamente o que eu faria, claro, se não estivesse sob a alçada da proibição do Atticus, que estou convencida, não incluía lutar contra velhinhas perversas.

Tínhamos acabado de chegar ao seu portão quando o Jem me arrancou o bastão das mãos e subiu irracionalmente pelos degraus acima até ao quintal de Mrs. Dubose, esquecendo tudo o que o Atticus tinha dito, esquecendo que ela guardava a pistola debaixo dos xales, esquecendo que se Mrs. Dubose falhasse o tiro, a Jessie, a miúda que trabalhava lá em casa, de certeza que não.

Não se acalmou enquanto não decepou todas as camélias que Mrs. Dubose tinha no jardim, até o chão ficar repleto de botões e folhas verdes. Depois, dobrou o meu bastão contra o joelho, partiu-o em dois e atirou-o ao chão.

Naquela altura eu já gritava a plenos pulmões. O Jem puxou violentamente o meu cabelo, disse que não queria saber, que o fazia outra vez se tivesse oportunidade e que se eu não me calasse arrancava os meus cabelos todos, um a um. Eu não me calei e então ele deu-me um pontapé. Perdi o equilíbrio e caí de cara no chão. O Jem levantou-me com violência, mas parecia que estava arrependido. Não havia nada a dizer.

Naquele fim de tarde optámos por não ir esperar o Atticus.

Metemo-nos na cozinha com o rabo entre as pernas até a Calpurnia nos expulsar de lá. Por meio de algum canal de ciência oculta, a Calpurnia já sabia da história toda.

Ela não era lá uma grande fonte de consolo, mas deu ao Jem um biscoito de manteiga, que ele partiu ao meio e partilhou comigo. Sabia a algodão.

Fomos para a sala de estar. Peguei numa revista de futebol, procurei uma fotografia do Dixie Howell, mostrei-a ao Jem e disse: — Este parece-se mesmo contigo.

Foi a coisa mais agradável que me ocorreu para lhe dizer, mas não ajudou muito.

Ele sentou-se junto às janelas, aninhou-se numa cadeira de baloiço, olhar carregado, à espera. A luz do dia fugia.

Duas eras geológicas mais tarde, ouvimos as solas dos sapatos do Atticus a raspar nos degraus da frente. A porta de rede bateu e fez-se uma pausa... O Atticus tinha chegado ao bengaleiro na entrada... e ouvimo-lo dizer: — Jem!

A sua voz era glacial como o vento de Inverno.

O Atticus ligou a luz do candeeiro da sala de estar e encontrou-nos lá, completamente paralisados. Trazia o meu bastão numa mão; a sua imunda fita amarela vinha a arrastar-se pelo tapete. Levantou a outra mão; continha alguns botões de camélias carnudos.

— Jem—começou—és tu o responsável por isto?

— Sim, senhor.

— Por que é que o fizeste?

O Jem respondeu suavemente:—Ela disse que tu defendias negros e lixo. ;—Fizeste isto por ela ter dito isso?

O Jem mexeu os lábios, mas o seu «Sim, senhor» foi inaudível.

— Filho, não duvido que os teus colegas te tenham aborrecido por eu defender negros, como tu dizes, mas fazer o que fizeste a uma velhinha doente não tem qualquer desculpa. Aconselho-te vivamente a ires lá abaixo e teres uma conversa com Mrs.

Dubose—disse o Atticus.—Depois disso, vens directo para casa.

O Jem não deu um passo.

— Anda lá—intervim.

Fui atrás do Jem até ele sair da sala. :—E tu, anda cá—disse-me o Atticus.

E eu fui. O Atticus pegou no The Mobile Press e sentou-se na cadeira de baloiço que o Jem tinha deixado vaga. Para meu grande espanto, não compreendi como é que ele se podia sentar ali com sangue-frio a ler o jornal, quando havia fortes hipóteses de o seu único filho ser assassinado com uma relíquia do Exército Confederado.

Claro que às vezes o Jem me contrariava a ponto de eu ficar com vontade de o matar, mas se fôssemos a ver ele era tudo o que eu tinha. O Atticus parecia não estar consciente disto, ou se estava, não se importava minimamente.

Odiei-o por isso, mas quando se está metido em sarilhos cansamo-nos facilmente: num abrir e fechar de olhos estava refugiada no colo dele com os seus braços à minha volta.

— Já és grandinha para seres embalada—disse ele.

— Não te preocupas com o que lhe pode acontecer?—questionei.

— Mandaste-o apanhar um tiro quando tudo o qu'ele quis fazer foi defender-te.

O Atticus meteu a minha cabeça debaixo do queixo dele.

— Ainda não está na altura de nos preocuparmos—sossegou.

— Nunca pensei que fosse o Jem a perder a cabeça por causa deste assunto... pensava que ia ter mais sarilhos contigo.

Eu disse que não percebia por que é que nós não podíamos perder a cabeça, quando toda a gente que conhecia na escola o fazia por qualquer motivo.

— Scout—disse o Atticus—quando chegar o Verão vais ter de manter a calma por causa de coisas bem piores... eu sei que não é justo para ti nem para o Jem, mas às vezes temos de tirar o melhor partido destas situações e a forma como nos comportamos

quando estamos na mó de baixo... bom, tudo o que posso dizer é que, quando tu e o Jem crescerem, talvez olhem para trás e vejam este assunto com alguma compaixão e com a sensação de que eu não vos deixei ficar mal. Este caso, do Tom Robinson, é algo que atinge a própria essência da consciência de um homem... Scout, eu jamais poderia frequentar a igreja e adorar a Deus se não tentasse ajudar aquele homem.

— Atticus, e se tu'tiveres enganado...

— Como assim?

— Bem, muita gente pensa que elas é qu''tão certas e tu é qu' 'tás enganado...

— Têm todo o direito de pensar dessa forma, como também têm o direito a que as suas opiniões sejam respeitadas—disse o Atticus—mas antes de viver com os outros, tenho de viver comigo próprio.

E a única coisa que se sobrepõe à regra da maioria é a nossa consciência.

Quando o Jem regressou, ainda me encontrou no colo do Atticus.

— Então, filho?—perguntou o Atticus. Colocou-me no chão e eu fiz um exame secreto ao Jem. Parecia estar inteiro, mas trazia um olhar estranho no rosto. Talvez ela lhe tivesse dado uma dose de laxante.

— Limpei o que tinha feito e pedi desculpa, mas na' 'tou arrependido, e fiquei de ir trabalhar p'rá lá todos os sábados p'ras fazer tentar crescer outra vez.

— Não vale a pena pedires desculpa, quando não estás arrependido—frisou o Atticus. —Jem, ela está velha e doente. Não a podes responsabilizar pelo que diz ou faz.

Claro que eu preferia que ela mo tivesse dito a mim em vez de a ti, mas nem sempre temos o que queremos.

O Jem parecia fascinado por uma rosa no tapete.

— Atticus—disse ele -, ela quer qu'eu leia p'ra ela.

— Ler para ela?

— Sim, senhor. Quer qu'eu lá vá todos os fins de tarde depois da escola e aos sábados e que leia p'ra ela em voz alta. Atticus, tem me'mo que ser?

— É óbvio que sim.

— Mas ela quer qu'eu o faça durante um mês.

— Então vais ter de o fazer durante um mês.

O Jem plantou delicadamente o dedo grande do pé no centro da rosa e fez pressão.

Por fim, acrescentou:

— Atticus, no passeio, cá fora, ainda vá que não vá, mas agora dentro de casa... é escuro e macabro. Há sombras e coisas esquisitas no tecto...

O Atticus sorriu de forma assustadora.

— Isso é um apelo à tua imaginação. Faz de conta que estás dentro da Casa Radley.

Na tarde da segunda-feira seguinte, eu e o Jem subimos os degraus escarpados da casa de Mrs. Dubose e fomos em bicos de pés até à entrada. O Jem, armado com o

Ivanhoe e repleto de um conhecimento superior, bateu na segunda porta à esquerda.

— Mrs. Dubose? — chamou.

A Jessie abriu a porta de madeira e destrancou a porta de rede.

— És tu, Jem Finch? — disse ela. — E trazes a tua irmã. Não sei...

— Deix'os entrar aos dois, Jessie — disse Mrs. Dubose. A Jessie deixou-nos entrar e meteu-se na cozinha.

Quando passámos a soleira da porta fomos cercados por um cheiro opressivo, um cheiro que encontrei tantas vezes em casas apodrecidas pela chuva, onde havia candeeiros a petróleo, cantos com humidade e roupa de cama por lavar. Deixava-me sempre assustada, na expectativa, alerta.

Num dos cantos do quarto havia uma cama de ferro e, deitada sobre ela, estava Mrs. Dubose. Passou-me pela cabeça que talvez estivesse naquele estado por causa das actividades do Jem, e por momentos, senti pena dela. Estava deitada debaixo de uma pilha de mantas e quase que parecia simpática.

Junto à cama havia um lavatório com o topo em mármore; lá em cima estava um copo com uma colher de chá dentro, uma seringa para lavar os ouvidos, uma caixa de algodão absorvente e um despertador de aço com três pequeninas pernas.

— Tou a ver que trouxeste a imunda da tua irmã contigo — foi a sua saudação.

O Jem ripostou calmamente:

— A minha irmã não é imunda e eu não tenho medo de si embora eu bem visse os seus joelhos a tremer.

Aguardava uma das suas tiradas habituais, mas tudo o que ela disse foi: — Podes começar a ler, Jeremy.

O Jem sentou-se numa cadeira com assento de palha e abriu o Ivanhoe. Eu puxei outra e sentei-me ao lado dele.

— Aproximem-se — disse Mrs. Dubose. — Venham para perto da cama.

Chegámos as nossas cadeiras para a frente. Era o mais perto dela que alguma vez tinha estado e, naquele momento, o meu único desejo era chegar a minha cadeira outra vez para trás.

Ela era horrível. A cara dela era da cor de uma fronha suja e os cantos da boca brilhavam com saliva, que escorria lentamente até às covas fundas do seu queixo. As suas faces estavam salpicadas por rugas próprias da idade e os olhos pálidos tinham pupilas negras, como cabeças de alfinete. As mãos estavam cheias de nódulos e as peles já estava bem por cima das suas unhas. Tirara a dentadura inferior e o seu lábio superior estava mais saliente; de vez em quando empurrava a dentadura superior com o lábio de baixo, acompanhando o processo com o queixo. Isto fazia com que a saliva pingasse mais depressa.

Só olhava para ela as vezes que fossem estritamente necessárias.

O Jem voltou a abrir o Ivanhoe e começou a ler. Tentei acompanhá-lo, mas ele lia muito depressa. Quando o Jem encontrava uma palavra que não conhecia, passava à frente, mas Mrs. Dubose apanhava-o logo e obrigava-o a soletrá-la. Devia estar a ler há uns vinte minutos, tempo em que fui olhando para a lareira empestada de fuligem, para a janela e para qualquer lado que me desviasse o olhar dela. Enquanto ele continuava a ler, reparei que as correcções de Mrs. Dubose estavam gradualmente a diminuir e que o Jem tinha até deixado uma frase a meio. Ela já não o ouvia.

Olhei para a cama.

Algo lhe tinha acontecido. Estava deitada de costas, com as mantas chegadas ao pescoço. Só se via a cabeça e os ombros. A sua cabeça movia-se lentamente de um lado para o outro. De tempos a tempos abria completamente a boca e conseguia-se ver a sua língua a ondular de forma desmaiada. Nos seus lábios aglomeravam-se rios de saliva; ela engolia-os e abria de novo a boca. A sua boca parecia ter uma vida própria.

Trabalhava em separado do resto do corpo, para fora e para dentro, como um caranguejo enfiado na areia na maré baixa. De vez em quando fazia «psst», como se fosse uma substância viscosa a entrar para uma panela a ferver.

Puxei o Jem pela manga.

Ele olhou para mim e depois para a cama. Naquele seu movimento contínuo, a cabeça dela estava agora virada para nós e o Jem perguntou:— Está bem, Mrs. Dubose? Ela não o ouviu.

O despertador disparou e pregou-nos um susto de morte. Um minuto mais tarde, ainda com os nervos à flor da pele, eu e o Jem já estávamos no passeio a caminho de casa. Não fugimos, apenas foi a Jessie que nos mandou embora: de facto, antes de o despertador ter parado de tocar, já a Jessie estava no quarto a mandar-nos embora.

— Chiu—disse ela—vão para casa. O Jem hesitou quando chegou à porta.

— Está na hora dela tomar o remédio—informou a Jessie. Antes de a porta se fechar vi a Jessie aproximando-se rapidamente da cama de Mrs. Dubose.

Quando chegámos a casa ainda só eram quatro menos um quarto, por isso, eu e o Jem fomos brincar para o quintal até serem horas de ir ter com o Atticus. O Atticus trazia dois lápis amarelos para mim e uma revista de futebol para o Jem. Acho que foi uma recompensa silenciosa pelo nosso primeiro dia de sessões com Mrs. Dubose. O Jem contou-lhe como tinha corrido.

— Ela assustou-te?—perguntou o Atticus.

— Não, pai—respondeu o Jem—mas é me'mo má! Parece qu'ate tem ataques. E passa a vida a cuspir.

— É algo que ela não pode evitar. Às vezes, quando as pessoas estão doentes, não têm lá muito bom aspecto.

— A mim ela assustou-me—disse eu.

O Atticus olhou para mim por cima dos óculos.

— Tu já sabes que não és obrigada a ir com o Jem.

A tarde seguinte com Mrs. Dubose foi igual à primeira, assim como as que se seguiram, até começar a surgir um mesmo padrão: tudo começava normalmente... ou seja, durante um bocado, Mrs.

Dubose perseguia o Jem com os seus assuntos favoritos, as suas camélias e a propensão do meu pai para gostar de negros; lentamente, ia ficando cada vez mais silenciosa até que se desligava de nós. O alarme do despertador tocava, a Jessie mandava-nos embora e ficávamos com o resto da tarde por nossa conta.

— Atticus—disse eu, num fim de tarde -, mas afinal o que é um amigalhaço dos negros?

O Atticus pôs uma expressão séria.

— Houve alguém que te chamou isso?

— Não, senhor, Mrs. Dubose é que te chama isso. Todas as tardes, po aquecimento p'ros insultos começa com isso. O Francis chamou-me isso no Natal passado, foi a primeira vez qu' o ouvi.

— Foi por isso que andaste à bulha com ele?—perguntou o Atticus.

— Sim, senhor.

Tentei explicar ao Atticus que o que me tinha enfurecido não tinha sido o que o Francis dissera, mas sim o modo como o tinha feito. Foi como se me tivesse chamado nariz empinado, ou alguma coisa do género.

— Scout—disse o Atticus—«amigalhaço dos negros» é uma daquelas expressões que não significa nada... tal como nariz empinado.

É difícil de explicar... só as pessoas ignorantes e más é que a usam quando pensam que alguém está a favorecer mais os negros do que a elas próprias. Começou a ser atribuída a algumas pessoas como nós, por quem quer usar uma expressão vulgar e horrível para nos rotular.

— Então não és mesmo um «amigalhaço dos negros», pois não?

— Mas é claro que sou. Dou o meu melhor para gostar de toda a gente... Por vezes é difícil... Querida, nunca podes tomar como um insulto que as pessoas te chamem nomes feios. Só mostra até que ponto essa pessoa é pobre de espírito, mas não te pode magoar.

Por isso, não deixes que Mrs. Dubose te desanime. Ela já tem problemas que chegue.

Certa tarde, um mês depois, o Jem ia desbravando caminho ao longo das páginas de Sir Walter Scout, como ele lhe chamava, enquanto Mrs. Dubose o ia corrigindo vezes sem conta, quando bateram à porta:— Entre!—gritou ela.

O Atticus entrou. Dirigiu-se à cama e pegou na mão de Mrs.

Dubose.

— Cheguei do escritório e não vi as crianças—disse ele.—Ocorreu-me que ainda

pudessem estar aqui.

Mrs. Dubose sorriu para ele. Juro, pela minha saúde, que nunca consegui perceber como é que ela conseguia falar com ele se o detestava assim tanto.

— Sabe, por acaso, que horas são, Atticus? — perguntou ela.

— Passam exactamente catorze minutos depois das cinco. O despertador está posto para as cinco e meia. Só queria que soubesse disso.

De repente, apercebi-me que todos os dias estávamos a ficar mais um bocadinho de tempo em casa de Mrs. Dubose, que cada dia que passava, o despertador tocava uns minutos mais tarde, e que sempre que ele tocava, já ela estava a meio de um dos seus ataques. Hoje, no entanto, ela tinha estado a implicar com o Jem durante quase duas horas, sem qualquer vontade de ter um ataque e eu sentia-me desesperadamente encurralada. O despertador era o sinal da nossa libertação; se um dia não tocasse, o que é que fazíamos?

— Tenho a sensação de que os dias de leitura do Jem estão contados — disse o Atticus.

— Falta só mais uma semana, acho eu — disse ela. — Só para ter a certeza...

O Jem levantou-se.

— Mas...

O Atticus estendeu a mão e o Jem ficou em silêncio. No caminho para casa, o Jem disse que só tinha ficado combinado fazer durante um mês e que agora o mês já tinha acabado, logo não era justo.

— Só mais uma semana, filho — disse o Atticus.

— Não — replicou o Jem.

— Sim — contrariou o Atticus.

Na semana seguinte lá estávamos nós em casa de Mrs. Dubose.

O despertador tinha deixado de tocar, mas Mrs. Dubose libertava-nos dizendo «Já chega» tão tarde que, quando chegávamos a casa, o Atticus já estava sentado a ler o jornal. Apesar de os seus ataques terem parado, ela voltara literalmente em todos os sentidos a ser a mesma pessoa: quando Sir Walter Scott se envolvia em prolongadas descrições de fossos e castelos, Mrs. Dubose começava a ficar entediada e aí virava-se para nós: — Jeremy Finch, eu disse-te que te ias arrepender para toda a vida pelo facto de teres estragado as minhas camélias. E agora, estás arrependido, não estás?

O Jem dizia que era óbvio que estava.

— Pensavas que podias matar a minha Neve-da-Montanha, não era? Bem, a Jessie diz que o botão já está de novo a crescer. Da próxima vez, já sabes fazer as coisas como deve de ser, não é? Vais cortá-las pelas raízes, não vais?

O Jem dizia que era óbvio que sim.

— Não me resmungues, rapaz! Levanta a cabeça e diz «sim, senhora». Acho que não deves ter muita vontade de levantar a cabeça, sendo o teu pai aquilo que é.

O queixo do Jem erguia-se e olhava Mrs. Dubose olhos nos olhos com uma expressão desprovida de ressentimento. Ao longo das semanas tinha vindo a criar uma expressão de interesse delicado e desinteressado, que colocava em prática em resposta às suas mais provocantes invenções.

Por fim, chegou o último dia. Foi numa tarde quando Mrs. Dubose disse:

— Já chega—acrescentou.—E é tudo. Passem um bom-dia.

Tinha chegado ao fim. Fomos aos pulos e aos gritos pelo passeio numa manifestação de puro alívio.

Aquela Primavera foi excelente: os dias eram mais compridos, o que nos dava mais tempo para brincar. A cabeça do Jem estava a maior parte do tempo ocupada com as estatísticas vitais de todos os jogadores de futebol universitário da nação. Todas as noites o Atticus lia-nos as páginas desportivas dos jornais. A julgar pelas suas esperanças, naquele ano, o Alabama poderia ir de novo à final no Rose Bowl, e nós não conseguíamos pronunciar um só nome dos jogadores da equipa. Certa tarde, estava o Atticus a meio da coluna do Windy Seaton, o telefone tocou.

Ele atendeu e depois dirigiu-se ao bengaleiro na entrada.

— Vou só um bocado até casa de Mrs. Dubose—disse ele.—Não demoro.

Mas o Atticus ficou até muito depois da minha hora de deitar.

Quando voltou, trazia uma caixa de chocolates. Sentou-se na sala de estar e colocou a caixa no chão, ao lado da sua cadeira.

— O qu' é qu' ela queria?—perguntou o Jem.

Já não víamos Mrs. Dubose há mais de um mês. Nunca estava na varanda quando passávamos.

— Ela morreu, filho—disse o Atticus.—Morreu há uns minutos.

— Oh—disse o Jem.—bem.

— Bem, está certo—disse o Atticus.—Já não sofre mais. Estava doente há muito tempo. Filho, sabes o que eram aqueles ataques?

O Jem disse que não com a cabeça.

— Mrs. Dubose era viciada em morfina—disse o Atticus.—Tomava-a há anos para lhe aliviar as dores. Foi o médico que lha receitou. Iria passar o resto da sua vida a tomá-la e morreria sem grande sofrimento, mas ela opunha-se a essa ideia.

— Pai?—disse o Jem. O Atticus continuou:—Uns dias antes do teu acesso de raiva no jardim, ela chamou-me para fazer o testamento. O Dr. Reynolds tinha-lhe dito que ela só tinha uns meses de vida. Os seus negócios estavam todos em ordem, mas ela disse «Ainda falta resolver uma coisa».

— E o que era?—perguntou o Jem, perplexo.

— Ela disse que ia deixar este mundo sem dívidas a nada nem a ninguém. Jem, quando se está tão doente como ela estava, não faz mal que se tome alguma coisa para

aliviar o sofrimento, mas ela não era dessa opinião: ela disse que se queria libertar daquilo antes de morrer e foi o que fez.

O Jem perguntou:

— Então era por isso que ela tinha os ataques?

— Sim, era por isso. Duvido que ela ouvisse uma palavra do que dizias quando lhe estavas a ler. Toda ela, mente e corpo, estava concentrada no despertador. Se o destino não te tivesse levado às mãos dela, eu ter-te-ia mandado para lá ler de qualquer forma.

Era uma distração. Mas há ainda uma outra razão...

— Ela morreu livre? — perguntou o Jem.

— Como o ar da montanha — respondeu o Atticus. Esteve consciente até ao último minuto. Consciente — sorriu -, e rabugenta.

Continuou a desaprovar profundamente os meus actos e disse que, provavelmente, eu iria passar o resto da vida a pagar fianças para te tirar da cadeia.

Pedi à Jessie para te preparar esta caixa...

O Atticus baixou-se e pegou na caixa de chocolates. Entregou-a ao Jem.

O Jem abriu a caixa. Lá dentro, rodeada por bolas de algodão húmido, estava uma camélia branca, aveludada e sublime. Era uma Neve-da-Montanha.

Os olhos do Jem quase lhe saltaram das órbitas.

— Maldita seja, maldita seja! — gritou ele, atirando a caixa para o chão. — Por que é que ela não me deixa em paz?

Num ápice, o Atticus levantou-se e cresceu para ele. O Jem enterrou a cara na camisa do Atticus.

— Sh, Sá — disse ele. — Acho que foi a forma de ela te dizer...

que agora está tudo bem, Jem, está tudo bem. Sabes, ela era uma grande senhora.

— Uma senhora? — o Jem levantou a cabeça. O seu rosto estava vermelho de raiva. -

Depois de todas as coisas que disse sobre ti, uma senhora?

— Era sim. Tinha a sua própria visão das coisas, talvez bastante diferente da minha... filho, eu disse-te que se tu não tivesses perdido a cabeça, eu ter-te-ia mandado ler para ela na mesma. Queria que visses qualquer coisa nela... queria que visses o que é a verdadeira coragem, em vez de pensares que coragem é um homem com uma arma nas mãos. Coragem é sabermos que estamos vencidos à partida, mas recomeçar na mesma e avançar incondicionalmente até ao fim. Raramente se ganha, mas às vezes conseguimos. E Mrs.

Dubose ganhou, do princípio ao fim, da cabeça aos pés. Segundo a sua visão das coisas, ela morreu livre e sem dever nada a ninguém.

Era a pessoa mais corajosa que já conheci.

O Jem pegou na caixa de chocolates e atirou-a para a lareira.

Apanhou a camélia e, quando fui dormir, vi-o a deslizar os dedos pelas suas pétalas.

O Atticus continuava a ler o jornal.

PARTE DOIS

O Jem tinha doze anos. Era complicado viver com ele, algo inconsistente e dado a mudanças de humor. O seu apetite era abissal e disse-me tantas vezes para parar de o importunar, que decidi consultar o Atticus:—Achas qu' ele tem a bicha-solitária?

O Atticus respondeu que não e disse que o Jem estava a crescer.

Tinha era de ter paciência com ele e incomodá-lo o menos possível.

Esta mudança no Jem tinha-se dado apenas no espaço de algumas semanas. Mrs. Dubose ainda não tinha aquecido o túmulo... e o Jem parecia estar grato por eu lhe ter feito companhia enquanto ele lia para ela. De um momento para o outro, o Jem parecia ter adquirido uma série de valores estranhos e tentava agora impô-los à minha pessoa: às vezes, chegava ao ponto de me dizer o que fazer.

Depois de um desentendimento, gritou:—Já 'tá na altura de começares a ser uma rapariga e portares-te bem!

Eu explodi em lágrimas e corri para a Calpurnia.

— Não se ponha a incomodar o Mr. Jem...! — começou ela.

— Mis... ter Jem?

— Sim, ele agora já é quase adulto.

— Oh, ele n' é assim tão velho! — retorqui. — Tudo o qu'ele precisa é d'alguém que lhe dê uma boa sova, eu é qu'ainda não tenho tamanho suficiente.

— Querida — disse a Calpurnia — não posso evitar qu' o Mr. Jem 'teja a crescer. Ele agora vai querer passar muito tempo sozinho, a fazer coisas de rapazes, por isso, quando se sentir sozinha ande p'rá cozinha p'ó pé de mim. Aqui tem trabalho que chegue p'rá nós duas.

Pelos sinais, o princípio daquele Verão prometia: o Jem fazia o que lhe apetecia; e, por enquanto, a Calpurnia servia até o Dill chegar. Parecia contente quando eu aparecia na cozinha e, ao observá-la, comecei a pensar que, afinal, ser rapariga tinha que se lhe dissesse.

Mas o Verão chegou e o Dill não apareceu. Recebi uma carta e uma fotografia dele.

A carta dizia que ele tinha um novo pai, cuja fotografia estava no envelope e que tinha de ficar em Meridian, porque os dois tinham planeado construir um barco de pesca. O pai dele era advogado como o Atticus, mas muito mais novo. O novo pai do Dill tinha uma cara simpática, o que me deixou contente por se terem afeiçoado tanto um ao outro, isto apesar da minha enorme tristeza. O Dill acabava a carta a dizer que amar-me-ia para sempre e para eu não me preocupar, que mal conseguisse juntar dinheiro suficiente, viria buscar-me e casaria comigo, por isso, pedia que lhe escrevesse.

O facto de ter um noivo permanente era uma parca compensação para a sua ausência: nunca tinha pensado naquilo, mas para mim o Verão era o Dill a fumar palhas junto à

piscina, os seus olhos vivos, transbordando de planos complicados para convocar o Boo Radley; o Verão era a velocidade com que o Dill chegava e me beijava quando o Jem não estava a ver, os sentimentos, que às vezes, sabíamos que o outro partilhava. Com ele, a vida era rotina; sem ele, a vida era insuportável. Durante dois dias, sentime miserável.

Como se já não fosse suficiente, a comissão legislativa estadual convocou uma sessão de emergência e o Atticus teve de nos deixar durante duas semanas. O governador estava ansioso por limar umas quantas arestas da máquina do estado; havia greves de ocupação (*) em Birmingham; nas cidades as filas para o pão cresciam de dia para dia; as pessoas no campo estavam cada vez mais pobres. Mas estes eram acontecimentos à parte do meu mundo e do mundo de Jem.

Uma manhã, ficámos surpreendidos ao ver uma caricatura no Montgomery Advertiser com a seguinte legenda, «O Finch de Maycomb». Mostrava o Atticus descalço, em calções, preso a uma secretária: estava a escrever diligentemente numa ardósia, enquanto algumas raparigas de aspecto fútil lhe gritavam «luuh-uuh!».

— Isso é um elogio—explicou o Jem.—Ele passa o tempo a fazer coisas que nunca apareceriam feitas se ninguém as fizesse.

— Ah?!

Acrescentando às características recentemente desenvolvidas pelo Jem, ele tinha também adquirido um irritante ar de sabedoria.

— Ó Scout, é como reorganizar todo o sistema de impostos dos condados e dos bens de consumo. A maior parte das pessoas não se interessa minimamente por esse tipo de coisas.

— E tu com'ê que sabes?

— Oh, vai-te lá embora e deixa-me em paz. Estou a ler o jornal.

O Jem conseguiu o que queria. E eu fui para a cozinha.

Enquanto estava a descascar ervilhas, a Calpurnia disse, de repente:—Não sei o qu'ê qu'eu vou fazer com vocês os dois no domingo durante a missa.

— Nada, acho eu. O Atticus deixou-nos a tarefa do ofertório.

A Calpurnia semicerrou os olhos e eu consegui ler-lhe os pensamentos.

— Cal—disse-lhe -, tu já sabes que nos vamos portar bem. Há anos que vamos à igreja e nunca fizemos asneiras.

Era óbvio que a Calpurnia se recordava de um certo domingo de chuva em que nós estávamos sem pai e sem professora. Deixados à nossa sorte, a turma amarrou a Eunice Ann Simpson a uma cadeira e colocou-a na casa da caldeira. Esquecemo-nos dela, galgámos as escadas da igreja e estávamos sossegadamente a ouvir o sermão quando um barulho terrível soou nos canos do radiador, persistente, até que alguém o foi investigar e trouxe para cima a Eunice Ann, que insistia em não querer interpretar mais o papel de Sidrac (**)...

O Jem Finch ainda disse que ela jamais se queimaria se tivesse fé suficiente, mas a verdade é que lá em baixo estava um calor dos diabos.

— Além disso, Cal, esta não é a primeira vez que o Atticus nos deixa sós — protestei.

— Sim, mas ele antes pergunta sempre s'a professora vai lá estar. Ora eu não ouvi Mr. Finch dizer nada desta vez... se calhar esqueceu-se.

A Calpurnia coçou a cabeça. Subitamente sorriu: — A menina e Mr. Jem gostavam de ir comigo à igreja amanhã?

— A sério?

— Qu'é que acham? — sorriu a Calpurnia.

Não sei se alguma vez a Calpurnia me chegou a dar um banho assim tão minucioso, mas nada se comparava à sua aturada supervisão da rotina daquele sábado à noite. Fez-me ensaboar duas vezes, mudou a água da banheira várias vezes para cada lavagem; enfiou a minha cabeça na pia e lavou-a com sabão para a roupa e sabonete desinfetante. Como já tratava do Jem há anos, naquela noite invadiu a sua privacidade, o que provocou uma verdadeira explosão: — Será que ninguém pode tomar um banho nesta casa sem ter a família inteira a olhar!

Na manhã seguinte, levantou-se mais cedo do que o habitual, para «dar uma vista d'olhos à nossa roupa». Quando a Calpurnia passava as noites connosco dormia num divã na cozinha; naquela manhã estava coberto com a nossa indumentária de domingo.

Tinha posto tanta goma no meu vestido, que quando me sentava, este levantava-se como uma tenda. Obrigou-me a usar um corpete e atou uma fita cor-de-rosa bem apertada à minha cintura. Depois, poliu os meus sapatos de cabedal genuíno com um biscoito frio até conseguir ver o seu reflexo neles.

— Parece que vamos para um Mardi Gras (*) — disse o Jem. — Para que é isto tudo?

— Num quero qu' ninguém diga qu' num tomo bem conta dos meus meninos - resmungou. — Mr. Jem, o senhor não pode, de modo algum, usar essa gravata com esse fato. É verde. — E agora? — O fato é azul. Não consegue ver?

— Hi! Hi! — graciei eu. — O Jem é daltónico!

A sua face corou de fúria, mas a Calpurnia interrompeu logo: — Parem com isso, vamos lá ver. Vocês vão é à Igreja da Alforria e com um sorriso na cara, ouviram.

A Igreja Africana da Alforria M. E. situava-se nos bairros dos negros fora dos limites da cidade, a sul, logo depois do caminho para a velha serração. Era um edifício antigo de madeira, com a tinta toda a descascar, a única igreja em Maycomb dotada de um campanário e um sino, chamada Alforria, porque tinha sido paga com os primeiros rendimentos dos escravos que recebiam a sua carta de alforria. Os negros rezavam lá aos domingos e os brancos iam para lá jogar cartas durante a semana.

O adro da igreja era feito de barro duro, assim como o cemitério ao lado. Se alguém morresse durante um período de seca, o corpo era coberto com blocos de gelo até a chuva

amaciar a terra.

No cemitério, algumas sepulturas estavam marcadas com lápides em avançado estado de decomposição; as mais recentes estavam decoradas com cacos de vidro em tons garridos e garrafas de Coca-Cola partidas. Os pára-raios que guardavam algumas sepulturas deixavam transparecer mortos que não descansavam em paz; havia tocos de velas queimadas encostados às lápides de sepulturas de crianças. Tinha o ar de ser um cemitério bastante feliz.

Quando entrámos na igreja, fomos de imediato acolhidos pelo cheiro quente e agriçoce dos negros lavados... loção capilar Hearts of Love misturava-se com assa-fétida, rapé, colónia Hoyt's, tabaco Brown's Mule, hortelã-pimenta e pó de talco perfumado.

Quando os homens viram a Calpurnia connosco, deram um passo atrás e tiraram os chapéus; as mulheres cruzaram os braços à volta da cintura, sinónimo de respeito e consideração. Abriam alas para nós até à porta da igreja. A Calpurnia caminhava no meio de nós, respondendo aos cumprimentos dos seus vizinhos tão aperaltados.

— Qu'é qu' tu 'tá fazendo, Miss Cal? — disse uma voz, atrás de nós.

A Calpurnia colocou as mãos nos nossos ombros, parámos e olhámos em volta: mesmo atrás de nós estava uma mulher negra e alta. O seu peso estava todo sobre uma só perna; descansava o cotovelo esquerdo em cima da anca, apontando para nós com a palma da mão. Tinha a cabeça oval com uns estranhos olhos em forma de amêndoa, nariz recto e uma boca igual a um arco de flechas índio. Parecia ter dois metros de altura.

Senti a mão da Calpurnia a afundar-se nos meus ombros.

— Mas qu'é qu tu quer, Lula? — perguntou ela, num tom que eu nunca a tinha ouvido usar. Falava calmamente, sem desdém.

— Eu quer saber, porqu'e que tu traz os criança' branca pr'a uma igreja de preto.

— As criança' sum meus convidado — disse a Calpurnia. De novo, achei que a voz dela me soava algo estranha: é que ela estava a falar como os outros todos.

— Tou vendo 'tou, é me'mo isso qu' tu és, convidada, lá na casa dos Finch durante a semana.

A multidão que assistia soltou um murmúrio.

— Não tenha medo — sussurrou-me a Calpurnia, mas as rosas do seu chapéu tremiam de indignação.

Quando Lula se aproximou de nós, a Calpurnia exclamou: — Alto aí, preta!

A Lula parou, mas disse:

— P'ra quê qu' tu traz criança branca p'aqui? Elas tem sua igreja, a gente tem nossa.

O igreja é nossa, né, Miss Cal?

A Calpurnia respondeu:

— Deus é o mesmo p'ra todos, não é?

Ao que o Jem disse:

— Vamos voltar para casa Cal, eles não nos querem aqui...

Eu concordei: era óbvio que eles não nos queriam ali. Sentia, mais do que via, que eles estavam cada vez mais junto de nós.

Pareciam estar a aproximar-se gradualmente, mas quando olhei para a Calpurnia vi que a sua expressão era de puro divertimento. Quando olhei de novo para o adro, a Lula tinha desaparecido. No sítio onde ela estava, havia agora uma massa compacta de gente de cor.

Um deles deu um passo à frente da multidão. Era o Zeebo, o lixeiro.

— Mr. Jem—começou ele—'tamos muito contente por os ter aqui. Não ligue à Lula, qu'ela está aborrecida, porque o Reverendo Sykes ameaçou qu'a excomungava. Há muito que provoca sarilhos, tem ideias estranha e maneiras arrogante... 'tamos muito contente por vos ter todos aqui.

Com isso, a Calpurnia conduziu-nos à porta da igreja onde fomos saudados pelo Reverendo Sykes, que nos levou até ao banco da frente.

A igreja da Alforria não tinha tecto e também não estava pintada por dentro. Espalhados pelas paredes, viam-se candeeiros a petróleo apagados, pendurados em castiçais de bronze; compridos bancos de pinho faziam de bancos de igreja. Por trás do rudimentar púlpito em carvalho, estava um estandarte em seda cor-de-rosa com a inscrição «Deus é Amor», enquanto a única peça decorativa da igreja era uma rotogravura do quadro de Hunt, A Luz do Mundo.

Não havia sinais de um piano, órgão, livros de hinos, programas de serviços religiosos... os instrumentos eclesiásticos habituais que estávamos habituados a ver todos os domingos. O seu interior era escuro, cheio de uma frieza húmida que se ia dissipando à medida que os fiéis enchiam a igreja. Cada lugar tinha um leque de cartão barato com uma imagem do Jardim do Getsêmani, cortesia da Tyndal's Hardware Co. (É só querer, e nós temos para vender.) A Calpurnia levou-nos até ao fim da fila e sentou-se entre nós.

Pôs-se a vasculhar na bolsa, tirou o lenço e desfez o nó de uma das pontas onde tinha o dinheiro. Deu-me uma moeda e outra ao Jem.

— Nós já temos as nossas—sussurrou ele.

— Guardem-na—pediu a Calpurnia.— Vocês são meus convidados.

A face do Jem mostrou uma breve indecisão quanto à ética de ficar com a sua própria moeda, mas a sua delicadeza inata acabou por vencer e lá meteu a moeda ao bolso. Fiz o mesmo sem grandes constrangimentos.

— Cal—sussurrei eu -, onde é que estão os livros dos hinos?

— Não há—respondeu ela.

— Mas como...?

— Chiu—ordenou. O Reverendo Sykes estava de pé atrás do púlpito a olhar em silêncio para a assembleia. Era um homem baixo e roliço vestido com um fato preto,

gravata preta, camisa branca e uma correia de relógio em ouro que reluzia com a luz dos vidros partidos das janelas.

Ele começou:

— Irmãos e irmãs, estamos particularmente contentes por esta manhã termos visitas. O Sr. e a Menina Finch. Todos conhecem o pai deles. Antes de começar, passarei a ler alguns avisos.

O Reverendo Sykes vasculhou no meio de alguns papéis, escolheu um e levantou-o com o braço bem estendido.

— Na próxima terça-feira, a Sociedade Missionária reúne-se em casa da nossa irmã Annette Reeves. Levem os vossos trabalhos de costura.

Leu mais outro papel:

— Todos conhecem o problema do nosso irmão Tom Robinson.

Tem sido um fiel seguidor da igreja da Alforria desde miúdo. O peditório de hoje e os dos próximos três domingos irão reverter para a Helen... a sua mulher, para a ajudar com as coisas da casa.

Dei uma cotovelada ao Jem.

— É o Tom que o Atticus está a de...

— Chiu!

Virei-me para a Calpurnia, mas fui mandada calar mesmo antes de poder abrir a boca. Subserviente, fixei a minha atenção no Reverendo Sykes, que parecia estar à espera que eu me acalmasse.

— Que o director musical dê início ao primeiro hino—pediu.

O Zeebo levantou-se do seu banco e caminhou pela coxia, até parar à nossa frente, encarando a assembleia. Trazia um livro de hinos bastante gasto. Abriu-o e disse:— Vamos cantar o número duzentos e setenta e três.

Aquilo para mim era demais.

— Mas com'é qu' vamos cantar se não há livro de hinos?

A Calpurnia sorriu. . .

— Calma, querida—sussurrou ela -, daqui a um bocadinho vai já perceber.

O Zeebo pigarreou para limpar a garganta e leu num tom de voz como se fosse o som distante do troar de artilharia:— «Há uma terra para além do rio».

Miraculosamente afinadas, cem vozes repetiram, cantando, as palavras do Zeebo.

A última sílaba, presa a um rouco murmúrio, foi seguida por mais uma fala do Zeebo:— «Que nós chamamos de eterna doçura».

A música voltou a elevar-se à nossa volta; a última nota prolongou-se e o Zeebo juntou-a ao verso seguinte:— «E só podemos alcançar as suas margens através do poder da fé».

Dado que a congregação hesitou, o Zeebo repetiu o verso com cuidado e todos

cantaram a seguir. Quando o coro terminou, o Zeebo fechou o livro, sinal para toda a congregação prosseguir sem a sua ajuda.

Nas últimas notas do Jubileu, o Zeebo disse:—«Nessa distante e doce eternidade, para além do rio resplandecente».

Verso a verso, linha a linha, as vozes continuaram em suave harmonia até o hino acabar num murmúrio melancólico.

Olhei para o Jem, que estava a olhar para o Zeebo pelo canto do olho. Eu também não acreditava, mas ambos o tínhamos ouvido.

De seguida, o Reverendo Sykes pediu a Deus para abençoar os doentes e os que sofrem, um procedimento não muito diferente do nosso serviço religioso, com a excepção de que o Reverendo Sykes apelava à intervenção do Divino para vários casos específicos.

O seu sermão foi uma denúncia directa do pecado, uma declaração austera do lema exposto na parede atrás dele: alertou o seu rebanho contra os males das bebidas espirituosas, jogo e mulheres de má fama. Os contrabandistas de álcool tinham causado muitos sarilhos nos bairros dos negros, mas as mulheres eram muito pior.

Mais uma vez, como já tinha acontecido tantas vezes na minha igreja, fui confrontada com a doutrina da Impureza da Mulher, que parecia afligir todos os clérigos.

Domingo após domingo, eu e o Jem fomos ouvindo o mesmo sermão, mas com uma excepção. O Reverendo Sykes usava o seu púlpito com mais liberdade para exprimir a sua opinião sobre alguns descuidos individuais ao estado de graça: há cinco dias que o Jim Hardy não vinha à igreja e não estava doente; a Constance Jackson devia ter mais cuidado com as suas maneiras... estava em perigo iminente de entrar em conflito com os seus vizinhos; tinha erguido a primeira barreira de ódio da história dos bairros.

O Reverendo Sykes deu por concluído o sermão. Ficou de pé, ao lado de uma mesa em frente do púlpito e solicitou as oferendas da manhã, um procedimento estranho para o Jem e para mim. Um a um, os membros da assembleia chegaram-se à frente e deixaram cair moedas para dentro de uma lata de café de esmalte preto. Eu e o Jem seguimos o processo, e recebemos um suave «Obrigado, muito obrigado» quando as nossas moedas tilintaram.

Para nosso espanto, o Reverendo Sykes esvaziou a lata para cima da mesa e começou a contar as moedas todas à mão. Endireitou-se e disse:—Isto não chega, temos de ter dez dólares.

A congregação agitou-se.

— Todos sabem para quem é este dinheiro... a Helen não pode deixar os filhos sozinhos para trabalhar enquanto o Tom está na cadeia. Se toda a gente der mais uma moeda, conseguimos... o Reverendo Sykes fez sinal com a mão para chamar alguém que estava ao fundo da igreja.—Alec, fecha as portas. Ninguém sai daqui até termos dez dólares.

A Calpurnia procurou na mala e tirou um velho porta-moedas de cabedal.

— Agora, Cal—sussurrou o Jem, quando ela lhe entregou uma moeda luzente - podemos dar as nossas. Dá-me a tua moeda, Scout.

A igreja estava a ficar asfixiante e ocorreu-me que o Reverendo Sykes pretendia que o seu rebanho suasse as estopinhas.

Os leques abanavam, os pés mexiam-se impacientes, os viciados em tabaco de mascar desesperavam.

O Reverendo Sykes espantou-me ao dizer, com veemência.

— Carlow Richardson, ainda não o vi no corredor.

Um homem magro de calças caqui levantou-se, avançou pelo corredor e depositou uma moeda. A congregação murmurou em uníssono manifestando apreço pela sua acção.

Em seguida, o Reverendo Sykes continuou:—Quero que todos os que não têm filhos, façam o sacrifício de dar mais uma moeda cada um. Assim vamos conseguir.

Lenta e dolorosamente, os dez dólares lá foram reunidos. A porta foi finalmente aberta e uma brisa de ar quente reanimou-nos.

O Zeebo indicou os versos do Nas Margens Revoltas do Rio Jordão e foi encerrado o serviço religioso.

A minha vontade era ficar ali a explorar, mas a Calpurnia impeliu-me para o corredor à frente dela. À porta da igreja, enquanto ela parava para falar com o Zeebo e a sua família, eu e o Jem ficámos a conversar com o Reverendo Sykes. Eu estava a rebentar de perguntas, mas decidi esperar e deixar que fosse a Calpurnia a responder.

— Ficámos especialmente contentes por vos ter aqui—confessou o Reverendo Sykes.

— Esta igreja não tem melhor amigo do que o vosso pai.

A minha curiosidade rebentou:—Porq'ê qu'estavam a recolher dinheiro p'ra mulher do Tom Robinson?

— Então não ouviu porquê?—perguntou o Reverendo Sykes.

— A Helen tem três filhos pequeninos e não pode sair de casa para ir trabalhar...

— Então porqu'ê que ela não os pode levar co' ela, Reverendo? - perguntei. Era costume dos negros que trabalhavam no campo e que tinham filhos pequenos, deixarem-nos debaixo de qualquer sombra enquanto trabalhavam... normalmente, os bebés ficavam sentados à sombra entre duas filas de algodão. Aqueles que ainda não se conseguiam sentar eram amarrados às costas da mãe, estilo índias, ou ficavam sentados sobre vários sacos de algodão.

O Reverendo Sykes hesitou.

— Para lhe dizer a verdade, Miss Jean Louise Finch, a Helen está com dificuldades em arranjar trabalho... quando chegar a época das colheitas, talvez Mr. Link Deas a aceite.

— E por que é que não consegue, Reverendo?

Antes de ele conseguir responder, senti a mão da Calpurnia no meu ombro. Ao sentir

a sua pressão disse:—Obrigado por nos ter deixado vir.

O Jem disse a mesma coisa e fomos todos para casa.

— Cal, eu sei qu'ó Tom Robinson está na cadeia e qu' fez alguma coisa terrível, mas porque é qu'as pessoas não dão emprego à Helen?—perguntei.

No seu vestido azul-marinho e chapéu todo enfeitado, a Calpurnia caminhava entre mim e o Jem.

— É por causa do qu'as pessoas dizem sobre o que o Tom fez respondeu.

— As pessoas não querem muito... não querem ter nada a ver co' a família dele.

— Afinal, o qu' é qu'ele fez?

A Calpurnia soltou um breve suspiro.

— O velho Mr. Bob Ewell acusou-o de violar a filha dele e eles prenderam-no e botaram-no na prisão...

— Mr. Ewell?—a minha memória chamou-me a atenção.—Ele tem alguma coisa a ver com aqueles Ewells que aparecem todos os anos, no primeiro dia de aulas, e depois se vão embora? Mas, o Atticus disse que eles não prestam... nunca ouvi o Atticus falar assim de mais ninguém. Ele até disse...

— Sim, são esses mesmo.

— Bem, se toda a gente em Maycomb soubesse que tipo de gente são os Ewells, eu acho qu'ate ficavam contentes por dar emprego à Helen... qu' é «violar», Cal?

— Isso é uma coisa qu' a menina tem de perguntar a Mr. Finch—sugeriu.—Ele consegue explicar-lhe isso melhor do qu'eu. Não estão com fome? É qu'esta manhã o Reverendo demorou muito tempo com o sermão e não costuma ser assim tão aborrecido.

— É como o nosso presbítero—disse o Jem.—Mas por que é que vocês cantam os hinos daquela maneira?

— «À linha»?

— É assim que se chama? : ,—Sim, chama-se «à linha». Fazem assim, desde que me lembro.

O Jem sugeriu que eles podiam juntar o dinheiro do ofertório durante um ano para comprarem alguns livros de hinos.

A Calpurnia riu-se.

— Não serviam p'ra nada—disse ela.—Eles não sabem ler.

— Não sabem ler?—perguntei eu.—Todos?

— É verdade—corroborou a Calpurnia.—Só há quatro pessoas na Alforria qu' sabem ler... Eu sou uma delas.

— Ond' é que andaste na escola, Calpurnia?—perguntou o Jem.

— Não andei. Deixe-me ver se me lembro, quem me ensinou as letras? Acho que a tia de Miss Maudie Atkinson, a velha Miss Buford...

— És assim tão velha?

— Sou mais velha que Mr. Finch — disse a Calpurnia a sorrir.

— Quantos anos ao certo, não sei. Uma vez, tentámo-nos lembrar, tentámos descobrir quantos anos eu tinha... sei é que me lembro de mais coisas do que o patrão, algumas, não muitas, por isso não devo ser muito mais velha, isto, sem contar qu'as mulheres têm mais memória qu'os homens.

— Quando é que fazes anos, Cal?

— Só os festejo no Natal, assim é mais fácil de lembrar... a data verdadeira, isso não sei.

— Mas, Cal — protestou o Jem -, tu não pareces nada mais velha do que o Atticus.

— Nas pessoas de cor, a idade não se nota tanto — explicou.

— Talvez seja porque não sabem ler. Cal, ensinaste o Zeebo?

— Sim, Mr. Jem. Quando ele era garoto, nem sequer havia escola. Mas eu a modos que o ensinei.

O Zeebo era o filho mais velho da Calpurnia. Se algum dia me tivesse dado ao trabalho de pensar no assunto, veria que a Calpurnia já tinha uma certa idade... afinal o Zeebo já tinha filhos crescidos... só que, realmente, nunca me dera a esse trabalho.

— Ele também aprendeu a ler por um livro de iniciação à leitura, como nós? — perguntei-lhe.

— Não, eu obrigava-o ler uma página da Bíblia todos os dias e também havia um livro donde eu tinha aprendido com Miss Buford... aposto que não sabem adonde o arranjei — disse ela.

Não sabíamos.

A Calpurnia respondeu:

— Foi o vosso avôzinho Finch que mo deu.

— Tu vieste da Plantação? — perguntou o Jem. — Nunca nos Contaste isso.

— Claro que venho, Mr. Jem. Cresci lá entre a Plantação e a propriedade dos Bufords. Passei todos os meus dias a trabalhar para os Finchs ou para os Bufords e depois vim para Maycomb quando o vosso paizinho e a vossa mãezinha casaram.

— E qual era o livro, Cal? — perguntei eu.

— Comentários, de William B Blackstone.

O Jem estava atónito.

— Quer dizer que ensinaste o Zeebo a ler por isso?

— Claro que sim, Mr. Jem.

A Calpurnia levou timidamente os dedos à boca.

— Eram os únicos livros que tinha. O vosso avôzinho disse que Mr. Blackstone escrevia bom inglês...

— É por isso que não falas como eles — notou o Jem.

— Com'ó resto de quem?

— O resto das pessoas negras. Cal, mas na igreja falaste igual a eles.

O facto de a Calpurnia levar uma modesta vida dupla nunca me tinha ocorrido. A ideia de ela ter uma existência em separado da nossa vida doméstica era novidade para mim, já para não falar no facto de ela dominar duas línguas.

— Cal—perguntei eu -, por que é que falas como os negros para... para a tua gente quando sabes que não é correcto?

— Bem, em primeiro lugar sou negra...

— Isso não quer dizer que tenhas de falar assim, sobretudo quando sabes falar melhor—disse o Jem.

A Calpurnia inclinou o chapéu para o lado, coçou a cabeça e, em seguida, voltou a enfiar cuidadosamente o chapéu até às orelhas.

— É difícil dizer—confessou.—Suponha que o menino e a Scout falavam negrês em casa... não estavam no local indicado p'ró fazer, não era? Agora, e se eu na igreja e com os vizinhos, falasse com' os brancos? Eles iam pensar que eu me estava a armar aos cucos.

— Mas Cal, tu sabes falar melhor—insisti.

— Não é preciso andar a mostrar a nossa sabedoria a toda a gente. Não é próprio de uma senhora... em segundo lugar, as pessoas não gostam de ter por perto alguém que saiba mais que elas.

Isso humilha-as. As pessoas não vão mudar só por alguém lhes falar em condições, elas têm qu' ter vontade de aprender por elas próprias, e quando não querem aprender, então não há mais nada a fazer do que manter o bico calado ou falar a língua deles.

— Cal, posso vir visitar-te um dia?

Ela olhou para mim.

— Visitar-me, querida? Mas a menina vê-me todos os dias.

— À tua casa—completei.—Um dia, depois do trabalho? O Atticus podia trazer-me.

— Quando quiser, menina—disse ela.—Teremos muito gosto em recebê-la.

Estávamos no passeio junto à Casa Radley.

— Olha acolá para a varanda—disse o Jem.

Olhei para a Casa Radley, à espera de ver o seu inquilino fantasma sentado no baloiço a apanhar sol. Mas o baloiço estava vazio.

— Estava a falar da nossa varanda—disse o Jem.

Olhei para o fundo da rua. Invulnerável, hirta e impassível, a tia Alexandra estava sentada numa cadeira de baloiço, como se sempre se tivesse lá sentado durante toda a sua vida.

— Leva a minha mala para o quarto da frente, Calpurnia foi a primeira coisa que a tia Alexandra disse.

— Jean Louise, pára de coçar a cabeça— foi a segunda coisa.

A Calpurnia pegou na pesada mala da tia e abriu a porta.

— Eu levo—disse o Jem e pegou nela. Ouvi a mala a bater no chão do quarto com um som seco, sinónimo de uma sombria e entediante permanência.

— Está de visita, tia?—perguntei eu. As visitas da tia Alexandra, vinda da Plantação, eram raras e viajava sempre com grande pompa e circunstância. Era dona de um Buick quadrado verde-vivo e um motorista negro, ambos mantidos num doentio estado de asseio, só que hoje, estranhamente, não havia sinal deles.

— O vosso pai não vos avisou?—perguntou.

Eu e o Jem abanámos com as cabeças.

— Provavelmente deve ter-se esquecido. Ele ainda não voltou, pois não?

— Não, senhora. Só costuma voltar ao fim da tarde—disse o Jem.

— Bem, eu e o vosso pai decidimos que estava na altura de vir passar uma temporada convosco.

«Uma temporada» em Maycomb normalmente compreendia um período que ia de três dias a trinta anos. Eu e o Jem trocámos olhares.

— O Jem está a crescer a olhos vistos e tu também—disseme ela.

— Achámos que era bom para ti teres alguma influência feminina.

Já não faltam muitos anos, Jean Louise, para te começares a interessar por roupas e rapazes...

A isto eu poderia ter dado várias respostas: a Cal é rapariga, ainda faltavam mesmo muitos anos até eu me começar a interessar por rapazes, nunca me interessaria por roupas... mas mantive-me calada.

— E o tio Jimmy?—perguntou o Jem.—Ele não vem?

— Ah, não, ele ficou na Plantação. É ele que mantém aquilo a andar, sabes.

No momento em que eu disse «Não vai ter saudades dele?» percebi que esta não era uma pergunta lá muito inteligente. O facto de o tio Jimmy estar presente ou ausente era exactamente a mesma coisa, pois ele nunca dizia nada. A tia Alexandra ignorou a minha questão.

Não conseguia pensar em mais nada para lhe dizer. Na verdade, nunca me ocorria nada para lhe dizer e sentei-me a recordar as penosas conversas passadas entre nós: «Como estás, Jean Louise?» «Bem, obrigado». «E a senhora?» «Muito bem, obrigado; o que é que tens feito?» «Nada». «Nunca fazes nada?» «Não, senhora».

«De certeza que tens amigos...» «Sim, senhora». «E então?» «O que é que vocês

fazem?» «Nada».

Era notório que a Tia Alexandra me considerava burra, porque uma vez ouvi-a dizer ao Atticus que eu era limitada.

Eu sei que havia uma história por detrás disto, mas naquela altura não tinha muita vontade de lha arrancar: era domingo, e a tia Alexandra costumava estar positivamente irritadiça no dia do Senhor. Acho que era por causa do seu espartilho de domingo.

Ela não era gorda, mas robusta e escolhia sempre roupas íntimas que lhe hasteavam o peito até a uma altura vertiginosa, estreitavam a cintura, arrebitavam-lhe o rabo e conseguiam dar a entender que a tia Alexandra tinha sido outrora uma deusa grega. Era formidável, vista de que ângulo fosse.

O que restou daquela tarde foi passado naquele delicado torpor em que somos envolvidos quando somos visitados por parentes, apenas quebrado quando ouvimos um carro parar no passeio. Era o Atticus de regresso de Montgomery. O Jem, esquecendo a sua dignidade, foi a correr comigo ao encontro dele. O Jem pegou na pasta e na mala dele, eu saltei para os seus braços, senti o seu beijo chocho e perguntei: -Trouxeste-me um livro, trouxeste? Sabias qu' a Tia Alexandra está cá?

O Atticus respondeu afirmativamente às duas perguntas.

— O que é que vocês acham de ela vir viver connosco?

Eu disse que adorava, o que era a mais pura mentira, mas às vezes, sob certas circunstâncias, é mesmo preciso mentir, sempre que a situação escapa ao nosso controlo.

— Achámos que esta era uma altura em que vocês crianças estavam a precisar, Scout —disse o Atticus.— A vossa tia não só me está a fazer um favor a mim, como também a vocês. Não posso passar o dia inteiro aqui convosco e este Verão promete ser quente.

— Sim, senhor—admiti, não compreendendo uma palavra do que ele tinha dito. No entanto, fazia uma pequena ideia. O aparecimento da tia Alexandra em cena tinha partido mais dela do que do Atticus. A tia tinha uma maneira muito própria de declarar «O Que Era Melhor Para A Família» e penso que o facto de ter vindo viver connosco inseria-se nessa categoria.

Maycomb deu-lhe as boas-vindas. Miss Maudie Atkinson fez-lhe um bolo recheado com frutos secos, com tanto licor que eu ia ficando embriagada; Miss Stephanie Crawford tinha longos encontros com a tia Alexandra que, na maior parte dos casos, se pautavam principalmente pelo constante abanar de cabeça por parte de Miss Stephanie, sublinhado por um «Uh, uh, uh». Miss Rachel, da porta ao lado, costumava convidar a tia para tomar café à tarde e Mr. Nathan Radley chegou mesmo a dignar-se vir até ao pátio, dizendo que estava muito contente por vê-la.

Quando se instalou definitivamente lá em casa e a vida retomou o seu ritmo diário, parecia que a tia Alexandra já vivia connosco há anos. Os seus chás em prol da Sociedade Missionária contribuía para a sua reputação de excelente anfitriã (ela não permitia que

a Calpurnia se encarregasse das delicadezas necessárias ao bom sustento da Sociedade, enquanto se debruçavam demoradamente sobre os relatos dos cristãos recém-convertidos do Terceiro Mundo pertencentes ao movimento Rice Christians)(*); decidiu aderir ao movimento e tornou-se secretária do Clube Amanuense de Maycomb.

Participante activa em todas as actividades e presente em todas as reuniões, a tia Alexandra era a última representante da sua espécie: era extremamente educada; apoiava toda e qualquer moral emergente; tinha nascido com a objectividade no coração; e era uma coscuvilheira incurável. Quando a tia Alexandra andava na escola, para ela não existiam quaisquer dúvidas, mesmo naqueles textos em que não percebia o seu significado. Nunca estava entediada e, sentindo a mais pequena aberta, lá estava ela a colocar em prática as suas prerrogativas reais: mediava, aconselhava, prevenia e avisava.

Não deixava escapar uma oportunidade de destacar os defeitos de outros grupos tribais e, ao mesmo tempo, exortar a glória da nossa raça, um hábito que parecia divertir o Jem, mais do que o aborrecia:—É melhor a tia ter mais cuidadinho com a maneira como fala... corta na casaca de muita gente em Maycomb, gente qu'é da nossa família.

Sublinhando a moral do suicídio do jovem Sam Merriweather, a tia Alexandra referiu que tal se devia a uma tendência mórbida da família. Se uma miúda de dezasseis anos se risse durante os ensaios do coro, a tia diria algo como «Isto só mostra que todas as raparigas da família Penfield são umas depravadas». Pelos vistos, toda a gente em Maycomb tinha uma Tendência: uma Tendência para Beber, uma Tendência para Jogar, uma Tendência para ser Mau, uma Tendência para o Ridículo.

Certo dia, quando a tia nos assegurou que a tendência de Miss Stephanie Crawford para meter o nariz na vida das outras pessoas era hereditária, o Atticus disse:—Mana, se reparares, a nossa geração é praticamente a primeira em toda a Família Finch que não casou com primos. Achas que os Finchs têm uma Tendência Incestuosa?

A titi respondeu que não, mas que era por causa disso que tínhamos mão e pés pequenos.

Nunca compreendi muito bem a sua preocupação com a hereditariedade.

Não sei como, mas tinha ficado com a impressão de que as Pessoas de Bem eram aquelas que faziam o melhor que podiam com a sua consciência, mas a tia Alexandra era da opinião, expressa aliás com alguma obliquidade, que quanto mais tempo uma família habitava um pedaço de terra, mais fina era.

— Atão, isso faz dos Ewells pessoas finas—disse o Jem. A tribo da qual faziam parte o Burris Ewell e os seus irmãos vivia no mesmo naco de terreno atrás da lixeira de Maycomb e às custas dos subsídios e generosidade do condado, há mais de três gerações. Mas havia algo mais a dizer sobre a teoria da tia Alexandra.

Maycomb era uma cidade antiga. Situava-se trinta quilómetros a leste da Plantação Finch e ficava demasiado para o interior, o que era uma localização bastante estranha

para uma cidade tão velha.

Se não fosse a esperteza saloia de um tal Sinkfield, Maycomb estaria mais perto do rio. Este, nos primórdios da história, teve uma estalagem onde se cruzavam dois caminhos de gado, a única aliás do território. Não era patriota, servia e fornecia munições de igual modo aos índios e aos colonos, sem saber, nem sequer se importar, se fazia parte do Território do Alabama ou da tribo dos Creek, desde que o seu negócio fosse de vento em popa. O negócio prosperava quando o governador William Wyatt Bibb, com vista a promover a tranquilidade doméstica do seu recém-criado condado, decide enviar uma equipa de topógrafos para localizar o seu centro exacto e aí estabelecer a sede de governo. Os topógrafos, hóspedes de Sinkfield, disseram ao seu anfitrião que ele estava nos limites territoriais de Maycomb County e mostraram-lhe a localização provável da futura sede de governo. Se Sinkfield não tivesse feito uma manobra destemida para proteger os seus bens, Maycomb estaria hoje bem no meio do Pântano Winston, um local totalmente desprovido de interesse. Em vez disso, Maycomb cresceu e expandiu-se para além do seu centro nevrálgico, a taberna de Sinkfield, porque certa noite, Sinkfield reduziu os seus hóspedes a um estado de completa miopia alcoólica, induzindo-os a mostrarem os seus mapas e cartas topográficas, tirando um bocado aqui, juntando outro ali e tendo ajustado o centro do condado de acordo com as suas necessidades.

No dia seguinte, mandou-os embora equipados com as suas cartas e cinco garrafas de uísque de contrabando nos alforges das selas dos cavalos... duas para cada um deles e uma para o governador.

Porque a sua primeira razão de existir foi para funcionar como sede do governo, Maycomb acabou sendo poupada ao desleixo que caracterizava muitas das cidades do seu tamanho no Alabama.

No início, os seus edifícios eram sólidos, o seu tribunal altaneiro, as suas ruas graciosamente amplas. A proporção de novas profissões também cresceu em flecha: ia-se lá examinar os dentes, para arranjar o carro, para auscultar o coração, depositar o dinheiro, salvar a alma e levar as mulas ao veterinário. No entanto, a sabedoria da falcatrua de Sinkfield ainda estava sujeita a discussão. Ele acabou por colocar a jovem cidade muito afastada do único tipo de transporte público da época—o barco fluvial - pelo que se demorava dois dias de viagem do extremo norte do condado até às lojas de bens essenciais em Maycomb. Como consequência, a cidade permaneceu com o mesmo tamanho durante uma centena de anos, uma verdadeira ilha num mar de retalhos de campos de algodão e bosques.

Apesar de Maycomb ter sido ignorada durante a guerra civil entre o Norte e o Sul, a lei da Reconstrução e a ruína económica forçaram a cidade a crescer. E cresceu para dentro. As pessoas mais novas raramente a escolhiam como local para viver, as famílias acabavam sempre por casar com as mesmas famílias até os membros da comunidade

serem todos um pouco parecidos uns com os outros. De vez em quando, havia alguém que voltava de Montgomery ou Mobile com um forasteiro, mas o resultado causava apenas um ligeiro cambiante naquela branda corrente das parecenças familiares. As coisas tinham sido mais ou menos iguais na minha infância.

Era certo e sabido que havia um sistema de castas em Maycomb, que para mim funcionava da seguinte forma: os cidadãos mais velhos, a geração actual de pessoas que tinham vivido lado a lado anos a fio, eram totalmente previsíveis entre si: tomavam certas atitudes, traços de carácter e até mesmo gestos como dados adquiridos que tinham sido repetidos por cada geração e refinados pelo tempo. Por isso, os vários dizeres populares do género «Todo o Crawford mete o nariz onde não é chamado», «Cada terceiro filho de um Merriweather é mórbido», «Os Delafields mentem com quantos dentes têm», «Todos os Bufords caminham daquela maneira», eram directivas simples vocacionadas para o dia-a-dia: nunca aceites um cheque de um Delafield sem telefonares discretamente ao banco; os ombros de Miss Maudie Atkinson são descaídos porque é uma Buford; se Mrs. Grace Merriweather der um gole nas garrafas de gin da Lydia E. Pinkham, isso é normal... a mãe dela fazia o mesmo.

A tia Alexandra encaixava no mundo de Maycomb como uma luva, mas nunca no meu mundo, nem no do Jem. Pensei tantas vezes como é que ela podia ser irmã do Atticus e do tio Jack, que me vinham à memória histórias recônditas de crianças trocadas à nascença e raízes de mandrágora, que o Jem me tinha contado há muito tempo.

Estas eram apenas algumas das minhas especulações abstractas resultantes do seu primeiro mês de estadia. De facto, ela falava muito pouco comigo e com o Jem e só a víamos praticamente à hora das refeições e à noite antes de irmos dormir. Era Verão e andávamos sempre cá fora. Claro está que à tarde, quando corria para dentro de casa para beber um copo de água, encontrava sempre a sala de estar repleta de senhoras de Maycomb, a bebericar e a abanar o leque, após o que a minha presença era imediatamente requisitada:—Jean Louise, anda cá falar com estas senhoras.

Depois, quando eu aparecia na porta, a tia parecia arrepender-se do seu pedido; isto porque, na maior parte das vezes, eu estava salpicada de lama ou coberta de areia.

— Cumprimenta a tua prima Lily—disse ela uma tarde, quando me encurralou na entrada.

— Quem?—perguntei eu.

— A tua prima Lily Brooke—frisou a tia Alexandra.

— Ai ela é nossa prima? Olha que novidade.

A tia Alexandra conseguiu esboçar um sorriso que simultaneamente transmitia um delicado pedido de desculpas à prima Lily e uma enorme desaprovação dirigida à minha pessoa. Quando a prima Lily Brooke saiu, vi logo que estava em maus lençóis.

Que pena o meu pai nunca se ter dado ao trabalho de me relatar a verdadeira história

da Família Finch e que tristeza nunca ter tentado incutir esse orgulho nos filhos.

Por isso, ela chamou o Jem, que se sentou ao meu lado no sofá com um ar de preocupação.

Depois, saiu da sala e voltou com um livro de capa roxa, que tinha estampado a letras douradas *Meditações de Joshua S. St. Clair*.

— Foi o vosso primo que escreveu isto — disse a tia Alexandra.

— Era uma jóia de pessoa.

O Jem examinou o pequeno volume.

— Este não foi o tal primo Joshua que esteve preso muito tempo?

A tia Alexandra disse:

— Como é que sabes disso?

— Porque o Atticus disse qu'ele saiu da linha na universidade.

Disse qu'ele até tentou matar o presidente. Disse qu'o Primo Joshua disse qu'ele não passava dum inspector dos esgotos e tentou matá-lo com uma velha pistola, só que explodiu na mão dele. O Atticus disse qu'a família teve qu'pagar quinhentos dólares p'ró livrar daquela alhada...

A tia Alexandra estava tesa como um carapau.

— É tudo — disse ela. — A ver vamos.

Mesmo antes de me ir deitar estava no quarto do Jem a negociar o empréstimo de um livro, quando o Atticus bateu à porta e entrou. Sentou-se na beira da cama do Jem, olhou para nós com um ar sério e depois sorriu.

— Hum, hum — começou.

Vi logo que estava a tentar preparar o terreno para nos dizer das boas fazendo aquele barulho com a garganta. Por momentos, pensei que ele finalmente estava a envelhecer, mas o seu aspecto era o mesmo de sempre.

— Não sei bem como dizer isto — começou ele.

— Diz lá — disse o Jem. — Fizemos alguma coisa de mal?

Notava-se que o nosso pai estava verdadeiramente incomodado.

— Não, só vos quero explicar que... a vossa tia Alexandra pediu-me... filho, tu sabes que és um Finch, não sabes?

— Foi o que nos disseram — o Jem olhou para ele de esguelha.

A sua voz subiu incontrolavelmente de tom: — Que se passa, Atticus? ;

O Atticus cruzou as pernas e dobrou os braços.

— Estou-vos a tentar contar os factos da vida.

O Jem estava cada vez mais aborrecido.

— Já sei disso tudo — disse ele. ; Subitamente, o Atticus ficou mais sério. Recorrendo à sua voz de advogado, sem qualquer mudança de tom, disse: — A vossa tia pediu-me para tentar incutir nas vossas mentes a ideia de que vocês não são uma gentinha qualquer, que

são o produto de várias gerações de gente da mais fina educação—o Atticus parou e ficou a ver-me a tentar localizar uma picada de insecto na minha perna.

— Da mais fina educação—continuou, quando encontrei a picada e comecei a coçá-la -, e devem continuar a manter essa reputação...

O Atticus não deixava que o nosso desinteresse abalasse a sua perseverança:—Ela pediu-me para vocês se comportarem como uma senhora e um cavalheiro que são. Ela quer falar convosco acerca da família e o seu verdadeiro significado para Maycomb ao longo dos anos, para vocês ficarem com uma ideia de quem são e, dessa forma, comecem a comportar-se melhor—concluiu ele, num ápice.

Boquiabertos, eu e o Jem olhámos um para o outro, depois para o Atticus, cujo colarinho parecia estar a incomodá-lo. Não lhe dirigimos a palavra.

A dado momento, peguei num pente que estava na cómoda do Jem e comecei a raspar os seus dentes na esquina do móvel.

— Pára com essa barulheira—disse o Atticus.

O seu tom de voz brusco e ríspido agrediu-me. O pente já estava a meio do caminho e não consegui evitar bater mais uma vez com ele. Sem razão aparente, senti que estava a começar a chorar, mas não conseguia parar. Aquele não era o pai que eu conhecia.

O meu pai nunca tinha aqueles pensamentos. O meu pai nunca falava assim. De algum modo, a tia Alexandra tinha conseguido pô-lo assim. No meio das minhas lágrimas consegui ver o Jem de pé, num estado de desolação semelhante ao meu, com a cabeça inclinada para o lado.

Como não havia para onde ir, voltei-me para sair e dei de caras com o colete do Atticus. Mergulhei a minha cabeça nele e ouvi os pequenos barulhos internos que vinham do outro lado do tecido azul claro: o tiquetaque do seu relógio, o leve estalar da sua camisa engomada, o som suave da sua respiração:—O teu estômago 'tá a fazer barulhos...—disse eu.

— Eu sei—disse ele.

— É melhor tomares soda. : ,—Vou tomar—disse ele.

— Atticus, essa história do comportamento e de tudo o resto, vai mudar alguma coisa? Quer dizer, tu...?

Senti a mão dele na minha nuca.

— Não te preocupes com isso—disse ele.—Não é altura para preocupações.

Quando ouvi aquilo, soube logo que ele tinha voltado para nós.

O sangue começou de novo a correr nas minhas pernas e levantei a cabeça.

— Queres mesmo qu'a gente faça essas coisas todas? Não me lembro de nada que os Finchs devam fazer...

— Não quero que te lembres. Esquece.

Dirigiu-se à porta e saiu do quarto, fechando a porta atrás dele.

Esteve quase a batê-la com força, mas conteve-se no último minuto e fechou-a suavemente. Enquanto eu e o Jem olhávamos perplexos, a porta abriu-se de novo e o Atticus espreitou. As suas sobrancelhas estavam levantadas e os seus óculos tinham escorregado.

— Cada dia que passa, estou mais parecido com o primo Joshua, não estou? Acham que vou acabar por custar quinhentos dólares à família?

Hoje, entendo perfeitamente o que ele estava a tentar fazer, mas a verdade é que o Atticus era apenas um homem. E aquilo era trabalho para uma mulher.

Apesar de não termos ouvido mais nada sobre a Família Finch da boca da tia Alexandra, continuámos a ouvir imensas bocas de toda a cidade. Aos sábados, armados com as nossas moedas, e sempre que o Jem permitia que eu o acompanhasse (não sei porquê, mas agora era positivamente alérgico à minha presença em público), seguíamos o nosso caminho por entre a multidão transpirada e às vezes ouvíamos «Olh'os filhos dele», ou, «Olha, acolá vão os Finch». E se nos virássemos para encarar os nossos acusadores, deparávamos apenas com um casal de lavradores analisando alheadamente os sacos de clisteres na montra da Farmácia Mayco.

Ou duas mulheres do campo atarracadas, com chapéus de palha, sentadas numa carroça.

«Eles bem que pode' andar pr'ai à solta a violar mulheres, qu'os manda-chuvas do condado num quer' saber» foi uma obscura observação vinda de um senhor magrinho que passou por nós. O que me lembrou que tinha uma pergunta para fazer ao Atticus.

— O qu'é «violar»? — perguntei eu.

O Atticus levantou os olhos do jornal. Estava na sua cadeira, junto à janela. À medida que íamos ficando mais crescidos, eu e o Jem achámos que era generoso da nossa parte conceder-lhe trinta minutos de paz a seguir ao jantar.

Ele suspirou e disse que «violar» era ter conhecimento carnal com uma mulher através do uso da força e sem o seu consentimento.

— Então, se é isso, porqu'é qu'a Calpurnia me mandou calar quando lhe perguntei o que era?

O Atticus pareceu pensativo.

— Como?

— Bem, naquele dia à vinda da igreja perguntei à Calpurnia o qu'era e ela disse-me p'ra te perguntar, mas eu esquecime e agora 'tou-te a perguntar.

O jornal estava agora poisado no seu colo.

— Repete lá, por favor — disse ele.

Contei-lhe em detalhe a nossa ida à igreja com a Calpurnia.

O Atticus pareceu ter gostado, mas a tia Alexandra, que estava sossegadamente sentada a um canto a costurar, pousou o seu bordado e ficou a olhar para nós.

— Então quer dizer que naquele domingo vocês foram à igreja da Calpurnia?

O Jem respondeu :

— Sim, senhora, ela levou-nos.

Depois, lembrei-me de mais uma coisa.

— Sim, senhora e ela até me prometeu qu' me deixava ir uma tarde p'a casa dela.

Atticus, vou no próximo domingo, tá bem? Posso?

A Cal disse que me vinha buscar se tu estivesse fora com o carro.

— Não, não podes.

Interrompeu a tia Alexandra. Voltei-me, um pouco assustada e depois virei-me para o Atticus a tempo de ver o seu rápido olhar de relance para ela, mas era tarde demais. Eu disse:—Não foi a si que perguntei!

Para um homem tão grande, o Atticus conseguia levantar-se e sentar-se numa cadeira mais rápido do que qualquer outra pessoa que conhecia. Estava de pé.

— Pede já desculpa à tua tia—ordenou.

— Não perguntei a ela, perguntei-te a ti...

O Atticus virou a cabeça e fulminou-me literalmente de encontro à parede com o seu olho bom. A sua voz era letal:—Primeiro, pede desculpa à tua tia.

— Desculpe, tia—murmurei.

— Agora—disse ele—vamos lá esclarecer isto: tu fazes o que a Calpurnia mandar, fazes o que eu mandar e enquanto a tua tia estiver nesta casa, também lhe obedeces.

Percebido?

Eu percebi, pus-me a matutar no assunto durante um bom bocado e cheguei à conclusão de que a única forma de sair daquilo com uma réstia de dignidade era ir ao quarto de banho, onde fiquei tempo suficiente para os fazer pensar que tinha ido lá fazer mesmo alguma coisa. Na volta, passei devagar pelo átrio onde escutei uma discussão feroz que estava a decorrer na sala de estar. Através da porta conseguia ver o Jem com uma revista de futebol espetada bem à frente da cara, virando a cabeça para um lado e para o outro como se estivesse a assistir a um jogo de ténis ao vivo.

—tens de fazer alguma coisa em relação ao comportamento dela—queixava-se a tia.

—Tu deixas as coisas tomarem grandes proporções, demasiado grandes.

— Também não vejo qualquer problema em deixá-la ir lá. A Cal tomará tão bem conta dela lá, como toma cá.

Quem seria o «ela» de que eles estavam a falar? O meu coração parou: eu. Sentia-me enclausurada numa prisão de algodão fofo cor-de-rosa e paredes engomadas e, pela segunda vez na vida, pensei em fugir. Imediatamente.

— Atticus, não há problema em ser coração-mole, tu és um homem transigente, mas tens de pensar na tua filha. Sobretudo uma filha que está a crescer.

— É nisso que eu estou a pensar.

— E não tentes fugir a essa realidade. Tens de a enfrentar mais cedo ou mais tarde e mais vale ser já esta noite. Nós agora não precisamos dela.

O Atticus manteve o mesmo tom de voz:—Alexandra, a Calpurnia só sai desta casa quando lhe apetecer.

Podes pensar de outro modo, mas a verdade é que eu não tinha conseguido passar sem ela durante estes anos todos. É um membro fiel e dedicado desta família e só tens de

aceitar as coisas como elas são. Além disso, irmã, não quero que te mates a trabalhar para nós... não tens necessidade de o fazer. Continuamos a precisar da Cal, como sempre precisámos.

— Mas, Atticus...

— Além do mais, acho que as crianças não sofreram por ter sido ela a educá-las. A única diferença, é que, em algumas coisas, ela foi mais áspera e dura com elas do que uma mãe... nunca as deixou de castigar, nunca foi tão tolerante como algumas amas de cor são.

Tentou educá-las de acordo com a sua educação e a educação da Cal é muito boa... e outra coisa, as crianças adoram-na.

Voltei a respirar. Não era eu, mas sim da Calpurnia que eles estavam a falar.

Renascida, entrei na sala. O Atticus tinha-se retirado para trás do seu jornal enquanto a tia Alexandra castigava impiedosamente o seu bordado. Pune, pune, pune, a agulha ia atravessando o estreito círculo. Parou e esticou o tecido: pune, pune, pune. Estava furiosa.

O Jem levantou-se e atravessou o tapete. Fez-me sinal para o seguir. Levou-me para o quarto dele e fechou a porta. A sua cara estava séria.

— Estiveram a discutir, Scout.

Naqueles dias eu e o Jem discutíamos bastante, mas nunca tinha ouvido falar de ninguém ou visto alguém a discutir com o Atticus.

Não era uma visão agradável.

— Scout, tenta não aborrecer a tia, 'tás a ouvir?

Os reparos do Atticus ainda me zumbiam nos ouvidos, o que fez com que eu não prestasse atenção ao pedido do Jem. Em vez disso, os meus pêlos eriçaram-se de novo.

— 'Tás-me a querer dizer o que devo fazer, é?

— Não, é só porque... ele tem mais em que pensar agora, para além das nossas chatices.

— Como assim?—para mim, o Atticus não parecia estar ocupado com nada de especial.

— É o caso do Tom Robinson que lhe está a dar cabo da cabeça...

Eu contrapus que o Atticus não se preocupava com nada. Além disso, o caso só nos preocupava uma vez por semana e, mesmo assim, não era durante muito tempo.

— Isso é porque tu só ocupas a cabeça com poucas coisas de cada vez—disse o Jem.

— Mas com os adultos é diferente, nós...

Nessa época, aquela sua irritante superioridade era verdadeiramente insuportável.

Não queria fazer mais nada, a não ser ler e andar sozinho. Mesmo assim, ia passando tudo o que lia para mim, mas com uma pequena diferença: antes era por achar que eu gostava, agora era a bem da minha edificação e educação.

— Olha-me p'ra este! Quem é que tu pensas que és?

— Estou a falar a sério, Scout. Voltas a aborrecer a tia eu... eu dou-te uma tarefa... , Com aquilo, saltei para cima dele.—Meu troglodita d’um raio, eu mato-te!

Ele estava sentado na cama, por isso foi fácil puxar-lhe o cabelo e dar-lhe um soco na boca. Ele deu-me um estalo e eu tentei outra esquerda, mas um murro no estômago fez-me cair por terra. Quase que me deixou sem ar, mas não fiz caso. O que verdadeiramente me interessava era que ele estava a lutar, tentando responder à letra. E ali, éramos os dois iguais.

— Vês, agora não estás tão altivo e poderoso, pois não?—gritei-lhe, investindo de novo. Dado que ainda estava na cama, não o conseguia agarrar muito bem, por isso atirei-me a ele com quanta força tinha, batendo, puxando, beliscando, apertando. O que começara como um combate com os punhos, tinha-se agora tornado uma briga a sério.

Ainda estávamos à pancada quando o Atticus nos separou.

— Já chega—ordenou.—Vão os dois imediatamente para a cama.

— Taah—disse eu ao Jem. Ele estava a ser mandado para a cama à minha hora de dormir.

— Quem é que começou?—perguntou o Atticus, resignado.

— Foi o Jem. Estava a tentar dar-me ordens. Eu agora não tenho de lhe obedecer, pois não?

O Atticus sorriu.

— Vamos fazer um acordo: tu obedeces ao Jem sempre que ele te conseguir obrigar.

É justo?

A tia Alexandra estava presente, mas em silêncio e quando desceu com o Atticus ouvimo-la dizer «...isto é uma das coisas de que te tenho falado», uma frase que nos voltou a unir.

Os nossos quartos eram contíguos; quando fechei a porta entre eles, o Jem disse:—Boa-noite, Scout.

— Boa-noite—murmurei atravessando o meu quarto para apagar a luz. Quando ia a passar pela cama tropecei em qualquer coisa quente, mole, bastante macia. Não era como borracha dura e tive a sensação que estava viva. Reparei que também se mexia.

Acendi a luz e olhei para o chão junto à cama. O que quer que fosse que tinha pisado já se tinha ido embora. Bati na porta do Jem.

— Que foi?—disse ele.

— Como é a sensação de sentir uma cobra?

— Um bocado áspera. Fria. Suja. Porquê?

— Acho que está uma debaixo da minha cama. Podes vir ver?

— Estás a gozar comigo?

O Jem abriu a porta. Estava só com as calças do pijama. Notei com alguma satisfação que ainda tinha a marca dos nós dos meus dedos na boca. Quando viu que eu estava a

falar a sério, disse:—Só se fosse maluquinho é que eu punha a cara no chão para ver se é uma cobra.

Espera um minuto.

Foi à cozinha buscar a vassoura.

— É melhor subires para cima da cama—pediu.

— Achas qu' é me' mo uma?—perguntei.

Aquilo era um verdadeiro acontecimento. As nossas casas não tinham caves; eram assentes sobre blocos de pedra a escassos metros acima do chão e a entrada de répteis já tinha acontecido, mas não era de todo comum. A desculpa de Miss Rachel Haverford para beber um copito de whiskey todas as manhãs, era a de que nunca tinha superado o medo de poder encontrar uma cobra enrolada no guarda-vestidos do seu quarto, quando ia pendurar a camisa de noite antes de tomar banho.

O Jem tentou varrer debaixo da cama. Olhei para os pés da cama para ver se tinha saído alguma cobra. Nada. O Jem varreu mais fundo.

— As cobras grunhem? ,—Não é uma cobra—disse o Jem -, é uma pessoa.

De repente, um trapo castanho imundo saiu debaixo da cama.

O Jem ergueu a vassoura e falhou a cabeça do Dill por milímetros quando ela apareceu.

— Louvado seja Deus!—a voz do Jem adquiriu um tom reverente.

Foi então que vimos o Dill emergir por etapas. Estava apertado.

Levantou-se e relaxou os ombros, mexeu os pés dentro das meias até ao tornozelo e coçou a nuca. Com a circulação reposta, soltou:—Olá!

O Jem tornou a invocar o nome de Deus. Eu estava sem palavras.

— Tou quase a desfalecer—disse o Dill.—Têm alguma coisa qu' se coma?

Como num sonho, fui à cozinha. Trouxe-lhe algum leite e meia frigideira com papas de milho que tinham sobrado do jantar. O Dill devorou-as, mastigando-as com os dentes da frente, como era seu hábito.

Finalmente encontrei a minha voz.

— Com' é que vieste pr' aqui?

Por um caminho tortuoso. Revitalizado pela comida, o Dill lá recitou a sua narrativa: estivera acorrentado numa cave (sim, havia caves em Meridian) e aí tinha sido deixado para morrer à fome pelo seu novo pai, que não gostava dele e foi secretamente mantido vivo comendo ervilhas cruas, oferecidas por um lavrador que passava e ouviu os seus gritos de ajuda (aquele bom homem ia-lhe deitando, aos poucos, uma boa porção pelo ventilador), até que o Dill se conseguiu libertar arrancando as correntes da parede.

Ainda com as correntes nos pulsos, afastou-se três quilómetros de Meridian onde acabou por descobrir um circo itinerante de animais e foi imediatamente contratado para lavar o camelo. Viajou com o circo por todo o Mississippi até o seu infalível sentido de

orientação lhe ter dito que estava em Abbott County, Alabama, mesmo em frente a Maycomb, mas do outro lado do rio. E depois fez o resto do caminho a pé.

— Com'e que vieste pr'aqui?

Tinha tirado treze dólares da carteira da mãe, apanhado o comboio das nove em Meridian e saído em Maycomb Junction. Tinha caminhado dezasseis ou dezassete quilómetros dos vinte e dois até Maycomb, por fora da estrada e pelo meio dos bosques, não andassem as autoridades à procura dele e fizera o resto do caminho agarrado às traseiras de um camião de algodão. Já devia estar debaixo da cama há duas horas; tinha-nos ouvido na sala de jantar e o tilintar dos garfos e talheres quase o tinham levado à loucura. Estava a ver que eu e o Jem nunca mais íamos para a cama; tinha até pensado em sair de lá de baixo e dar-me uma mãozinha a bater no Jem, já que o Jem tinha crescido bastante, mas sabia que Mr. Finch não tardaria muito a separar-nos, por isso o melhor era ficar onde estava.

Estava esgotado, mais sujo do que se podia imaginar e em casa.

— Ainda não lhes deve ter passado p'la cabeça que tás aqui disse o Jem. - S'andassem à tua procura já sabíamos...

— Acho qu' ainda devem andar à procura nos cinemas todos de Meridian - comentou o Dill a sorrir.

— Tens qu'a avisar a tua mãe que tás aqui—disse o Jem.—Ela tem qu' saber onde tás...

Os olhos do Dill viraram-se tremeluzentes para o Jem, e o Jem desviou o olhar para o chão. Depois levantou-se e quebrou o que restava do nosso código de infância.

Saiu do quarto e desceu as escadas.

— Atticus—a sua voz era distante -, pai, podes chegar aqui um minuto, por favor?

Debaixo da camada de suor e porcaria, a cara do Dill ficou lívida. Eu sentia-me mal. O Atticus estava à porta.

Veio para o meio do quarto e manteve-se lá com as mãos nos bolsos, a olhar para o Dill.

Finalmente, encontrei a minha voz:—'Tá tudo bem, Dill. Quando ele quiser que tu saibas alguma coisa, ele diz-te.

O Dill olhou para mim.

— Quero dizer qu' tá tudo bem—repeti.—Tu sabes que ele não te vai chatear, sabes que não precisas de ter medo do Atticus.

— Não tou com medo...—murmurou o Dill.

— Só com fome, aposto.

A voz do Atticus revelava o seu habitual tom de pragmatismo educado.

— Scout, não há nada melhor para oferecer do que uma simples frigideira de papas de milho frias? Empanturra aqui este teu amiguinho e quando eu voltar vamos ver o que se pode fazer.

— Mr. Finch, por favor não diga nada à tia Rachel, não me obrigue a voltar, por favor, senhor! Eu volto a fugir...!

— Calma, filho—sossegou o Atticus.—Ninguém te vai fazer ir a lado nenhum, a não ser para a cama depressinha. Só vou a casa de Miss Rachel dizer-lhe que tu estás aqui e perguntar-lhe se podes passar a noite connosco... tu ias gostar, não ias? E, pelo amor de Deus, devolve essa terra toda ao condado porque o solo já sofre muito de erosão.

O Dill ficou a olhar para a figura do meu pai, retirando-se.

— Ele só 'tá a tentar ser engraçado—disse eu.—O que quer dizer é que tomes um banho. Tás a ver, eu disseste qu' ele não t'ia chatear.

O Jem estava no canto do quarto, observando como um traidor que era.

— Dill, tive de lhe contar—disse ele.—Tu não podes estar a quinhentos quilómetros de casa sem a tua mãe saber.

Deixámo-lo, sem lhe dirigirmos uma palavra.

O Dill comeu, comeu e voltou a comer. Não comia desde a última noite. Gastou o dinheiro todo no bilhete, embarcou no com-bóio como já tinha feito tantas vezes, conversou calmamente com o maquinista, para quem o Dill era uma cara bastante familiar, mas não tivera a coragem suficiente para invocar o regulamento sobre crianças que viajam grandes distâncias sozinhas: em caso de perda de dinheiro, o maquinista emprestar-lhe-ia dinheiro suficiente para jantar e depois o pai reembolsá-lo-ia no fim da viagem.

O Dill tinha conseguido acabar com as sobras e já estava a aproximar-se de uma lata de carne de porco com feijão, guardada na dispensa, quando se ouviu um «Aaaiii Jesuuusss» disparar na entrada.

Tremeu como varas verdes.

Suportou com grande coragem os «Espera só até chegares a casa», «Os teus pais estão preocupadíssimos contigo», manteve-se extremamente calmo durante os «Isso é mesmo típico dos Harris», sorriu para «Acho que podes ficar cá esta noite» e devolveu o abraço que lhe foi carinhosamente dado.

O Atticus empurrou os óculos para cima e esfregou a cara.

— O vosso pai está cansado—disse a tia Alexandra, naquelas que pareciam ser as suas primeiras palavras em horas. Tinha estado sempre ali, mas acho que demasiado embasbacada para dizer qualquer coisa.

— Meninos, está na hora de dormir.

Deixámo-los na sala de jantar, com o Atticus ainda a esfregar a cara.

— Isto hoje acontece-me de tudo, violações, brigas e escapadelas—ouvimo-lo às gargalhadas na sala.—O que é que me reservarão as próximas duas horas?

Dado que as coisas pareciam ter corrido bastante bem, eu e o Dill decidimos ser civilizados para o Jem. Além disso, o Dill tinha que dormir com ele, por isso, o melhor

era mesmo começarmos a dirigir-lhe a palavra.

Vesti o pijama, li um bocado e, de repente, descobri que não conseguia manter os olhos abertos. O Dill e o Jem estavam sossegados; quando apaguei o meu candeeiro de leitura, já não havia luz debaixo da porta do quarto do Jem.

Devo ter dormido imenso porque, quando fui acordada com um sobressalto, um fiozinho ténue de luar iluminava o quarto envolto na escuridão, anunciando a aurora.

— Chega-te p'ra lá, Scout.

— Ele achou que devia fazer aquilo — murmurei. — Não te aborreças com ele.

O Dill deitou-se ao meu lado na cama.

— Não tou — disse ele. — Só queria dormir contigo. 'Tás acordada?

Agora já estava, mas um pouco aturdida.

— Porqu'ê que o fizeste?

Não obtive resposta.

— Perguntei-te por que é que fugiste? Ele era assim tão mau como disseste?

— Não... — Então vocês não construíram aquele barco como me descreveste na carta?

— Ele disse que íamos construir, mas nunca o chegámos a fazer.

Coloquei-me apoiada sobre um cotovelo, fitando o vulto do Dill.

— Mas isso não é motivo para se fugir. Eles nem sempre fazem o qu' dizem qu' vão fazer...

— Não foi isso, ele... eles não queriam era saber de mim.

Aquela era a razão mais estranha para fugir de casa que algum dia ouvira.

— Porquê?

— Bem, porque passavam muito tempo fora de casa e quando 'tavam lá, metiam-se no quarto para 'tarem sozinhos.

— O qu'ê qu' eles faziam lá?

— Nada, sentavam-se a ler... mas não queriam qu'estivesse 'ó pé deles.

Encostei uma almofada à cabeceira da cama e sentei-me.

— Sabes uma coisa? Eu estava a preparar-me para fugir esta noite, por causa deles estarem todos aqui. Dill, acredita que a gente não precisa que eles andem sempre em cima de nós...

A respiração do Dill revelava a sua habitual paciência, apenas entrecortada por um meio suspiro.

— ...boa-noite, o Atticus está fora o dia todo o santo dia e às vezes metade da noite na comissão legislativa e não sei mais o quê... a gente não precisa que eles andem sempre em cima de nós, Dill, tu não conseguias fazer nada se estivessem sempre em cima de ti.

— Não é isso.

Enquanto o Dill explicava, pus-me a pensar como seria a vida se o Jem fosse diferente, mesmo diferente do que era agora; o que é que eu faria se o Atticus não sentisse a

necessidade da minha presença, ajuda e conselhos. Na verdade, ele não podia passar um único dia sem mim. Até a Calpurnia não se dava bem se eu não estivesse por perto. Eles precisavam de mim.

— Dill, tu não m'estas a contar bem as coisas... os teus pais não podiam passar sem ti. A verdade é que eles devem ser mesmo maus para ti. Eu digo-te o que fazer quando isso acontecer...

A voz do Dill continuou firmemente na escuridão:—O que se passa é... o que 'tou a tentar dizer é... eles passam melhor sem mim, não os posso ajudar em nada e não há nada a fazer.

Eles não são maus. Compram-me tudo o que eu quero, mas depois é «Agora-que-ousas-vai-mas-é-brincar-com-ele. Tens o quarto atafalhado de coisas. Dei-te-aquele-livro-agora-tens-de-o-ler.»—O Dill tentou fazer voz grossa.—«Tu não és um rapaz. Os rapazes andam por aí a jogar basebol com outros rapazes, não ficam em casa a consumir os pais».

A voz do Dill voltou ao normal:—Oh, eles não são maus. Dão-me beijos e abraços de boa-noite, bom-dia e adeus e até me dizem que gostam de mim... Scout, vamos arranjar um bebé.

— Onde?

Havia um homem de quem o Dill tinha ouvido falar que ia de barco até uma ilha envolta em nevoeiro onde estavam todos os bebés; e depois podia-se encomendar um...

— Isso é treta. A tia diz que Deus os deixa cair pela chaminé.

Pelo menos, é o qu'eu acho qu'ela disse.

Por uma vez, a linguagem da tia não tinha sido muito explícita.

— Ora, não é bem assim. As pessoas fazem bebés umas às outras.

Mas há um homem, que... ele tem montes de bebés à espera de serem acordados e depois dá-lhes um sopro de vida.

O Dill desligou-se de novo. Na sua mente sonhadora, flutuavam coisas belas. Ele conseguia ler dois livros enquanto eu lia um, mas preferia a magia das suas próprias invenções. Era capaz de somar e subtrair mais rápido que um relâmpago, mas preferia o seu mundo de uma outra dimensão, um mundo onde os bebés dormiam, à espera de serem colhidos como os lírios da manhã. Falava lentamente consigo próprio para adormecer e, ao mesmo tempo, eu ia-me deixando levar com ele. Mas do sossego da sua ilha envolta em nevoeiro, emergia agora uma imagem ténue de uma casa cinzenta com portas castanhas e tristes.

— Dill?

— Ahn?

— Por que é que achas que o Boo Radley nunca fugiu?

O Dill soltou um longo suspiro e virou-me as costas.

— Talvez porque não tenha nenhum sítio para onde fugir...

Após muitos telefonemas, pedidos em defesa do réu e uma longa carta de perdão da sua mãe, ficou decidido que o Dill poderia ficar. Tivemos juntos uma semana de paz.

Uma paz que, no entanto, viria a ser fugaz. O pesadelo estava prestes a abater-se sobre nós.

Tudo começou numa noite depois de jantar. O Dill já tinha terminado; a tia Alexandra estava sentada a um canto na sua cadeira, enquanto o Atticus estava sentado na dele; eu e Jem estávamos no chão a ler. Tinha sido uma semana bem tranquila: eu tinha obedecido à titi; Jem tinha-se cansado da sua casa na árvore, mas tinha-me ajudado, a mim e ao Dill, a construir uma escada de corda nova para a casa da árvore; Dill tinha congeminado um plano à prova de bala para tirar o Boo Radley de casa sem que tivéssemos de sofrer as consequências (sugerira fazer um trilho com gotas de limão desde a porta das traseiras até ao pátio para que ele as seguisse tal e qual uma formiga). De repente, bateram à porta da frente, o Jem abriu e disse que era Mr. Heck Tate.

— Bem, diz-lhe para entrar—disse Atticus.

— Já disse. Estão alguns homens no pátio e pedem-lhe para vir cá fora.

Em Maycomb só havia duas razões para que homens adultos ficassem no pátio da frente, morte ou política. Perguntei-me quem [teria morrido. Eu e o Jem dirigimo-nos para a porta da frente, mas o Atticus ordenou:—Voltem para dentro de casa.

O Jem apagou as luzes da sala e colou o nariz à rede de uma das janelas. A tia Alexandra não tardou em protestar.

— Oh tia, é só por um bocadinho. Só para ver quem é—disse ele.

Eu e o Dill fomos para outra janela. Havia uma multidão de homens à volta do Atticus. Parecia que estavam todos a falar ao mesmo tempo.

—levá-lo amanhã p'rá prisão municipal—dizia Mr. Tate.

— Não quero problemas, mas não posso garantir que não os haja...

— Heck, não seja tonto—disse o Atticus.—Isto é Maycomb.

—eu não estaria lá muito seguro disso.

— Heck, nós conseguimos um adiamento só para assegurar que não haveria motivo para nos sentirmos inseguros. Hoje é sábado disse o Atticus—o julgamento talvez seja na segunda-feira. Pode mantê-lo por uma noite, não pode? Não creio que alguém em Maycomb me vá privar de um cliente, sobretudo nestes tempos difíceis.

Um murmúrio de contentamento rapidamente esmoreceu quando Mr. Link Deas disse:—Ninguém aqui está a planear nada. Estou é preocupado com aquele pessoal de Old Sarum... não pode arranjar uma... o que foi, Heck?

— Não há necessidade de uma mudança de jurisdição, pois não? - perguntou Mr. Tate.

Atticus falava de forma inaudível. Virei-me para o Jem que me fez sinal para estar

calada.

— ...para além disso—dizia Atticus—você não tem medo deles, pois não?

— ...sabe como são quando estão acesos.

— Vulgarmente não bebem ao domingo, passam a maior parte do dia na igreja...

- disse Atticus.

— Mas esta é uma ocasião especial...—alguém contra-argumentou.

Continuaram a murmurar até que a tia disse que se o Jem não ligasse as luzes da sala iria desgraçar a família. O Jem não a estava a ouvir.

— ...nem sei por que é que foi mexer neste caso—dizia Mr. Link.—Está a arriscar tudo o que tem, Atticus. E é mesmo tudo.

— É isso mesmo que você pensa?

Aquela era a pergunta mais perigosa do Atticus.

— É isso mesmo que tu pensas? Colocar essa peça aí, Scout? E depois, bum, bum, bum e o tabuleiro de xadrez ficava limpinho das minhas pedras.

— É isso mesmo que tu pensas, filho? Ora então lê isto.—E depois, o Jem passava o resto da noite debatendo-se com os discursos de Henry W. Grady.

— Link, esse rapaz pode muito bem ir parar à cadeira eléctrica, mas não antes da verdade vir à luz.

A voz de Atticus era calma. ,—E você sabe bem qual é a verdade.

Um murmúrio apoderou-se do grupo, que aumentou de tom quando o Atticus subiu para o primeiro degrau das escadas e os homens se começaram a aproximar ameaçadoramente dele.

De súbito, o Jem gritou:

— Atticus, o telefone está a tocar!

Os homens recuaram e espalharam-se; havia entre eles pessoas que víamos todos os dias: comerciantes, agricultores locais; entre eles estavam o Dr. Reynolds e Mr. Avery.

— Então atende, filho—respondeu o Atticus.

Riram-se muito e acabaram por se separar. Quando o Atticus ligou a luz da sala viu o Jem à janela, muito pálido à excepção da marca da rede no nariz.

— Por que raio estavam às escuras?—perguntou.

O Jem ficou a observá-lo enquanto se dirigia para a sua cadeira e pegava no jornal.

Por vezes penso que o Atticus sujeitava todas as crises da sua vida a uma avaliação tranquila atrás do The Mobile Register, The Birmingham News e The Montgomery Advertiser.

— Eles andam atrás de ti, não andam?—disse o Jem.—Eles hoje queriam apanhar-te, não queriam?

O Atticus baixou o jornal e olhou para o Jem.

— O que tens andado a ler?—perguntou. Mas depois disse delicadamente:—Não

filho, aqueles eram os nossos amigos.

— Então... não era um... um gang? — o Jem observava-o pelo canto do olho.

O Atticus tentou forjar um sorriso, mas não conseguiu.

— Não, aqui em Maycomb não existem grupos, grupinhos, nem disparates como esses. Nunca ouvi falar de nenhum gang em Maycomb.

— Uma vez o Ku Klux andou atrás de uns católicos.

— Também nunca ouvi falar de católicos em Maycomb — disse o Atticus -, estás a confundir com outra coisa qualquer. Há muito tempo atrás, por volta de 1920, houve um Klan qualquer, mas era acima de tudo uma organização política. Para além disso, nem sequer conseguiam encontrar ninguém para assustar. Uma noite apareceram à porta de Mr. Sam Levy, mas o Sam limitou-se a ficar na varanda a dizer que tinha sido ele próprio a vender os lençóis que todos traziam em cima das costas. O Sam envergonhou-os de tal forma que acabaram todos por ir embora com o rabinho entre as pernas.

A família Levy era aquilo a que se podia chamar de Boa Gente; faziam o melhor que podiam e sabiam e viviam há cinco gerações no mesmo pedaço de terra.

— O Klan foi embora — afirmou o Atticus -, e nunca mais voltará.

Fui levar o Dill a casa e cheguei mesmo a tempo de ouvir o Atticus dizer à tia: —,...a favor da emancipação feminina sulista como qualquer pessoa, mas não de preservar uma qualquer suposta ficção civilizada à custa de vidas humanas. — Uma declaração que me fez suspeitar de que tinham estado a discutir outra vez.

Procurei o Jem e encontrei-o no meu quarto, deitado na cama, embrenhado nos seus pensamentos.

— Estiveram outra vez a discutir? — perguntei.

— Mais ou menos. Ela não o deixa em paz por causa do Tom Robinson. Quase disse que o Atticus estava a desgraçar a família.

Scout... tenho medo.

— Medo d'que?

— Medo pelo Atticus. Alguém pode magoá-lo.

O Jem preferia manter-se misterioso; respondia às minhas perguntas com um simples «vai-te embora» ou «deixa-me em paz».

No dia seguinte era domingo. No intervalo entre a catequese e a missa, enquanto a congregação aproveitava para esticar as pernas, vi o Atticus no pátio com mais outro grupo de homens à sua volta. Mr. Heck Tate estava presente e perguntei-me se ele teria visto a luz. Ele nunca ia à igreja. Até Mr. Underwood estava presente.

Mr. Underwood não era muito dado a organizações excepto o seu The Maycomb Tribune, em que desempenhava as funções de proprietário, editor e tipógrafo. Os seus dias eram passados junto ao linótipo, onde se refrescava ocasionalmente com uma caneca de vinho tinto. Raramente andava atrás das notícias, já que eram as próprias pessoas que

levavam as notícias até ele. Dizia-se que cada edição do The Maycomb Tribune saía da sua própria cabeça e que depois a passava directamente para o linótipo.

Algo perfeitamente credível. Alguma coisa devia ter acontecido para fazer com que Mr. Underwood saísse da sua toca.

Cruzei-me com o Atticus à entrada da porta e ele disse que tinham levado o Tom Robinson para a prisão de Maycomb. Disse também, mais para ele próprio do que para mim, que não teria havido tanta confusão se já o tivessem feito desde o início. Observei-o enquanto se sentava na terceira fila a contar da frente e ouvi-o a cantarolar «Mais perto de Ti, meu Deus» algumas notas abaixo de nós. Ele nunca se sentava junto a mim, ao Jem e à tia. Ele gostava de estar na igreja sozinho.

Aquela paz falsa que prevalecia aos domingos era ainda mais irritante devido à presença da tia Alexandra. Depois do almoço, o Atticus voava para o seu escritório. Às vezes, quando íamos ver como estava, encontrávamo-lo a ler na sua cadeira giratória. A tia Alexandra preparava-se para uma sesta de duas horas e proibia-nos de fazer barulho no quintal, pois a vizinhança estava também a descansar.

O Jem, na sua qualidade de mais velho, levava para o quarto uma pilha de revistas de desporto, por isso eu e o Dill passávamos o domingo em Deer's Pasture.

Como era proibido usar armas aos domingos, eu e o Dill tínhamos de andar a jogar à bola, o que não era nada divertido. Depois, o Dill perguntou se eu queria ir dar uma espreitadela ao Boo Radley.

Disse-lhe que não achava bem ir incomodá-lo e assim passei o resto da tarde a contar ao Dill os acontecimentos do Inverno passado.

Confesso que ele ficou consideravelmente impressionado.

Separámo-nos antes do jantar e, após a refeição, eu e o Jem preparávamo-nos para mais um serão rotineiro quando o Atticus fez algo que nos interessou de sobremaneira.

Entrou na sala de estar com uma extensão eléctrica comprida e uma lâmpada na ponta.

— Vou sair por uns instantes—disse.—Vocês já devem estar na cama quando eu voltar, por isso até amanhã.

Dito isto, colocou o chapéu e saiu pela porta das traseiras.

— Ele vai sair de carro—comentou o Jem.

O nosso pai tinha algumas peculiaridades: ponto um, nunca comia sobremesa, ponto dois, gostava de caminhar. Desde que me lembro, houve sempre um Chevrolet impecavelmente preservado na garagem e o Atticus fazia muitos quilómetros com ele em visitas profissionais, mas em Maycomb ele fazia a viagem entre o escritório e a nossa casa a pé, quatro vezes ao dia, num total de três quilómetros. Ele dizia que o único exercício físico que fazia era caminhar. Ora, se em Maycomb alguém fosse caminhar sem uma finalidade específica seria perfeitamente legítimo pensar que essa pessoa era incapaz de

estabelecer um objetivo mental específico.

Mais tarde, disse boa-noite à minha tia e ao meu irmão e estava mesmo embrenhada num livro quando ouvi o Jem a cirandar pelo quarto. O barulho que ele fazia ao deitar-se era-me tão familiar que fui bater à sua porta.

— Por que é que não te deitas?

— Vou ao centro da cidade—estava a vestir as calças.

— Mas porquê? São quase dez da noite, Jem.

Ele sabia disso, mas ia na mesma.

— Então vou contigo. Nem penses em dizer não, pois eu vou na mesma, ouviste?

O Jem depressa percebeu que tinha de lutar comigo para me obrigar a ficar em casa e acho que, lá no fundo, deve ter pensado que uma luta só iria exasperar a tia, por isso anuiu graciosamente.

Vesti-me o mais rápido que pude. Esperámos que a tia desligasse a luz e começámos a descer as escadas sem fazer barulho.

Não havia luar.

— O Dill vai qu'rer vir con'os—sussurrei.

— Então que venha—disse o Jem melancolicamente.

Saltámos a vedação, atravessámos o pátio lateral de Miss Rachel e aproximámonos da janela do Dill. Jem assobiou, imitando o pio de uma codorniz. A cara do Dill apareceu à janela, desapareceu e, cinco minutos depois, abriu a janela e gatinhou cá para fora. Tal como um espião experiente, o Dill só falou quando chegámos ao passeio.

— O que se passa?

— Jem está co'as suas manias de meter o bedelho—uma síndrome que, segundo a Calpurnia, atacava todos os rapazes nesta idade.

— Tenho um pressentimento—disse o Jem -, só um pressentimento.

Passámos pela casa vazia e fechada de Mrs. Dubose, na qual as camélias cresciam por entre as ervas daninhas. Havia mais oito casas até à esquina dos correios.

O lado sul da praça estava deserto. Em cada esquina havia arbustos e sebes gigantes, por entre os quais reluziam grades de ferro sob a luz dos candeeiros da rua.

Havia uma luz acesa na casa de banho pública, fora isso aquele lado do tribunal estava completamente às escuras. A praça do tribunal era, por sua vez, rodeada por um quarteirão maior, composto por lojas; dentro delas reluziam, lá ao fundo, algumas luzes pálidas e trémulas.

Quando o Atticus começou a exercer advocacia, o seu gabinete era no tribunal, mas alguns anos depois mudou-se para as instalações mais calmas do edifício do Banco de Maycomb. Mal dobrámos a esquina vimos o carro estacionado em frente ao banco.

— Ele está lá dentro—disse o Jem.

Mas não estava. O seu gabinete ficava num corredor comprido.

Olhando para ele, a partir do átrio, era suposto vermos Atticus Finch, Advogado, em letras pequenas na porta de vidro, contrastando com a luz do gabinete que lhe incidia por trás. Só que estava tudo às escuras.

O Jem tentou espreitar pela porta do banco para ter a certeza.

Girou a maçaneta, mas a porta estava fechada.

— Vamos subir a rua. Se calhar está em casa de Mr. Underwood.

Mr. Underwood não só geria o escritório do The Maycomb Tribune, como também vivia lá. Ou melhor, vivia por cima. Por isso, ele cobria todos os acontecimentos relativos ao tribunal e à prisão limitando-se a espreitar pela janela. O escritório ficava na esquina noroeste da praça e, para lá chegarmos, tínhamos de passar pela prisão.

A prisão de Maycomb era o edifício mais vetusto e horrível que existia no condado. Atticus dizia que parecia algo desenhado pelo primo Joshua St. Clair.

Realmente aquilo parecia tirado do sonho de alguém. Completamente desfasada numa cidade caracterizada por lojas de fachadas quadradas e casas com telhados íngremes, a prisão de Maycomb era uma anedota gótica em miniatura, com a largura de uma cela e a altura de duas, com parapeitos pequeninos e arcos botantes. A noção de fantasia era ainda reforçada pela sua fachada de tijolos vermelhos e as grossas barras de ferro nas suas janelas eclesiásticas. Contrariamente ao esperado, longe de se erguer sobre um monte solitário, ficava entalada entre a Tyndal's Hardware Store e os escritórios do The Maycomb Tribune.

A cadeia era o único tema de conversa existente em Maycomb: os que eram contra diziam que parecia uma casa de banho à moda vitoriana; os que eram a favor diziam que dava à cidade um ar rés-peitável e sólido e que nenhum forasteiro iria suspeitar que estava cheia de pretos.

Enquanto subíamos a rua vimos uma luz solitária que brilhava lá ao longe.

— Que engraçado—disse o Jem -, a prisão não tem luz exterior.

— Parece estar colocada por cima da porta—comentou o Dill.

Uma extensão eléctrica descia por entre as grades do segundo andar e ao longo de um dos lados do prédio. Sob a luz daquela lâmpada nua, lá estava o Atticus, sentado contra a porta numa das suas cadeiras de escritório. Estava a ler completamente alheio aos mosquitos que dançavam à volta da sua cabeça.

Quis correr até ele, mas o Jem impediu-me.

— Não vás ter com ele—disse—pode não gostar. Ele está bem.

Vamos para casa. Só queria ver onde estava.

Estávamos nós a meter por um atalho para atravessar a praça, quando vimos quatro carros poeirentos, vindos lá das bandas de Meridian, em fila indiana.

Contornaram a praça, passaram pelo banco e pararam em frente à prisão.

Ninguém saiu. Reparámos que o Atticus levantou os olhos do jornal. Fechou o jornal,

dobrou-o calmamente, pousou-o no colo e empurrou o chapéu para a nuca.

Parecia estar à espera deles.

— Vamos— sussurrou o Jem.

Atravessámos a praça e a rua até encontrarmos um abrigo junto à porta do Jitney Jungle. Jem pôs-se a observar o terreno.

— Ainda nos podemos aproximar mais— disse.

Corremos para a porta da Tyndal's Hardware Store que era suficientemente perto e, ao mesmo tempo, discreta.

Os homens começaram a sair dos carros individualmente e depois em grupos de dois. As suas sombras materializavam-se à medida que a luz revelava as formas sólidas que caminhavam para a porta da prisão. O Atticus ficou onde estava. Os homens tapavam a sua imagem.

— Ele 'tá aí, Mr. Finch?— perguntou um homem.

— Está— foi a resposta do Atticus— e está a dormir. Não o acordem.

Por respeito ao meu pai os homens falavam quase num sussurro.

Mais tarde, compreendi o aspecto cómico daquela situação nada cómica.

— Você sabe o que qu'remos— disse outro homem.— Afaste-se da porta, Mr. Finch.

— Pode dar meia volta e voltar para casa, Walter— disse o Atticus prazenteiramente.

— O Heck Tate anda por aí algures.

— Isso é qu'era bom— retorquiu o outro homem.— O pessoal do Heck 'tá tão embrenhado na mata que só sai de lá am'nha de manhã.

— A sério? E porquê?

— Porque a gente os chamou p'rã irem à caça dum caçador furtivo— foi a resposta curta.— Não pensou niss', pois não Mr. Finch?

— Por acaso até pensei, mas não acreditei ser possível. Bem o meu pai mantinha o mesmo tom de voz— mas isso muda tudo, não é?

— É— respondeu outra voz profunda. O dono dessa voz era uma sombra.

— É isso mesmo que você pensa?

Foi a segunda vez que ouvi o Atticus fazer essa pergunta no espaço de dois dias e significava que alguém ia estar em maus lençóis.

Era bom demais para perder pitada. Fugi do Jem e corri o mais depressa que pude para a beira do Atticus.

O Jem deu um grito e tentou apanhar-me, mas eu já tinha ganho alguma vantagem sobre ele e o Dill. Abri caminho por entre os corpos escuros e malcheirosos e saltei para dentro do círculo de luz.

— O...olá Atticus!

Pensava que ele ia ficar contente por me ver, mas a expressão do seu rosto liquidou o meu contentamento. Por uns instantes, o brilho do medo atravessou os seus olhos, como

um lampejo, para regressar mais tarde quando o Dill e o Jem decidiram também aparecer dentro daquele círculo de luz.

Havia um odor a whisky ordinário e a pocilga no ar e quando olhei em volta descobri que aqueles homens me eram desconhecidos.

Não eram as mesmas pessoas que eu tinha visto na noite passada.

Uma onda de vergonha percorreu-me o corpo: na verdade, tinha saltado triunfantemente para o interior de um círculo de pessoas que nunca antes tinha visto.

O Atticus levantou-se da sua cadeira, mas movia-se muito devagar, como um velho. Pousou o jornal com imenso cuidado, alisando as dobras com dedos vagarosos.

Reparei que tremiam ligeiramente.

— Vai para casa, Jem — disse. — E leva a Scout e o Dill para casa.

Estávamos habituados a obedecer, nem sempre sem protestar, às instruções do Atticus, mas pela postura de Jem vi logo que não era sua intenção mexer-se.

— Já vos disse para irem para casa.

O Jem abanou a cabeça. À medida que o Atticus levava as mãos às ancas, o Jem fazia o mesmo, e enquanto se encaravam frente a frente, tive oportunidade de ver como fisicamente havia muito poucas parecenças entre os dois. O Jem tinha olhos e cabelos de um castanho suave, rosto oval e orelhas bem coladas à cabeça tal como a nossa mãe e que, estranhamente, contrastavam com o cabelo preto, já grisalho, e com o rosto quadrado de Atticus.

No entanto, apesar de tudo, havia algumas semelhanças. E o facto de se desafiarem mutuamente tornava-os mais parecidos ainda.

— Filho, já disse para ires para casa.

O Jem abanou a cabeça.

— Eu mando-o já para casa — ameaçou um homem corpulento e agarrou brutalmente o Jem pelo colarinho. Quase levantou o Jem do chão.

— Não lhe toque! — com extrema rapidez, dei um pontapé no homem. Como estava descalça, fiquei surpreendida por vê-lo cair cheio de dores. Eu queria era acertar-lhe na canela, mas acho que apontei demasiado alto.

— Já chega, Scout. — O Atticus pôs a mão no meu ombro. — Não dês pontapés às pessoas. Não... — disse ele, enquanto eu me tentava justificar.

— É que ninguém trata o Jem assim — disse-lhe.

— Muito bem, Mr. Finch, tir'os já daqui — alguém grunhiu. — Tem q'nze segund's p'ros tirar daqui.

No meio daquela estranha assembleia, o Atticus tentava fazer com que o Jem o escutasse.

— Não vou — foi a sua resposta firme aos pedidos e ameaças do Atticus.

— Por favor Jem, leva-os para casa.

Já estava a ficar um bocadinho farta daquilo tudo, mas achei que o Jem lá devia ter as suas razões para fazer o que estava a fazer, sobretudo face às perspectivas do que o Atticus provavelmente lhe iria fazer quando chegasse a casa. Olhei para a multidão.

Era uma noite de Verão, mas a maioria dos homens vestia macacões e camisas de ganga apertadas até aos colarinhos. Achei que deviam ser friorentos, pois até as mangas estavam apertadas. Alguns usavam chapéus enfiados até as orelhas. Os homens tinham um ar mal-humorado, com olhos ramelosos, como se não estivessem habituados a estar acordados àquela hora. Tentei procurar novamente um rosto que me fosse familiar e lá acabei por encontrar um no centro daquele semi-círculo.

— Olá, Mr. Cunningham.

Parecia que o homem não me tinha ouvido.

— Olá, Mr. Cunningham. Como vai o seu morgadio?

Os negócios de Mr. Cunningham eram-me familiares. Houve até um dia em que o Atticus me explicou tudo em pormenor. Aquele homem imenso pestanejou e enfiou os polegares nas presilhas do macacão. Parecia desconfortável. Pigarreou e desviou o olhar.

A minha tentativa de meter conversa tinha caído por terra.

Mr. Cunningham não usava chapéu e a metade de cima da sua testa estava branca em comparação com a face queimada pelo sol, o que me levou a acreditar que usava chapéu na maior parte dos dias. Pôs-se a mexer os pés, entalados dentro dos seus pesados sapatos de trabalho.

— Não se lembra de mim, Mr. Cunningham? Sou a Jean Louise Finch. Uma vez até nos trouxe nozes, lembra-se?

Comecei a sentir a futilidade de falar para uma pessoa que não se lembra de nós.

— Ando na escola com o Walter—comecei novamente.—É seu filho, não é? E, não é, s'nhor?

Mr. Cunningham assentiu levemente. Afinal ele conhecia-me.

— Ele está na minha turma—retomei—e está a ir muito bem.

É um bom rapaz—acrescentei—mesmo bom rapaz. Uma vez levámo-lo a almoçar lá a casa. Diga-lhe olá por mim, está bem?

O Atticus já me tinha dito que era sinal de bom-tom conversar com as pessoas sobre temas que lhes interessavam e não sobre temas que nos interessavam apenas a nós. Mr. Cunningham parecia não se interessar muito pelo tema do seu filho, por isso voltei a falar sobre o seu morgadio num último esforço para o fazer sentir à vontade.

— Os morgadios são péssimos—ia eu a começar os meus conselhos, quando me apercebi que estava a falar para todo aquele agregado de pessoas. Os homens estavam todos a olhar para mim, alguns deles boquiabertos. O Atticus tinha parado de chatear o Jem.

Estavam os dois de pé ao lado do Dill. A sua atenção tinha-se transformado em

fascínio. Até o Atticus estava de boca aberta, uma atitude que ele próprio tinha descrito certo dia como grosseira.

O nosso olhar cruzou-se e ele fechou a boca.

— Bem, Atticus, só estava a dizer a Mr. Cunningham que os morgadios eram péssimos e isso tudo, mas tu disseste para não nos preocuparmos, porque às vezes demora é algum tempo... e que, mais cedo ou mais tarde, tudo se ia resolver em conjunto...—aos poucos fui refreando o meu entusiasmo, pensando na perfeita idiotice que tinha cometido. É que os morgadios pareciam ser um bom tema para conversa de circunstância.

Comecei a sentir o suor a acumular-se junto ao cabelo; eu aguentava tudo menos um grupo de pessoas a olhar para mim.

E eles estavam todos tão quietos.

— O que se passa?—perguntei.

O Atticus não disse nada. Olhei em volta até encarar Mr. Cunningham, cujo rosto estava igualmente impassível. Foi então que ele fez uma coisa muito estranha. Baixou-se e pôs-me as mãos nos ombros.

— Eu digo-lhe que disse olá, menina—sossegou-me. Depois levantou-se e acenou com a sua mão descomunal.

— Vamos embora—ordenou.—Vamos embora, rapazes.

Tal como tinham chegado, os homens voltaram a entrar para os carros. As portas bateram, os motores tossiram e foram embora.

Virei-me para o Atticus, mas já ele tinha entrado na prisão, onde estava de costas, com a cabeça encostada à parede. Fui ter com ele e puxei-lhe a manga.

— Já podemos ir para casa?

Ele fez que sim, puxou do lenço, limpou a cara e assoou-se violentamente.

— Dr. Finch?

Ouviu-se uma voz suave e rouca vinda de cima e do meio da escuridão.

— Já partiram, já?

O Atticus deu um passo atrás e olhou para cima.

— Já—respondeu.—Vai dormir, Tom. Eles não te vão incomodar mais.

Outra voz cortou a noite, mas vinda de outra direcção.

— Podes ter a cert'za qu'não. Eu tive-te sempre na mira, Atticus.

Debruçado à janela por cima do escritório do The Maycomb , Tribune, vimos Mr. Underwood e a sua caçadeira de canos cerrados.

Já passava muito da minha hora de dormir e estava a ficar muito cansada. Parecia que o Atticus e Mr. Underwood iriam ficar à conversa a noite toda, um à janela e o outro cá em baixo.

Atticus finalmente regressou, desligou a luz pendurada por cima da porta da prisão e

pegou na cadeira.

— Posso levá-la por si, Mr. Finch?—pediu o Dill. Não tinha dito palavra durante todo aquele tempo.

— Ora, obrigado, meu filho.

À medida que caminhávamos em direcção ao gabinete do Atticus, eu e o Dill deixámo-nos ficar para trás. O Dill estava incumbido de levar a cadeira, por isso ia mais devagar. O Atticus e o Jem iam bem à nossa frente e pensei que o Atticus lhe estava a dizer das boas por ele não ter ido para casa, mas estava errada.

Quando passaram por baixo de um candeeiro, o Atticus estendeu a mão e acariciou o cabelo do Jem, o seu único gesto de carinho.

De certeza que o Jem me ouviu. Meteu a cabeça através da porta de ligação.

Quando estava quase a chegar à minha cama, as luzes do quarto do Atticus acenderam-se. Ficámos quietos, exactamente onde estávamos, até se voltarem a apagar. Ouvimos o Atticus a mexer-se na cama e esperámos até ficar novamente tudo em silêncio.

O Jem levou-me para o seu quarto e deitou-me ao seu lado na cama.

— Tenta dormir—disse.— Vais ver que amanhã estará tudo terminado.

Tínhamos entrado em casa em silêncio para não acordar a tia.

O Atticus desligara o carro à entrada e estacionou-o na garagem.

Sem dizer palavra entrámos pela porta das traseiras e fomos para os nossos quartos. Sentia-me imensamente cansada e estava quase a adormecer quando me veio à mente a imagem calma do Atticus, a dobrar o jornal e a empurrar o chapéu para trás, dando depois lugar à imagem do Atticus, parado no meio de uma rua vazia, a ajeitar os óculos. De repente, fui atingida pela súbita compreensão do verdadeiro significado dos acontecimentos daquela noite e comecei a chorar. O Jem foi muito simpático em relação a isso: pela primeira vez não me lembrou que quem já anda perto dos nove anos normalmente não se deve comportar assim.

Naquela manhã ninguém mostrava muito apetite, à excepção do Jem; já tinha devorado três ovos. O Atticus observava-o com verdadeira admiração; a tia Alexandra bebericava o seu café e irradiava ondas de desaprovação. Crianças que se escapuliam a meio da noite eram a vergonha da família. O Atticus respondeu-lhe que estava muito contente pela existência dessas vergonhas, mas a tia retorquiu:—Que disparate, Mr. Underwood esteve sempre lá de atalaia.

— Sabes, há uma coisa engraçada acerca do Braxton—respondeu o Atticus.—É que ele detesta pretos, nem sequer tolera que haja um perto dele.

A opinião local acerca de Mr. Underwood era que este era um homenzinho radical e profano, cujo pai, num estranho ataque de bom humor, o tinha baptizado de Braxton Bragg, aliás um nome que Mr. Underwood tinha feito os possíveis para esquecer. O Atticus dizia que dar às pessoas nomes de generais da Confederação os acabaria por transformar lentamente em bêbados inveterados.

A Calpurnia estava a servir o café à tia Alexandra e abanou a cabeça perante o meu olhar de súplica irresistível.

— Ainda é muito pequenina—disse ela.— Eu digo-lhe quando tiver mais idade.

Respondi-lhe que o café poderia ajudar o meu estômago.

— Pronto, está bem—respondeu e trouxe uma chávena do aparador. Deitou uma colher de café na chávena e encheu-a até acima de leite. Agradei-lhe deitando a língua

de fora e, ao olhar para cima, dei de caras com a expressão de desaprovação da titi.

Afinal, o olhar era mesmo para o Atticus.

Esperou até que a Calpurnia fosse para a cozinha e disse:—Não fales assim à frente deles.

— Falar assim como e à frente de quem?—perguntou ele.

— Assim à frente da Calpurnia. Disseste que o Braxton Underwood desprezava os pretos mesmo à frente dela.

— Bem, tenho a certeza que a Cal sabe disso. Toda a população de Maycomb sabe disso.

Estava a começar a aperceber-me de uma mudança subtil na forma como o meu pai falava com a tia Alexandra. Era um toque de confronto velado e nunca uma irritação directa. Senti um tom ligeiramente afectado na sua voz quando disse:—Tudo o que se pode dizer à mesa pode-se dizer à frente da Calpurnia. Ela sabe o que significa para esta família.

— Acho que não é um bom hábito, Atticus. É que isso dá-lhes força. Sabes muito bem como falam entre eles. Tudo o que se passa na cidade acaba por chegar aos seus bairros antes do pôr do Sol.

O meu pai pousou a faca.

— Não conheço nenhuma lei que os proíba de falar. Olha, se calhar já não falaria se nós não lhes déssemos tanto sobre o que falar. Por que é que não bebes o teu café, Scout?

Estava a brincar com a colher dentro da chávena.

— Pensava que Mr. Cunningham era nosso amigo. Há muito tempo atrás disseste que ele o era.

— E ainda é.

— Mas ontem à noite ele tentou magoar-te.

O Atticus pousou o garfo ao lado da faca e empurrou o prato para o lado.

— Basicamente Mr. Cunningham é um bom homem—disse—só que, tal como todos nós, tem os seus momentos de cegueira.

— Não chames aquilo de cegueira. Quando ele lá chegou estava pronto a matar-te - interrompeu o Jem.

— É até provável que me fizesse mal—admitiu o Atticus—mas vais acabar por perceber melhor as pessoas quando fores mais velho, filho. Acima de tudo um bando é constituído por pessoas. E todos os bandos de todas as nossas cidadezinhas do Sul são constituídos por pessoas que nós conhecemos... e isso não quer dizer nada acerca delas, pois não?

— Eu diria que não—disse Jem.

— Foi preciso aparecer uma criança de oito anos para os fazer cair na realidade, não foi?—disse o Atticus.—Isso só prova que...

que uma matilha de animais selvagens pode ser detida, simplesmente porque continuam a ser humanos. Umm, se calhar talvez seja necessária uma força policial composta de crianças... ontem à noite vocês fizeram com que o Walter Cunningham se pusesse no meu lugar durante uns momentos. Foi o suficiente.

Bem, em boa verdade, eu tinha esperança que o Jem conseguisse perceber melhor as pessoas quando fosse um bocadinho mais velho; eu é que dificilmente iria perceber.

— No dia em que o Walter voltar à escola será o seu último afirmar.

— Tu nem sequer lhe vais tocar, ouviste—ordenou o Atticus.

— Aconteça o que acontecer, não quero que nenhum de vocês os dois guarde rancor a ninguém por este tipo de coisas.

— Estás a perceber agora—disse a tia Alexandra—o que acontece quando se permitem este tipo de coisas. Depois não digas que não te avisei.

O Atticus disse que nunca diria tal coisa, empurrou a cadeira para trás e levantou-se.

— Com licença, tenho um longo dia pela frente. Jem, não te quero a ti nem à Scout perto do centro, hoje.

O Atticus saiu precisamente na altura em que o Dill vinha a atravessar o corredor em direcção à sala de jantar.

— Na cidade não se fala de outra coisa—anunciou—de como enfrentámos cem tipos só com os punhos...

A tia Alexandra calou-o com o olhar.

— Não eram cem homens—disse ela—e ninguém os enfrentou.

Era apenas um grupo de Cunninghams bêbados e desordeiros.

— Oh tia, é só a maneira de falar do Dill—disse o Jem. Fez-nos sinal para o seguirmos.

— E fiquem hoje aqui no pátio—disse ela, enquanto nos dirigíamos para a varanda da frente.

Parecia sábado. As pessoas da região sul do condado passavam por nós prazenteiramente, mas de uma forma compacta.

Mr. Dolphus Raymond passou por nós no seu puro-sangue.

— Não percebo como é qu'ele se consegue manter na sela murmurou o Jem.—Co'me possível ficar beb'do antes das oito da manhã?

Passou por nós uma carroça cheia de mulheres. Usavam toucas de algodão e vestidos de mangas compridas. Eram conduzidas por um homem de barbas e chapéu de lã.

— Olha, acolá vão os Menonitas—virou-se o Jem para o Dill.

— Sabes que eles não usam botões.

Viviam embrenhados nos bosques, faziam a maior parte das suas compras do outro lado do rio e raramente vinham a Maycomb.

Dill mostrou-se interessado:—Têm todos olhos azuis—explicou o Jem -, e os homens

não podem fazer a barba depois de casados. As mulheres gostam qu'eles lhes façam cócegas com as barbas.

Mr. X Billups passava agora em cima de uma mula e acenou-nos.

— É um sujeito engraçado... — disse Jem. — Chama-se mesmo X, não é uma inicial.

Uma vez teve de ir a tribunal e perguntaram-lhe o nome. Ele respondeu X Billups. O escrivão pediu-lhe para soletrar e ele disse X. Perguntou-lhe novamente e ele repetiu X.

Continuaram nisto até ele pegar numa folha de papel e escrever X e mostrar para que todos pudessem ver. Perguntaram-lhe onde é que ele tinha arranjado o nome e ele respondeu que era assim que os pais o tinham registado quando ele nasceu.

Enquanto o condado inteiro passava por nós, o Jem foi contando ao Dill a história e as principais características gerais das suas figuras mais proeminentes: Mr. Tensaw Jones era partidário da Lei Seca; Miss Emily Davis cheirava rapé em privado; Mr. Byron Waller sabia tocar violino; Mr. Jake Slade já ia na sua terceira dentadura postiça.

Apareceu mais uma carroça cheia de cidadãos com rostos invulgarmente carrancudos. Quando apontaram para o jardim de Miss Maudie Atkinson, repleto de viçosas flores de Verão, ela própria apareceu na varanda. Havia algo de estranho em Miss Maudie... ali de pé, na varanda, estava demasiado longe de nós para conseguirmos ver claramente o seu rosto, mas conseguíamos sempre aperceber-nos da sua disposição pela forma como se posicionava.

Tinha os braços dobrados, mãos na anca, ombros descaídos, a cabeça inclinada e os óculos reluzentes sob a luz do sol. Sabíamos que os seus lábios estavam retorcidos num sorriso da mais pura maldade.

O condutor da carroça abrandou as mulas e uma mulher de voz esganiçada gritou:— Aquele que nasce na vaidade, morre nas trevas.

— Um coração feliz dá vida e alegria — respondeu Miss Maudie.

Acho que os lava-pés pensaram que o Diabo estava a citar as escrituras para servir os seus próprios fins, pois o condutor acelerou as mulas. Nunca percebi o que é que eles tinham contra o jardim de Miss Maudie e era formidável o conhecimento que Miss Maudie tinha das escrituras quando passava o dia inteiro no jardim.

— Vai esta manhã ao tribunal? — perguntou o Jem. Encaminhámo-nos até sua casa.

— Nem pensar — disse ela. — Não tenho nada que ir para lá.

— Não vai lá ver? — perguntou o Dill.

— Nem pensar. É mórbido ir p'ra lá ver aquele pobre diabo a lutar pela vida. Olhem para esta gente toda, mais parece um circo romano.

— Ele tem de ser julgado em público, Miss Maudie — disse eu.

— Não seria certo fazer de outra maneira.

— Tenho plena consciência disso — respondeu ela. — Mas lá por ser público, não quer dizer que eu tenha de ir, pois não?

Entretanto apareceu Miss Stephanie Crawford. Usava chapéu e luvas.

— Hum, hum, hum—disse ela.—Olhem só para esta gente toda... até parece que vão ouvir um discurso do William Jennings Bryan.

— E onde vais tu, Stephanie?—perguntou Miss Maudie.

— Até ao Jitney Jungle.

Miss Maudie disse que nunca na vida tinha visto Miss Stephanie ir ao Jitney Jungle de chapéu.

— Bem—disse Miss Stephanie—acho que vou até ao tribunal só para ver o que o Atticus anda a fazer.

— É melhor teres cuidado não vá ele entregar-te uma convocatória.

Pedimos a Miss Maudie para nos elucidar: ela disse que Miss Stephanie parecia saber tanto acerca daquele caso que quase podia ser chamada a depor.

Aguentámos até ao meio-dia, hora em que o Atticus veio a casa almoçar e nos disse que tinha passado a manhã inteira a escolher o júri. Depois de almoço fomos buscar o Dill e dirigimo-nos a pé até ao centro.

Era uma ocasião de gala. Não havia um milímetro de varão disponível para amarrar mais nenhum animal e as carroças e mulas estavam estacionadas debaixo de todas as árvores disponíveis.

A praça do tribunal estava coberta de pequenos grupos, sentados em jornais, a comer os seus piqueniques, empurrando biscoitos e melaço com leite quente guardado em frascos de compota. Algumas pessoas mordiscavam galinha fria e costeletas de porco fritas.

Os mais abastados acompanhavam a comida com Coca-Cola, bebida em copos bojudos. Crianças com caras sujas e gordurosas berravam no meio da multidão e os bebés mamavam do peito das suas mães.

No outro extremo da praça, os negros estavam sentados calmamente ao sol, a comer sardinhas, bolachas e bebendo os mais estranhos sabores da Nehi Cola. Mr. Dolphus Raymond estava sentado no meio deles.

— Jem—disse o Dill—ele está a beber de dentro de um saco.

Era realmente isso que Mr. Dolphus Raymond parecia estar a fazer: duas palhinhas amarelas percorriam o caminho entre a sua boca e o interior de um saco de papel acastanhado.

— Nunca tinha visto ninguém a fazer aquilo—murmurou o Dill.—Como é que ele segura o que está lá dentro?

Jem riu.

— Ele tem lá dentro uma garrafa de Co-Cola cheia de whiskey.

É só p'ra não importunar as senhoras. Vais vê-lo a beber aquil'a Tarde toda. De vez em quando afasta-se para encher e depois volta ao mesmo.

— Por qu'ê qu'ele 'tá sentado no meio das pessoas de cor?

— É sempre assim. Acho qu'gosta mais deles do qu' de nós. Vive sozinho quase na fronteira do condado. Tem uma m'lher de cor e uma data de fi'os mestiços. Mostro-te alguns se os vir por aí.

— Ele não parece ser vulgar—disse o Dill.

— E não é, só que ele é dono de uma das margens do rio e vem de uma família mesmo antiga.

— Então por qu'ê qu' faz isto?

— É a sua maneira de ser—disse o Jem.—Dizem que nunca ultrapassou o casamento.

Era p'ra casar com uma das... com uma das meninas Spencer, acho eu. Iam ter um ganda casamento, mas não aconteceu... depois do pedido, a noiva subiu ao andar de cima e rebentou os miolos. De caçadeira. Consta que puxou o gatilho com os dedos dos pés.

— Souberam porquê?

— Não—disse o Jem -, ninguém soube muito bem porquê, à excepção de Mr.

Dolphus. Dizem qu' foi por ela ter descoberto tudo sobre a sua mulher de cor, ele pensou que podia mantê-la e casar-se à mesma. Depois disso anda sempre um bocado p'ró bem beb'do.

Apesar disso, ele é mesmo bom para aquela filharada toda...

— Jem—perguntei.—O que é uma criança mestiça?

— Meia branca, meia de cor. Tu já as viste, Scout. Conheces aquele de carapinha ruiva que faz as entregas da mercearia. Ele é meio branco. É mesmo triste.

— Triste porquê?

— Porque não são carne, nem são peixe. As pessoas de cor não os querem porque são meios brancos; os brancos não os querem porque eles são de cor, por isso estão no meio, não pertencem a lado n'nhum. Mas dizem que Mr. Dolphus mandou dois deles para o norte. Eles não se importam de os ter lá no norte. Olhem, acolá 'tá um deles.

Na nossa direcção vinha um rapazito agarrado à mão de uma mulher negra. A mim parecia negro; era da cor do chocolate com narinas proeminentes e uns dentes lindos. Às vezes punha-se alegremente aos saltos e a mulher negra apertava-lhe a mão para ele parar.

O Jem esperou até eles terem passado por nós.

— Aquele é um dos mais pequenos—disse ele.

— E como é que tu sabes?—perguntou o Dill.—A mim parecia-me negro.

— Às vezes não conseguimos perceber a menos que saibamos quem são. Mas aquele é meio Raymond.

— Mas como é que sabes?—insisti.

— Já te disse, Scout. Tens de saber quem são.

— Bem, então como é que sabes qu' nós não somos negros?

— O tio Jack Finch diz que não há forma de saber. Ele diz que até onde conseguimos encontrar os nossos antepassados da família Finch, não somos, mas que para ele até podíamos ter vindo da Etiópia na altura do Antigo Testamento.

— Bem, se viemos durante o Antigo Testamento já foi há demasiado tempo para ter alguma importância.

— Foi o que eu pensei—disse o Jem.—Mas por estas bandas basta um pingão de sangue negro para sermos logo pretos. Olha...

Um qualquer sinal invisível fez com que as pessoas se levantassem e comesçassem a apanhar os pedaços de jornal, celofane e papel de embrulho. As crianças iam ter com as mães, os bebés eram levados ao colo, sobre as ancas, enquanto os homens, com os chapéus manchados de suor, reuniam as famílias e as encaminhavam para dentro do tribunal. Na outra ponta da praça os negros e Mr. Dolphus Raymond levantavam-se e sacudiam as calças. Entre eles havia poucas mulheres e crianças, o que parecia apagar a sensação de dia feriado. Puseram-se pacientemente à espera em frente à porta, atrás das famílias brancas.

— Vamos entrar—disse o Dill.

— Na, é melhor esperar qu'eles entrem. O Atticus pode não gostar se nos vir—disse o Jem.

O tribunal de Maycomb County lembrava vagamente Arlington num simples aspecto: os pilares de cimento que suportavam o telhado a sul eram demasiado pesados para um fardo tão leve. Os pilares tinham sido a única coisa que tinha ficado de pé quando o edifício original ardeu em 1856. À sua volta foi construído um novo tribunal.

Melhor dizendo, o tribunal foi construído apesar de ainda existirem esses pilares.

Exceptuando, então, essa ala sul, o tribunal de Maycomb County remontava ao início da época vitoriana, apresentando uma vista inofensiva quando visto do norte. No entanto, vistas do outro lado, as réplicas das colunas gregas chocavam com a grande torre do relógio, datada do século XIX, instrumento pouco fiável e ferrugento, o que indicava que o povo gostava de preservar o mais pequeno fragmento físico do seu passado.

Para chegar à sala de audiências, situada no segundo andar, tínhamos de passar por uma série de cubículos e gabinetes que nunca tinham visto a luz do sol: o delegado das finanças, o cobrador de impostos, o escrivão do condado, o advogado do condado, o escrivão da comarca, o juiz de paz, todos viviam em nichos frios e escuros com cheiro a livros de registo em putrefacção, misturado com o odor fétido a cimento velho e urina estagnada. Era preciso ligar as luzes em pleno dia; e havia sempre uma película de pó cobrindo o soalho. Os habitantes destes caixotes eram produto do ambiente: criaturas de rostos cinzentos que pareciam nunca ter visto o Sol nem sentido o vento.

Já sabíamos que havia uma multidão, mas não tínhamos previsto a confusão que reinava no corredor do primeiro andar. Separei-me do Jem e do Dill, mas consegui chegar

ao átrio, junto da escadaria, pois sabia que o Jem acabaria por vir à minha procura.

Dei por mim no meio do Clube dos Ociosos e tentei passar o mais despercebida possível. Era um grupo de velhotes, de camisa branca, calças caqui e suspensórios, que tinham passado a vida sem fazer nada e que passavam os seus dias de reforma a fazer o mesmo, sentados em bancos de pinho debaixo dos carvalhos da praça. Críticos atentos dos assuntos jurídicos do tribunal, o Atticus dizia que sabiam tanto da lei como um qualquer ministro da justiça, devido aos seus longos anos de observação. Normalmente eram os únicos espectadores no tribunal e hoje pareciam sentidos pela interrupção daquela confortável rotina a que estavam habituados. Quando falavam, as suas vozes soavam indiferentemente importantes e emproadas.

O tema da conversa era o meu pai.

— ...acha que sabe o que está a fazer—dizia um deles.

— Bem, não diria isso—dizia outro.—O Atticus Finch é um estudioso aplicado, um estudioso bastante aplicado.

— Ele realmente lê muito, é tudo o que sabe fazer.

O Clube riu em unísono.

— Deixa-me dizer-te uma coisa, Billy—disse ainda um terceiro -, tu sabias que foi o tribunal que o nomeou p'ra defender 'quele preto.

— Pois, mas o Atticus quer defendê-lo. É isso que não me agrada nada.

Esta era um novidade, uma novidade que mudava completamente a perspectiva das coisas: o Atticus tinha de o defender, quer quisesse quer não. Achei estranho ele não nos ter dito nada... sempre podíamos ter usado essa informação para nos defendermos.

Ele tinha de o fazer, era por isso que o fazia e, de repente, aquele novo facto significava menos problemas e menos discussões. Mas será que explicava a atitude de toda a cidade? O tribunal tinha nomeado o Atticus para o defender. E o Atticus queria defendê-lo.

Era isso que não lhes agradava. Era tudo muito confuso.

Os negros começaram a entrar depois de terem esperado que todos os brancos tivessem entrado.

— Ei, alto lá, esperem aí—disse um dos membros do grupo, brandindo a bengala no ar.—Não se ponham já a subir as escadas.

A brigada do reumático começou a subir a escadaria e cruzou-se com o Dill e o Jem que desciam as escadas à minha procura.

Conseguiram esgueirar-se por entre o grupo e o Jem chamou:—Scout anda daí. Não há um único lugar sentado. Vamos ter de ficar de pé.

— Olhem p'ra acolá—disse, irritado, enquanto os negros começavam a subir os degraus. Os velhos que seguiam à sua frente iriam ocupar a maior parte dos lugares de pé. Estávamos com azar e era tudo culpa minha, informou o Jem. Por isso, ficámos

miseravelmente encostados à parede.

— Então, não conseguem entrar?

O Reverendo Sykes, que ia à nossa frente, virou-se para trás e olhou para nós com o chapéu preto na mão.

— Olá, Reverendo—disse o Jem.—Na, a Scout estragou tudo.

— Bem, vamos ver o que se pode fazer.

O Reverendo Sykes subiu as escadas com dificuldade. Passados alguns momentos estava de volta.

— Não há um único lugar lá em baixo. Aham que há problema se se sentarem no balcão comigo?

— Boa—disse Jem. Cheios de satisfação, passámos à frente do Reverendo Sykes e fomos andando até à sala de audiências. Aí, subimos por uma escada coberta e esperámos à porta. O Reverendo Sykes vinha atrás de nós a arfar e guiou-nos gentilmente pelo meio dos negros que estavam no balcão. Quatro negros levantaram-se para nos darem os seus lugares na primeira fila.

O balcão destinado às pessoas de cor ocupava três paredes do tribunal como uma varanda de segundo andar de onde podíamos ver tudo.

O júri estava sentado à esquerda debaixo de umas janelas compridas.

Queimados pelo sol e esgalgados tinham todo o aspecto de agricultores, mas isso já era normal: era raro ver, sentados no banco do júri, homens da cidade, pois normalmente eram suspensos ou dispensados. Um ou dois dos membros do júri pareciam vagamente uns Cunninghams todos aperaltados. Nesta fase estavam todos sentados, bem direitos e alerta.

O advogado da comarca e outro homem, o Atticus e o Tom Robinson estavam sentados em mesas com as costas voltadas para nós. Na mesa do advogado havia um livro castanho e alguns blocos de apontamentos amarelos; a mesa do Atticus estava vazia.

Dentro da divisória que separava os espectadores do tribunal estavam sentadas as testemunhas, em cadeiras com assento em couro. Tinham também as costas viradas para nós.

O Juiz Taylor estava no seu lugar e parecia um velho tubarão adormecido com o seu peixe-piloto escrevinhando rapidamente, mais abaixo, à sua frente. O Juiz Taylor era parecido com a maior parte dos juízes que eu tinha visto: afável e bonacheirão, de cabelo branco e ligeiramente rosado, era um homem que geria o seu tribunal de uma forma assustadoramente informal... às vezes punha os pés em cima da mesa e muitas vezes até se punha a limpar as unhas com o canivete de bolso. Durante as audiências mais prolongadas, especialmente se eram realizadas depois do almoço, dava a impressão de adormecer, uma impressão que foi desfeita para sempre quando, certo dia, um advogado empurrou deliberadamente uma pilha de livros para o chão num esforço desesperado

para o acordar. Sem sequer abrir os olhos, o Juiz Taylor murmurou «Mr. Whitley faça isso outra vez e garanto-lhe que o multo em cem dólares».

Era um profundo conhecedor da lei e, apesar de parecer encarar o seu emprego de forma casual, na realidade geria todos os casos que se lhe deparavam com pulso forte.

Consta que só uma vez é que tinha chegado a um impasse em plena sessão de tribunal e muito por causa dos Cunninghams. Old Sarum e os seus terrenos circundantes eram habitados por duas famílias diferentes, mas infelizmente com o mesmo apelido. Os Cunninghams foram casando com os Coninghams até que a grafia dos seus nomes passou a ser puramente académica... académica até os Cunninghams terem ido contra os Coninghams por causa de umas propriedades e levarem o assunto a tribunal. Durante esta controvérsia, Jeems Cunningham afirmou que a sua mãe sempre tinha escrito Cunningham em todos os documentos, embora na realidade fosse uma Coningham.

Não percebia muito de ortografia, raramente lia e o seu passatempo favorito era ficar com o olhar perdido na distância, sentada à noite na sua varanda. Depois de nove horas passadas a ouvir as excentricidades dos habitantes de Old Sarum, o Juiz Taylor disse que aquele assunto estava fora do âmbito daquele tribunal. Quando lhe perguntaram com que fundamentos o alegava, respondeu «Conivência dolosa» e declarou que esperava que ambos os litigantes estivessem satisfeitos por terem trazido este assunto a público.

E estavam. Era isso que eles queriam realmente.

O Juiz Taylor tinha um hábito interessante. Permitia que se fumasse no tribunal, embora ele não se permitisse a tal. Às vezes, se tivéssemos sorte, poderíamos ter o privilégio de o ver colocar um longo charuto seco na boca e mastigá-lo lentamente. Aos poucos, o charuto apagado desaparecia para aparecer horas mais tarde sob a forma de uma pasta achatada e pegajosa. A sua essência tinha desaparecido, misturada com os sucos digestivos do Juiz Taylor.

Uma vez perguntei ao Atticus como é que Mrs. Taylor conseguia beijá-lo, mas o Atticus sossegou-me dizendo que não se beijavam muito.

O banco das testemunhas ficava à direita do Juiz Taylor e, quando chegámos aos nossos lugares, Mr. Heck Tate já lá estava sentado.

— Jem — perguntei — não são os Ewells que estão sentados acolá?

— Chiu — disse o Jem. — Mr. Heck Tate está a depor.

Mr. Tate tinha-se vestido para aquela ocasião especial. Vestia um fato simples que fazia com que se parecesse igual a qualquer outro homem. Tinha-se livrado das botas, do casacão grosso e do cinturão com as balas. Naquele momento deixou de me aterrorizar.

Estava sentado na cadeira das testemunhas, com as mãos apertadas entre os joelhos, a escutar atentamente o advogado de acusação.

O advogado, um tal Mr. Gilmer, não era nosso conhecido. Era de Abbottsville; só o víamos quando o tribunal se reunia, o que raramente acontecia, pois o tribunal não nos

despertava lá grande interesse. Era um homem careca, de rosto barbeado, algures entre os quarenta e os sessenta anos. Apesar de estar de costas para nós, sabíamos que era ligeiramente estrábico e que utilizava essa deficiência para tirar vantagem: parecia estar a olhar para uma pessoa quando afinal não o estava a fazer e, como tal, a sua fama era terrível junto do júri e das testemunhas. Desta forma, o júri redobrava a sua atenção, julgando-se sob um cerrado interrogatório, o mesmo se passando com as testemunhas.

—com as suas próprias palavras, Mr. Tate — dizia Mr. Gilmer.

— Bem — disse Mr. Tate, ajeitando os óculos e falando para os joelhos — fui chamado...

— Pode dirigir-se ao júri, Mr. Tate? Muito obrigado. E quem o chamou?

— Fui chamado pelo Bob... por Mr. Bob Ewell que está sentado acolá, uma noite...

— Que noite foi essa, Mr. Tate?

— Foi na noite de 21 de Novembro. Estava a sair do escritório para ir para casa quando B... Mr. Ewell entrou, muito excitado, e — disse p'ra eu ir depressa a casa dele, que um preto lhe tinha violado a filha — disse Mr. Tate.

— E foi?

— Claro. Entrei no carro e fui o mais depressa possível.

— E o que encontrou?

— Encontrei-a deitada no chão, mesmo no centro do quarto da frente, à direita de quem entra. Notava-se que tinha levado bastante pancada, mas levantei-a do chão e ela lavou a cara num balde que estava ao canto e depois disse que já estava bem.

Perguntei quem lhe tinha feito aquilo e ela respondeu que tinha sido o Tom Robinson...

O Juiz Taylor, que tinha estado a contemplar as suas unhas, levantou os olhos como se estivesse à espera de uma objecção, mas o Atticus não disse nada.

—perguntei-lhe se tinha sido ele que lhe tinha batido e ela respondeu que sim.

Perguntei-lhe se ele tinha abusado dela e ela respondeu que sim. Por isso, fui até à casa do Robinson e trouxe-o.

Ela identificou-o como tendo sido ele e eu prendi-o. E foi assim.

— Obrigado — disse Mr. Gilmer — Alguma pergunta, Atticus? — perguntou o Juiz Taylor.

— Sim — respondeu o meu pai. Permaneceu sentado atrás da sua mesa; a cadeira estava um pouco desviada para o lado, tinha as pernas cruzadas e o braço apoiado sobre as costas da cadeira.

— Chamou um médico, Xerife? Alguém chamou um médico?

— perguntou o Atticus.

— Não, senhor — respondeu Mr. Tate.

— Não chamaram um médico?

— Não, senhor — repetiu Mr. Tate. — E porque não? — a voz do Atticus subiu de tom.

— Bem, posso dizer-lhe por qu'ê qu' não o chamámos. Não foi necessário, Mr.

Finch. Ela tinha apanhado uma tarefa valente. Era óbvio qu'alguma coisa tinh'acontecido.

— Mas não chamou um médico? Enquanto esteve lá, alguém mandou chamar, foi buscar ou a levou a algum médico?

— Não, senhor...

O Juiz Taylor interrompeu.

— Ele já respondeu a esta pergunta três vezes, Atticus. Está claro que ele não chamou um médico.

— Só queria ter a certeza, Meritíssimo—respondeu o Atticus e o juiz sorriu.

A mão do Jem, pousada sobre o varandim do balcão, apertou-o com uma força inaudita. Subitamente, suspendeu a respiração.

Ao olhar para baixo não vi qualquer reacção correspondente e perguntei-me se o Jem não estaria a tentar ser um pouco melodramático.

O Dill e o Reverendo Sykes observavam calmamente.

— O que foi?—sussurrei.

— Ch... Chiu—foi a resposta que tive.

— Xerife—dizia o Atticus -, disse que ela tinha apanhado uma tarefa valente. De que forma?

—Bem...

— Descreva apenas os seus ferimentos, Heck.

— Bem, ela tinha sido espancada à volta da cabeça. Começavam já a aparecer algumas pisaduras nos braços e tudo tinha acontecido uns trinta minutos antes...

— Como é que sabe isso?

Mr. Tate sorriu.

— Desculpe, mas foi o que eles disseram. De qualquer forma ela já estava bastante ferida quando lá cheguei e um dos olhos começava já a ficar negro.

— Qual dos olhos?

Mr. Tate piscou os olhos e alisou o cabelo com as mãos.

— Ora deixe-me cá ver...—começou calmamente e olhou para o Atticus como se considerasse a pergunta infantil.

— Não se consegue lembrar?—perguntou o Atticus.

Mr. Tate apontou para uma pessoa invisível que estava vinte centímetros à sua frente e disse:—O esquerdo.

— Só um minuto, Xerife—disse o Atticus.—Era o seu olho esquerdo ou o dela?

— Ah pois, então seria o olho direito dela. Era o olho direito dela, Mr. Finch. Já me lembro, ela estava toda pisada nesse lado da cara...

Mr. Tate voltou a pestanejar, como se algo se tivesse tornado claro para ele. Então

virou a cara e procurou Tom Robinson com o olhar. Como por instinto Tom Robinson levantou a cabeça.

Algo tinha ficado claro também para o Atticus e esse facto fê-lo levantar-se.

— Por favor, Xerife repita o que disse. — Eu disse que era o seu olho direito.

— Não... — o Atticus foi até à mesa do escrivão e inclinou-se sobre a mão que escrevia furiosamente. A mão parou, virou o bloco de estenografia e o escrivão leu «Mr. Finch. Já me lembro, ela estava toda pisada nesse lado da cara».

O Atticus encarou Mr. Tate.

— Qual foi então o lado, Heck?

— O lado direito, Mr. Finch, mas ela tinha mais pisaduras... quer qu' fale delas?

Atticus parecia estar a estudar uma outra pergunta, mas pensou melhor e disse: — Sim, quais eram os outros ferimentos?

Enquanto Mr. Tate respondia, o Atticus virou-se e trocou olhares com o Tom Robinson como se lhe quisesse dizer que isto era uma coisa pela qual não estavam à espera.

— ...os braços estavam pisados e mostrou-me o pescoço. Havia marcas de dedos na garganta...

— A toda a volta da garganta? Até à parte de trás do pescoço?

— Diria que estavam a toda a volta do pescoço, Mr. Finch.

— Diria?

— Sim senhor, ela tinha um pescoço pequeno, qualquer pessoa podia apertá-lo com...

— Responda apenas sim ou não, Xerife — disse o Atticus, em tom seco, e Mr. Tate calou-se.

O Atticus sentou-se e acenou afirmativamente ao advogado de acusação, que abanou a cabeça para o juiz, que acenou afirmativamente para Mr. Tate, que se levantou e saiu do banco das testemunhas.

Por baixo de nós, quase mecanicamente, viraram-se as cabeças, os pés começaram a raspar no chão, os bebés mudaram de posição ao ombro das suas mães e algumas crianças desataram a correr para fora da sala do tribunal. Os negros sentados atrás de nós sussurravam entre si; o Dill perguntava ao Reverendo Sykes o que tinha acontecido, mas o Reverendo Sykes respondeu que também não sabia. Até agora tudo tinha sido extremamente enfadonho: ninguém tinha discutido, não havia argumentações acesas entre os advogados, não havia drama; algo que parecia ter desapontado os presentes.

No seu contraditório, o Atticus procedia amigavelmente como se estivesse a disputar um título. A sua infinita capacidade de acalmar a turbulência dos mares fazia com que um caso de violação parecesse tão árido como qualquer sermão da missa. Já não sentia o terror do whiskey foleiro, nem o cheiro a estábulo daqueles homens sulistas de olhos remelosos e daquela voz assustada que, a meio da noite, perguntava «Dr. Finch? Já foram embora?». O nosso pesadelo tinha desaparecido com o nascer do dia e eu sabia que tudo

ia correr bem.

Toda a plateia estava tão descontraída como o Juiz Taylor, excepto o Jem. A sua boca contorcia-se num meio sorriso, os olhos deambulavam com um brilho alegre e não parava de falar sobre a prova de corroboração, o que me deu a certeza de que se estava a exhibir.

—Robert E. Lee Ewell!

Em resposta à voz sonante do funcionário do tribunal, um homenzinho, que parecia mais um galo de luta do que um homem, levantou-se e dirigiu-se ao banco das testemunhas, corado como um pimento quando ouviu o seu nome em voz alta. Quando se voltou para prestar juramento vimos que a cara estava tão vermelha como a sua nuca.

Também não notámos qualquer parecença com o seu homónimo. Do alto da sua testa brotava uma oleosa madeixa de cabelo recém-lavado; o nariz era fino, afilado e lúcido; mal tinha queixo... mais parecia fazer parte do seu pescoço esguio e enrugado.

—assim Deus me ajude—grunhiu.

Em todas as cidadezinhas do tamanho de Maycomb havia famílias como os Ewells. Nenhuma variação económica conseguia alterar o seu estatuto... pessoas como os Ewells viviam como párias à custa do condado, tanto nos momentos de prosperidade, como nos de depressão. Não havia fiscais escolares que conseguissem manter os seus numerosos rebentos na escola; não havia delegado de saúde que os conseguisse livrar de defeitos congénitos, vários tipos de vermes e doenças que se propagavam naqueles lugares insalubres.

Os Ewells de Maycomb viviam por trás da lixeira municipal, no que um dia tinha sido uma barraca de negros. As paredes de madeira tinham sido reforçadas por chapas de ferro ondulado, o telhado era composto por latas achatadas a martelo, por isso só a própria forma da barraca permitia entender o seu aspecto original: quadrada, com quatro pequenos quartos que davam para um corredor central, a barraca assentava precariamente em quatro pedras calcárias irregulares. As janelas não eram mais do que meros buracos nas paredes, cobertos, durante a época do Verão, com pedaços de tecido gorduroso usado para cobrir queijo e para manter afastadas as moscas que se alimentavam do lixo de Maycomb.

As moscas é que não tinham lá muita sorte, pois todos os dias os Ewells passavam a lixeira a pente fino e os frutos do seu mister (tudo o que não era comestível) faziam com que o pedaço de terra à volta da barraca parecesse mais um parque de diversões de uma criança louca: a vedação era constituída por ramos de árvores, vassouras e bocados de caixas de ferramentas, revestida a cabeças de martelo ferrugentas, ancinhos desdentados, pás, machados e enxadas, tudo amarrado com pedaços de arame farpado.

Dentro desta verdadeira barricada havia um quintal sujo com os restos de um Ford Modelo T (assente em blocos), uma cadeira de dentista, uma geladeira antiga e mais

alguns itens: sapatos velhos, telefonias antigas, molduras e frascos de compota, no meio dos quais, umas poucas galinhas cor-de-laranja, magras e esfomeadas, debicavam esperançosamente à cata de umas migalhitas.

Apesar disso havia um recanto naquele quintal que espantava toda a Maycomb.

Encostadas à vedação viam-se seis jarras de esmalte lascado que albergavam belos gerânios vermelhos tão bem cuidados que até pareciam pertencer a Miss Maudie Atkinson, caso ela permitisse que algum gerânio nascesse na sua propriedade.

As pessoas diziam que pertenciam a Mayella Ewell.

Ninguém tinha a certeza de quantas crianças viviam lá. Havia quem dissesse seis, outras nove; quando alguém passava por lá surgiam sempre muitos rostos pequeninos imundos à espreita pelas janelas. Ninguém passava pelo local, excepto no Natal, altura em que as igrejas faziam a distribuição dos cabazes, ou quando o Mayor de Maycomb nos pedia para ajudar o homem da recolha do lixo e deitarmos nós próprios as nossas árvores e o lixo na lixeira.

No último Natal, o Atticus levou-nos com ele para ajudar na recolha. Um caminho de terra ia desde a estrada até a lixeira, passando por um pequeno bairro de negros, aí uns oitocentos metros depois dos Ewells. Só podíamos voltar de marcha-atrás até à estrada ou ir até ao fim do caminho e voltar para trás; a maior parte das pessoas preferiam mesmo dar a volta à frente dos quintais das barracas dos negros. Quando escurecia, nos gélidos meses de Dezembro, as suas barracas pareciam bem cuidadas e acolhedoras, rodeadas de um fumo azulado que saía das chaminés e as entradas revelavam o brilho âmbar do fogo que crepitava dentro delas. Os cheiros eram deliciosos: galinha e toucinho estaladiço a fritar ao pôr do Sol.

O Jem e eu detectávamos o cheiro a esquilo cozinhado, mas só o Atticus, como velho habitante do campo, conseguia distinguir entre o odor do gambá e o do coelho, aromas que desapareciam mal passávamos pela casa dos Ewells.

A única coisa que fazia com que este homenzinho fosse melhor do que os seus vizinhos era que se o esfregássemos com água muito quente e sabão a sua pele era branca.

— Mr. Robert Ewell? — perguntou Mr. Gilmer.

— S'ê meu nome, patrãozinho — respondeu a testemunha.

As costas de Mr. Gilmer retesaram-se um pouco e confesso que senti pena dele. Se calhar é melhor eu explicar uma coisa.

Sempre me disseram que os filhos dos advogados, quando viam os seus pais no tribunal, e no meio do calor da discussão, costumavam ficar com uma ideia errada: pensavam que o advogado da outra parte era um inimigo pessoal dos seus pais, sofriam agonias e depois ficavam surpreendidos por verem os pais saírem de braço dado com o inimigo no primeiro intervalo. Isto não se aplicava a mim e ao Jem. Não tínhamos ficado

traumatizados por ver o nosso pai perder ou ganhar. Sinto muito não poder dramatizar a esse respeito; se o fizesse estaria a mentir. No entanto, conseguíamos perceber quando o debate estava a ficar mais pessoal do que profissional, mas este facto vinha mais da observação dos outros advogados e não tanto do nosso pai. Nunca na vida tinha ouvido o Atticus levantar a voz, excepto se estivesse a interrogar uma testemunha surda.

Mr. Gilmer estava a fazer o seu trabalho, tal como o Atticus fazia o seu. Para além disso, Mr. Ewell era testemunha de Mr. Gilmer e, por isso, não podia ser grosseiro.

— O senhor é o pai de Mayella Ewell? — foi a pergunta seguinte.

— Bem, se num só, atão num posso fazê nada, pois a mãhe dela 'tá morta e enterrada — foi a resposta.

O Juiz Taylor deu sinais de agitação. Virou-se lentamente na cadeira e olhou com bondade para a testemunha.

— O senhor é o pai de Mayella Ewell? — perguntou, num tom que fez com que o riso que tinha despontado lá em baixo esmorecesse subitamente.

— Sim, senho — respondeu Mr. Ewell docilmente.

O Juiz Taylor continuou com um tom bondoso e paternalista: — É a primeira vez que está num tribunal? Não me lembro de alguma vez o ter visto aqui.

A testemunha acenou afirmativamente e ele continuou.

— Bem, vamos esclarecer uma coisa. Enquanto eu estiver aqui sentado não vou tolerar nenhuma especulação obscena sobre assunto algum e vinda de quem quer que seja presente a este tribunal.

Compreende o que eu acabei de dizer?

Mr. Ewell acenou afirmativamente, mas acho que não percebeu.

O Juiz Taylor suspirou, então, e disse: — Quer prosseguir, Mr. Gilmer?

— Obrigado, meritíssimo. Mr. Ewell pode contar, com as suas próprias palavras, o que aconteceu na noite de vinte e um de Novembro?

O Jem sorriu e puxou o cabelo para trás. Com-as-suas-próprias-palavras era a marca de Mr. Gilmer. Às vezes perguntávamo-nos com as palavras de quem é que Mr. Gilmer tinha medo que a testemunha respondesse.

— A bem dizer, na noite de vint'um de Novembro eu vinha lá dos bosques c'um monte de toros e galhos e quando cheguei à vedação ouvi a minha Mayella a gritar com'um porco dentro de casa...

Aqui o Juiz Taylor olhou gravemente para a testemunha, mas deve ter decidido que o seu comentário tinha sido feito sem intenção pois retomou a sua atitude ensonada.

— E a que horas é que isso aconteceu, Mr. Ewell?

— Me'mo antes do solzinho se pôr. Bem, 'tava eu a dizer que a minha Mayella 'tava a gritar qu'ate parecia que arrancava Jesus da cruz...

Mais outro olhar silenciou Mr. Ewell.

— Sim? Ela estava a gritar? — perguntou Mr. Gilmer.

Confuso, Mr. Ewell olhou para o juiz.

— Bem, a Mayella 'tava a armar um chinfrim do diacho pr'isso pousei o fardo e corri o mais qu'podia, mas aí esbarrei na vedação e ó despois quando me desprendi corri p'rá janela e vi... — a cara de Mr. Ewell começou a corar. Levantou-se e apontou o dedo a Tom Robinson. — Vi aquele preto d'uma figa acolá a montar a 'nhã Mayella!

O tribunal do Juiz Taylor era sempre tão sereno que era raro ter de usar o martelo, mas a verdade é que teve de bater com ele durante uns bons cinco minutos. O Atticus estava de pé a dizer-lhe qualquer coisa, enquanto Mr. Heck Tate, como Xerife do condado, estava de pé no meio da sala tentando acalmar a audiência. Atrás de nós, as pessoas de cor soltaram um clamor abafado de fúria.

O Reverendo Sykes inclinou-se sobre mim e o Dill e puxou o cotovelo do Jem.

— Mr. Jem — disse — é melhor levar Miss Jean Louise para casa.

Mr. Jem, está a ouvir-me? ; , : -, ; O Jem voltou a cabeça. ;

— Scout vai para casa. Dill, vai p'ra casa com a Scout.

— É o vais. Vais ter de m'obrigar — disse, lembrando o pronunciamento oficial do Atticus.

Jem lançou-me um olhar furioso e disse ao Reverendo Sykes: — Acho que não há problema, Reverendo, ela não percebe.

Aquilo ofendeu-me de morte.

— Claro que percebo. Consigo perceber tudo o que tu percebes.

— Oh, cala-te p'rai. Ela não percebe, Reverendo, ainda não tem nove anos.

Os olhos pretos do Reverendo Sykes revelavam enorme ansiedade.

— O Dr. Finch sabe que estão aqui? Isto não é bom para Miss Jean Louise e também não é bom para os meninos.

O Jem abanou a cabeça.

— Ele não nos consegue ver aqui tão longe. Não há problema, Reverendo.

Eu já sabia que o Jem iria vencer, pois imaginava que nada o faria arredar pé naquele momento. Por agora o Dill e eu estávamos safos: mas se olhasse para cima, o Atticus ver-nos-ia de certeza.

Enquanto o Juiz Taylor ia batendo com o seu martelo, Mr. Ewell mostrava-se extremamente satisfeito, sentado na cadeira das testemunhas, a observar o seu trabalho.

Com uma simples frase tinha transformado aquele alegre grupo de excursionistas numa multidão tensa e ululante, lentamente hipnotizada pelo bater do martelo que ia diminuindo de intensidade até que o único som que se ouvia no tribunal era um ténue toc-toc-toc: era como se o juiz estivesse a bater na mesa com um lápis.

Conquistado uma vez mais a atenção do seu tribunal, o Juiz Taylor recostou-se na cadeira. Parecia subitamente cansado; a idade pesava e pensei no que Atticus me tinha

dito... ele e Mrs. Taylor não se beijavam muito... devia andar na casa dos setenta.

— Deu entrada um requerimento no sentido de que—disse o Juiz Taylor—este tribunal fosse evacuado ou pelo menos que saíssem todas as mulheres e crianças, pedido esse que para já será indeferido. Geralmente as pessoas só vêem e ouvem o que querem ver e ouvir, e têm o direito de sujeitar os seus filhos a isso, mas uma coisa vos asseguro: vão ter o que vieram aqui à procura e vão ter de ouvir em silêncio ou então terão de abandonar este tribunal, mas não sem que cada um de vocês se apresente perante mim, acusado de desrespeito para com o tribunal. Mr. Ewell, o senhor vai continuar a depor usando, se possível, uma linguagem cristã.

Pode continuar, Mr. Gilmer.

Mr. Ewell lembrava-me um surdo-mudo. Tenho a certeza que não chegou a ouvir as palavras que o Juiz Taylor lhe dirigiu... a sua boca lutava contra elas em silêncio... mas a sua importância estava bem presente no seu rosto. O ar satisfeito tinha desaparecido, substituído por um olhar de obediência canina que não enganava o Juiz Taylor: os olhos do juiz estavam presos nele, como se à espera de um passo em falso.

Mr. Gilmer e o Atticus trocaram olhares. Atticus estava novamente sentado, apoiando o rosto no seu punho. Não lhe conseguíamos ver a cara. Mr. Gilmer parecia desesperado. Uma pergunta feita pelo Juiz Taylor fê-lo relaxar.

— Mr. Ewell, o senhor viu o arguido ter relações sexuais com a sua filha?

— Vi sim, senho.

Os espectadores estavam silenciosos, mas reparei que o réu tinha dito algo. Atticus sussurrou-lhe e o Tom Robinson ficou em silêncio.

— Disse que estava à janela? — perguntou Mr. Gilmer.

— Sim, senho.

— A que distância fica do chão?

— P'rai cerca d'um metro.

— E tinha uma visão clara do quarto?

— Sim, senho.

— Como é que estava o quarto?

— Bem, 'tava tudo às avessas como se tivesse havido uma luta.

— O que fez quando viu o arguido?

— Bem, dei a volta à casa a correr p'rá entrar, mas ele fugiu p'la porta da frente antes d'eu chegar. Mas eu bem vi quem ele era.

'Tava demasiado pr'ocupado com Mayella p'ra ir atrás dele. Entrei em casa e prontos ela 'tava deitada no chão a guinchar...

— O que fez a seguir?

— Depois corri o mais que pude a buscar Tate. Eu tirei-lhe logo a pinta, e que vivia acolá naquele ninho de pretos qu' tod'os dias passavam lá por casa. Ó juiz, há quinze

anos que peço a este condado p'ra limpar aquele ninho, qu'inte é perigoso viver ao lado deles e p'ra'lem disso desvaloriza a minha propriedade...

— Obrigado, Mr. Ewell—disse Mr. Gilmer apressadamente.

A testemunha desceu apressadamente o banco das testemunhas, esbarrando em Atticus que se tinha levantado para o interrogar. O Juiz Taylor permitiu que a assistência se risse.

— Só um minuto, senhor—disse educadamente o Atticus.—Posso fazer-lhe uma ou duas perguntas?

Mr. Ewell recuou até ao banco das testemunhas, instalou-se e olhou Atticus com suspeita, uma expressão aliás comum em Maycomb sempre que uma testemunha é confrontada pelo advogado contrário.

— Mr. Ewell—começou o Atticus—muito se correu naquela noite. Ora vejamos, diz que correu para casa, correu para a janela, correu para dentro, correu para Mayella, correu para Mr. Tate.

Durante esta correria toda, não correu a chamar um médico?

— Num havia necessidade. Eu vi o qu'aconteceu.

— Mas há uma coisa que não entendo—insistiu o Atticus.—Não estava preocupado com o estado de saúde de Mayella?

— Claro qu'estava—respondeu Mr. Ewell.—Eu 'té vi quem o fez.

— Não, o que eu queria dizer era o seu estado de saúde física. Não pensou que os seus ferimentos exigiam atenção médica imediata?

— O quê?

— Não achou que ela precisava de um médico imediatamente?

A testemunha disse que nunca tinha pensado nisso, que nunca na vida tinha chamado um médico e se o tivesse feito ter-lhe-ia custado cinco dólares.

— 'Tão, já 'tá tudo?—perguntou.

— Nem por isso—disse o Atticus, de forma casual.—Mr. Ewell, ouviu o testemunho do xerife, não é verdade?

— Quê?

— Estava aqui no tribunal quando Mr. Heck Tate se sentou aí, não estava? Ouviu o que ele disse, não ouviu?

Mr. Ewell considerou cuidadosamente a questão e pareceu achar que era seguro responder.

— Sim—disse ele.

— Concorde com a descrição dos ferimentos de Mayella?

— Quê?

O Atticus olhou para Mr. Gilmer e sorriu. Mr. Ewell parecia determinado em não prestar atenção à defesa.

— Mr. Tate testemunhou que o olho direito de Mayella estava negro e que tinha sido agredida na zona da...

— É isso tudo—disse a testemunha.—Mantenho tudo que o Tate disse.

— Ai sim?—perguntou Atticus.—Só quero ter a certeza.

Dirigiu-se ao escrivão, disse-lhe algo e o escrivão entreteve-nos por alguns minutos a ler o testemunho de Mr. Tate como se fossem cotações da bolsa: «...qual dos olhos; Ah pois, então seria o olho direito dela. Era o olho direito dela, Mr. Finch. Já me lembro, ela estava toda pisada nesse lado da cara». Virou a página. «Ela estava toda pisada nesse lado da cara; Por favor, Xerife repita o que disse.

Eu disse que era o seu olho direito».

— Obrigado Bert—agradeceu o Atticus.—Ouvii novamente, Mr. Ewell. Tem alguma coisa a acrescentar? Concorda com o Xerife?

— Acho qu'ó qu'ó Tate disse está certo. Ela tinha o olho negro e tinha levado uma coça.

Aquele homenzinho parecia ter esquecido a humilhação que tinha sofrido há pouco. Estava a tornar-se claro que achava que o Atticus era um adversário fácil. E

parecia estar novamente confiante; o peito estava inchado e já parecia um galispo encrespado. Pensei mesmo que iria rebentar dentro da camisa com a pergunta que o Atticus lhe colocou a seguir.

— Mr. Ewell, o senhor sabe ler e escrever?

Mr. Gilmer interrompeu.

— Objecção—disse.—Não percebo o que é que a escolaridade da testemunha tem a ver com este caso. É irrelevante e imaterial.

O Juiz Taylor ia dizer qualquer coisa quando o Atticus explicou:—Meritíssimo, se permitir esta pergunta e mais outra vai compreender rapidamente.

— Muito bem, veremos—disse o Juiz Taylor -, mas esperemos que esteja certo.

Objecção indeferida.

Mr. Gilmer pareceu estar tão curioso como todos nós para ver o que é que a escolaridade de Mr. Ewell tinha a ver com o caso.

— Vou repetir a pergunta—disse o Atticus.—Sabe ler e escrever?

— Claro que sei.

— Pode escrever o seu nome e mostrar-nos?

— Claro que posso. Como é qu'acha qu'assino os meus cheques da segurança social?

Mr. Ewell estava a começar a tornar-se cativante para com os seus vizinhos e concidadãos. Os sussurros e a galhofa que ouvíamos vindos de baixo tinham provavelmente a ver com o tipo de cromo que ele era.

Eu já estava a ficar nervosa. O Atticus parecia saber o que estava a fazer... mas a mim parecia que estava a dar um tiro no escuro. Nunca, nunca, mas mesmo nunca durante o

contra-interrogatório devemos fazer uma pergunta à testemunha que já não saibamos de antemão qual vai ser a resposta. E esta era uma máxima que tinha absorvido desde que usava fraldas e tomava o biberão.

Porque se o fizermos podemos correr o risco de receber uma resposta que não queremos, uma resposta que nos pode fazer perder o caso.

O Atticus meteu a mão no bolso do casaco. Tirou um envelope e, levando a mão ao colete, tirou a sua caneta de tinta permanente.

Movia-se lentamente, até que se virou para poder ver todo o júri.

Desenroscou a tampa da caneta de tinta permanente e colocou-a delicadamente sobre a sua mesa. Abanou-a um pouco e entregou-a juntamente com o envelope à testemunha.

— Pode escrever o seu nome para nós? — perguntou — Calmamente para que o júri o possa ver a fazê-lo.

Mr. Ewell escreveu na parte de trás do envelope e, quando levantou os olhos de forma complacente, reparou que o Juiz Taylor olhava para ele como se fosse uma gardénia totalmente aberta e perfumada no banco das testemunhas e ainda que Mr.

Gilmer estava meio de pé, meio sentado, debruçado sobre a sua mesa. O júri observava-o, e um dos seus membros estava mesmo inclinado para a frente, apoiando-se no varão.

— Nunca viram foi? — perguntou ele.

— O senhor é canhoto, Mr. Ewell — disse o Juiz Taylor.

Enfurecido, Mr. Ewell virou-se para o juiz e disse que não via o que é que o facto de ser canhoto tinha a ver com o assunto, que ele era um homem temente a Deus e que Atticus Finch estava a aproveitar-se dele. Os advogados traiçoeiros como o Atticus Finch passavam a vida a aproveitar-se dele com as suas maneiras traiçoeiras.

Ele já tinha contado o que tinha acontecido, e voltaria a dizê-lo uma vez e outra...

e ponto final. Que nada do que Atticus lhe perguntaria a seguir conseguiria abalar a sua história, que ele tinha olhado pela janela, sim senhor, e que correria com o preto dali para fora e que depois correria para ir buscar o xerife. Por fim, Atticus dispensou-o.

Mr. Gilmer fez-lhe mais uma pergunta.

— A propósito de escrever com a mão esquerda, o senhor é ambidextro, Mr. Ewell?

— Claro que não, consigo usar tão bem uma mão com a outra.

Uma mão tão bem com a outra — acrescentou, olhando para a mesa da defesa.

O Jem parecia estar a ter um ataque silencioso. Batia nervosa e levemente no varandim do balcão e sussurrou: — Já cá canta.

Eu não pensava assim: parecia que o Atticus estava a tentar mostrar que Mr. Ewell podia ter batido em Mayella. Isso eu consegui perceber. Se o seu olho direito estava negro e ela tinha sido agredida principalmente do lado direito da cara, então poderia bem demonstrar que tinha sido uma pessoa canhota a bater-lhe. Sherlock Holmes e Jem Finch

iriam concordar certamente. Mas Tom Robinson podia ser igualmente canhoto.

Tal como Mr. Heck Tate, imaginei uma pessoa à minha frente, percorri toda a cena rapidamente e concluí que ele poderia tê-la segurado com a mão direita e batido com a esquerda. Olhei para ele. Estava virado de costas para nós, mas conseguia ver os seus ombros largos e pescoço grosso. Sim, podia tê-lo feito com facilidade. Achei que o Jem estava a contar com o ovo dentro da galinha.

Mas eis que alguém gritava de novo.

— Mayella Violet Ewell...

Uma rapariguinha dirigiu-se para o banco das testemunhas.

Quando levantou a mão e jurou que o testemunho que iria prestar seria a verdade, toda a verdade, nada mais que a verdade e que Deus a ajudasse, pareceu ter um aspecto frágil, mas quando se sentou no banco das testemunhas, virada para nós, transformou-se naquilo que realmente era, isto é, uma rapariga entroncada habituada a trabalhos pesados.

Em Maycomb era fácil perceber quando alguém tomava banho regularmente ou uma vez por ano: Mr. Ewell tinha um ar literalmente escaldado; como se uma boa ensaboadela o tivesse privado das várias camadas de lixo que lhe protegiam a pele, deixando-a agora extremamente sensível aos elementos. Pelo contrário, a Mayella parecia esforçar-se por estar limpa e lembrei-me, então, da fila de gerânios vermelhos que havia no quintal dos Ewells.

Mr. Gilmer pediu a Mayella para contar, com as suas próprias palavras, o que tinha acontecido na noite de vinte e um de Novembro, com as suas próprias palavras, por favor.

Mayella sentou-se em silêncio.

— Onde estava naquele fim de tarde? — começou Mr. Gilmer pacientemente.

— No alpendre.

— Qual deles?

— Só há um, o da frente.

— E o que estava a fazer no alpendre?

— Nada.

— Conte apenas aquilo que aconteceu. É capaz, não é? — perguntou o Juiz Taylor.

Mayella olhou para ele e desatou a chorar. Cobriu a boca com as mãos e começou aos soluços. O Juiz Taylor deixou-a chorar durante um bocado e depois disse:—Pronto, já chega. Desde que diga a verdade não há motivos para ter medo destas pessoas. Eu sei que tudo isto é estranho para si, mas não precisa de ter vergonha nem medo. De que é que tem medo?

Mayella disse algo por entre as mãos.

— O que disse? — perguntou o juiz.

— Dele — choramingou, apontando para o Atticus.

— De Mr. Finch?

Ela assentiu vigorosamente, dizendo:—Eu cá num quero qu'ele me trate c'umo tratou o Papá, tentando-o fazer passar pró canhoto...

O Juiz Taylor coçou o seu espesso cabelo branco. Era óbvio que nunca se tinha deparado com um problema daquele tipo.

— Que idade tem? — perguntou.

— Dezanove e meio — respondeu Mayella.

O Juiz Taylor pigarreou e tentou, sem grande êxito, falar de forma a acalmá-la.

— Mr. Finch não a quer assustar — resmungou -, e mesmo que ele queira, eu estou aqui para o impedir. É essa uma das razões por que estou aqui sentado. E a menina já é uma rapariga crescida, por isso sente-se direita e diga-me... diga-nos o que lhe aconteceu.

É capaz disso, não é?

Sussurrei para o Jem: — Será que ela bate bem da tola?

O Jem olhava fixamente para o banco das testemunhas.

— Olha que não sei — disse ele. — Ela tem inteligência suficiente para fazer com que o juiz tenha pena dela, mas pode ser apenas,... Oh, sei lá.

Mais calma, Mayella lançou um olhar apavorado para o Atticus e respondeu a Mr. Gilmer.

— Prontos, eu 'tava lá no alpendre... e ele depois chegou e, sabe, havia um roupeiro velho no pátio que o Papá trouxe p'ra fazer lenha... o Papá disse p'ra eu o cortar enquanto ele ia ó bosque, mas como me sentia a modos que um bocado fraca e ele apareceu...

— Quem é esse «ele»?

Mayella apontou para o Tom Robinson.

— Tenho de lhe pedir para ser mais específica — disse Mr. Gilmer.

— O escrivão não consegue transcrever muito bem os gestos.

— Aquele além — disse ela. — O Robinson.

— E depois o que aconteceu?

— Prontos, eu depois disse-lhe, anda cá preto e corta este roupeiro p'ra mim, qu'eu depois tenh'uma moeda p'ra ti. Aquilo era canja p'ra ele, ó se era. 'Tão vai daí ele entrou no pátio e eu entrei em casa p'ra buscar a moeda e virei-me e antes de dar por'ela ele já 'tava em cima de mim. Acho qu' veio 'trás de mim, foi o qu' foi.

Depois, agarrou-me p'lo pescoço, disse muntas asneiras... e eu lutei e gritei, mas ele prendeu-me p'lo pescoço. E depois bateu-me uma vez e mais outra...

Mr. Gilmer esperou que Mayella se recompusesse: ela aproveitou para torcer um lenço que trazia até se tornar numa corda encharcada em suor; quando o voltou a abrir para limpar a cara, o lenço era já um monte de rugas nascidas das suas mãos quentes.

Depois, aguardou que Mr. Gilmer fizesse outra pergunta, mas como ele não perguntava nada, disse: —,...'tirou-me pr'ó chão e 'pretou-me e abusou d'mim.

— Gritou? — perguntou Mr. Gilmer. — Gritou e tentou defender-se?

— Acho qu' sim, gritei o mais qu' podia, prontos, dei pontapés e gritei o mais qu' podia.

— E o que aconteceu depois?

— Num m'lembro munto bem, mas a seguir só m'lembro do Papá 'tar no quarto em cima de mim a berrar quem me tinha feit' aquilo, quem me tinha feit' aquilo? Depois acho que desmaiei e só m'lembro de Mr. Tate levantar-me do chão e levar-me 'té ao balde d'agua.

Parecia que o recital de Mayella lhe tinha dado confiança, só que ela não era feita da mesma cepa do pai: tinha um olhar furtivo, tal como um gato observa a sua presa, olhos fixos no alvo, abanando a cauda.

— Disse que o tinha afastado com toda a força que tinha? Lutou com garras e dentes, foi?—perguntou Mr. Gilmer.

— Claro que sim—Mayella respondeu como o seu pai.

— Tem a certeza que ele abusou de si totalmente?

O rosto de Mayella contorceu-se outra vez e tive medo que ela voltasse a chorar.

Em vez disso, disse:

— Ele fez aquilo qu' queria e prontos.

Mr. Gilmer fez notar o dia quente que estava, ao limpar a cara com a mão.

— Por agora é tudo—disse, com amabilidade—mas não saia daí.

Penso que Mr. Finch, mau como é, lhe quer fazer umas perguntinhas.

— O Estado não deve influenciar a testemunha contra o advogado de defesa - murmurou o Juiz Taylor -, pelo menos, não nesta altura.

O Atticus levantou-se a sorrir, mas em vez de se dirigir ao banco das testemunhas, abriu o casaco, enfiou o polegar dentro do colete e começou a dirigir-se calmamente até à janela. Olhou lá para fora, não parecendo estar especialmente interessado no que via, virou-se e encaminhou-se para o banco das testemunhas. Devido aos longos anos de experiência, percebi logo que estava a tentar tomar uma decisão.

— Miss Mayella—disse, sorrindo—longe de mim tentar assustá-la, pelo menos por agora. Vamos conhecer-nos um pouco melhor, está bem? Que idade tem?

— Já disse qu' tinha dezanove, disse ali p'ro juiz acolá—Mayella parecia ressentida.

— Pois disse, tem toda a razão, menina. Só que vai ter de ter, paciência comigo, Miss Mayella. Já estou a ficar velho e não me lembro das coisas tão bem como era costume. Se calhar até vou perguntar coisas às quais já respondeu, mas vai-me responder, não vai?

Muito bem.

Não vi nada na expressão de Mayella que comprovasse a assumpção de Atticus quanto ao facto de ela estar disposta a colaborar.

Ela olhava-o furibunda.

— Num vou responder nada se continuar a gozar c'migo—disse ela.

— Desculpe?—perguntou Atticus assustado.

— Se continuar a f'zer troça d'mim, prontos.

O Juiz Taylor disse:

— Mr. Finch não está a fazer troça de si. Mas o que é que lhe deu?

Mayella encarou o Atticus com os olhos semicerrados, mas disse ao juiz, cabisbaixa:— S' ele me continuar a chamar m'nina e Miss Mayella. Num tenho d'aturar estas coisas, num sou 'brigada a isso.

O Atticus continuou o seu passeio até à janela e deixou que fosse o Juiz Taylor a resolver esta questão. O Juiz Taylor não era o tipo de pessoa que evocasse piedade, mas senti alguma coisa enquanto ele tentava explicar.

— É apenas a maneira de ser de Mr. Finch—explicou à Mayella.

— Há anos que tratamos de casos neste tribunal e Mr. Finch foi sempre cortês com todas as pessoas. Ele não estava a tentar fazer pouco de si, só estava a tentar ser educado. É apenas a sua maneira de ser. Posto isto, o juiz recostou-se na cadeira.

— Atticus, vamos prosseguir e que conste no processo que a testemunha não foi insultada, muito pelo contrário.

Imaginei se alguma vez na vida ela teria sido tratada por «menina" ou «Miss Mayella». Provavelmente não, pois a verdade é que ela se tinha sentido insultada por uma cortesia de rotina. Como é que seria a sua vida? Muito em breve iria descobrir.

— Disse que tinha dezanove anos—retomou o Atticus.—Quantos irmãos e irmãs tem?

Ele voltou da janela para junto do banco.

— Set'—respondeu e perguntei-me se todos eles seriam como aquela criatura que eu tinha conhecido no meu primeiro dia de aulas.

— É a primogénita? A irmã mais velha?

— Sim.

— Há quanto tempo morreu a sua mãe?

— Num sei... há munto.

— Alguma vez foi à escola?

— Sei ler e escrever tão bem cumu o Papá além.

Mayella parecia o Mr. Jingle (1) de um livro que eu andava a ler.

— Quanto tempo andou na escola?

— Dois anos... três anos... olhe, num sê.

Lentamente comecei a identificar um mesmo padrão nas perguntas do Atticus: partindo das perguntas que Mr. Gilmer acharia irrelevantes ou pouco importantes, o Atticus estava calmamente a construir uma imagem da vida familiar dos Ewells para o júri. O júri ficava então a saber que: os cheques da segurança social mal davam para alimentar todas aquelas bocas e havia fortes suspeitas de que o Papá esbanjava aquele dinheiro até à última gota... às vezes metia-se no pântano durante dias e voltava para casa doente; não fazia demasiado frio a ponto de usar sapatos, mas quando o frio apertava

então podiam-se fazer uns sapatos bem catitas com tiras de pneus velhos; a família tirava água aos baldes de um ribeiro que corria num dos extremos da lixeira...

limpavam a área circundante de todo o lixo existente... e era cada um por si no que respeitava à higiene pessoal: quem se quisesse lavar tinha de ir buscar a respectiva água; as crianças estavam sempre constipadas e viviam constantemente infestadas com urticária e outras maleitas; havia uma senhora que ia lá de vez em quando e perguntava a Mayella por que é que ela não estava na escola... e ela escrevia-lhe a resposta; com dois membros da família a saber ler e escrever não havia necessidade de os outros aprenderem... e o Papá bem que precisava deles em casa.

(1) Jingle: Personagem do romance The Pickwick Papers, de Charles Dickens, Mr. Jingle expressava-se normalmente através de frases curtas e lacónicas. (N. T.)

— Miss Mayella—disse o Atticus—uma rapariga de dezanove anos deve ter amigos. Quem são eles?

— Amigos?—a testemunha franziu o sobrolho, parecendo confusa.

— Sim, não conhece ninguém da sua idade ou talvez mais velho, ou até mais novo?

Rapazes e raparigas? Apenas amigos?

A hostilidade de Mayella, que até agora se tinha mantido neutra, veio novamente à tona.

— 'tá outra vez a g'zar comigo, num é, Mr. Finch?

O Atticus deixou que a pergunta dela respondesse à dele.

— Ama o seu pai, Miss Mayella?—foi a sua pergunta seguinte.

— Amá-lo, qu'quer dizer eu' isso?

— Quero dizer se ele é bom para si, se é de trato fácil?

— A gente ag'enta-se, só quando...

— Só quando?

Mayella olhou para o pai que estava muito recostado no seu lugar, cadeira reclinada contra o varão. Depois, sentou-se muito direito e esperou pela resposta dela.

— Quando nada—disse Mayella.—Disse que s'ag'entava.

Mr. Ewell voltou a recostar-se.

— Excepto quando bebe?—perguntou o Atticus de uma forma tão gentil que a Mayella assentiu, de imediato.

— Ele maltrata-a?

— Qu'quer dizer?

— Quando está... zangado, alguma vez lhe bateu?

Mayella olhou em volta, para o escrivão e para o juiz.

— Responda à pergunta, Miss Mayella—disse o Juiz Taylor.

— O meu pá' nunca tocou n'm cabelo da minha cabeça—declarou com firmeza.
- Nunca tocou em mim, ouviu.

Os óculos do Atticus tinham escorregado ligeiramente e ele empurrou-os novamente para o nariz.

— Confesso que foi uma boa conversa, Miss Mayella, mas acho que é melhor passarmos directamente ao assunto. Disse que pediu ao Tom Robinson para cortar um... o que é que era?

— Um roupeiro, uma cómoda velha cheia de gavetas num lado.

— E conhecia bem o Tom Robinson?

— Qu'ê qu'quer dizer eu' isso?

— Quero dizer se sabia quem era, onde vivia?

Mayella acenou que sim com a cabeça.

— Eu sabia quem el'era, pois passava p'la minha casa todos'dias.

— Foi esta a primeira vez que lhe pediu para entrar?

Mayella sobressaltou-se ligeiramente ao ouvir a pergunta.

O Atticus continuava a sua lenta peregrinação até à janela, tal como desde o início: fazia uma pergunta e depois punha-se a olhar pela janela à espera da resposta.

Certamente não terá visto o seu sobressalto involuntário, mas pareceu-me ter-se apercebido do seu movimento. Voltou-se e ergueu as sobrancelhas.

— Foi...-começou a repetir a pergunta.

— Sim, foi.

— Nunca lhe tinha dito para entrar antes disso?

Agora ela já estava preparada.

— Num, num fiz nada disso.

— Esse «não» não é suficiente—disse o Atticus, com serenidade.

— Nunca lhe tinha pedido para fazer outros trabalhitos?

— Talvez—respondeu Mayella.—Havia muitos pretos ali à volta.

— Recorda alguma outra ocasião?

— Num.

— Muito bem, agora vamos ao que aconteceu. Afirmou que quando se virou o Tom Robinson estava atrás de si no quarto, correcto?

— Sim.

— Disse que ele «agarrou-me pelo pescoço, disse muitas asneiras»... correcto?

— Correto.

Subitamente a memória do Atticus estava a ficar mais precisa.

— E disse «atirou-me pr'ochao e apertou-me e abusou de mim»... correcto?

— Foi o qu'eu disse.

— Recorda-se de ele lhe ter batido na cara?

A testemunha hesitou.

— Parece ter a certeza que ele a apertou. Durante todo aquele tempo estava a lutar com ele, está recordada? Disse «dei pontapés e gritei o mais que podia». Recorda-se de ele lhe ter batido na cara?

Mayella estava em silêncio. Parecia estar a tentar esclarecer algo para si mesma.

Por um momento pensei que estava a imitar Mr. Heck Tate e aquele meu truque de fingir que havia alguém à minha frente. Ela olhou para Mr. Gilmer.

— É uma pergunta fácil, Miss Mayella, por isso vou fazê-la novamente. Recorda-se de ele lhe ter batido na cara?

A voz do Atticus tinha perdido a sua brandura; falava agora na sua voz profissional, árida e distante.

— Recorda-se de ele lhe ter batido na cara?

— Num, num me lembro s'ele me bateu. Prontos, quer dizer, sim, ele bateu-me.

— A resposta foi a sua última frase?

— Ha? Sim, ele bateu... eu só num m' lembro, só num m' lembro... aconteceu tudo tão depressa.

O Juiz Taylor olhava Mayella com severidade.

— Não chore, rapariga—começou, mas o Atticus interrompeu:—Deixe-a chorar se ela assim quiser, meritíssimo. Temos todo o tempo do mundo.

Mayella fungou furiosamente e encarou o Atticus.

— Diga lá, respondo a qualquer pergunta qu' tiver... pôs-me aqui p'ra me gozar, num foi? Respondo a qualquer pergunta qu' tiver...

— Ótimo—disse o Atticus—Só tenho mais algumas. Miss Mayella, eu não quero ser aborrecido, mas afirmou que o réu lhe bateu, a agarrou pelo pescoço e abusou de si. Só quero ter a certeza de que escolheu o homem certo. Pode identificar o homem que a violou?

— Posso, é 'quele acolá.

O Atticus virou-se para o réu.

— Levante-se, Tom. Deixe que Miss Mayella olhe bem para si.

É este o homem, Miss Mayella?

Os ombros poderosos do Tom Robinson sobressaíam por baixo de uma camisa fina. Levantou-se e manteve a mão direita apoiada nas costas da cadeira. Parecia estranhamente desequilibrado, mas não era por estar de pé. O braço esquerdo era mais curto do que o direito aí uns bons trinta centímetros e pendia inerte ao lado do corpo.

O braço terminava numa mãozinha encarquilhada e desfigurada e lá de cima, do meu lugar, via claramente que estava inutilizada.

— Scout—sussurrou o Jem.—Scout, olha! Reverendo, ele é aleijado!

O Reverendo Sykes debruçou-se sobre mim e sussurrou para o Jem:—Ficou com o

braço preso numa desengaçadeira de algodão, ficou com ele preso na máquina de Mr. Dolphus Raymond quando era ainda um rapaz... quase a esvair-se até à morte... esfrangalhou-lhe todos os músculos até aos ossos...

O Atticus disse:

— Foi este o homem que a violou?

— Claro que foi.

A pergunta seguinte do Atticus tinha apenas uma palavra.

— Como? Mayella estava furiosa.

— Num sei como ele fez, mas que fez, fez... e já disse que foi tão depressa qu'eu...

— Vamos considerar o assunto calmamente...—começou o Atticus, mas Mr. Gilmer interrompeu-o logo com uma objecção: não era irrelevante, nem desprovido de interesse, mas o Atticus estava a intimidar a testemunha.

O Juiz Taylor soltou uma sonora gargalhada.

— Oh, sente-se Horace. Ele não está a fazer nada disso. Se formos por aí a testemunha é que está a intimidar o Atticus.

O Juiz Taylor foi a única pessoa dentro do tribunal que se riu.

Até os bebés estavam quietos, mas perguntei-me subitamente se não estariam sossegados por estarem ao peito.

— Vamos lá ver—disse o Atticus.—Miss Mayella testemunhou que o réu lhe tinha apertado o pescoço e lhe tinha batido... não disse que ele a surpreendeu por trás e lhe deu uma pancada e a fez perder os sentidos, mas sim que se virou e ali estava ele...— O Atticus estava novamente atrás da sua mesa e enfatizava cada palavra com o bater dos nós dos dedos na mesa.

—deseja rever o seu testemunho?

— Você quer qu'eu diga uma coisa qu' num aconteceu, é?

— Não, menina. Quero que diga o que aconteceu. Conte-nos lá novamente. O que aconteceu?

— Já lh'disse o qu'aconteceu, homem.

— Disse que se virou e ele estava ali à sua frente. Foi nessa altura que ele lhe apertou o pescoço?

— Sim.—E depois libertou-lhe o pescoço e bateu-lhe?

— Já disse que sim.

— Ele pôs-lhe o olho esquerdo negro com o punho direito?

— Eu abaixei-me e... resvalou, foi isso qu'ele fez. Abaixei-me e resvalou.—Mayella parecia ter visto finalmente a luz.

— Parece que, subitamente, este ponto está a tornar-se claro para si. Há pouco não se lembrava muito bem, pois não?

— Eu disse qu' ele me bateu.

— Muito bem. Ele apertou-lhe o pescoço, bateu-lhe, violou-a, certo?

— Claro que sim.

— É uma rapariga forte. O que fez durante todo esse tempo?

Limitou-se a assistir?

— Já lh'a disse, gritei e des'pois dei pontapés e des'pois gritei...

Atticus tirou os óculos, encarou a testemunha com o seu olho direito, o olho bom, e disparou uma chuva de perguntas. O Juiz Taylor disse:—Uma pergunta de cada vez, Atticus. Dê à testemunha hipótese de responder.

— Muito bem, por que é que não fugiu?—Eu tentei...

— Tentou? O que é que a impediu?

— Eu... ele atirou-me p'ró chão. Foi o que fez, atirou-me p'ró chão e botou-se em cima de mim.

— E gritou durante todo esse tempo?

— Claro que sim. ;

— Então por que é que as outras crianças não a ouviram? Onde estavam? Na lixeira?

Não houve resposta.—Onde estavam?—Por que é que elas não vieram a correr com os seus gritos?

A lixeira fica mais perto do que o bosque, não fica?

Não houve resposta.

— Ou será que só gritou quando viu o seu pai na janela? Não se lembra de ter gritado até essa altura, não foi?

Não houve resposta.

— Gritou primeiro para o seu pai e não para o Tom Robinson?

Foi isso, não foi?

Não houve resposta.

— Quem é que lhe bateu? O Tom Robinson ou o seu pai?

Não houve resposta.

— O que é que o seu pai viu da janela, o crime de violação ou o seu álibi perfeito?

Por que é que não diz a verdade, criança, foi Bob Ewell que lhe bateu, não foi?

Quando o Atticus se afastou de Mayella parecia estar cheio de dores de estômago, mas o rosto de Mayella era um misto de terror e fúria. O Atticus sentou-se cansado e começou a limpar os óculos com o lenço.

Subitamente Mayella ganhou vida.

— Tenho uma coisa p'ra dizer—começou ela. O Atticus levantou a cabeça.

— Quer então contar-nos o que aconteceu?

Só que ela não percebeu o tom de compaixão contido no seu convite.

— Tenh'uma coisa p'ra dizer e depois num digo mai' nada.

'Quele preto acolá abusou d'mim e se vocês que estão p'rai armados em s'nhores

muita finos num querem fazer nada sobr'isso, então sois todos uns cobardolas, vocês todos sois uns gandas cobardolas.

P'ra mim esses vossos ares emproados num contam p'ra nada... essa coisa de «m'nina» e «Miss Mayella» num contam nada, Mr. Finch...

Foi então que ela rompeu num choro convulsivo. Os seus ombros eram sacudidos por soluços furiosos. E, a seguir, fez exactamente o que ameaçara. Não respondeu a mais nenhuma pergunta, mesmo quando Mr. Gilmer tentou dar a volta ao assunto. Acho que se ela não fosse tão pobre e ignorante o Juiz Taylor tinha-a mandado prender por desrespeito para com o tribunal. De alguma forma, o Atticus tinha-a atingido duramente de um modo que eu não conseguia compreender, embora isso não lhe trouxesse qualquer prazer. Por isso sentou-se, com a cabeça descaída para a frente, e eu confesso que nunca tinha visto ninguém olhar de forma tão odiosa para alguém como aquele olhar que a Mayella lançou ao Atticus quando abandonou o banco e passou pela sua mesa.

Quando Mr. Gilmer disse ao Juiz Taylor que a acusação suspendia os trabalhos e não tinha mais testemunhas a apresentar perante o tribunal, o juiz disse:—Está na hora de todos fazermos o mesmo. A audiência está suspensa por dez minutos.

O Atticus e Mr. Gilmer encontraram-se a meio da sala de audiências, frente à mesa do juiz, trocaram algumas impressões em voz baixa e depois saíram da sala pela porta que ficava atrás do banco das testemunhas. Era sinal que nos podíamos esticar um pouco. Descobri que tinha estado sentada numa das pontas do banco corrido e estava meia dormente. O Jem levantou-se e bocejou.

O Dill imitou-o e o Reverendo Sykes limpou o rosto com o chapéu. Afirmou que a temperatura deveria rondar os trinta e cinco graus.

Mr. Braxton Underwood, que tinha estado sentado calmamente numa cadeira reservada à imprensa, a absorver os testemunhos com a esponja que era o seu cérebro, lá deixou que os seus olhos de escárnio e maldizer percorressem o balcão dos negros, até que os nossos olhares se cruzaram. Soltoou uma expressão de reprovação e desviou o olhar.

— Jem — disse eu. — Mr. Underwood viu-nos.

— Não faz mal. Descansa que ele não vai contar nada ao Atticus, vai apenas falar disso na coluna social do Tribune.—O Jem pôs-se a explicar os pontos altos do julgamento ao Dill, se bem que para mim fosse difícil formular uma opinião. Não tinha havido grande argumentação entre o Atticus e Mr. Gilmer; Mr. Gilmer parecia estar a desempenhar o seu papel com alguma relutância; as testemunhas estavam a ser literalmente conduzidas atrás de uma cenoura como os burros e com poucas objecções de ambas as partes. Mas o Atticus tinha-nos dito uma vez que no tribunal do Juiz Taylor os advogados que conjecturavam demasiado sobre as provas acabavam por ser alvo de fortes reprimendas por parte do juiz. Tinha-nos também explicado que, muito embora o

Juiz Taylor parecesse algo preguiçoso e sonolento, era um homem reservado e dificilmente influenciável, e isso era a verdadeira prova dos nove. O Atticus disse que era um bom juiz.

Foi nessa altura que o Juiz Taylor regressou e subiu para a sua cadeira rotativa.

Tirou um charuto do bolso do colete e examinou-o cuidadosamente. Dei uma cotovelada a Dill. Depois de passar pela inspecção do juiz, o charuto sofreu uma dentada violenta.

— Às vezes vimos cá só para o ver a fazer aquilo—expliquei.

— Aquilo vai dar-lhe para o resto da tarde. Repara.

Ignorando que estava a ser alvo da nossa atenção, o Juiz Taylor livrou-se da ponta cortada, metendo-a com perícia por entre os lábios, ao que se seguiu um sonoro «Ptiu».

Acertou em cheio no escarrador de tal maneira que pudemos ouvir o barulho.

— Que pontaria—murmurou Dill.

Regra geral, o intervalo significava que todos saíam dos seus lugares, mas hoje ninguém se mexia. Até os Ociosos, que entretanto não tinham conseguido que os homens mais novos lhes cedessem o lugar, mantinham-se religiosamente de pé colados à parede.

Acho que Mr. Heck Tate tinha reservado os lavabos só para os funcionários do tribunal.

O Atticus e Mr. Gilmer regressaram e o Juiz Taylor olhou para o relógio.

— Já são quase quatro horas—disse ele. Era estranho pois o relógio da torre já tinha dado a hora, pelo menos duas vezes. Não tinha ouvido nada, nem sequer sentido as suas vibrações habituais.

— Vamos tentar acabar esta tarde?—perguntou o Juiz Taylor.

— Que lhe parece, Atticus?

— Acho que é possível—respondeu o Atticus.

— Quantas testemunhas tem?

— Uma.

— Então pode chamá-la.

Thomas Robinson ergueu a mão direita, pôs os dedos sob o seu braço esquerdo e levantou-o. Depois, guiou o braço até a Bíblia e a sua mão esquerda, que parecia de borracha, tocou na encadernação preta. Quando levantou a mão direita, a sua mão aleijada escorregou da Bíblia, batendo na mesa do escrivão. Estava a tentar de novo quando o Juiz Taylor resmungou:— Está bem assim, Tom.

Tom prestou o juramento e sentou-se na cadeira das testemunhas.

Com grande rapidez, o Atticus pediu-lhe para nos elucidar do seguinte: Tom tinha vinte e cinco anos; era casado e tinha três filhos; já tinha tido problemas com a lei: tinha cumprido trinta dias de prisão por conduta desordeira.

— Deve ter sido conduta desordeira—disse o Atticus.—E em que consistiu?

— Andei à pancada com outro homem, tentou atingir-me com uma faca.

— E conseguiu?

— Sim, sinhô, um bocadinho, ma' não o suficiente p'ra me magoar.

Sabe, eu...—Tom mexeu o ombro esquerdo.

— Sim—disse o Atticus.—Ambos foram condenados?

— Sim, sinhô, tive de ir dentro pois num podia pagar a multa.

O outro pagou a dele.

O Dill debruçou-se sobre mim e perguntou ao Jem o que o Atticus estava a fazer.

O Jem disse que o Atticus estava a mostrar ao júri que o Tom não tinha nada a esconder.

— Conhecia Miss Mayella Violet Ewell?—perguntou o Atticus.

— Sim, sinhô. Tinha de passar por casa dela todos os dia, quando ia e vinha do campo.

— E de quem era o campo?

— Apanho algodão para Mr. Link Deas.

— E estava a apanhar algodão em Novembro?

— Não, sinhô, eu trabalho em seu quintal d'Outono e d'Inverno.

Eu trabalho todo ano p'ra ele, qu'ele tem umas noqueira e assim.

— Disse que passava pela casa dos Ewells quando ia e vinha do trabalho. Há mais algum caminho?

— Não, sinhô, não qu'eu conheça.

— Tom, alguma vez ela falou consigo?

— Pois, sim sinhô. Eu levava a mão ó chapéu quando passava e um dia ela inté pediu a mim p'ra entrar e desfazer-lhe um roupeiro.

— Quando é que ela lhe pediu para desfazer o... o roupeiro?

— Foi n'última Primavera, Mr. Finch. Lembro que estava n'altura de cortar a lenha e

levava c'migo a 'nhã sachola. Disse-lhe que só tinha c'migo a sachola, mas ela inté disse que tinha um machado. Ela deu o machado a mim e eu desfiz o roupeiro. E ela 'ntão disse «'tou a ver que te tenho de dar uma moeda, num é?».

E eu disse «Não, sinhôra, não levo nada». Depois fui p'ra casa.

Mr. Finch, isto foi na Primavera passada, já lá vai um ano.

— Voltou a entrar na casa dela?

— Sim, sinhô.

— Quando?

— Bem, montes de vezes.

O Juiz Taylor agarrou instintivamente o seu martelo, mas depressa baixou a mão.

O sururu que reinava debaixo de nós depressa esmoreceu sem precisar da sua intervenção.— Em que circunstâncias?

— Desculpe, sinhô?

— Por que é que lá foi muitas vezes?

A testa do Tom Robinson mostrava sinais de descontracção.

— Ela chamava a mim, sinhô. Parecia que toda a vez que passava ela tinha umas coisinha para eu fazê... cortar gravetos, trazer água para ela. Ela todos'dias botava água naquelas frôr vermelha...

— Era pago pelos seus serviços?

— Não, sinhô, não depois d'me ter 'frecido 'quela moeda da primeira vez. Eu ficava contente por ajuda'. Mr. Ewell não parecia ajuda' ela e nem as c'ianca e sabia qu' ela não tinha muitas moeda p'ra dar por aí.

— Onde estavam as outras crianças?

— Andavam sempre por ali, por todo lado. Ficavam a ver me trabalhar, algumas delas, outras ficavam na janela.

— E Miss Mayella falava consigo?

— Sim, sinhô, ela falava p'ra mim.

À medida que o Tom Robinson depunha, ocorreu-me que Mayella Ewell devia ser a pessoa mais só à face da terra. Talvez fosse ainda mais só do que o Boo Radley, que não saía de casa há vinte e cinco anos. Quando o Atticus lhe perguntou se ela tinha amigos, parecia não saber o que isso significava e depois pensou que ele estava a fazer pouco dela. Era tão triste como os mestiços: os brancos não queriam nada com ela porque vivia no meio de porcos; os negros não queriam nada com ela porque era branca. Não podia viver como Mr. Dolphus Raymond, que preferia a companhia dos negros, porque ela não era dona de uma margem do rio nem vinha de boas famílias.

Ninguém costumava dizer «É a maneira de ser deles» acerca dos Ewells. Com uma mão Maycomb dava-lhes cabazes de Natal e dinheiro da segurança social, enquanto que com a outra os enxotava. Provavelmente, Tom Robinson fora a única pessoa que tinha

sido verdadeiramente decente com ela. Mas ela disse que ele tinha abusado dela e, quando ela se levantou, olhou, para ele como se ele fosse o lixo que ela pisava.

— Alguma vez—o Atticus interrompeu a minha meditação—foi à propriedade dos Ewells... alguma vez pôs os pés na propriedade dos Ewells sem ser convidado por um deles?

— Não, sinhô, Mr. Finch, nunca. Eu não fazer isso, sinhô.

Às vezes, o Atticus dizia que para ver se uma testemunha estava a mentir, ou a dizer a verdade, era preciso ouvir em vez de olhar: tentei aplicar o teste... Tom negou três vezes de uma assentada, mas de forma calma, sem ponta de lamento ou hesitação na voz e dei por mim a acreditar nele, apesar de ele protestar demasiado. Ele parecia ser um negro honrado e respeitador e um preto honrado e respeitador nunca entraria no pátio de ninguém por vontade própria.

— Tom, o que lhe aconteceu na noite de vinte e um de Novembro do ano passado?

Lá em baixo, a assistência pareceu inspirar um uníssono e inclinou-se toda para a frente. Atrás de nós, os pretos fizeram o mesmo.

Tom era de um negro aveludado, não brilhante, mas como um veludo negro e macio. O branco dos seus olhos iluminava-lhe o rosto e, quando falava, víamos-lhe o brilho dos dentes. Se não tivesse aquela deficiência, seria um belo pedaço de homem.

— Mr. Finch—recomeçou—'tava a ir p'ra casa com'e costume quando passei p'los Ewell e Miss Mayella 'tava lá no alpendre como já disse qu'estava. Tudo 'tava muito calmo e não sabia muito bem porquê. Tava eu a matutar porquê, só de passagem, quando vai daí e ela disse p'ra ir lá e ajudá-la um instantinho. Bem, eu passei a vedação e pus-me a olhar à procura d'uns ramos p'ra cortar, mas não vi n'nhum e ela disse «Na, hoje tenho uma coisa p'ra fazeres dentro de casa. A porta velha 'tá solta nas dobradiças e o Outono 'tá a chegar munto depressa». Eu disse «Tem uma chave de p'rafusos, Miss Mayella?» Ela disse que tinha. Bem, subi os degrau e ela disse p'ra eu entrar e entrei no quarto da frente e olhei p'ra porta. Disse «Miss Mayella esta porta parece num ter problema».

Abri e fechei e as dobradiça 'tavam boa. Então ela fechou a porta na minha cara.

Mr. Finch, e aí eu pensava porqu'e que 'tá tudo tão calmo e percebi que não havia uma c'ianca lá, nem uma e disse «Miss Mayella, onde 'tão as c'ianca?»

A pele de veludo preto do Tom reluzia intensamente e ele passou a mão pela cara.

— E eu disse «Onde 'tar as c'ianca?»—continuou -, e ela disse... ela só ria, tipo...

disse que 'tavam todos na cidade a comer gelados. E vai daí e diz «Demorei um ano inteiro a juntar s'te moedas, mas consegui. 'Tão todos p'ra cidade».

O desconforto de Tom não era motivado pelo calor.

— O que disse então, Tom?—perguntou o Atticus—Disse-lhe alguma coisa tipo, «Pois Miss Mayella, faz munto bem em dar um gosto a eles». E ela disse «Achas?», e acho qu'ela 'té não percebeu o que eu 'tava a dizer... eu queria era dizer qu'era bom poupar

com'ela tinha feito e foi bonito o que fez p'las c'ianca.

— Eu percebi, Tom. Continue—pediu o Atticus.

— Bem, disse qu'era milho ir indo, que não podia fazê nada por'ela e ela disse qu'eu podia si sinhô, e eu perguntei o quê e ela disse p'ra subir numa cadeira acolá e pegar na caixa que 'tava em cima do roupeiro.

— Não era o roupeiro que tinha desmanchado?—perguntou o Atticus.

A testemunha sorriu.

— Não, sinhô, era outro. Quasi tão alto com'ó quarto. Por isso, fiz o que ela pediu a mim e quando 'tava a pegar nele, prontos, ela... ela me agarrou as perna, ela me agarrou as perna, Mr. Finch.

Ela assustou-me tanto qu'eu saltei abaixo da cadeira e tombei ela... era a única coisa, a única peça que 'tava virada naquele quarto quando saí, Mr. Finch. Juro por Deus.

— O que aconteceu quando a cadeira tombou?

O Tom Robinson tinha entrado num beco sem saída. Olhou para o Atticus, olhou para o juiz e olhou para Mr. Underwood, sentado do outro lado da sala.

— Tom, você jurou contar toda a verdade. Vai contar?

Nervoso, o Tom passou a mão pela boca.

— O que aconteceu depois disso?

— Responda à pergunta—disse o Juiz Taylor. Naquela altura já tinha desaparecido um terço do seu charuto.

— Mr. Finch, eu cai da cadeira e tombei-a e ela depois agarrou-se a mim.

— Agarrou-se a si? De forma violenta?

— Não, sinhô, ela... ela abraçou-me. Ela abraçou-me p'la cintura.

Desta vez o martelo do Juiz Taylor desferia golpes sonoros na mesa. Acto contínuo, de repente, as luzes da sala acenderam-se.

Ainda não tinha escurecido, mas o sol da tarde já tinha abandonado as janelas.

Rapidamente, o Juiz Taylor restabeleceu a ordem.

— O que é que ela fez depois?

A testemunha engoliu em seco.

— Ela puxou-me e beijou-me n' cara. Ela disse que nunca tinha beijado um homem adulto e que tanto lhe fazia beijar um preto.

Depois disse qu'ó que o pai dela lhe fazia num contava. Ela disse «Beija-me, preto». E eu disse «Miss Mayella deixe-me ir embora» e tentei fugir, mas ela encostou as costas à porta e tive d'afastá-la.

Não queria magoar ela, Mr. Finch, e disse p'rã me deixar passar, mas foi então qu'Mr. Ewell acolá começou aos gritos p'la janela.

— O que é que ele disse?

Tom Robinson voltou a engolir em seco e os seus olhos aumentaram de tamanho.

— Coisas que num se pode dizê... que num se pode dizê à frente destas c'ianca...

— O que é que ele disse, Tom? Tem de dizer ao júri o que foi que ele disse.

Tom Robinson cerrou os olhos com toda a força.

— Ele disse «Minha grande vaca, qu'eu mato-te».

— O que aconteceu depois?

— Mr. Finch, eu corria o mais qu'podia e não sei o qu'aconteceu,—Tom, você violou Mayella Ewell?—Não, sinhô.—Fez-lhe mal de alguma forma?

— Não, sinhô.

— Resistiu aos seus avanços?

— Mr. Finch, eu bem tentei. Eu tentei sem ser mau p'ra ela. Não queria ser mau, não a queria empurrar ou coisa assim.

— De alguma forma, ocorreu-me que as maneiras do Tom Robinson eram tão boas como as do Atticus. Não percebi a subtileza da situação do Tom até o meu pai me ter explicado tudo mais tarde: ele jamais se atreveria a bater numa mulher branca, fossem quais fossem as circunstâncias, esperando escapar com vida durante muito tempo, por isso aproveitou a oportunidade para fugir... um sinal indiscutível de culpabilidade.

— Tom, recuemos novamente até Mr. Ewell—pediu o Atticus.

— Ele disse-lhe alguma coisa?

— Nada, sinhô. Ele pode ter dito alguma coisa, só qu'eu não 'tavalá...

— Isso chega—cortou o Atticus.—Lembra-se do que ouviu, com quem estava ele a falar?

— Mr. Finch, ele falava e olhava p'ra Miss Mayella.

— E então fugiu?

— Sim, sinhô.

— Por que fugiu?

— Estava com medo, sinhô.

— De que é que tinha medo?

— Mr. Finch, se o sinhô fosse preto com'eu também tinha medo.

O Atticus sentou-se. Mr. Gilmer percorria o seu caminho até ao banco das testemunhas quando, antes mesmo de lá chegar, Mr. Link Deas se levantou do meio da assistência e anunciou alto e bom som:—Só quero que vocês todos saibam uma coisa. Esse rapaz trabalhou p'ra mim durante oito anos e nunca tive um único problema co'ele. Nada de nada.

— Cale já essa boca, senhor.

O Juiz Taylor estava bem desperto e rugia como um leão. Tinha também o rosto algo rosado. Miraculosamente, o charuto não teve qualquer interferência no seu discurso.

— Link Deas—gritou.—Se tem alguma coisa a dizer diga-o sob juramento e na altura devida, mas até lá saia desta sala, ouviu?

Saia já desta sala, senhor, ouviu? Não me faltava mais nada do que ter de aturar esta cena outra vez!

O Juiz Taylor lançou um olhar furioso para o Atticus, como se o desafiasse a intervir, mas o Atticus já tinha baixado a cabeça e ria com os seus botões. Lembrei-me de uma coisa que ele me tinha contado acerca dos comentários ex cathedra do Juiz Taylor.

Por vezes ele excedia os limites do seu dever, mas havia muito poucos advogados que conseguissem rebater os seus argumentos. Olhei para o Jem, mas o Jem limitou-se a abanar a cabeça.

— Até parece que foi um dos jurados que se levantou e começou a falar—comentou ele.—Mas acho que nesse caso seria diferente.

Mr. Link só estava a perturbar a paz ou coisa do género.

O Juiz Taylor disse ao escrivão para não anotar nada que tivesse acontecido depois de «Mr. Finch, se o sinhô fosse preto com'eu também tinha medo» e deu instruções ao júri para ignorar a interrupção.

Olhou desconfiadamente para o corredor central e acho que ficou à espera que Mr. Link Deas abandonasse a sala. Então disse:—Continue, Mr. Gilmer.

— Esteve preso trinta dias por conduta desordeira, Robinson?—perguntou o Mr. Gilmer.

— Sim, sinhô.

— E como ficou o outro preto?

— Ele tinha batido em mim, Mr. Gilmer.

— Sim, mas você foi condenado, não foi?

O Atticus levantou a cabeça.

— Foi um delito menor e consta do processo, meritíssimo.

Achei que a voz dele demonstrava algum cansaço.

— A testemunha vai responder—disse o Juiz Taylor, mostrando-se igualmente cansado.

— Sim, sinhô, eu apanhei trinta dias.

Eu já sabia que Mr. Gilmer ia dizer ao júri que uma pessoa que tinha sido condenada por conduta desordeira podia perfeitamente ter abusado de Mayella Ewell e isso era a única coisa que lhe interessava.

Aquele tipo de argumentos servia os seus propósitos.

— Robinson, é perfeitamente capaz de cortar armários e lenha só com uma mão, não é?

— Sim, sinhô, acho que sim.

— Suficientemente forte para estrangular uma mulher e atirá-la ao chão?

— Nunca fiz tal, sinhô.

— Mas é suficientemente forte para isso, não é?

- Acho qu' sim, sinhô.
- Já andava de olho nela há muito tempo, não andava, rapaz?
- Não, sinhô, nunca olhei p'ra ela.
- Então era muito simpático para cortar toda aquela lenha e ainda por cima ir buscar água, não era, rapaz?
- Só tentava ajuda' ela, sinhô.
- Convenhamos que estava a ser demasiado generoso. Tinha tarefas para fazer em casa depois do trabalho, não tinha?
- Sim, sinhô.
- Então por que é que não as fazia em vez de fazer as tarefas de Miss Ewell?
- Eu fazia as duas, sinhô.—Devia andar muito ocupado. Porquê?
- Porquê quê, sinhô?
- Por que é que andava tão interessado em fazer as tarefas daquela mulher?

Tom Robinson hesitou enquanto procurava uma resposta.

- Par'cia qu' não havia mais ninguém p'ra ajudar ela, como disse...
- Com Mr. Ewell e mais sete crianças na propriedade, rapaz?
- Bem, eu disse qu' par'cia qu'eles nunca ajudavam ela...
- E cortava aquela lenha toda e fazia os outros trabalhos por pura bondade, rapaz?
- Tentava ajudar ela, já disse.

Mr. Gilmer dirigiu um sorriso sombrio para o júri.

- Parece que é uma boa pessoa... e fazia tudo sem receber uma única moeda?
- Sim, sinhô. Eu tinha munta pena dela, qu'ela par'cia trabalha' mais que os outro...
- Teve pena dela, teve pena dela?—Mr. Gilmer parecia prestes a trepar pelas paredes.

A testemunha percebeu o erro que tinha cometido e mexeu-se desconfortavelmente na cadeira. Mas o mal estava feito. Por baixo de nós não havia ninguém que tivesse gostado da resposta de Tom Robinson. Mr. Gilmer fez uma grande pausa para deixar que a resposta se entranhasse eficazmente no público.

— Bem, a vinte e um de Novembro último, dirigia-se para casa como habitualmente—disse ele—quando ela lhe pediu para entrar e desfazer um roupeiro?—Não, sinhô.—Nega ter entrado na casa?

- Não, sinhô... ela disse que tinha uma coisa p'rá eu fazer dentro da casa....
- Ela disse que lhe pediu para desfazer o roupeiro, não é verdade?
- Não, sinhô, num é.
- Então diz-me que ela está a mentir, rapaz?

O Atticus já estava de pé, mas o Tom Robinson não precisava dele.

- Não lhe digo qu'ela mentiu, Mr. Gilmer. Digo é que 'tá com a cabeça confusa.

Nas dez perguntas seguintes, enquanto Mr. Gilmer ia revendo a versão dos acontecimentos de Mayella, a resposta firme da testemunha era que ela estaria confusa.

- Não é então verdade que Mr. Ewell o expulsou da casa, rapaz?
- Não, sinhô, acho que não.
- Acha que não? O que quer dizer?
- Não fiquei lá tempo que chegasse p'ra ele me expulsar.
- Parece ter sido muito ingênuo... Já agora, por que é que fugiu a correr?
- Já disse que 'tava com medo, sinhô.
- Se estava de consciência tranquila de que é que tinha medo?
- Como disse antes, não era seguro p'ra um preto 'tar metido... numa alhada daquelas.

— Mas você não estava metido numa alhada... até afirmou que estava a resistir a Miss Ewell. Tinha assim tanto medo que ela lhe fizesse mal que tivesse de correr tanto, logo um tipo grande como você?

- Não, sinhô. Tinha medo d'ir parar num tribunal como 'tou agora.
- Medo de ser preso, medo de ter de responder pelo que fez?
- Não, sinhô. Medo de responder p'lo que não fiz.
- Está a ser insolente comigo, rapaz?
- Não, sinhô, não 'tou.

Foi tudo o que consegui ouvir do contra-interrogatório de Mr. Gilmer, pois o Jem obrigou-me a levar o Dill lá para fora. O Dill tinha começado a chorar e não conseguia parar; a princípio silenciosamente, mas depois os seus soluços foram ouvidos por várias pessoas que estavam no balcão. O Jem disse que eu havia de ir a bem ou a mal e o Reverendo Sykes disse que era melhor que eu fosse, por isso fui. Durante todo o dia, o Dill pareceu-me estar perfeitamente bem, como se não houvesse nada de errado com ele, mas acho que ele ainda não tinha recuperado totalmente do facto de ter fugido de casa.

- Não te estás a sentir bem?—perguntei, quando chegámos ao fundo das escadas.

O Dill tentou recompor-se enquanto descíamos os degraus do sector sul. No cimo da escadaria, Mr. Link Deas parecia uma figura solitária.

- Passa-se alguma coisa, Scout?—perguntou, quando passámos por ele.
- Não, senhor—respondi por cima do ombro.—O Dill está maldisposto.
- Anda para debaixo das árvores—disse.—Deve ter sido o calor.

Escolhemos o maior carvalho e sentámo-nos debaixo dele.

- Já não o conseguia aguentar mais—confessou o Dill.

- A quem? Ao Tom?

- Aquele Mr. Gilmer que o tratava daquela maneira e que falava com tanto ódio...

- Dill, esse é o seu trabalho. Ouve lá, se não tivéssemos advogados de acusação...

bem, então também não podíamos ter advogados de defesa. : O Dill expirou pacientemente.

- Sei disso tudo, Scout. Era só a maneira como dizia aquilo, foi isso que me pôs

doente, mesmo doente.

— É suposto ele fazer aquilo, Dill, ele estava a contra...

— Mas ele não agiu assim quando.

— Dill, eles eram testemunhas dele.

— Tudo bem, mas Mr. Finch não agiu assim com a Mayella e com o velho Ewell quando os contra-interrogou. A maneira como aquele homem lhe chamava «rapaz», o encarava com desprezo e a forma como olhava para o júri cada vez que ele respondia...

— Bem, Dill, afinal de contas ele não passa de um negro.

— Isso não me interessa nada. Não está certo. Não está certo tratá-los daquela maneira. Ninguém devia falar assim... põe-me doente, agoniado.

— É só a maneira de ser de Mr. Gilmer, Dill. Ele trata toda a gente assim. Ainda não o viste a cair em cima de alguém à sério.

Quando... bem, a mim pareceu-me que Mr. Gilmer nem sequer se estava a esforçar por aí além. A maior parte dos advogados trata-os todos assim.—Mr. Finch não.

— Ele não é exemplo, Dill. Ele...—procurava na minha memória uma daquelas frases lapidares de Miss Maudie Atkinson. E encontrei-a: «Ele é uma e a mesma pessoa, dentro do tribunal ou na rua».

— Não era isso que eu queria dizer—disse o Dill.

— Eu sei o que querias dizer, miúdo—disse uma voz atrás de nós.

Pensámos que tinha vindo da árvore, mas na verdade a voz pertencia a Mr.

Dolphus Raymond. Mostrou-se do lado de lá do tronco, espreitando para nós.

— Ainda não tens calo e aquilo deixa-te enojado, não é?

— Anda cá, filho. Tenho aqui uma coisa que te vai acalmar o estômago.

Como Mr. Dolphus Raymond era um homem mau, aceitei o seu convite com alguma relutância, mas segui o Dill. Qualquer coisa me dizia que, lá no fundo, o Atticus não iria gostar muito se nos tornássemos amigos de Mr. Raymond, tal como algo me dizia que a tia Alexandra ainda iria gostar menos.

— Toma—disse ele, oferecendo ao Dill o tal saco de papel com as palhinhas salientes.

— Bebe um gole que isto faz-te bem ao estômago.

Dill sorveu o líquido pelas palhas, sorriu e voltou a sorver.

— Eh, eh—disse Mr. Raymond, rindo. Parecia estar a sentir um enorme prazer em corromper uma criança.

— Tem cuidado, Dill—avisei.

O Dill largou as palhas e sorriu.

— É só Coca-Cola, Scout.

Mr. Raymond sentou-se encostado ao tronco da árvore. Antes estivera deitado na relva.

— Vocês não vão contar a ninguém, pois não? Isso ainda ia destruir a minha reputação.

— Quer dizer que o que bebe desse saco é Coca-Cola? Só Coca-Cola?

— Sim, senhora—assentiu Mr. Raymond. Gostava daquele seu cheiro a cabedal, cavalos e sementes de algodão. Usava as únicas botas de montar, estilo inglês, que eu já tinha visto.

— Na maioria das vezes é tudo o que bebo.

— Então só finge estar meio... ? Peço desculpa, senhor—comecei, parando a tempo. - Não queria ser... Nada ofendido, Mr. Raymond riu e eu tentei fazer uma pergunta mais discreta.

— Então por que é que faz isso?

— O qu... ah, sim, por que é que eu finjo? Bem, é muito simples—disse ele.—Há pessoas que... pronto, que não gostam da maneira como eu vivo. Eu podia mandá-las para o diabo que as carregue, porque não me importa mesmo nada que eles gostem ou não.

Reparem, eu digo que não me importo mesmo nada que eles gostem ou não, certo... mas não digo «vão p'ro diabo que vos carregue», estão a ver?

— Não, senhor—respondemos juntos. ,—Eu tento dar-lhes um motivo, percebem?

As pessoas percebem melhor as coisas se tiverem um motivo, certo? Quando venho à cidade, o que é raro, se cambaleiar um bocado e beber deste saco, as pessoas podem dizer que o Dolphus Raymond já está metido nos copos... e é por isso que ele não muda. O pobre coitado nada pode fazer e é por isso que vive como vive.

— Mas isso não é honesto, Mr. Raymond. Fazer-se passar por uma pessoa pior do que na realidade é...

— Não é honesto, eu sei, mas dá uma grande ajuda às pessoas.

Miss Finch, na realidade eu nem bebo muito, mas percebe que eles nunca, mas mesmo nunca, iriam compreender que eu vivo assim porque quero.

Tinha um pressentimento de que não devia estar ali a ouvir aquele pecador, que tinha imensos filhos mestiços e que não queria saber dos outros, mas a verdade é que ele era fascinante. Nunca tinha conhecido um indivíduo que se defraudava deliberadamente a si próprio. Mas por que é que ele nos tinha contado aquele segredo tão importante? Perguntei-lhe porquê.

— Porque vocês são crianças e podem perceber isto—respondeu—e porque estava a ouvir este...

Voltou a cabeça para o Dill.

— A vida ainda não lhe refreou os instintos. Deixem-no crescer mais um bocadinho e vão ver que ele já não se sente mal, nem vai chorar mais. Talvez sinta que as coisas são... que as coisas nem sempre estão lá muito certas, mas não irá chorar quando tiver mais uns anitos em cima.

— Chorar porquê, Mr. Raymond?—a masculinidade do Dill começava agora a revelar-se.

— Chorar pelo inferno absoluto que umas pessoas fazem passar outras... sem dó nem piedade. Chorar pelo inferno que os brancos fazem passar as pessoas de cor, sem sequer pararem para pensar que elas, afinal de contas, também são pessoas.

— O Atticus diz qu' enganar um homem de cor é dez vezes pior do qu' enganar um branco—murmurei.—Diz qu' é a pior coisa que se pode fazer.

Mr. Raymond completou o pensamento:—Não sei se é... Miss Jean Louise, a menina não sabe que o seu pai está a léguas de distância de um homem vulgar e certamente ainda vai precisar de um bom par de anos até perceber isso... porque ainda não conhece o mundo em que vive. Nem sequer conhece esta cidade... Por tudo isto, sugiro que volte para aquele tribunal.

Aquilo fez-me lembrar que estávamos a perder o contra-interrogatório de Mr. Gilmer. Olhei para o Sol que estava a descer rapidamente sobre os telhados das lojas no lado poente da praça. Entre dois fogos, sentia-me incapaz de decidir a qual deles acudir: Mr Raymond ou o Quinto Tribunal Judicial da Comarca.

— Anda daí, Dill—disse.—Já 'tás bem, agora?

— Tou. Prazer em conhecê-lo, Mr Raymond, e obrigado pela bebida. Fez-me mesmo bem.

Corremos para o tribunal, subimos os dois lanços de escadas e abrimos caminho até ao varandim do balcão. O Reverendo Sykes tinha-nos guardado os lugares.

O tribunal estava sossegado e voltei a perguntar-me onde estariam os bebés. O charuto do Juiz Taylor era agora um simples ponto castanho dentro da sua boca; Mr. Gilmer escrevinhava num dos blocos amarelos pousados na mesa. Tentava ultrapassar a rapidez do escrivão, cuja mão redigia rapidamente.

— Gaita—murmurei—não chegámos a tempo.

O Atticus já estava a meio das suas alegações finais. Tinha tirado uns papéis da pasta, atrás da cadeira, que estavam agora espalhados sobre a mesa. O Tom Robinson estava a mexer neles.

— ... ausência de provas corroborativas, este homem foi acusado de um crime capital e a sua vida está em julgamento...

Dei uma cotovelada ao Jem.

— Há quanto tempo está nisto?

— Acabou de rever as provas—sussurrou o Jem—e vamos ganhar, Scout. Não vejo como podemos perder isto. Está nisto há uns cinco minutos. Tornou tudo tão claro e fácil que... bem, como eu acabei de te explicar. Até tu podias perceber.

— Mr. Gilmer...?

— C-Chiu. Nada de novo, o costume. Agora cala-te.

Voltámos a olhar lá para baixo. O Atticus falava calmamente, com o mesmo tom distanciado que usava quando estava a ditar uma carta. Ia caminhando lentamente à frente do júri e este parecia atento: as cabeças estavam levantadas e seguiam os passos do Atticus com o que parecia ser um sinal de apreciação. Acho que era porque o Atticus não falava aos berros.

O Atticus parou e então fez algo que normalmente não era seu hábito. Tirou o relógio e a corrente, pousou-os sobre a mesa e disse:—Com a licença do tribunal...

O Juiz Taylor assentiu e então o Atticus fez uma coisa que eu nunca o tinha visto fazer, tanto em público, como em privado: desabotoou o colete e o colarinho, aliviou a gravata e tirou o casaco.

Ele nunca tinha tirado uma única peça de roupa, excepto quando , ia dormir, e para nós aquilo era o equivalente a estar completamente nu à nossa frente. Eu e o Jem trocámos olhares horrorizados.

O Atticus meteu as mãos nos bolsos e, ao voltar-se para o júri, vi o botão de ouro do colarinho e as pontas da caneta e do lápis reluzindo sob a luz.

— Meus senhores—disse ele. O Jem e eu entreolhámo-nos: o Atticus podia muito bem ter dito «Scout». A sua voz tinha perdido a sua aridez e distanciamento e dirigia-se ao júri como se fossem pessoas que encontrara numa qualquer esquina dos correios.

— Meus senhores—insistiu—serei breve, mas primeiro gostaria de utilizar o tempo que me sobra para vos recordar que este não é um caso difícil, não requer uma avaliação cuidada dos factos, mas exige que estejam absolutamente seguros da culpa do arguido.

Para começar, este caso nunca deveria ter chegado à barra do tribunal.

Este caso é tão simples como distinguir o branco do preto.

«A acusação não conseguiu produzir prova médica que corrobore a afirmação de que o crime de que Tom Robinson foi acusado, tivesse, de facto, acontecido. Prova essa que dependia unicamente da palavra de duas testemunhas, cujas afirmações foram postas em causa durante o contra-interrogatório, sendo deitadas por terra pelo testemunho do arguido. O arguido é, por isso, inocente, mas há uma pessoa presente neste tribunal que é culpada.

«No fundo do meu coração só há lugar para a pena que sinto pela testemunha principal de acusação, mas a minha pena não é suficiente para poder arriscar a vida de um homem inocente e foi isso mesmo que ela fez numa tentativa de se isentar da sua própria culpabilidade.

«Falo de culpabilidade, pois foi a culpa que a motivou. Sim, porque ela não cometeu nenhum crime. Apenas violou o código rígido e honrado da nossa sociedade, código este, tão severo, que quem o violar acaba por ser expulso do seu meio. Ela é, assim, vítima de uma pobreza e ignorância atrozes, mas não posso ter pena dela: ela é branca. Ela sabia muito bem qual a extensão da sua ofensa, mas os seus desejos eram mais fortes do que o código que estava a violar, por isso ela persistiu em infringir esse código. Ela persistiu e a sua reacção foi aquela que todos já tivemos ocasião de conhecer.

Fez algo que qualquer criança está habituada a fazer... tentou afastar de si a prova da sua culpa. Só que, neste caso, ela não é uma criança que tenta esconder contrabando furtado: ela virou-se contra a vítima.

... porque tinha necessidade de o afastar dela... porque ele devia ser afastado da sua presença, do seu mundo. Ela tinha de destruir a prova da sua ofensa.

«E qual era a prova da sua ofensa? Tom Robinson, um ser humano.

Ela tinha de afastar Tom Robinson. Porque Tom Robinson lhe iria recordar o que tinha feito para o resto da sua vida. E o que é que ela fez? Ela tentou um negro.

«Ela era branca e tentou um negro. Fez uma coisa inominável para a nossa sociedade: beijou um homem preto. Não um qualquer Pai Tomás, mas antes um preto jovem e bem constituído. Não havia nenhum código que a preocupasse até ao momento em que o violou, até ao dia em que esse código desabou pesadamente sobre ela.

«O pai dela viu tudo e o arguido testemunhou os seus comentários.

E o que fez o pai dela? Não sabemos, mas existem provas circunstanciais que indicam que Mayella Ewell foi selvaticamente agredida por alguém que usou quase exclusivamente a mão esquerda.

Conhecemos, em parte, as acções de Mr. Ewell: fez o que qualquer homem branco respeitável, firme e temente a Deus, faria nestas circunstâncias... fez uma queixa sob juramento, assinando-a, sem dúvida, com a mão esquerda e eis que agora, Tom Robinson

está sentado perante vós, tendo prestado juramento com a única mão boa que possui... a mão direita.

«Assim, um negro pacato, respeitável e humilde, que teve a coragem imperdoável de «ter pena» de uma mulher branca, tem de pesar a sua palavra contra a palavra de dois brancos. Não preciso de vos recordar a sua aparência e a conduta que tiveram neste tribunal.

... os senhores tiveram oportunidade de ver com os vossos próprios olhos. As testemunhas de acusação, à excepção do Xerife de Maycomb, apareceram perante vós e perante este tribunal com a confiança cínica que os seus testemunhos não seriam colocados em dúvida e que os senhores concordariam com o pressuposto... o pressuposto malévolo... que todos os pretos mentem, todos os pretos são seres imorais e que todos os homens pretos são perigosos para as nossas mulheres, pressuposto este, aliás, associado a mentes deste tipo.

«E esse pressuposto, senhores, sabemos não passar de uma mentira tão negra como a cor da pele de Tom Robinson, uma mentira que não preciso de vos demonstrar.

Os senhores sabem a verdade e a verdade é só esta: alguns pretos mentem, alguns pretos são imorais e alguns homens pretos são perigosos para as mulheres... brancas ou pretas.

Mas esta verdade aplica-se à raça humana e não a uma raça específica. Não existe uma única pessoa neste tribunal que já não tenha mentido, que nunca tenha feito algo imoral e não há nenhum homem vivo que nunca tenha olhado para uma mulher com desejo.

O Atticus parou e tirou o lenço do bolso. Aproveitou para tirar os óculos, limpou-os e assistimos a mais uma «estreia»: nunca o tínhamos visto transpirar... era um daqueles homens cujo rosto nunca exalava uma gota de suor, mas agora até a sua tez morena reluzia.

— Antes de terminar, só mais uma coisa, meus senhores. Certo dia, Thomas Jefferson disse que todos os homens são criados iguais.

Esta é uma frase que os ianques e os altos executivos de Washington gostam de nos atirar. Neste ano da graça de 1935, certas pessoas têm a tendência para usar esta frase fora do contexto de forma a satisfazer os seus propósitos pessoais. O exemplo mais ridículo de que me lembro é o facto de os grandes arautos do ensino público promoverem os estúpidos e ociosos juntamente com os mais capazes e trabalhadores... E porque todos os homens são criados iguais, depois estes pedagogos dir-vos-ão com seriedade que as crianças que ficam para trás sofrem de graves complexos de inferioridade.

Ao contrário do que algumas pessoas nos querem fazer acreditar, nós sabemos que os homens não são criados iguais... uns são mais espertos do que outros, há pessoas que têm mais oportunidades porque nasceram com elas, alguns homens ganham mais

dinheiro do que outros, algumas senhoras fazem bolos melhores do que outras... algumas pessoas nascem mais dotadas do que a maioria das restantes.

«Mas há um aspecto, neste país, em que os homens são criados iguais... há uma instituição humana para a qual um pobre é igual a um Rockefeller, um homem estúpido é igual ao Einstein e o ignorante é igual ao reitor de uma universidade. Meus senhores, esta instituição é um tribunal. Tanto pode ser o Supremo Tribunal dos Estados Unidos como o mais humilde dos tribunais do país, ou até mesmo este venerável tribunal que servimos. Tal como todas as instituições humanas, os nossos tribunais também têm as suas falhas, mas os tribunais deste país são os grandes niveladores e nos nossos tribunais todos os homens são criados iguais.

«Não sou um idealista que acredita firmemente na integridade dos nossos tribunais e no sistema de júri... isso para mim não é um ideal, mas sim uma realidade de vida e de trabalho. Meus senhores, este tribunal não é melhor nem pior do que cada um dos senhores aí sentados no lugar do júri. Um tribunal é tão são como o seu júri e um júri é tão são como os homens que o constituem. Tenho plena confiança que os senhores irão rever as provas apresentadas sem paixão, tomar uma decisão e devolver este arguido à sua família.

Em nome de Deus, façam o vosso dever.

A voz do Atticus sumiu-se e, enquanto se afastava do júri, disse algo que não consegui perceber. Disse-o mais para si mesmo do que para o tribunal. Dei uma cotovelada ao Jem.

— O que é que ele disse?

— Em nome de Deus, acreditem nele. Acho que foi isso que ele disse.

Subitamente, o Dill debruçou-se sobre mim e deu uma cotovelada ao Jem.

— Olhem além!

Seguimos o seu dedo e, de súbito, sentimos um baque nos nossos corações.

Calpurnia caminhava pelo corredor central, na direcção do Atticus.

Ela parou timidamente junto à divisória e esperou até obter a atenção do Juiz Taylor. Tinha vestido um avental lavado e trazia um envelope na mão.

O Juiz Taylor viu-a e disse:— É a Calpurnia, certo?

— Sim, senhor—respondeu.—Por favor, posso entregar este bilhete a Mr. Finch, senhor? Não tem nada a ver com... com o julgamento.

O Juiz Taylor consentiu e o Atticus pegou no envelope. Abriu-o, leu o seu conteúdo e disse:—Juiz, eu... este bilhete é da minha irmã. Ela diz que os meus filhos desapareceram, que não aparecem desde o meio-dia... eu... poderia...

— Eu sei onde eles estão, Atticus—gritou Mr. Underwood.

— Estão acolá no balcão dos pretos... estão lá precisamente desde a uma hora e dezoito minutos.

O nosso pai virou-se e olhou para cima.

— Desce já daí, Jem—chamou ele. Depois, disse qualquer coisa ao juiz que não conseguimos ouvir. Levantámo-nos, quase passámos por cima do Reverendo Sykes e descemos as escadas.

O Atticus e a Calpurnia juntaram-se a nós no fundo das escadas.

Calpurnia parecia irritada, enquanto o Atticus aparentava uma extrema exaustão.

O Jem pulava de excitação.

— Ganhámos, não foi?

— Não faço ideia—atalhou o Atticus.—Com que então estiveram aqui a tarde toda?

Vão para casa com a Calpurnia e jantem...

E não saiam de lá.

— Oh, Atticus, deixa-nos voltar—implorou o Jem.—Deixa-nos ouvir o veredicto, por favor, pai.

— O júri pode sair e voltar dentro de um minuto, não sabemos....—mas percebemos que o Atticus estava quase a ceder.

— Bem, assistiram a tudo, por isso mais vale ouvirem o resto.

Fazemos assim, podem voltar depois de jantar... mas comam devagar que não vão perder nada de importante... e se o júri ainda não tiver regressado podem esperar aqui connosco. Embora eu ache que tudo estará terminado antes de voltarem.

— Achas que o vão libertar assim tão depressa?—perguntou o Jem.

O Atticus ia abrir a boca para responder, mas voltou a fechá-la, afastando-se.

Rezei para que o Reverendo Sykes nos guardasse os lugares, mas parei de rezar quando me lembrei que as pessoas se levantavam e saíam, aos grupos, quando o júri recolhia... e certamente hoje à noite iriam encher a mercearia, o O.K. Café e o hotel, isto é, a menos que também tivessem trazido o jantar.

A Calpurnia levou-nos para casa:—,..esfolar-vos vivos, que ideia, crianças a ouvir aquilo! Mr. Jem, não podia ter levado a sua irmã àquele tribunal! Miss Alexandra 'inda Vai ter um ataque quando descobrir! Aquilo não é coisa p'ras crianças ouvir...

As luzes da rua estavam acesas e, ao passar por baixo delas, vimos claramente o perfil indignado da Calpurnia.

— Mr. Jem, eu pensava qu' tinha a cabeça em cima dos ombros...

que ideia, ela é a sua irmãzinha! Qu' raio de ideia, menino! Devia ter vergonha... não tem juízo nenhum nessa cabeça?

Eu estava feliz da vida. Tanta coisa tinha acontecido naquele dia que sentia que só dali a muitos anos seria capaz de ordenar tudo e ainda por cima agora a Calpurnia estava a enxovalhar o seu queridinho Jem... que outras maravilhas me estariam reservadas naquela noite?

O Jem ria.

— Não queres ouvir o que aconteceu, Cal? ,—O senhor esteja mas é caladinho! Devia estar era envergonhado e não a rir..—a Calpurnia reavivou uma data de ameaças que, por sinal, não causavam lá muitos remorsos ao Jem e começou a subir os degraus com um já clássico «Se Mr. Finch não lhe chegar a roupa ao pêlo, eu encarrego-me disso... entre já imediatamente em casa, senhor!» O Jem entrou todo sorridente e a Calpurnia lá deu a sua autorização tácita para que o Dill jantasse connosco.

— Vá é já a casa de Miss Rachel dizer onde estava—disse-lhe.

— Ela tem andado desesperada à sua procura... ainda o manda de volta p'ra Meridian, amanhã p'la fresca.

A tia Alexandra veio ao nosso encontro e quase desmaiou quando a Calpurnia lhe contou onde estávamos. Acho que ela ficou ainda mais magoada pelo Atticus ter dito que podíamos voltar para o tribunal, pois não disse uma palavra durante todo o jantar.

Limitou-se a brincar tristemente com a comida no prato enquanto a Calpurnia servia o Jem, o Dill e eu com um toque de vingança. A Calpurnia deitou o leite e serviu a salada de batata e presunto, murmurando «deviam ter vergonha» com vários graus de intensidade.

— E agora comam devagar—foi a sua ordem final.

O Reverendo Sykes guardou-nos os lugares. Ficámos surpreendidos quando soubemos que estivéramos fora quase uma hora e igualmente surpreendidos por ver que a sala do tribunal estava praticamente como a tínhamos deixado, com algumas alterações pouco significativas: as cadeiras dos jurados estavam vazias, o arguido não estava presente; o Juiz Taylor ausentara-se, mas reapareceu quando nos sentámos.

— Quase ninguém arredou pé—disse o Jem.

— Houve algum movimento quando o júri saiu—contou o Reverendo Sykes.—Os homens lá em baixo trouxeram o jantar para as mulheres e elas deram de mamar aos

bebés.

— Há quanto tempo saíram?—perguntou o Jem.

— Uns trinta minutos. Mr. Finch e Mr. Gilmer ainda falaram mais um bocado e o Juiz Taylor dispensou o júri.

— Como é que ele estava?—perguntou o Jem.

— Quê? Oh, ele falou bem. Não me posso queixar... ele foi até bastante justo. Ele disse uma coisa tipo, se acreditam nisto devem trazer um veredicto, mas se acreditam naquilo então devem trazer outro. Acho até que estava um bocadinho a pender para o nosso lado...—o Reverendo Sykes coçou a cabeça.

O Jem sorriu.

— Um juiz não deve ter pendores, Reverendo, mas não se preocupe que nós ganhámos—disse ele, sabiamente.—Não vejo como o júri pode condená-lo depois do que ouvimos...

— Não esteja tão confiante, Mr. Jem, nunca vi um júri dar razão a um homem de cor contra um branco...

Mas o Jem disse ao Reverendo Sykes que não havia regra sem exceção e depois tivemos de ouvir uma extensa revisão das provas, juntamente com a própria opinião do Jem sobre a incidência da lei nos casos de violação: não se tratava de violação se ela consentisse, mas só que ela tinha de ter dezoito anos... isto é, no Alabama.

... e Mayella tinha dezanove. Ao que parece, a vítima tinha de dar pontapés e gritar, tinha de ser dominada e atirada ao chão e, de preferência, perder os sentidos. Mas se tivesse menos de dezoito anos, então não tinha de passar por tudo aquilo.

— Mr. Jem—murmurou o Reverendo Sykes -, estas coisas não são propriamente para os ouvidos de meninas...

— Oh, ela nem sabe do que estamos a falar—disse o Jem.—Scout, esta conversa é crescida de mais para ti, não é?

— Claro que não. Percebo tudo o que estão a dizer.

É provável que tenha sido demasiado convincente, pois o Jem calou-se e não voltou a abordar o assunto.

— Que horas são, Reverendo?—perguntou ele.

— Perto das oito.

Olhei lá para baixo e descobri o Atticus, que andava de um lado para o outro com as mãos nos bolsos: foi até à janela e atravessou a divisória até às cadeiras vazias dos jurados. Fitou-as, uma a uma, inspeccionou o Juiz Taylor, sentado no seu trono e voltou para o seu lugar. Os nossos olhos encontraram-se e eu acenei-lhe. Ele correspondeu à minha saudação com um ligeiro aceno de cabeça e continuou a sua viagem.

Mr. Gilmer estava de pé, à beira da janela, à conversa com Mr.

Underwood, Bert, o escrivão, acendia uns cigarros nos outros: recostou-se e pôs os pés

em cima da mesa.

No entanto, os funcionários do tribunal, pelo menos aqueles que estavam presentes... o Atticus, Mr. Gilmer, o Juiz Taylor, que dormia profundamente, e o Bert eram os únicos cujo comportamento parecia normal. Nunca tinha visto um tribunal cheio tão silencioso. Às vezes ouvia-se o choro de um bebê ou uma criança saindo a correr, mas os adultos estavam sentados como na igreja.

No balcão, os negros estavam sentados e de pé, à nossa volta, com uma paciência bíblica.

O velho relógio da torre fez o seu esforço preliminar e bateu as horas, oito toques ensurdecedores que fizeram com que até os nossos ossos vibrassem.

Quando bateram as onze, já eu não conseguia sentir nada: cansada por tentar contrariar o sono, permiti-me uma pequena soneca encostada ao ombro e braço confortáveis do Reverendo Sykes.

Acordei sobressaltada e esforcei-me o mais que pude por me manter assim, olhando lá para baixo e concentrando-me nas cabeças que enchiam aquele sector: contei dezasseis carecas, catorze homens que passavam bem por ruivos, quarenta cabeças que iam desde o castanho até ao preto, e... recordei algo que o Jem me tinha explicado um dia, depois de uma das suas muitas fases em que decidiu dedicar-se à chamada investigação psíquica: dizia que se um número suficiente de pessoas... talvez mesmo um estádio cheio... se concentrasse numa coisa, como por exemplo incendiar uma árvore no bosque, essa árvore ardia sozinha. Pus-me então a brincar com a ideia de pedir a toda a gente que estava lá em baixo para se concentrar na libertação de Tom Robinson, mas pensei que se eles estivessem tão cansados como eu não iria funcionar.

O Dill dormia profundamente, com a cabeça pousada no ombro do Jem. O Jem estava quieto.

— Já se passou muito tempo? — perguntei ao Jem.

— Claro que sim, Scout — respondeu alegremente.

— Da maneira como falavas parecia que não ia levar mais de cinco minutos.

O Jem ergueu o sobrolho.

— Há coisas que tu não percebes — disse ele, só que eu estava demasiado cansada para responder.

Mas acho que devia estar suficientemente acordada, caso contrário não me teria apercebido da estranha sensação que me assolava.

Era em tudo igual à que eu tinha sentido no Inverno passado, e agora eu também estremecia, isto apesar da noite quente. A sensação começou a crescer dentro de mim, até a atmosfera da sala de audiências estar tão fria como aquela manhã de Fevereiro, quando as cotovias estavam em silêncio e os carpinteiros pararam de martelar na casa nova de Miss Maudie e todas as portas de madeira da vizinhança estavam tão fechadas como a

porta dos Radleys. uma rua deserta, vazia e expectante, enquanto ali o tribunal estava repleto de gente. Uma noite quente de Verão não era muito diferente de uma manhã de Inverno. Mr. Heck Tate, que entretanto tinha entrado na sala e falava com o Atticus, bem que poderia estar a usar as suas botas e o casaco grosso. O Atticus interrompeu a sua viagem tranquila e pôs o pé na travessa de uma cadeira; à medida que ouvia o que Mr. Tate lhe dizia, passava lentamente a mão pela coxa. Era como se estivesse à espera de ouvir, a qualquer momento «Atire, Mr. Finch...» Só que em vez disso Mr. Tate disse «Silêncio no tribunal» num tom repleto de autoridade e as cabeças viraram-se, abaixo de nós.

Mr. Tate abandonou a sala, regressando com o Tom Robinson.

Conduziu o Tom até ao seu lugar junto do Atticus e manteve-se ali ao pé. O Juiz Taylor estava agora alerta, sentado direito, com o olhar fixo nas cadeiras vazias dos jurados.

O que aconteceu depois parecia saído de um sonho: assisti ao regresso do júri, movendo-se como mergulhadores debaixo de água, enquanto a voz do Juiz Taylor era fraca, parecendo vir de muito longe. E vi uma coisa que só o filho de um advogado poderia ver ou saberia procurar. Foi tal e qual como ver o Atticus a caminhar rua abaixo, levando a espingarda ao ombro e a apertar o gatilho, embora sabendo, desde o primeiro instante, que a arma estava descarregada.

Um júri nunca olha para o réu que condenou e, quando aquele júri entrou na sala, nenhum deles olhou para o Tom Robinson. O presidente do Júri entregou um papel a Mr. Tate que, por sua vez, o entregou ao funcionário que o entregou ao juiz...

Fechei os olhos. O Juiz Taylor estava a contar os votos do júri: «Culpado... culpado... culpado... culpado...». Olhei para o Jem: as suas mãos estavam brancas de tanto se crisparem à volta do varão e os seus ombros estremeciam como se cada «culpado» fosse uma facada nas costas.

O Juiz Taylor estava a dizer qualquer coisa. Tinha o martelo na mão, mas não o estava a usar. Vagamente, reparei que o Atticus começara a empurrar uns papéis da mesa para dentro da sua pasta.

Depois fechou-a, dirigiu-se ao escrivão dizendo-lhe qualquer coisa, cumprimentou Mr. Gilmer e depois foi até junto do Tom Robinson e sussurrou algo. Enquanto lhe segredava algo, o Atticus tinha a mão no ombro do Tom. Em seguida, o Atticus tirou o casaco das costas da cadeira e colocou-o por cima do ombro. Finalmente saiu da sala, mas não pela porta habitual. Devia querer ir para casa pelo caminho mais curto, pois atravessou rapidamente o corredor central em direcção à saída sul. Segui a sua cabeça à medida que ele se dirigia para a porta. Ele nem sequer olhou para cima.

Notei que alguém me tocava, só que eu não queria tirar os olhos das pessoas que estavam lá em baixo e da imagem da caminhada solitária do Atticus.

— Miss Jean Louise?

Olhei em meu redor. Estavam todos de pé. À nossa volta e no balcão oposto, os negros começavam a levantar-se. A voz do Reverendo Sykes soava tão distante como a do Juiz Taylor.

— Levante-se, Miss Jean Louise. O seu pai vai a passar.

Agora era o Jem que estava a chorar. Lágrimas de raiva corriam-lhe em sulcos pelo rosto enquanto tentávamos passar pela multidão exultante.—Não é justo - murmurava, até chegarmos à esquina da praça onde Atticus estava à nossa espera. O Atticus estava parado debaixo de um candeeiro como se nada tivesse acontecido: tinha o colete abotoado, o colarinho e a gravata estavam impecavelmente no sítio, a corrente do relógio brilhava e mostrava-se, de novo, impassível.

— Não é justo, Atticus—disse o Jem.

— Não, filho, não é justo.

Encaminhámo-nos para casa.

A tia Alexandra estava à nossa espera. Estava de roupão e eu ia jurar que ela tinha o espartilho vestido.

— Sinto muito, meu irmão—murmurou. Nunca a tinha ouvido chamá-lo «irmão», por isso olhei para o Jem, mas reparei que ele não me ouvia. Olhava fixamente para o Atticus, depois para o chão e dei por mim a pensar se ele achava que o Atticus era de alguma forma responsável pela condenação do Tom Robinson.

— Tens a certeza que ele está bem?—perguntou a tia, apontando para o Jem.

— Vai ficar—disse o Atticus.—Foi um bocado forte para ele.

O nosso pai soltou um suspiro.

— Vou para a cama—disse ele.—Se não acordar de manhã, não me chamem.

— Devo dizer-te que, desde o início, não achei sensato deixá-los...

— Mas esta é a terra deles, minha irmã—respondeu o Atticus.

— Nós fizemo-la assim e é melhor que aprendam a habituar-se.

— Só que eles não têm necessidade de ir ao tribunal e sujeitar-se a isso...

— Faz tudo parte de Maycomb County, tal e qual como os chás de caridade.

— Atticus...—os olhos da tia Alexandra demonstravam grande ansiedade.—És a última pessoa do mundo que eu esperaria ver tornar-se amarga por causa disto.

— Mas eu não estou amargurado, estou é apenas cansado. Vou para a cama.

— Atticus—interrompeu o Jem friamente.

Ele chegou à porta e virou-se para trás.

— O que foi, filho?

— Como é que puderam fazer isto, como?

— Não sei, só sei que o fizeram. Já o fizeram antes, voltaram a fazê-lo hoje e vão voltar a fazer isto e quando isso acontece... parece que só as crianças é que choram. Boa-noite.

Só que, de facto, as coisas parecem sempre bem melhor de manhã. O Atticus levantou-se à sua assustadora hora habitual e já estava na sala atrás do The Mobile

Register quando entrámos. A cara matinal do Jem fez aquela pergunta que os seus lábios ensonados eram incapazes de fazer.

— Ainda não é tempo para nos preocuparmos—assegurou o Atticus, enquanto nos dirigíamos para a sala de jantar.—Ainda não terminámos. Podes contar com um recurso. Meu Deus, Cal. O que é isto?

O Atticus olhava com espanto para o seu prato de pequeno-almoço.

A Calpurnia disse:

— Foi o pai do Tom Robinson que mandou esta galinha de manhãzinha. E eu preparei-a.

— Diz-lhe que me sinto muito honrado com a oferta... aposto como na Casa Branca não comem galinha ao pequeno-almoço.

E isto, o que é?

— Brioches—respondeu a Calpurnia.—Foi a Estelle lá do hotel qu' os mandou.

Confuso, Atticus olhou para ela e ela disse:—O melhor é ir 'té à cozinha e ver co'os seus próprios olhos, Mr. Finch.

Fomos atrás dele. A mesa da cozinha estava a transbordar de tanta comida que chegava para enterrar toda a família: carne de porco em salmoura, tomates, feijão e até uvas. O Atticus sorriu ao encontrar um frasco de pés de porco em conserva.

— Será que a tia nos deixa comer isto tudo na sala de jantar?

A Calpurnia respondeu:

— Quando cheguei de manhã, isto já 'tava pousado nas escadas das traseiras. Eles... eles apreciaram bastante o qu' o senhor fez, Mr. Finch. Eles... eles não estão a abusar, pois não?

De repente, os olhos do Atticus encheram-se de lágrimas. Por momentos, perdeu a fala.

— Diz-lhes que estou muito, mas muito grato—disse ele.—E diz-lhes... diz-lhes para não voltarem a fazer isto. Estamos a viver dias difíceis...

Depois saiu da cozinha, entrou na sala de jantar e desculpou-se perante a tia Alexandra. Pôs o chapéu e partiu para a cidade.

Ouvimos os passos do Dill no átrio, por isso a Calpurnia optou por deixar na mesa o pequeno-almoço intacto do Atticus. Por entre dentadinhas, o Dill contou-nos a reacção de Miss Rachel aos acontecimentos da noite passada: se um homem como o Atticus quisesse bater com a cabeça contra uma parede, isso era lá com ele.

— Eu queria contar-lhe tudo—resmungou o Dill, mordiscando uma perna de galinha—mas ela não estava p'los ajustes. Disse qu' tinha passado metade da noite a pé a pensar por onde é qu'eu andava e que só não pôs o Xerife atrás de mim porque ele estava no tribunal.

— Tens de deixar de sair sem lhe dizeres para onde vais, Dill—aconselhou o Jem. - Só

a põe ainda mais furiosa.

O Dill suspirou pacientemente.

— Mas eu disse-lhe para onde ia até ficar roxinho... mas ela anda a ver coisas onde elas não existem. Vocês sabem que todas as manhãs aquela mulher bebe mais de meio litro de cerveja ao pequeno-almoço... eu sei que ela bebe dois copos cheios. Eu já a vi, e tudo.

— Não fales assim, Dill—disse a tia Alexandra.—Não é linguagem própria para uma criança. Estás a ser... cínico.

— Não é cínico, Miss Alexandra. Não é cínico dizer a verdade, pois não?

— Da maneira como o dizes, é.

Os olhos do Jem brilharam na direcção dela, mas depois virou-se para o Dill:—Vamos lá. Podes levar essa perna contigo.

Quando chegámos à varanda da frente, Miss Stephanie Crawford estava entretida a contar tudo a Miss Maudie Atkinson e a Mr. Avery. Olharam para nós e continuaram a falar. Jem rosnou como um animal acossado. Eu só queria ter uma arma ali à mão.

— Detesto que os adultos olhem para nós—disse o Dill.—Parece que fizemos alguma coisa de errado.

O nariz de Miss Stephanie tremia de tanta curiosidade. Ela queria saber quem é que nos tinha dado autorização para ir ao tribunal...

ela não nos vira, mas toda a cidade já sabia que tínhamos estado no balcão das pessoas de cor. Será que o Atticus nos tinha posto lá para...? Não ficava bem estarmos ao lado de todos aqueles...?

Será que a Scout tinha percebido todas as...? E será que não estaríamos furiosos por assistir à derrota do nosso pai?

— Cala-te, Stephanie—a dicção de Miss Maudie era quase letal.—Tenho mais que fazer do que passar aqui a manhã toda na varanda... Jem Finch, chamei-te para saber se tu e os teus amigos querem vir cá comer bolo. Levantei-me às cinco da manhã para o fazer, por isso é bom que digas que sim. Desculpa lá, Stephanie.

— Bom-dia, Mr. Avery.

Pousados sobre a mesa da cozinha de Miss Maudie, estavam dois bolos pequenos e um grande. Deviam eram estar três bolos pequenos. Não era normal Miss Maudie esquecer-se do Dill e acho que, pelas nossas caras, ela ter-se-á apercebido do lapso. Mas tudo ficou resolvido quando cortou o bolo às fatias e deu a mais fina ao Jem.

Enquanto comíamos, percebemos que esta era a forma de Miss Maudie nos fazer perceber que, para ela, nada tinha mudado. Sentou-se, silenciosa, na cadeira da cozinha a observar-nos.

Subitamente, começou a falar:—Não te preocupes, Jem. Nada é tão mau como parece. Dentro de casa, quando Miss Maudie nos queria dizer alguma coisa mais demorada,

colocava as mãos sobre os joelhos e ajustava a placa. Decidimos esperar durante aquele ritual.

— Só vos quero dizer que, neste mundo, há homens que nascem só para fazerem as tarefas desagradáveis por nós. E o vosso pai é uma dessas pessoas.

— Ah—disse o Jem —, pois.

Não me venhas com esse «Ah, pois»—replicou Miss Maudie, reconhecendo os ruídos fatalistas do Jem —, não tens idade suficiente para dar sentido ao que eu disse.

O Jem olhava para a sua fatia meia comida.

— É como ser uma lagarta dentro de um casulo, é isso—disse ele.—Como uma coisa adormecida num sítio quente. Sempre pensei que as pessoas de Maycomb eram as melhores pessoas do mundo, pelo menos era o que parecia.

— Somos as pessoas mais seguras do mundo—disse Miss Maudie.

— Raramente nos pedem para sermos bons cristãos, mas quando pedem, então temos pessoas como o Atticus que vão por nossa vez.

O Jem sorriu, tristonho.

— Quem me dera que todos pensassem assim.

— Ficarias surpreendido se soubesses quantos de nós pensam desta forma.

— Quem?—a voz do Jem subiu de tom.—Quem desta terra é que ajudou o Tom Robinson? Quem?

— Em primeiro lugar, os seus amigos de cor e, em segundo, pessoas como nós.

Pessoas como o Juiz Taylor. Pessoas como Mr. Heck Tate. Pára de comer e começa a pensar, Jem. Alguma vez pensaste que a nomeação do Atticus, para defender aquele rapaz, não foi um mero acidente? Que o Juiz Taylor poderia ter as suas razões para o escolher?

Era uma ideia plausível. As defesas oficiosas eram vulgarmente entregues a Maxwell Green, o mais novo elemento do tribunal de Maycomb, que precisava de ganhar experiência de barra. O Maxwell Green é que deveria ter ficado com o caso de Tom Robinson.

— Pensa nisso—pediu Miss Maudie.—Aquilo não foi um acidente. Ontem à noite, estava sentada na varanda, à espera. Esperei e esperei para vos ver a descer a rua e enquanto esperava, ia pensando. ... O Atticus Finch não vai ganhar, ele não pode ganhar, mas ele é o único homem das redondezas que pode fazer o júri demorar a tomar uma decisão, num caso como este. E pensei para comigo, é um passo... um passo de bebé, mas é um passo em frente.

— É muito fácil falar assim... mas não há juízes nem advogados cristãos que possam compensar a imoralidade daqueles malditos jurados—murmurou o Jem.—Assim que eu crescer...

— Isso é uma coisa que terás de ver com o teu pai—respondeu Miss Maudie.

Descemos os degraus novinhos em folha da casa de Miss Maudie para o Sol e demos com Mr. Avery e Miss Stephanie Crawford ainda naquilo. Tinham andado alguns passos e estavam agora a porta da casa de Miss Stephanie. Miss Rachel preparava-se para se juntar a eles.

— Acho que, quando crescer, vou ser palhaço—afirmou o Dill. O Jem e eu parámos.

— Sim, senhor. Um palhaço—disse ele.—Não sei fazer mais nada a não ser rir das pessoas, por isso vou para o circo passar a vida inteira a rir.

— Percebeste tudo ao contrário, Dill—disse o Jem.—Os palhaços são tristes e as pessoas é que riem deles.

— Bem, então eu vou ser um novo tipo de palhaço. Vou ficar no meio da pista a rir das pessoas. Olhem pr' acolá—apontou.

— Toda a gente devia andar em cima de vassouras. A tia Rachel já faz isso.

Miss Stephanie e Miss Rachel acenavam-nos, com gestos largos e exuberantes, que em nada contradiziam o comentário do Dill.

— Oh não—suspirou o Jem.—Acho que parece mal fazer de conta que não os vimos.

Algo de grave tinha acontecido. Mr. Avery estava vermelho como um pimento devido a um ataque de espirros, e quase nos soprou para fora do passeio quando nos aproximámos. Miss Stephanie tremia de excitação e Miss Rachel agarrou o Dill pelo ombro.

— Vai já para o quintal e não saias de lá—ordenou.—O perigo espreita.

— Que se passa?—perguntei.

— Ainda não sabes? Toda a cidade comenta...

Naquele instante, a tia Alexandra apareceu à porta e chamou-nos, só que já era demasiado tarde. Miss Stephanie teve o prazer de nos contar tudo: naquela manhã, Mr.

Bob Ewell tinha feito parar o Atticus na esquina dos correios, cuspira na cara dele e jurara vingança, nem que isso demorasse a vida inteira.

— Só gostava que o Bob Ewell não mascasse tabaco—foi tudo o que o Atticus disse sobre o assunto.

No entanto, e segundo Miss Stephanie Crawford, o Atticus estava a sair dos correios quando Mr. Ewell se aproximou dele, insultou-o, cuspiu-lhe em cima e ameaçou matá-lo. Miss Stephanie (que, quando contou a história pela segunda vez, tinha lá estado e visto tudo... enquanto passava pelo Jitney Jungle, dizia ela)...

Miss Stephanie disse que o Atticus nem sequer tinha pestanejado, apenas pegou no lenço, limpou a cara e ficou ali, enquanto Mr. Ewell lhe chamava nomes que nada no mundo a faria repetir. Mr. Ewell já era veterano de uma qualquer guerra obscura; para além disso, a reacção pacífica do Atticus fê-lo perguntar «É demasiado orgulhoso p'ra lutar, ó seu amigo de pretos d'um raio?». Miss Stephanie disse que o Atticus respondeu «Não, sou é demasiado velho», meteu as mãos aos bolsos e afastou-se. Miss Stephanie disse que tínhamos de reconhecer que, quando queria, Atticus Finch sabia ser muito parco em palavras.

O Jem e eu não achamos lá muita piada ao sucedido.

— Afinal de contas—lembrei eu—ele foi o melhor atirador do condado. Ele bem que podia...

— Sabes bem que ele não anda armado, Scout. Nem sequer tem uma...—disse o Jem.

— Sabes bem qu' naquela noite na prisão ele não tinha uma arma com ele. E ele disse-me qu'andar armado era um convite p'ra levar um tiro.

— Mas isto é diferente—ripostei.—Podemos dizer-lhe para pedir uma emprestada.

Assim fizemos e a resposta dele foi «Que disparate».

Dill achava que funcionaria melhor se apelássemos ao seu bom-senso: pois se Mr. Ewell o matasse, nós morreríamos à fome e passaríamos a ser criados pela tia Alexandra.

E nós sabíamos perfeitamente que a primeira coisa que ela faria, antes mesmo de o Atticus ter tempo para arrefecer na cova, era despedir a Calpurnia.

O Jem disse que, se calhar, resultava melhor se eu chorasse e fingisse ter um ataque, por ser a mais nova e ser uma menina. Mas também não resultou.

Porém, quando finalmente se apercebeu que andávamos cabisbaixos pela vizinhança, não comíamos, nem nos interessávamos pelas actividades habituais, o Atticus descobriu que estávamos profundamente assustados. Uma noite meteu-se com o Jem acenando-lhe com uma revista de futebol nova, mas quando este a folheou e pôs de lado, perguntou:— O que é que te está a preocupar, filho?

O Jem foi direito ao assunto.

— Mr. Ewell.

— O que é que aconteceu?

— Não aconteceu nada. Temos medo por si e achamos que deve fazer alguma coisa em relação a ele.

O Atticus sorriu secamente.

— Fazer o quê? Aplicar-lhe uma medida de caução.

— Quando um homem diz qu' vai dar cabo de ti, parece estar disposto a isso.

— Ele estava disposto a isso quando o disse—justificou o Atticus.

— Jem, vê se consegues pôr-te no lugar de Bob Ewell. Naquele tribunal eu destruí o que restava da sua credibilidade, se é que ele ainda tinha alguma. O homem tinha de se vingar de alguma forma.

Este tipo de gente é mesmo assim. Se o facto de ter cuspidido na minha cara e me ter ameaçado de morte salvou Mayella de mais uma tarefa, então não me importo nada de repetir. Ele tinha de se vingar em alguém e prefiro que se vingue em mim do que naquelas crianças. Compreendes agora?

Jem acenou que sim com a cabeça.

A tia Alexandra entrou na sala quando o Atticus dizia:—Não temos nada a temer do Bob Ewell. Naquela manhã, ele já deitou tudo o que queria cá para fora.

— Eu não estaria tão certa disso, Atticus—disse ela.—Aquela gente é capaz de tudo para se vingar. Sei bem como são.

— O que é que o Ewell me poderia fazer, irmã?

— Algo furtivo—disse a tia Alexandra.—Podes contar com isso.

— Ninguém tem muitas hipóteses de ser furtivo em Maycomb—respondeu o Atticus.

Aquilo fez com que perdêssemos o medo. O Verão estava a terminar e decidimos aproveitá-lo ao máximo. O Atticus tinha assegurado que nada iria acontecer ao Tom Robinson até o tribunal superior rever o caso e que o Tom tinha boas hipóteses de ser libertado, ou, pelo menos, de ser novamente julgado. Ele estava no Campo de Trabalhos Forçados de Enfield, a cento e dez quilómetros dali, em Chester County. Perguntei ao Atticus se a mulher e os (filhos o podiam visitar, mas o Atticus disse que não.

— O que é que lhe vai acontecer—perguntei certa noite—se ele perder o recurso?

— Vai para a cadeira eléctrica—respondeu o Atticus—a menos que o Governador decida comutar a sua pena. Ainda não é altura para preocupações, Scout. Temos boas hipóteses.

O Jem estava esticado no sofá a ler a Popular Mechanics.

Levantou os olhos.

— Não é justo. Mesmo que fosse culpado, ele não matou ninguém.

Ele não tirou a vida a ninguém.

— Sabes bem que a violação é um crime capital no estado do , Alabama—disse o Atticus.

— Pois sei, sim senhor, mas o júri não era obrigado a condená- -lo à morte... podiam ter-lhe dado vinte anos, se quisessem.

— Dar-lhe—disse o Atticus.—Mas o Tom Robinson é um homem de cor, Jem. Não há um único júri nesta parte do mundo que fosse capaz de dizer «Achamos que é culpado, mas não muito» face a uma acusação destas. Ou era absolvição directa ou nada.

O Jem abanava a cabeça.

— Eu sei que não é justo, mas não consigo perceber o que está errado... se calhar a violação não devia ser um crime capital...

O Atticus pousou o jornal ao lado da sua cadeira. Depois disse que não tinha nada contra as penas previstas para o crime de violação, mas tinha sérias reservas quando a acusação pedia, ou o júri condenava, a pena de morte mediante provas meramente circunstanciais.

Em seguida olhou para mim, viu que eu estava a ouvir e traduziu tudo por miúdos.

— O que eu quero dizer é que, antes de um homem ser condenado à pena de morte, deveria haver uma ou duas testemunhas oculares. Existir alguém que possa dizer «Eu estava lá e vi-o premir o gatilho».

— Mas houve... houve muita gente enforcada só com base em provas circunstanciais —retorquiu o Jem.

— Eu sei e, provavelmente, muitos merecidamente... mas na falta de testemunhas oculares a dúvida persiste sempre, às vezes apenas a sombra de uma dúvida. A lei fala de «dúvida razoável», mas acho que o réu tem o direito à sombra de uma dúvida. Há sempre a possibilidade, por muito improvável que seja, de ele estar inocente.

— Então fica tudo nas mãos do júri. Se calhar devíamos era livrar-nos dos júris - teimava o Jem.

O Atticus tentou disfarçar o sorriso, mas não conseguiu.

— Estás a ser demasiado duro connosco, filho. Talvez haja uma forma melhor.

Mudar a lei. Mudá-la para que só os juízes possam fixar as penas em casos de crime capital.

— Então vá a Montgomery e mude a lei.

— Ficarias espantado se soubesses como isso é difícil. Eu sei que não vou viver o tempo suficiente para ver a lei mudar e mesmo que tu vivas o suficiente para ver isso, nessa altura já serás um homem velho.

Para Jem, aquele argumento não bastava.

— Não, senhor. Eles deviam livrar-se dos júris. Ele não era culpado e eles disseram que era.

— Filho, se tu, e mais outros onze rapazes como tu, fizessem parte daquele júri, o Tom seria um homem livre—disse o Atticus.

— Até agora, ao longo da tua vida, nada interferiu com o teu processo de raciocínio.

O júri que condenou o Tom era composto por doze homens razoáveis, mas viste que houve algo que se interpôs entre eles e a razão. E viste a mesma coisa naquela noite em frente à prisão. Quando eles foram embora, não foi por serem homens razoáveis, mas sim porque nós estávamos lá. No mundo em que vivemos existem coisas que fazem com que os homens percam a cabeça... por muito que tentassem, aquela gente jamais conseguiria ser justa. Nos tribunais, quando a palavra de um branco vai contra a palavra de um homem negro, a vitória pertence sempre ao branco. Não é bonito, mas a vida é mesmo assim.

— Isso não faz com que seja justo—afirmou o Jem, com firmeza.

Bateu devagar com o punho sobre o joelho.—Não se pode condenar um homem com provas destas... não se pode.

— Não se pode, mas eles puderam e fizeram. Quanto mais velho fores, melhor verás tudo isto. O único sítio onde um homem deve ser tratado de forma justa é dentro de um tribunal, seja ele de que cor for, mas os homens acabam sempre por levar os seus ressentimentos para as cadeiras do júri. À medida que fores crescendo, e durante todos os dias da tua vida, vais ver sempre homens brancos a enganar homens negros, mas deixa que te diga uma coisa que nunca mais vais esquecer... sempre que um homem branco fizer algo a um homem negro, independentemente da sua natureza, posição, riqueza ou linhagem familiar, esse homem branco nada mais é senão lixo.

O Atticus estava a falar tão baixo que aquela última palavra ressoou nos nossos ouvidos. Olhei para cima e o seu rosto transparecia veemência.

— Para mim não há nada mais repugnante do que um branco de quinta categoria a tirar partido da ignorância de um negro. E não se iludam... está tudo a avolumar-se e, um dia, ainda vamos pagar essa factura. Só espero que não seja enquanto forem crianças.

O Jem coçava a cabeça. De repente, arregalou os olhos.

— Atticus—disse.—Por que é que pessoas como nós e Miss Maudie nunca se sentam nas cadeiras do júri? Nunca se vê ninguém de Maycomb no júri... vêm todos lá dos bosques.

O Atticus recostou-se na sua cadeira de baloiço. Por alguma razão, ele parecia bastante satisfeito com o Jem.

— Estava mesmo a pensar quando é que te ias lembrar disso—comentou.—Há muitas razões. Primeiro, Miss Maudie não pode fazer parte de um júri porque é mulher...

— Quer dizer que as mulheres do Alabama não podem... ?—perguntei, indignada.

— É isso mesmo. Acho que é para proteger as nossas frágeis senhoras de casos sórdidos como o do Tom. Para além disso—e o Atticus sorriu—duvido que conseguíssemos levar o julgamento até ao fim... as mulheres passariam a vida a interromper-nos para colocar perguntas.

Rimos. Seria, de facto, impressionante ver Miss Maudie no júri.

Pensei na velha Mrs. Dubose, sentada na sua cadeira de rodas...

«Pára lá de martelar, John Taylor. Eu quero é fazer uma perguntinha a este homem».

Os nossos antepassados é que deviam ter razão.

O Atticus estava a dizer:

— Com pessoas como nós... essa é a nossa quota parte da factura.

Normalmente temos o júri que merecemos. Em primeiro lugar, os firmes e decididos cidadãos de Maycomb não estão interessados.

E em segundo lugar, têm medo. Depois, estão...

— Medo? Porquê?—perguntou o Jem.

— Bem, e se... digamos que Mr. Link Deas tinha de decidir o montante da indemnização a pagar a, digamos, Miss Maudie, quando esta foi atropelada pelo carro de Miss Rachel. O Link não iria gostar da ideia de perder qualquer uma das clientes da loja, pois não? Por isso, ele diz ao Juiz Taylor que não pode ser um dos jurados porque não tem ninguém para lhe tomar conta da loja na sua ausência. Vai daí o Juiz Taylor dispensa-o. E às vezes já o tem dispensado bem irritado.

— O qu'ó fez pensar qu'qualquer uma delas podia deixar de fazer negócio co'ele? - perguntei.

— Miss Rachel deixaria, quase de certeza, mas Miss Maudie não. Mas o voto de um jurado é secreto, Atticus.—Disse o Jem.

O nosso pai encolheu os ombros.

— Ainda tens muito caminho a percorrer, filho. Supostamente o voto é secreto. Mas fazer parte de um júri obriga um homem a pensar e decidir por si próprio acerca de alguma coisa. E os homens não gostam de fazer isso. Às vezes é desagradável.

— O júri do Tom decidiu bem rápido—murmurou o Jem.

Os dedos do Atticus procuraram o seu relógio de bolso.

— Não, não decidiu.—Disse ele, mais para si próprio do que para nós.—Foi isso que me fez pensar, bem, que este podia ser o início de qualquer coisa nova. Aquele júri demorou umas horas a decidir. Talvez tenha sido um veredicto inevitável, mas normalmente demora só uns minutos. E todo esse tempo...—parou e olhou para nós. - Bom, talvez gostassem de saber que houve um sujeito que se opôs consideravelmente... no início exigiu uma absolvição directa.

— Quem?—o Jem mostrava-se abismado.

Os olhos do Atticus brilharam.

— Eu não devia dizer isto, mas só vos digo uma coisa. Era um dos vossos amigos de Old Sarum...

— Um dos Cunninghams?—gritou o Jem.—Um dos... não reconheci nenhum deles... 'tás a brincar.

Olhou para o Atticus pelo canto do olho.

— Um dos seus parentes. Não o dispensei porque tinha um palpite.

Um palpite. Podia dispensá-lo, mas não o fiz.

— Deus meu—disse o Jem, com reverência.—Tão depressa o queriam matar como logo a seguir já estavam a tentar libertá-lo...

Por muito que viva, nunca vou entender aquela gente.

O Atticus disse que era preciso conhecê-los para os compreender.

Ele disse que os Cunninghams nunca tinham tirado nem recebido nada de ninguém desde que tinham imigrado para o Novo Mundo. Também disse que, uma vez conquistado o seu respeito lutariam por nós com unhas e dentes. O Atticus confessou que tinha um pressentimento, não mais que uma suspeita, que, quando saíram da prisão naquela noite, tinham ganho um respeito considerável pelos Finchs. Para além disso, disse ele, era preciso juntar um raio, um trovão e mais outro Cunningham para os fazer mudar de ideias.

— Se ao menos tivéssemos dois deles no meio do júri, tínhamos conseguido bloquear a decisão dos jurados.

O Jem disse lentamente:

— Quer dizer que incluíste propositadamente no júri um homem que te tinha tentado matar na noite anterior? Como pudeste correr esse risco, Atticus? Como?

— Quando analisei a opção, o risco era pequeno. Não há muita diferença entre um homem que sabe que vai condenar e outro homem que também sabe que vai condenar, pois não? Mas há uma pequena diferença entre um homem que sabe que vai condenar e outro homem que está um pouco confuso, não há? Ele era a minha única incerteza na lista toda.

— Que parentesco tinha esse homem com Mr. Walter Cunningham?—perguntei.

O Atticus levantou-se, espreguiçou-se e bocejou. Ainda não estava na hora de irmos para a cama, mas sabíamos que ele queria uma oportunidade para ler o seu jornal.

Pegou nele, dobrou-o e deu-me uma palmadinha na cabeça.

— Deixa-me cá ver—murmurou para si mesmo.—Já sei. Duas vezes primo em primeiro grau.

— E como é qu'isso pode ser?

— Duas irmãs casaram com dois irmãos. E não vos conto mais, nada... descubram vocês o resto.

Torturei-me a pensar e decidi que se eu casasse com o Jem e o Dill tivesse uma irmã e casasse com ela, os nossos filhos seriam duas vezes primos em primeiro grau.

— Livra, Jem—disse, quando o Atticus saiu—que gente mais estranha. Ouviu isto, tia?

A tia Alexandra estava a bordar um tapete. Embora não estivesse de olho em nós, sempre lhe chegava alguma coisa ao ouvido.

Estava sentada na sua cadeira, com o cesto de trabalho ao lado e o tapete no colo.

Nunca consegui perceber muito bem por que é que as senhoras bordavam tapetes de lã em noites tão quentes.

— Ouvi—respondeu ela.

Lembrei-me daquela ocasião, distante e desastrosa, quando corri em defesa do jovem Walter Cunningham. Agora estava feliz por tê-lo feito.

— Assim que começar a escola, vou convidar o Walter para vir almoçar cá a casa - planeei, esquecendo a minha resolução privada de o encher de pancada da próxima vez que o visse.

— Já agora também pode ficar às vezes cá em casa depois da escola. O Atticus podia levá-lo até Old Sarum de carro. Se calhar até podia cá dormir de vez em quando, não achas, Jem?

— A ver vamos—disse a tia Alexandra, uma declaração que, vindo dela, soava sempre a ameaça e nunca a uma promessa. Surpreendida, virei-me para ela.

— Mas por que não, tia? Eles são boa gente.

Ela olhou para mim por cima dos seus óculos de costura.

— Jean Louise, não tenho dúvidas de que são boa gente. Mas eles não são o nosso género de pessoas.

— Ela quer dizer que são uns rústicos, Scout.

— O que é um rústico? ;

— Oh, campónios. Gostam de tocar rabecas e coisas assim.

— Eu também...

— Não sejas tonta, Jean Louise—disse a tia Alexandra.—Podíamos esfregar o Walter Cunningham até pô-lo a brilhar, meter-lhe uns sapatos e um fato novo, mas ele nunca seria como o Jem. Para além disso, aquela família tem uma longa história de bebida. As meninas Finch não se interessam por aquele tipo de gente.

— Tia—disse o Jem -, ela ainda nem tem nove anos.

— Mais vale aprender enquanto é tempo.

A tia Alexandra tinha dito de sua justiça. De repente, recordei-me da última vez em que ela bateu o pé no chão. Nunca soube porquê.

Foi numa altura em que eu estava absorvida nos meus planos para visitar a casa da Calpurnia... estava bastante curiosa, interessada; queria ser sua «convidada», ver como vivia e quem eram os seus amigos. Era como se eu quisesse ver o outro lado da Lua. Desta vez a táctica fora diferente, mas o objectivo da tia Alexandra era o mesmo. Se calhar tinha sido por isso que ela tinha vindo viver connosco... para nos ajudar a escolher os amigos. Estava decidida a impedi-la custasse o que custasse.

— Mas se eles são boas pessoas, por que é que não posso ser simpática para o Walter?

— Eu não disse para não seres simpática para ele. Deves ser simpática e educada com

ele. Deves ser gentil com toda a gente, querida. Mas não tens de o convidar cá para casa.

- E se ele fosse nosso parente, tia?
- O facto é que ele não é nosso parente, mas se fosse, a minha resposta era a mesma.
- Tia—começou o Jem -, o Atticus diz qu'a gente pode escolher os nossos amigos, mas qu' não pode escolher a nossa família.

E que depois continuam a ser nossos parentes quer queiramos quer não, e qu' depois parecemos todos uns tolos se não os aceitarmos.

- É mesmo típico do teu pai—disse a tia Alexandra—mas continuo a dizer que a Jean Louise não pode convidar o Walter Cunningham para dentro desta casa. Mesmo que ele fosse duas vezes primo em primeiro grau, há muito afastado do seio da família, continuava a não ser recebido nesta casa, a menos que viesse tratar de assuntos profissionais com o Atticus. E o assunto está encerrado.

Ela já tinha dito que não, mas desta vez teria de explicar os motivos.

- Mas eu quero brincar com o Walter, tia. Por que é que não posso?

Ela tirou os óculos e olhou fixamente para mim.

- Sabes porquê, sabes? Porque... ele... é... lixo, e é por isso que não podes brincar com ele. Não quero que andes com ele. Ainda apanhas os seus hábitos e sabe Deus que mais. Já dás demasiadas dores de cabeça ao teu pai.

Não sei o que me passou pela cabeça, mas o Jem impediu-me de agir. Agarrou-me pelos ombros, abraçou-me e levou-me até ao quarto, a soluçar furiosamente. O Atticus ouviu-nos e meteu a cabeça por entre a porta.

- Está tudo bem, pai—disse o Jem em voz baixa.—Não é nada.

O Atticus foi-se embora.

- Toma um caramelo, Scout—Jem mexeu no bolso e tirou um Tootsie Roll. Demorei uns minutos a dar uma forma confortável ao caramelo.

O Jem estava a arrumar umas coisas na cómoda. O cabelo dele estava todo espetado na nuca e caía sobre a testa. Será que algum dia iria parecer-se com um homem? Se rapasse o cabelo, este talvez voltasse a crescer em condições. As sobrancelhas estavam a ficar mais grossas e reparei que o seu corpo estava a ficar mais elegante.

Além disso, estava a ficar mais alto.

Quando olhou para mim, deve ter pensado que eu ia voltar a chorar, pois disse:—Vou mostrar-te uma coisa se prometeres não contar a ninguém.

- O quê?—perguntei Desabotoou a camisa, sorrindo envergonhado.

- Então?—voltei a perguntar.

- Então, não consegues ver?

- Não.

- Bem, é pêlo.

- Aonde?—Aqui. Aqui mesmo. , Uma vez que ele me tinha apoiado tanto, disse que

era muito giro, embora não tivesse visto nada.

— Que fixe, Jem.

— Também tenho debaixo dos braços — prosseguiu. — P'ró ano vou p'ró futebol.

Scout, não deixes qu'a tia t'enerve.

Parecia que tinha sido ontem que ele me dissera para não enervar a tia.

— Sabes que ela não está habituada a raparigas — explicou o Jem — muito menos a raparigas como tu. Ela está a tentar fazer de ti uma senhora. Não podes aprender a bordar ou coisa assim?

— Nem pensar. Ela não gosta de mim. É tão simples quanto isso e eu não me importo mesmo nada. Só fiquei assim p'que ela chamou lixo ao Walter Cunningham, Jem. Não foi por ter dito qu' eu só dava dores de cabeça ao Atticus. Já esclareci isso tudo co' ele e ele disse qu' não, qu' eu até não lhe dou grandes dores de cabeça.

Melhor dizendo, que eu era uma dor de cabeça qu' ele conseguia resolver e depois disse p'ra eu não me preocupar mais co' isso. Na, foi pelo Walter... aquele miúdo não é lixo, Jem. Ele não é como os Ewells.

O Jem descalçou os sapatos e começou a balançar os pés em cima da cama.

Encostou-se à almofada e ligou a luz de leitura.

— Sabes que mais, Scout? Eu agora percebi tudo. Tenho pensado muito nisso e já percebi tudo. No mundo há quatro tipos de pessoas. Há o tipo de pessoas normais como nós e os nossos vizinhos, o tipo de pessoas dos bosques, como os Cunninghams, o tipo de pessoas que vivem em lixeiras, como os Ewells e os negros.

— Então e os chineses e os índios Cajun, p'ra acolá em Baldwin County?

— Em Maycomb, quero eu dizer. O que acontece é que as pessoas como nós não gostam dos Cunninghams, os Cunninghams não gostam dos Ewells e os Ewells odeiam e desprezam as pessoas de cor.

Disse ao Jem que, se era assim, então por que é que o júri do Tom, constituído por pessoas como os Cunninghams, não tinha absolvido o Tom em vez dos Ewells?

O Jem repeliu a minha pergunta como se fosse uma infantilidade.

— Sabes — disse ele -, já vi o Atticus a bater o pé ao som de violino na rádio e, mais do que qualquer homem que conheço, ele também gosta do seu licorzinho caseiro...

— E isso faz com qu'a gente seja igual aos Cunninghams disse eu. — 'Tão não percebo por que é que a tia...

— Não, deixa-m' acabar... e faz, mas, de alguma maneira, continuamos a ser diferentes. O Atticus disse-me uma vez que o motivo pelo qual a tia tem tanto orgulho na família é porque tudo o que temos é nome e antecedentes, só que não temos um tostão.

— Bem, Jem, eu não sei... O Atticus disse-me uma vez que esta história de família antiga era uma parvoíce pegada porque a família de todos é tão velha como a de qualquer um. Eu perguntei se isso incluía os negros e os ingleses e ele disse que sim.

— Nome e antecedentes não significa ter uma família antiga—contrapôs o Jem.
- Acho qu' quer dizer há quanto tempo é qu'a família sabe ler e escrever. Scout, pensei muito nisto e esta é a única razão que encontrei. Algures no passado, quando os Finchs estavam no Egipto, um deles deve ter aprendido um hieróglifo ou dois e ensinou-os ao seu filho—o Jem desatou a rir.—Imagina tu, a tia toda orgulhosa do seu tetravô saber ler e escrever... as senhoras escolhem cá umas coisas engraçadas p'ra se orgulharem.

— Bem, fico feliz por ele saber, ou quem quer que tenha ensinado o Atticus a ler.

Abem dizer, se o Atticus não soubesse ler, então é que estávamos metidos numa grande alhada. Acho que os antecedentes não são isso, Jem.

— Então como é que explicas o facto de os Cunningham serem diferentes? Mr.

Walter mal sabe assinar o nome. Isso já eu vi. Nós sabemos ler e escrever há mais tempo do que eles.

— Não, todos temos d' aprender, ninguém nasce ensinado. Aquele Walter é bem esperto, reprova é muitas vezes p'rque tem de ficar em casa a ajudar o pai. Não há nada de errado com ele. Na, Jem.

Acho que só há um tipo de pessoas. Pessoas.

O Jem virou-se e bateu na almofada. Quando se recostou apresentava uma expressão sombria. Tinha entrado numa das suas depressões habituais e eu pus-me logo alerta. Uniu as sobrancelhas e a boca tornou-se numa linha fina. Durante algum tempo manteve-se em silêncio.

— Eu também pensava assim—disse, por fim—quando tinha a tua idade. Se só existe um tipo de pessoas, por que é que não se dão bem? E se todos somos iguais, por que é que se esforçam tanto para se odiarem mutuamente? Scout, acho que estou a começar a perceber uma coisa. Estou a começar a perceber por que é que o Boo Radley se manteve fechado naquela casa durante todo este tempo... é porque ele quer estar lá dentro.

A Calpurnia vestia o seu avental mais engomado. Levava uma bandeja com uma charlotte. Recuou com as costas voltadas para a porta basculante e empurrou-a ligeiramente. Sempre admirei a graça e a facilidade com que carregava grandes quantidades de doces. Acho que a tia Alexandra também admirava essa sua qualidade, pois tinha-a deixado servir hoje.

Agosto estava a acabar e Setembro estava à porta. Amanhã o Dill estaria de regresso a Meridian; hoje tinha ido com o Jem até Barker's Eddy. O Jem tinha descoberto, com um misto de espanto e fúria, que nunca ninguém se tinha dado ao trabalho de ensinar o Dill a nadar, um conhecimento que, para o Jem, era tão importante como andar. Tinham passado duas tardes no riacho, dizendo que iam tomar banho nus, por isso eu não podia ir. Restava-me dividir as minhas horas de solidão entre a Calpurnia e Miss Maudie.

Hoje a tia Alexandra e o seu círculo de caridade andavam numa roda viva a espalhar a boa nova e o espírito missionário por toda a casa. Da cozinha, ouvia Mrs. Grace Merriweather relatando, na sala, as precárias condições de vida dos Mrunas, segundo me foi dado entender. Quando chegava aquela altura tão especial, fosse lá o que isso fosse, metiam as mulheres em cabanas; não tinham nenhum sentido de família... (eu já sabia que isto ia enervar a tia)... sujeitavam as crianças a provações terríveis, mal atingiam os treze anos; rastejavam como minhocas, mastigavam cascas de árvore e depois cuspiam-nas para dentro da panela comunitária, embebedando-se com aquela mistela.

Imediatamente depois, as senhoras suspenderam os trabalhos para tomar um refresco.

Não sabia se devia ir para a sala ou manter-me afastada. A tia Alexandra disse para me juntar a elas e tomar um refresco; não era necessário que eu assistisse às sessões de trabalho, pois só me iria aborrecer. Envergava o meu vestido de domingo, cor-de-rosa, sapatos e corpete e pensei que se entornasse alguma coisa em cima do vestido, a Calpurnia tinha de o lavar outra vez para o vestir amanhã.

Tinha sido um dia muito ocupado para ela. Por isso, decidi ficar de fora.

— Posso ajudar-te, Cal? — perguntei, desejando poder ser útil.

A Calpurnia parou na soleira da porta.

— Esteja mas é quietinha aí nesse canto — respondeu — e depois pode ajudar-me a encher as bandejas quando eu voltar.

O suave zumbido das vozes das senhoras aumentou de volume mal ela abriu a porta.

— Bem, Alexandra, nunca vi uma charlotte assim... uma verdadeira delícia... nunca consigo que a crosta fique assim, nunca... ora, e quem se iria lembrar de fazer pequenas tartes de amora...

Calpurnia?... quem diria... já lhe contaram que a mulher do pastor... ai não, pois está e

o outro que ainda nem sequer anda, imaginem...

Fez-se silêncio e eu percebi que todas tinham sido servidas.

A Calpurnia voltou e colocou numa bandeja a cafeteira pesada de prata que pertencera à minha mãe.

— Esta cafeteira é uma preciosidade — murmurou ela. — Já não se faz nada disto.

— Posso levá-la?

— Só s'a menina tiver cuidado e não a deixa' cair. Pouse-a na ponta da mesa, ao lado de Miss Alexandra. 'Ó pé das chávenas e assim. Ela depois serve.

Tentei abrir a porta com o traseiro, tal como a Calpurnia fazia, mas a porta nem sequer se mexeu. Sorrindo, lá me abriu a porta.

— Tenha cuidado, qu'esta pesada. Não olhe p'ra ela, qu'a entorna.

A minha jornada foi coroada de êxito: o sorriso da tia Alexandra resplandecia de satisfação.

— Fica aqui connosco, Jean Louise — pediu-me. Aquilo fazia parte da sua tarefa de me transformar numa senhora.

Era costume a anfitriã do círculo convidar as vizinhas para um refresco, fossem elas Anabaptistas ou Presbiterianas, o que explicava a presença de Miss Rachel (sóbria como um juiz), Miss Maudie e Miss Stephanie Crawford. Bastante nervosa, sentei-me ao lado de Miss Maudie e perguntei-me por que é que as senhoras punham chapéu só para atravessar a rua. Quando as senhoras se juntavam assim, em grupos, sentia-me sempre vagamente apreensiva e um desejo de estar noutro sítio, uma sensação que era apelidada pela tia Alexandra como de uma «menina mimada».

As senhoras estavam bastante frescas, com uns vestidos muito leves em tom pastel: a maior parte delas tinha posto bastante pó-de-arroz, mas nada de rouge; o único batom que se via era Tangee Natural. Nas unhas brilhava o Cutex Natural, mas algumas senhoras mais novas usavam cor-de-rosa. Cheiravam divinamente. Deixei-me ficar sentada em silêncio, voltando a assumir o controlo das minhas mãos, bem agarradas aos braços da cadeira, à espera que alguém falasse comigo.

O ouro da dentadura de Miss Maudie reluzia.

— Está muito bem vestida, Miss Jean Louise — disse ela. — Mas onde é que estão as tuas calças?

— Debaixo do vestido.

Confesso que não era minha intenção ser engraçada, mas a verdade é que as senhoras riram. Comecei, então, a sentir um calor intenso na face quando, finalmente, me apercebi do meu erro. Só Miss Maudie olhava para mim com gravidade. Ela nunca se ria das minhas piadas, a menos que o comentário fosse para ter graça.

No silêncio súbito que se formou, Miss Stephanie Crawford perguntou, do outro lado da sala: — Qu' queres ser quando fores grande, Jean Louise? Advogada?

— Na, ainda não pensei nisso...— respondi eu, agradecida por Miss Stephanie ter mudado gentilmente de assunto. Comecei então a escolher rapidamente a minha vocação. Enfermeira? Aviadora?

— Bem...

— Ora, ora, e eu que pensava que querias ser advogada. Até já começaste a ir ao tribunal.

As senhoras voltaram a rir.

— Esta Stephanie sempre nos saiu uma brincalhona—disse alguém. Miss Stephanie acabou por ser encorajada a prosseguir.

— Não queres ser advogada?

A mão de Miss Maudie agarrou a minha e eu respondi com bons modos:—Na, só quero ser uma senhora.

Miss Stephanie olhou-me, algo desconfiada, achou que eu não estava a tentar ser impertinente e contentou-se com um:—Bem, não vais muito longe se não usares vestidos mais vezes.

A mão de Miss Maudie apertou a minha e eu não respondi.

O calor da sua mão era mais que suficiente.

Mrs. Grace Merriweather estava sentada à minha esquerda e achei que seria de bom-tom falar com ela. Ao que parece, Mr. Merriweather, um Metodista inveterado à força, não via nada de errado em cantar «Ó misericordiosa graça como é doce o som que salvou a minha pobre desdita» (*). Era opinião geral, em Maycomb, que Mrs. Merriweather o tinha feito deixar a bebida, tornando-o um cidadão respeitável.

Mrs. Merriweather era, com toda a certeza, a senhora mais devota de Maycomb.

Procurei um tópico do interesse dela.

— O que é que estiveram a estudar, esta tarde?—perguntei.

— Oh, minha filha, aqueles pobres Mrunas—disse ela e pronto, tinha mordido o isco. Não foram necessárias muito mais perguntas.

Os grandes olhos castanhos de Mrs. Merriweather enchiam-se de lágrimas sempre que falava nos oprimidos.

— Vivem naquela selva sem mais ninguém excepto J. Grimes Everett—disse ela. - Não há branco que se aproxime deles à excepção daquele santo J. Grimes Everett.

Mrs. Merriweather tocava a sua voz como um órgão; cada palavra que dizia tinha o seu verdadeiro peso:—A pobreza... as trevas... a imoralidade... só J. Grimes Everett sabe o que isso é.

Sabes, quando a igreja me confiou a missão de ir até ao acampamento deles, J. Grimes Everett disse-me...

— Mas ele não estava lá, s'nhora? Pensei...

— Estava de licença. J. Grimes Everett disse-me «Mrs. Merriweather, não faz ideia, não

faz a mínima ideia com o que estamos a lutar aqui». Foi isso que ele me disse.

— Sim, s'nhora.

— E eu respondi-lhe «Mr. Everett, as senhoras da Igreja Metodista Episcopal do Alabama do Sul, Maycomb, apoiam-no a cem por cento». Foi isto que lhe disse. E foi ali, ali mesmo, que eu fiz um juramento solene. Disse para mim mesma, quando voltar a casa, vou dar um curso sobre os Mrunas e levar a mensagem de J. Grimes Everett a Maycomb e é isso que estou a fazer.

— Sim, s'nhora.

Mrs. Merriweather abanou a cabeça e os seus cachos pretos agitaram-se.

— Jean Louise—retomou—és uma rapariga afortunada. Vives num lar cristão, de pessoas cristãs e numa terra cristã. Lá na terra de J. Grimes Everett não há nada para além de pecado e corrupção.

— Sim, s'nhora.

— Pecado e corrupção... o que disseste, Gertrude?—Mrs. Merriweather voltou-se para a senhora que estava sentada ao seu lado.

— Ah, isso. Bem, eu cá digo sempre, perdoar e esquecer, perdoar e esquecer. O que a igreja devia fazer era ajudar essas crianças a viver uma vida cristã. Os homens deviam ir até lá e dizer àquele pastor que a devia ajudar.

— Desculpe, Mrs. Merriweather—interrompi—está a falar da Mayella Ewell?

— May...? Não, filha. A mulher daquele preto. A mulher do Tom, Tom...

— Robinson, s'nhora.

Mrs. Merriweather virou-me outra vez as costas.

— Eu cá acredito numa coisa, Gertrude—continuou ela -, mas as pessoas não vêm isso da mesma maneira que eu. Se ao menos os fizéssemos ver que lhes perdoamos, que esquecemos tudo, então tudo estaria terminado.

— Ah... Mrs. Merriweather—interrompi outra vez—o que é que estaria terminado?

Ela voltou-se de novo para mim. Mrs. Merriweather era um daqueles adultos sem filhos que achava necessário usar um tom de voz diferente para falar com as crianças.

— Nada, Jean Louise—disse ela, muito pausadamente—as cozinheiras e os trabalhadores rurais estavam descontentes, mas já estão a acalmar-se... resmungaram todo o dia que se seguiu ao julgamento.

Mrs. Merriweather virou-se para Mrs. Farrow:—Gertrude, digo-te que não há nada mais enervante do que um preto temperamental e amuado. Falam e protestam pelos cotovelos.

Ficamos logo com o dia todo estragado quando temos um deles na cozinha. Tu sabes o que é que eu disse à minha Sophy, Gertrude?

Eu disse «Sophy, tu hoje não estás a ser uma boa cristã. Jesus Cristo nunca andou para aí a resmungar e a queixar-se» e sabes que mais, fez-lhe bem. Ela levantou os olhos do

chão e disse «Na, Miz Merriweather, Jesus nu'ca 'ndou p'rai a resmungar». E digo-te, Gertrude, não devemos perder uma oportunidade de sermos testemunhas do Senhor.

Recordei o pequeno órgão antigo que existia na capela da Plantação Finch.

Quando era pequenina, e se me tinha portado bem durante o dia, o Atticus deixava-me tocar nos pedais, enquanto ele tocava uma música, só com um dedo. A última nota ficava a pairar durante o tempo em que houvesse ar dentro dos tubos. Mrs.

Merriweather ficara sem ar, pensei eu, e estava obviamente a reabastecer-se quando Mrs. Farrow se preparou para tomar a palavra.

Mrs. Farrow era uma mulher com uma constituição esplêndida, olhos pálidos e pés estreitos. Tinha feito uma permanente há pouco tempo e o seu cabelo era uma massa de caracóis cinzentos. Era a segunda senhora mais devota de Maycomb. Tinha o hábito curioso de começar tudo o que dizia com um suave som sibilante.

— Sss Grace—disse ela—era como eu estava a dizer ao Irmão Hutson um dia destes.

«Sss Irmão Hutson» dizia eu, «parece que estamos a lutar por uma causa perdida, uma causa perdida». Eu disse «Sss até parece que nem se importam. Podemos tentar educá-

los até ficarmos roxos, podemos tentar fazer deles bons cristãos até cairmos redondos, mas digo-lhe, nas noites que correm, não há uma senhora que esteja segura na sua cama». E vai daí ele disse-me «Mrs. Farrow, assim não sei aonde vamos parar». Sss e eu disse-lhe que ele tinha toda a razão.

Mrs. Merriweather acenou sabiamente com a cabeça. A sua voz sobrepôs-se ao tilintar das chávenas de café e ao ruído bovino que saía da boca das senhoras, enquanto deglutiam aquelas iguarias.

— Gertrude—prosseguiu—há pessoas boas nesta cidade, só que tresmalhadas. Boas, mas tresmalhadas. Quero dizer, há pessoas nesta terra que acham que estão a fazer o que é certo. Longe de mim dizer quem são. Algumas delas achavam que estavam a fazer o bem, mas tudo que fizeram foi atear as coisas. Foi o que conseguiram fazer. Na altura, se calhar podia parecer a coisa mais acertada a fazer, isso eu não sei, que não li nada sobre esse assunto, mas tão mal-encarados... descontentes... Digo-vos que se a minha Sophy continuasse mais um dia naquilo, eu tinha-a mandado embora.

Aquela cabeça oca nunca percebeu que eu só a conservo porque vivemos tempos difíceis com esta depressão e porque ela precisa daquele dólar e vinte e cinco cêntimos que recebe todas as semanas.

— Quando se é pobre e mal agradecido, cuspir no prato não custa nada, pois não?

A autora do comentário tinha sido Miss Maudie. Viam-se duas pregas bem vincadas ao canto da boca. Ela continuava sentada ao meu lado, com a chávena do café equilibrada em cima do joelho.

Há muito que eu já tinha perdido o fio da conversa, quando deixaram de falar sobre a

mulher do Tom Robinson, e estava agora entretida a pensar na Plantação Finch e no rio. Mais uma vez a tia Alexandra tinha percebido tudo ao contrário: a parte dos trabalhos da reunião era de fazer gelar o sangue, mas a hora do social, então, era lúgubre.

— Maudie, não percebo o que queres dizer — disse Mrs. Merriweather.

— Tenho a certeza que percebeste — ripostou Miss Maudie.

E não disse mais nada. Quando Miss Maudie estava zangada a sua brevidade era gélida. Alguma coisa a tinha deixado furiosa e os seus olhos cinzentos eram tão frios como a sua voz. Mrs.

Merriweather corou, olhou para mim e depois afastou o olhar. Não conseguia ver o rosto de Mrs. Farrow.

A tia Alexandra levantou-se da mesa e, rapidamente, começou a servir mais refrescos, conversando amigavelmente com Mrs. Merriweather e Mrs. Farrow. Quando elas já estavam bem lançadas na conversa com Mrs. Perkins, a tia Alexandra afastou-se.

Encarou Miss Maudie com um olhar de pura gratidão e pus-me a meditar sobre o mundo das mulheres. Miss Maudie e a tia Alexandra nunca tinham sido muito próximas, mas agora a tia Alexandra estava a agradecer-lhe silenciosamente por algo.

Não sabia era o quê. Fiquei contente por saber que a tia Alexandra sabia agradecer pelo auxílio prestado. Disso não tinha a menor dúvida. Em breve teria de entrar naquele mundo onde, à superfície, as senhoras perfumadas se baloiçavam lentamente, se abanavam gentilmente e bebiam água fresca.

Mas, de facto, sentia-me bem mais à vontade no mundo do meu pai. As pessoas como Mr. Heck Tate não nos estendiam armadilhas, por trás de perguntas inocentes, só para fazerem pouco de nós, e nem o Jem era assim tão crítico, a não ser que eu dissesse algo de muito estúpido. As senhoras pareciam viver a vida com um certo horror dos homens, como se não tivessem a mínima vontade em aprovar os seus actos. Mas eu gostava deles. Havia algo de especial neles, excluindo a sua linguagem, a bebida, o jogo e o mascar de tabaco; embora fossem um pouco desagradáveis, havia algo neles que eu instintivamente apreciava... eles não eram...

— Hipócritas, Mrs. Perkins, hipócritas natos — dizia Mrs. Merriweather. — Ao menos aqui não temos de carregar esse pecado às costas. As pessoas lá do Norte deram-lhes a liberdade, mas a verdade é qu' não os vemos comer à mesa com eles. Ao menos nós não temos o descaramento de dizer, como eles, lá em cima, «sim, vocês são iguais a nós, mas o melhor é manterem-se afastados de nós». Nós aqui em baixo limitamo-nos a dizer «vivam as vossas vidas que nós vivemos as nossas». Acho que aquela mulher... aquela Mrs. Roosevelt perdeu a cabeça... perdeu completamente a cabeça quando veio para Birmingham e tentou sentar-se à mesa com eles. Se eu fosse o Mayor de Birmingham eu... Bem, nenhuma de nós era o Mayor de Birmingham, mas só sei que naquele momento desejei ser o governador do Alabama por um dia: libertava o Tom Robinson tão

depressa que a Sociedade Missionária não ia ter tempo para perceber o que tinha acontecido.

Ainda no outro dia a Calpurnia contava à cozinheira de Miss Rachel que o Tom estava a suportar muito mal a situação e não parou de falar quando eu entrei na cozinha.

Ela disse que não havia nada que o Atticus pudesse fazer para tornar mais fácil a prisão do Tom e que a última coisa que lhe disse antes de o levarem para os campos de trabalho foi «Adeus, Mr. Finch, não há nada que possa fazer por mim, por isso não vale a pena tentar». A Calpurnia contou que o Atticus lhe tinha dito que, no dia em que levaram o Tom para a prisão, ele tinha perdido a esperança. Ela disse que o Atticus tinha tentado explicar-lhe as coisas, e que ele não devia perder a esperança, pois o Atticus estava a fazer tudo para o libertar. A cozinheira de Miss Rachel perguntou à Calpurnia por que é que Atticus não lhe tinha dito que sim, que ele ia ser libertado, sem estar com grandes explicações... porque isso seria um grande conforto para o Tom. A Calpurnia então respondeu «Porque tu não conheces a lei.

A primeira coisa que aprendes quando vais trabalhar para uma família de homens da lei, é que não há respostas concretas e definitivas para nada. Mr. Finch não podia dizer uma coisa sem ter a certeza absoluta que tal iria acontecer.» A porta da frente bateu e ouvi os passos do Atticus no átrio.

Automaticamente pensei que horas seriam. Ainda era cedo para ele chegar a casa e nos dias da Sociedade Missionária era hábito ele ficar na cidade até escurecer completamente.

Parou à entrada da porta. Tinha o chapéu na mão e o rosto estava pálido.

— Perdoem-me, minhas senhoras—disse ele.—Continuem com a vossa reunião, não deixem que a minha presença vos perturbe.

Alexandra, podes acompanhar-me à cozinha, por um minuto? Quero pedir-te a Calpurnia emprestada, por algum tempo.

Em vez de atravessar a sala de jantar, atravessou o corredor das traseiras e entrou na cozinha pela porta de trás. Eu e a tia Alexandra fomos ter com ele. A porta da sala voltou a abrir-se e Miss Maudie juntou-se a nós. A Calpurnia estava a levantar-se da cadeira.

— Cal—disse o Atticus -, quero que vás comigo até à casa da Helen Robinson...

— O que aconteceu?—perguntou a tia Alexandra, alarmada pela expressão do meu pai.

— O Tom morreu.

A tia Alexandra levou as mãos à boca.

— Mataram-no a tiro—explicou o Atticus.—Ele ia a fugir. Foi durante o período de exercício. Eles disseram que ele se lançou numa corrida desesperada para a vedação e que começou a trepá-la.

Mesmo à frente deles...

— E eles não o tentaram deter? Não deram tiros de aviso? a voz da tia Alexandra estremeceu.

— Oh sim, acho que os guardas lhe disseram para parar. Deram alguns tiros para o ar e depois atiraram a matar. Eles apanharam-no quando ele se preparava para saltar a vedação. Disseram que se ele tivesse dois braços bons teria conseguido fugir. Acho que ele foi muito rápido. Dezassete buracos de balas. Não era preciso disparar tanto. Cal, quero que venhas comigo e me ajudes a contar a Helen.

— Sim, senhor—murmurou ela, atarantada com o avental. Miss Maudie foi ter com a Calpurnia e ajudou-a a desfazer o nó.

— Esta foi a última gota de água, Atticus—disse a tia Alexandra.

— Depende da perspectiva—disse ele.—O que é um negro a mais ou a menos no meio de duzentos? Para eles, ele não era o Tom, era apenas um fugitivo.

O Atticus encostou-se ao frigorífico, empurrou os óculos para cima e começou a esfregar os olhos.

— E nós que tínhamos uma hipótese tão boa—lamentou-se.

— Eu disse-lhe isso, mas não lhe podia dizer, de consciência tranquila, que tínhamos mais do que uma boa hipótese. Acho que o Tom estava farto das hipóteses dos homens brancos e preferiu arriscar.

Estás pronta, Cal?

— 'Tou sim, Mr. Finch.

— Então, vamos embora.

A tia Alexandra sentou-se na cadeira da Calpurnia e cobriu o rosto com as mãos.

Ficou muito quieta; estava tão quieta que eu pensei que fosse desmaiar. Ouvi a respiração pesada de Miss Maudie, como se tivesse acabado de subir um lanço de escadas, e a conversa animada das senhoras, na sala.

Pensei que a tia Alexandra estava a chorar, mas, quando afastou as mãos do rosto, vi que não estava. Ela tinha era uma expressão cansada. Começou a falar e, na sua voz, mostrava-se calma.

— Não posso dizer que aprovo tudo o que ele faz, Maudie, mas ele é meu irmão e só queria saber quando é que isto vai acabar a sua voz aumentou de tom.—É que isto está a despedaçá-lo. Ele não é o tipo de pessoa que o demonstra, mas isto está a despedaçá-lo. Eu bem vi quando... que mais é que eles querem dele, Maudie? Que mais?

— Quem, Alexandra?—perguntou Miss Maudie.

— Refiro-me a esta cidade. Estão todos dispostos a deixá-lo fazer aquilo que toda a gente tem medo de fazer por si própria... não fossem perder o seu rico dinheiro. Está toda a gente disposta a deixá-lo arruinar a sua saúde por aquilo que eles próprios têm medo de fazer, todos...

— Calma, elas ainda te ouvem—disse Miss Maudie.—Encara as coisas desta forma,

Alexandra. Quer Maycomb saiba ou não, estamos todos a prestar-lhe a maior homenagem que podemos prestar a um homem. Nós confiamos nele para fazer o que está certo. É tão simples quanto isso.

— Quem?—a tia Alexandra nem sequer se apercebeu que repetia a pergunta do seu sobrinho de doze anos.

— O punhado de gente desta cidade que acha que justiça não é só uma prerrogativa dos brancos; aquele punhado de gente que acha que um julgamento justo deve ser para todos; aquele punhado de gente que tem humildade suficiente para pensar, quando olha para um negro, «Aquele poderia ser eu, se não fosse a bondade do Senhor»—de repente, a velha cristação de Miss Maudie estava a reaparecer.—Aquele punhado de pessoas desta cidade que tem uma família com um nome para zelar. Esses são o teu «quem».

Se eu tivesse estado atenta, teria mais uma achega a acrescentar à definição de nome e antecedentes do Jem, mas dei por mim a tremer sem parar. Já tinha estado no Campo de Trabalhos Forçados de Enfield e o Atticus tinha-me mostrado o pátio de exercícios. Era do tamanho de um campo de futebol.

— Pára de tremer—ordenou Miss Maudie e eu parei.—Levanta-te, Alexandra, deixámo-las sós demasiado tempo.

A tia Alexandra levantou-se e alisou as várias barbas de baleia que tinha à volta da anca. Tirou o lenço do cinto e limpou o nariz.

Ajeitou o cabelo e disse:

— Nota-se muito?

— Nem um vestígio—respondeu Miss Maudie.—Então, estás recomposta, Jean Louise?—Sim, s'nhora.

— Então, juntemo-nos às senhoras—disse ela, sombriamente.

As vozes delas avolumaram-se quando Miss Maudie abriu a porta da sala de jantar. A tia Alexandra entrou à minha frente e vi a sua cabeça erguer-se à medida que atravessava aquela porta.

— Oh, Mrs. Perkins—notou ela—está a precisar de mais café.

Eu vou já buscar.

— A Calpurnia foi fazer um recado, Grace—disse Miss Maudie.

— Deixa-me servir-te de mais uma destas tartes de amora. Soubeste o que aquele meu primo fez? Aquele que gosta de pescarias?...

E assim continuaram, ao longo daquela fila de senhoras sorridentes, à volta da mesa de jantar, a encher chávenas de café e a distribuir docinhos como se o único problema que existisse fosse o desastre temporário de terem ficado sem a Calpurnia.

O suave sussurro recomeçou novamente.

— Pois sim, Mrs. Perkins, esse J. Grimes Everett é um mártir, um santo, ele... precisavam de casar por isso fugiram... ao salão de beleza todas as tardes de

sábado... até ao pôr do Sol. Vai para a cama com as... galinhas, uma caixa cheia de galinhas doentes. O Fred diz que tudo começou aí. O Fred diz...

Do outro lado da sala, a tia Alexandra olhou para mim e sorriu.

Olhou para uma bandeja de bolachas, pousada na mesa, e acenou afirmativamente. Peguei cuidadosamente na bandeja e dei por mim a caminhar na direcção de Mrs. Merriweather. Recorrendo às minhas melhores maneiras, perguntei-lhe se ela não se queria servir. Afinal de contas, se a tia conseguia ser uma senhora numa altura destas, eu também conseguiria.

Não faças isso, Scout. Pousa-o já nas escadas de trás, —Jem, estás doido?....

— Já te disse para o pousares nas escadas de trás.

Suspirando, peguei naquela pequena criatura, pousei-a no último degrau e voltei para a minha cama. Setembro tinha chegado sem qualquer vestígio de tempo frio e ainda continuávamos a dormir na varanda coberta das traseiras. Ainda havia pirilampos a cirandar e mesmo aqueles bichos os insectos nocturnos que costumavam bater todo o santo Verão contra a porta de rede ainda não tinham partido com a chegada do Outono.

Um bicho-de-conta tinha conseguido entrar dentro de casa; achei que aquele pequeno verme tinha subido as escadas e entrado por debaixo da porta. Ia a pousar o meu livro no chão, ao lado da cama, quando o vi. Estas criaturas não têm mais de um centímetro e quando lhes tocamos elas enrolam-se, transformando-se numa bolinha cinzenta.

Deitei-me de barriga para baixo e toquei-lhe. Ele enroscou-se.

Depois, sentindo-se talvez seguro, desenroscou-se lentamente. Com as suas cem pernas caminhou uns centímetros e eu voltei a tocar-lhe.

Ele enroscou-se. Sentindo-me sonolenta decidi terminar com aquilo. A minha mão preparava-se para o agarrar quando o Jem me interrompeu.

O Jem estava de testa franzida com ar de poucos amigos. Se calhar aquilo fazia parte da fase que ele estava a atravessar e desejei que ele se despachasse e a ultrapassasse rapidamente. De facto, ele nunca tinha sido cruel para com os animais, mas também não sabia que a sua caridade abarcava agora o mundo dos insectos.

— Por que é que não o posso esmagar? —perguntei.

— Porque eles não te fazem mal nenhum—respondeu o Jem, na escuridão. Tinha apagado a sua luz de leitura.

— Acho que deves estar na fase de não matar moscas e mosquitos —disse eu. -

Quando mudares de ideias avisa. Mas vou-te dizer uma coisa, não vou ficar para aqui parada sem matar uma pulga.

— Oh, cala-te lá—respondeu, meio sonolento.

Era o Jem que, cada dia que passava, estava a ficar cada vez mais parecido com uma rapariga. Sentindo-me confortável, deitei-me de costas e esperei pela chegada do sono e, enquanto esperava, pensei no Dill. Ele tinha-nos deixado no primeiro dia do mês, assegurando firmemente que voltaria, no minuto em que a escola terminasse.

... acho que os pais perceberam que ele gostava de passar o Verão em Maycomb.

Miss Rachel levava-nos com ela no táxi até Maycomb Junction e o Dill ficou a acenar-nos da janela do comboio até deixarmos de o ver. Mas ele não estava longe do meu pensamento: eu tinha saudades dele. Nos últimos dois dias que ele passou connosco, o Jem ensinou-o a nadar..

Ensinou-o a nadar. Estava agora bem acordada, recordando o que o Dill me tinha dito.

Barker's Eddy fica no fim de uma estrada de terra batida, que parte da estrada de Meridian, aí a um quilómetro e meio da cidade.

Não é difícil apanhar boleia de uma carroça de algodão ou de um qualquer automóvel que passa, e a caminhada até ao riacho é bem fácil, mas a perspectiva de voltar a pé para casa, ao cair do Sol, altura em que não há muito trânsito, é extremamente cansativa, pelo que os banhistas devem ter o cuidado de não ficar até muito tarde.

Segundo o Dill, ele e o Jem tinham acabado de chegar à estrada quando viram o Atticus a conduzir na sua direcção. Ele parecia não os ter visto, por isso acenaram-lhe.

Finalmente, o Atticus lá abrandou; quando chegaram à beira dele, o Atticus anunciou: —É melhor apanharem uma boleia. Eu não vou tão cedo para casa.

A Calpurnia estava sentada no banco de trás.

O Jem protestou, implorou, até que o Atticus disse:—Muito bem, podem vir connosco, mas têm de ficar no carro.

O Atticus contou-lhes o que tinha acontecido, enquanto com-duzia até à casa do Tom Robinson.

Saíram da estrada, passaram lentamente pela lixeira e pela casa dos Ewells e seguiram por uma viela estreita até às barracas dos negros. O Dill disse que havia uma multidão de crianças negras a jogar ao berlinde no quintal de Tom. O Atticus estacionou o carro e saiu. Calpurnia seguiu-o, atravessando o portão da frente.

O Dill ouviu-o perguntar a uma das crianças:—Onde está a tua mãe, Sam?—e ouviu Sam responder:—Está lá na casa da Sis Stevens, Mr. Finch. Quer qu'eu vá buscar ela?

O Dill disse que o Atticus parecia hesitante, mas lá respondeu que sim e o Sam desatou a correr.

— Continuem a brincar, meninos—disse o Atticus para as crianças.

Uma menina pequenina apareceu à porta da barraca e ficou a olhar para o Atticus.

O Dill disse que o cabelo dela estava cheio de totós espetados, cada um deles com uma fita colorida. Ela sorriu de orelha a orelha e foi ter com o nosso pai, mas era demasiado pequena para descer os degraus. O Dill contou que o Atticus foi ter com ela, tirou o chapéu e ofereceu-lhe o dedo. Ela agarrou-o e ele ajudou-a a descer os degraus.

Depois, entregou-a à Calpurnia.

Quando chegaram, o Sam caminhava aos pulinhos atrás da sua mãe. Segundo o Dill, a Helen disse:—'Noite, Mr. Finch, na se quer sentar?

E nada mais disse. Tal como o Atticus.

— Scout—disse o Dill—ela caiu redonda em cima da terra.

Caiu redonda por terra, como se um gigante com pés grandes tivesse aparecido e a tivesse pisado. Bum...

O pé gordo do Dill bateu no chão.

— Como se tu pisasses uma formiga.

O Dill contou ainda que a Calpurnia e o Atticus levantaram Helen e levaram-na, meio a andar, meio arrastada, para dentro da barraca. Ficaram lá dentro muito tempo até que o Atticus saiu sozinho.

Quando voltámos a passar pela lixeira, alguns Ewells puseram-se a gritar qualquer coisa para eles, mas o Dill não percebeu o que diziam.

Maycomb interessou-se pela notícia da morte do Tom durante uns dois dias; dois dias eram suficientes para que a informação percorresse todo o condado. «Já souberam que?... Não? Bem, eles disseram que ele fugia como um relâmpago...». Para Maycomb, a morte do Tom era típica. Era típico um negro saltar e fugir. Era típico da mentalidade de um negro não ter planos, não pensar no futuro e limitar-se a aproveitar a primeira hipótese que lhe aparecia pela frente. Engraçado, o Atticus Finch podia tê-lo conseguido pôr em liberdade, mas esperar... ? Nem pensar. Sabem como eles são. Assim como vêm, assim vão. Tudo isto só prova que, apesar desse Robinson ser casado legalmente, de se manter limpo e asseado, segundo dizem, de ir à igreja e tudo isso, quando chega o momento da verdade o verniz é demasiado fino. O preto aparece sempre à tona.

Mais uns detalhes, que permitiam que o ouvinte repetisse a sua versão a alguém, e já não havia nada a dizer até o The Maycomb Tribune aparecer na quinta-feira seguinte.

Não só havia um obituário breve na secção destinada aos negros, mas também um editorial.

Mr. B. B. Underwood nunca tinha escrito de forma tão amarga e estava-se nas tintas se lhe cancelassem alguma publicidade e algumas assinaturas. (Só que Maycomb não jogava segundo estas regras: Mr. Underwood podia gritar até suar e escrever o que quisesse que não perdia a publicidade e as assinaturas. Se ele queria fazer figuras tristes no seu próprio jornal, isso era lá com ele.) Mr. Underwood não escreveu sobre os erros judiciais. Escreveu antes de uma maneira que até as crianças podiam perceber. Mr.

Underwood disse simplesmente que era pecado matar os aleijados, quer estivessem de pé, sentados ou a fugir. Ele comparava a morte do Tom à matança estúpida das aves canoras, perpetrada por caçadores e crianças, e Maycomb pensou que ele estava a tentar escrever um editorial suficientemente poético para voltar a aparecer numa futura reimpressão do The Montgomery Advertiser.

Como poderia ser assim, pensava eu, ao ler o editorial de Mr. Underwood.

Matança estúpida... Tom tinha sido alvo de um processo legal justo até ao dia da sua morte; ele tinha sido julgado e condenado por doze homens bons e honestos; o meu pai tinha lutado por ele até ao fim. Então, de súbito, a alegoria de Mr. Underwood tornou-se clara para mim: o Atticus tinha usado todos os instrumentos ao alcance dos homens livres para salvar Tom Robinson, mas, naquele secreto tribunal que mora no coração dos homens, o Atticus não tinha a mais pequena hipótese. O Tom era um homem morto a

partir do momento em que Mayella Ewell abriu a boca e desatou aos gritos.

O nome Ewell causava-me uma sensação desagradável. Maycomb não tinha perdido tempo em saber qual a opinião de Mr. Ewell em relação à morte do Tom e transmiti-la por aquele verdadeiro Canal da Mancha dos mexericos chamado Miss Stephanie Crawford.

Miss Stephanie contou à tia Alexandra, na presença do Jem («Oh, ele já tem idade suficiente para ouvir isto») que Mr. Ewell tinha dito que «um já era» e que só faltavam dois. O Jem disse-me para não ter medo e que as ameaças de Mr. Ewell eram só fogo de vista. O Jem também me disse que se eu contasse uma palavra disto ao Atticus, se o Atticus soubesse que eu sabia, então o Jem nunca mais falava comigo.

A escola começou e, com ela, as nossas passagens diárias à porta da Casa Radley.

O Jem já estava no sétimo ano e tinha ido estudar para o liceu, que ficava depois da escola primária; eu estava no terceiro ano e os nossos horários eram tão diferentes, que só ia para a escola com o Jem, de manhã e só o voltava a ver à hora das refeições. Ele ingressou na equipa de futebol, mas era tão magro e tão novinho que só o deixavam carregar os baldes de água. Mas ele fazia-o com todo o entusiasmo; na maior parte das vezes, só regressava a casa ao fim da tarde.

A Casa Radley tinha deixado de me aterrorizar, mas nem por isso era menos sombria, menos fria, sob aqueles enormes carvalhos, e muito menos convidativa. Mr. Nathan Radley ainda era visto, de quando em vez, nas suas idas e vindas à cidade; e também sabíamos que o Boo estava lá pelo mesmo motivo de sempre... pelo menos, ainda ninguém o tinha visto sair dentro de um caixão. Quando por lá passava, às vezes sentia uma pontinha de remorso por ter participado em coisas que deveriam ter atormentado Arthur Radley... afinal de contas, que tipo de recluso é que gostaria de ter crianças a espreitar pelas suas portadas, a enviar-lhe cartas na ponta de uma cana de pesca e a vaguear pela sua horta durante a noite?

E, no entanto, lembrava-me. As duas moedas com efígies de índios, a pastilha elástica, os bonecos de sabão, uma medalha enferrujada e um relógio estragado com a corrente. O Jem devia ter guardado tudo em algum sítio. Uma tarde parei e olhei para a árvore: o tronco tinha inchado à volta da placa de cimento. A própria mancha começava agora a ficar amarela.

Por duas vezes que quase o tínhamos encontrado, o que, convenhamos, era um bom resultado fosse para quem fosse.

Mas eu continuava a procurá-lo com o olhar sempre que por lá passava. Quem sabe se um dia não o conseguiríamos finalmente ver. Imaginei então como seria esse momento: nesse dia ele estaria sentado no baloiço quando eu passasse. «Com' está, Mr.

Arthur" diria eu, como se o tivesse repetido ao longo de todas as tardes da minha vida.

«Boa-tarde, Jean Louise» responderia ele, como se o tivesse repetido ao longo de todas as tardes da minha vida, «está um tempo magnífico, não está?» «Sim, senhor. Está mesmo uma maravilha» diria eu e continuaria o meu caminho.

Mas era só pura fantasia. Nós nunca o veríamos. Se calhar ele saía quando a Lua estava baixa e ia espreitar Miss Stephanie Crawford.

Eu cá teria escolhido outra pessoa, mas isso era lá com ele.

Aposto que ele nunca nos iria espreitar.

— Não vão começar com isso outra vez, pois não? — perguntou o Atticus, certa noite

em que eu tinha expressado o meu desejo de olhar pelo menos uma vez para o Boo Radley antes de morrer.

— Pois se estiverem a pensar nisso, é melhor tirarem o cavaleiro da chuva. Já estou demasiado velho para vos andar a tirar da propriedade dos Radleys. Para além disso, é demasiado perigoso.

Podem levar um tiro. Sei que Mr. Nathan dispara sobre a mais pequena sombra que vê, inclusive sombras que deixam pegadas descalças número vinte e seis. Vocês tiveram imensa sorte em não serem mortos.

Calei-me naquele instante, mas, ao mesmo tempo, fiquei maravilhada com a reacção do Atticus. Foi a primeira vez que ele deu a entender que sabia muito mais do que aquilo que nós pensávamos que ele sabia. E aquilo já tinha acontecido há anos. Não, tinha sido no Verão passado... não, foi no Verão antes desse, quando... bolas, o tempo já me começa a pregar partidas. Não me posso esquecer de perguntar ao Jem.

Já nos tinham acontecido tantas coisas que o Boo Radley era a menor das nossas preocupações. O Atticus sossegou-nos, dizendo que não via hipóteses de vir a acontecer mais qualquer coisa, que estas questões tinham a sua maneira própria de acalmar e que, quando passasse tempo suficiente, as pessoas iam esquecer completamente que o Tom Robinson tinha existido.

Se calhar o Atticus tinha razão, mas a verdade é que os acontecimentos do Verão pairavam ainda sobre nós, como fumo preso num quarto fechado. Os adultos de Maycomb nunca discutiam o assunto comigo nem com o Jem; a ideia que transparecia era que falavam disso com os seus filhos e a sua atitude parecia querer indicar que nós não tínhamos culpa de ter um pai como o Atticus, pelo que as suas crianças tinham necessariamente de ser simpáticas [connosco. Aposto que as crianças nunca pensaram nisso sozinhas: isto é, se os nossos colegas tivessem agido de acordo com os seus próprios impulsos, eu e o Jem já teríamos acertado umas contas ao soco e o assunto estaria encerrado de vez, rápida e satisfatoriamente.

Sendo assim, tínhamos de levantar a cabeça e comportarmo-nos, respectivamente, como um cavaleiro e como uma senhora. Era como se voltássemos a viver na era de Mrs. Henry Lafayette Dubose, só que sem a sua gritaria. No entanto, ocorreu uma coisa estranha que nunca percebi muito bem: apesar dos revezes do Atticus como pai, as pessoas não tiveram qualquer prurido em reelegê-lo para a comissão legislativa do estado, sem oposição, como era, aliás, costume.

Cheguei à conclusão de que as pessoas eram estranhas, por isso, fui-me afastando delas e só pensava nelas quando a isso era obrigada.

E, de facto, a isso fui obrigada, um dia, na escola. Uma vez por semana tínhamos uma actividade denominada de Actualidades.

Cada criança tinha de recortar um artigo de jornal, assimilar o seu conteúdo e revelá-

lo ao resto da turma. Supostamente esta prática servia para rectificar certos problemas: o facto de estar de pé perante os colegas, dava à criança uma boa postura e melhorava a sua confiança e atitude; a obrigatoriedade de fazer uma pequena palestra, permitia-lhe tomar consciência da importância das palavras; a investigação e aprendizagem em torno do evento actual fortalecia a sua memória e, por último, o seu isolamento face à turma aumentava a sua vontade de regressar ao seio do grupo.

A ideia era profunda, mas, como sempre, este tipo de coisas não funcionava muito bem em Maycomb. Em primeiro lugar, havia poucas crianças, nos meios rurais, com acesso aos jornais, por isso o fardo das Actualidades acabava por ser sempre suportado pelas crianças da cidade, contribuindo para reforçar a convicção das crianças que tinham de se deslocar de autocarro de que os meninos e meninas da cidade eram sempre os favoritos. As crianças do campo que tinham essa oportunidade, normalmente traziam recortes do chamado The Grit Paper, visto como um jornaleco aos olhos de Miss Gates, a nossa professora. Nunca cheguei a saber por que é que ela fazia má cara quando via um miúdo a ler um artigo do The Grit Paper, mas desconfio que este facto estava associado ao gosto por tocar rabeca, comer biscoitos com melaço, ser um fundamentalista religioso, cantar Era uma vez um cavalo, pronunciando cabalo, tudo coisas que o estado pagava para serem desencorajadas pelos nossos queridos professores.

Mas, mesmo assim, a maioria das crianças não sabia o que era uma Actualidade. O pequeno Chuck Little, já com cem anos de experiência sobre as vacas e os seus hábitos, estava a meio de uma história sobre a publicidade ao Uncle Natchell (*) quando foi interrompido por Miss Gates:—Charles, isso não é um acontecimento da actualidade. Isso é um anúncio.

Mas o Cecil Jacobs sabia o que era uma actualidade. Quando chegou à sua vez, ele foi para a frente da sala de aula e começou:—O velho do Hitler...

— Adolf Hitler, Cecil—corrigiu Miss Gates.—Não se começa uma frase com O velho do... qualquer coisa.

— Si', s'nhora—respondeu.—O velho do Adolf Hitler tem andado a prosseguir os...

— Perseguir, Cecil...

— Na, Miss Gates. Aqui diz que... bem, o velho do Adolf Hitler tem andado atrás dos judeus e vai daí e bota-os nas prisões e fica com tudo qu'ê deles e depois num deixa eles saírem do país e anda p'rá lá a lavar os pobres de espírito...

— Lavar os pobres de espírito?

— Si', s'nhora, Miss Gates. Acho qu'eles lá num sabem lavar-se sozinhos, pois 'té os idiotas num sabem cuidar de si. Prontos, de qualquer maneira, o Hitler já começou um programa p'ra juntar também os meios-judeus e ele depois quer registá-los qu'ê pró caso de lhe quererem fazer mal e acho qu'isso tudo é uma coisa má e prontos, é esta a minha actualidade.

— Muito bem, Cecil—elogiou Miss Gates. O Cecil voltou para o seu lugar, todo inchado de orgulho.

Do fundo da sala, levantou-se uma mão. ,—Como é que ele pode fazer aquilo?

— Quem é que pode fazer o quê?—perguntou Miss Gates, pacientemente.

— Quer dizer, como é qu’o Hitler pode meter tanta gente numa prisão daquelas, o gove’no devia era para-lo—disse o dono da mão.

— Hitler é o governo—disse Miss Gates e, aproveitando a oportunidade para imprimir uma maior dinâmica à educação, dirigiu-se até ao quadro. Escreveu DEMOCRACIA em letras grandes.

— Democracia—leu.—Alguém sabe uma definição?

— Nós...—respondeu alguém.

Eu levantei também a mão, recordando um velho slogan de campanha que o Atticus me tinha contado.

— O que achas que significa, Jean Louise?

— Direitos iguais para todos, nenhum privilégio especial para ninguém—citei de cor.

— Muito bem, Jean Louise. Muito bem—Miss Gates sorriu. Em seguida, antes da palavra DEMOCRACIA escreveu NÓS SOMOS UMA.

— Agora, turma, digam todos «Nós somos uma democracia».

E nós lá repetimos. Então, Miss Gates disse:—É esta a diferença entre a América e a Alemanha. Nós somos uma democracia e a Alemanha é uma ditadura—explicou.—O nosso país não persegue ninguém. A perseguição vem de gente que é racista.

Ra-cis-mo—enunciou cuidadosamente.—No mundo, não há pessoas melhores do que os judeus, mas Hitler não pensa desta forma. E é isso que mais me confunde.

Uma alma curiosa perguntou:—Por que é que acha que eles não gostam dos judeus, Miss Gates?

— Não sei, Henry. Eles contribuem para o bem-estar das sociedades em que vivem e, acima de tudo, são um povo extremamente religioso. Hitler quer acabar com a religião e se calhar é por isso que não gosta deles.

Cecil tomou a palavra.

— Bem, eu cá não tenho bem a certeza—começou—mas acho que eles trocam dinheiro ou coisa assim. Mas isso não é razão para os perseguir. Eles são brancos, não são?

Miss Gates respondeu:

— Quando fores para o liceu, Cecil, vais descobrir que os judeus têm sido perseguidos desde os princípios da História e que até foram expulsos do seu próprio país. É uma das histórias mais terríveis da História. Bem, já está na hora da aula de Matemática, crianças.

Como nunca gostei de Matemática, passei a aula a olhar pela janela. As únicas vezes que via o Atticus verdadeiramente enfurecido era quando o Elmer Davis (*) nos dava as

últimas notícias sobre o Hitler. O Atticus desligava o rádio e só dizia «Hmp!».

Um dia perguntei-lhe porque era tão impaciente com Hitler e ele respondeu: — Porque ele é um louco.

Não há meio de me entrar na cabeça, murmurava eu, enquanto a turma continuava embrenhada nas suas somas. Um louco e milhões de alemães. A mim parecia-me que eles deviam era meter o Hitler numa prisão, em vez de deixar que fosse ele a metê-los lá dentro. Havia qualquer coisa que não batia certo... teria de perguntar ao Atticus.

Assim fiz e ele disse que não podia responder, pois não tinha resposta para me dar.

— Então não faz mal odiar Hitler?

— Claro que faz — disse ele. — Não se deve odiar ninguém.

— Atticus — continuei -, há uma coisa que não estou a perceber.

Miss Gates disse que é horrível o que o Hitler está a fazer, até ficou toda vermelha...

— É compreensível.

— Mas... -sim? — Não é nada, pai.

Afastei-me, incapaz de conseguir explicar ao Atticus o que ia dentro da minha cabeça, incapaz de conseguir explicar o que era apenas um sentimento. Se calhar o Jem podia-me dar uma resposta.

O Jem entendia melhor as coisas da escola do que o Atticus.

O Jem estava esgotado depois de um dia inteiro a carregar baldes de água. Devia haver uma boa dúzia de cascas de banana, pousadas no chão, ao lado da cama, e à volta de uma garrafa de leite vazia.

— Estás-te a empanturrar p'ra quê? — perguntei.

— O treinador disse que se eu conseguir engordar uns dez quilos, daqui a dois anos já posso jogar — disse ele. — E esta é a maneira mais rápida.

— Isso é se não vomitares tudo, Jem — disse eu. — Quero perguntar-te uma coisa.

— Força.

Ele pousou o livro e esticou as pernas.

— Miss Gates é uma senhora muito simpática, não é?

— Claro que é — respondeu o Jem. — Eu gostava dela quando andava na sua classe.

— É que ela odeia muito o Hitler...

— E o que há de errado com isso?

— Bem, hoje ela falou qu'era errado ele tratar os judeus daquela maneira. Jem, não está certo andar a perseguir as pessoas, pois não?

Ou melhor, ter maus pensamentos sobre alguém, não é?

— Claro que não, Scout. O que é que se passa contigo?

— Bem, quando naquela noite, no tribunal, Miss Gates... ela estava a descer os degraus à nossa frente, tu não a deves ter visto... qu'ela estava a falar com Miss Stephanie Crawford. Eu ouvi-a dizer que já era altura de alguém lhes dar uma lição, que estavam a

exceder-se e que a seguir já iam começar a pensar que podiam casar connosco.

Jem, como é possível odiar tanto o Hitler e, assim que se voltam as costas, ser-se tão mau para as pessoas da nossa terra...

De repente, o Jem ficou possesso de raiva. Saltou da cama, agarrou-me pela gola e começou a abanar-me.

— Nunca mais quero ouvir falar daquele tribunal, ouviste? Nunca mais, nunca mais! Ouviste bem? Nunca mais fales disso, ouviste?

Agora, vai-te embora!

Fiquei demasiado surpresa para chorar. Saí do quarto do Jem e fechei a porta com cuidado, não fosse o barulho irritá-lo outra vez.

Sentime subitamente cansada. Só queria o Atticus. Ele estava na sala. Fui ter com ele e tentei subir-lhe para o colo.

O Atticus sorriu.

— Já estás demasiado crescida para isto. Já só consigo segurar uma parte de ti—e apertou-me contra ele.

— Scout—disse, com a maior suavidade do mundo -, não deixes que o Jem te desanime. Ele está a passar por tempos difíceis. Eu ouvi-os aos dois.

O Atticus explicou-me que o Jem estava a tentar esquecer alguma coisa, mas o que ele estava a fazer, na realidade, era guardar tudo dentro dele até que passasse tempo suficiente. Nessa altura seria capaz de pensar sobre o assunto e perceber melhor as coisas que tinham acontecido. O Jem voltaria a ser o nosso velho Jem de sempre, assim que conseguisse pensar nas coisas com mais clareza.

Tal como o Atticus tinha dito, passado algum tempo, as coisas lá acalmaram. Até meados de Outubro só tinham acontecido duas pequenas coisas a dois cidadãos de Maycomb. Não, melhor dizendo, tinham acontecido três coisas que não nos diziam... aos Finch, digo eu... directamente respeito, mas que, de certa forma, até diziam.

A primeira coisa foi que Mr. Bob Ewell conseguiu, simultaneamente, obter e perder um emprego em coisa de poucos dias, facto único nos anais da história dos anos trinta: na verdade, ele tinha sido o único homem que fora despedido da WPA por ser preguiçoso. Acho que a sua súbita e breve fama lhe acabou por proporcionar uma ainda mais breve explosão de actividade, embora o emprego tenha durado tanto como a sua notoriedade: Mr. Ewell deu por si tão esquecido como o Tom Robinson. Posto isto, lá voltou ele a aparecer semanalmente na segurança social para levantar o seu cheque que recebia, sem qualquer glória, murmurando mal-humorado, entredentes, que os sacanas dos mandões que governavam aquela cidade não deixavam que um homem honesto pudesse ganhar a sua vida. Ruth Jones, a senhora da segurança social, referiu mesmo que Mr. Ewell acusara abertamente o Atticus de lhe ter feito perder o emprego. E que estava suficientemente chateado para ir até ao escritório de Atticus e dizer-lhe isso na cara. O Atticus explicou a Miss Ruth que não se preocupasse com o assunto e que se o Bob Ewell queria falar com ele sobre o facto de «lhe ter feito perder o emprego» ele conhecia muito bem o caminho para o seu escritório.

A segunda coisa passou-se com o Juiz Taylor. O Juiz Taylor não costumava ir à igreja aos domingos à noite, ao contrário de Mrs. Taylor. O Juiz Taylor gostava de saborear aquela hora de domingo sozinho na sua enorme casa, pelo que aquela hora da missa era sagrada para se fechar no seu escritório, embrenhado na leitura dos escritos de Bob Taylor (não havia qualquer parentesco, mas penso que o juiz teria orgulho se assim fosse). Certo domingo à noite, perdido nas suas metáforas frutuosas e estilo floreado, a atenção do Juiz Taylor foi desviada por um irritante ruído de alguém a arranhar. «Chiu» disse para Ann Taylor, a sua gorda cadela rafeira.

Depois percebeu que estava a falar para uma sala vazia; o arranhar vinha das traseiras da casa. O Juiz Taylor foi até à varanda das traseiras para deixar sair Ann e deu com a porta de rede aberta. Os seus olhos viram uma sombra escapulindo-se pela esquina da casa e foi tudo o que pode ver daquele estranho visitante. Quando Mrs. Taylor voltou da igreja deu com o marido sentado na cadeira, perdido nos escritos de Bob Taylor, com uma caçadeira pousada no colo.

A terceira coisa aconteceu a Helen Robinson, a viúva do Tom.

Se Mr. Ewell tinha caído no esquecimento como o Tom Robinson, o Tom Robinson caíra no esquecimento como o Boo Radley. Mas o Tom Robinson não tinha sido esquecido

pelo seu ex-patrão, Mr. Link Deas. Por isso, Mr. Link Deas criou um emprego para a Helen.

Na realidade, ele não precisava dos serviços dela, mas dizia que se sentia mal pelo facto de as coisas terem acabado daquela maneira.

Nunca soube quem tomava conta daquelas crianças enquanto a Helen ia trabalhar.

A Calpurnia dizia que era bastante duro para a Helen, porque ela tinha de percorrer um quilómetro e meio a mais, só para evitar a casa dos Ewells, que, segundo Helen «lhe tinham mandado umas bocas» a primeira vez que ela tentou passar pelo caminho público. Mr. Link Deas começou então a aperceber-se que, todas as manhãs, quando chegava ao emprego, ela vinha sempre da direcção errada e arrancou-lhe a verdade.

— Deix' estar, Mr. Link. Por favor, sinhô—implorou a Helen.

— Era o que faltava!—respondeu Mr. Link.

Nessa mesma tarde, ele pediu-lhe que passasse pela sua loja antes de ir para casa.

Assim fez. Mr. Link fechou a loja, pôs o chapéu com firmeza na cabeça e levou Helen a casa. Levou-a pelo caminho mais curto que passava mesmo pela porta dos Ewells.

Ao regressar, Mr. Link parou frente àquela bizarra vedação.

— Ewell?—chamou ele.— Anda cá, Ewell!

As janelas, normalmente repletas de crianças, estavam vazias.

— Sei que estão todos aí dentro deitados no chão. Agora escuta-me com atenção, Bob Ewell: se eu ouço mais alguma palavra da Helen a respeito de não poder seguir por este caminho, meto-te na cadeia antes do pôr do Sol.

Mr. Link cuspiu para o chão e foi para casa.

No dia seguinte, Helen foi trabalhar e utilizou o caminho público.

Ninguém lhe disse nada, mas quando já estava alguns metros para além da casa dos Ewells, virou-se e viu Mr. Ewell a caminhar atrás de si. Voltou-se, continuou a caminhar e Mr. Ewell foi-se mantendo à distância até ela chegar a casa de Mr. Link Deas.

Helen disse que, durante todo o caminho, só ouvia a voz dele atrás de si a murmurar palavras. Aterrorizada, telefonou para a loja de Mr. Link, que não era muito longe da casa. Quando Mr. Link saiu da loja, viu Mr.

Ewell encostado à vedação. Mr. Ewell disse:—Num m' olhes assim, Link Deas. Num m' olhes como s' eu fosse lixo. Eu não assaltei a tua...

— A primeira coisa que tens de fazer, Ewell, é tirar essa carcaça fétida da minha propriedade. Estás encostado à vedação e eu não tenho dinheiro para a mandar pintar outra vez. A segunda coisa é manteres-te afastado da minha cozinha ou ainda te meto na cadeia por agressão...

— Eu nem lhe toquei, Link Deas, e não ando atrás de pretas!

— Não precisas de lhe tocar, basta só assustá-la e se agressão não é suficiente para te manter atrás das grades por um bom tempo, meto-te dentro ao abrigo da lei de protecção

às mulheres, por isso desaparece da minha vista! Se achas que eu não estou a falar a sério, experimenta incomodar a rapariga mais uma vez!

Mr. Ewell lá deve ter pensado que ele falava a sério, pois a Helen nunca mais voltou a tocar no assunto.

— Não gosto nada disto, Atticus, mas mesmo nada—foi o comentário da tia Alexandra àqueles acontecimentos.—Aquele homem parece ter uma permanente obsessão de vingança contra todos os envolvidos naquele caso. Eu sei que aquela gente é rancorosa, mas não vejo a necessidade disso... ele conseguiu levar a dele avante no tribunal, não foi?

— Eu até vejo—disse o Atticus.—Pode muito bem ser porque houve muito poucas pessoas em Maycomb que acreditaram na história que ele e a Mayella contaram. Ele pensou que iria ser um herói, e tudo o que recebeu foi... foi, bem, nós condenamos este preto, mas tu volta lá para a tua lixeira. Ele já se meteu com toda a gente, por isso já devia estar satisfeito. Vais ver que ele acalma . quando o tempo mudar.

— Mas por que é que ele iria tentar assaltar a casa do John Taylor? Está claro que não sabia que o John estava em casa, caso contrário nem sequer teria tentado. As únicas luzes que ficam acesas ao domingo são as da varanda da frente e as do escritório do John...

— Tu não sabes se foi o Bob Ewell quem cortou aquela porta de rede, ninguém sabe quem foi—disse o Atticus.—Mas eu calculo.

Conseguí provar que ele era um mentiroso, mas o John fê-lo fazer papel de estúpido. Durante todo o tempo em que ele esteve no banco das testemunhas, eu não conseguia olhar para o John e manter um semblante sério. O John olhava para ele como se ele fosse uma galinha com três pernas ou um ovo quadrado. E não me digas que, os juízes não tentam influenciar os jurados—disse o Atticus a rir.

No final de Outubro, as nossas vidas tinham assumido aquela rotina tão familiar de ir à escola, brincar e estudar. O Jem parecia ter tirado da cabeça o que quer que fosse que tentava esquecer e, por compaixão, os nossos colegas tinham-nos deixado esquecer as excentricidades do nosso pai. Um dia, Cecil Jacobs perguntou-me se o meu pai era um Radical. Quando coloquei a pergunta ao Atticus, este achou-a tão divertida que até fiquei um bocadinho aborrecida, mas ele disse que não se estava a rir de mim. Depois disse:— Diz ao Cecil que eu sou tão radical como o Cotton Tom Heflin (*).

A tia Alexandra ia de vento em popa. Miss Maudie devia ter silenciado toda a sociedade missionária com um só golpe, porque a tia voltou a ter o domínio do galinheiro. Os seus lanchinhos tornavam-se cada vez mais deliciosos. Conseguí aprender mais alguma coisa sobre a vida social dos pobres Mrunas através de Mrs.

Merriweather: tinham tão pouca noção de família, que toda a tribo era uma enorme família. Uma criança tinha tantos pais quantos os homens que existissem na comunidade e tantas mães quantas as mulheres que lá viviam. J. Grimes Everett estava a fazer o seu

melhor para mudar isso e precisava, desesperadamente, das nossas orações.

Maycomb voltou a ser o que era. Exactamente igual ao ano passado e ao ano anterior a esse, mas só com duas ligeiras alterações.

Em primeiro lugar, as pessoas retiraram das montras das lojas e dos carros os autocolantes que diziam NRA—NÓS FAZEMOS A NOSSA PARTE. Perguntei ao Atticus por que é que eles tinham feito isso e ele respondeu que era porque National Recovery Act (**) estava morta e enterrada. Perguntei quem é que a tinha morto; ele disse nove velhos.

A segunda mudança ocorrida em Maycomb, desde o ano passado, não tinha importância nacional. Até essa altura, o Dia das Bruxas era um evento completamente desorganizado. Cada criança fazia o que muito bem lhe apetecia, com a ajuda de outras crianças, se fosse para mudar alguma coisa de sítio, como por exemplo, colocar uma carroça leve em cima do telhado da cocheira municipal.

Mas os pais tinham achado que no ano anterior as coisas tinham ido longe demais, altura em que a paz de Miss Tutti e Miss Frutti fora estilhaçada.

Miss Tutti e Miss Frutti Barber eram duas irmãs solteironas que viviam juntas na única casa de Maycomb com cave. Dizia-se que as senhoras Barber eram republicanas, tendo emigrado de Clanton, Alabama, em 1911. Os seus costumes eram-nos um pouco estranhos e ninguém sabia para que é que elas queriam uma cave. Mas a verdade é que como desejavam uma cave, acabaram por construí-la, tendo, desde então, passado o resto das suas vidas a escorraçar gerações e gerações de crianças.

Para além dos seus modos ianques, Miss Tutti e Miss Frutti (os seus nomes verdadeiros eram Sarah e Frances) eram surdas como uma porta. Miss Tutti negava-o e vivia num mundo silencioso, mas Miss Frutti, como não queria perder pitada, usava uma corneta acústica tão grande que o Jem dizia ser igual ao altifalante de uma daquelas vitrolas com o cão (**).

Tendo estes factos presentes, e o Dia das Bruxas à porta, algumas crianças bem danadinhas esperaram até que as irmãs Barber estivessem a dormir profundamente, entraram na sala de estar (só os Radleys é que trancavam as portas à noite), levando, furtivamente, todos os móveis e escondendo-os na cave. Devo dizer que nego ter tomado parte em semelhante coisa.

— Eu ouvi-os!—foi este o grito que acordou os vizinhos das irmãs Barber, no dia seguinte.—Ouvi-os trazer um camião até à porta! Pareciam cavalos. A esta hora, já devem estar em Nova Orleães.

Miss Tutti achava que tinham sido aqueles vendedores ambulantes de peles, que tinham estado na cidade há dois dias, que lhes tinham roubado a mobília.

— Escu...ros, eram mesmo escuros—descreveu.—Sírios.

Mr. Heck Tate foi chamado. Examinou o local e disse que tinha sido um trabalho de

gente da terra. Miss Frutti disse que reconheceria uma voz de Maycomb em qualquer parte do mundo e que não tinham sido vozes de Maycomb as que ela tinha ouvido na noite passada... estes enrolavam os erres por toda a parte, pois enrolavam.

Miss Tutti insistiu que deviam chamar os cães para encontrar a mobília. Mr. Tate viu-se então obrigado a percorrer dezasseis quilómetros para ir buscar os cães-polícias e pô-los na pista.

Mr. Tate soltou-os dos degraus da casa das irmãs Barber, mas a única coisa que fizeram foi dar a volta, até às traseiras da casa, e puseram-se a uivar à porta da cave.

Quando Mr. Tate os soltou pela terceira vez, adivinhou finalmente a verdade. Ao meio-dia daquele dia não havia uma única criança descalça em Maycomb e só voltaram a tirar os sapatos quando os cães se foram embora.

Por isso, as senhoras de Maycomb disseram que este ano seria bem diferente. O auditório do liceu ia estar aberto, ia haver uma representação dramática para os adultos e jogos tradicionais para as crianças, entre os quais a caça à maçã, estender massa, corrida de colher, o jogo da corda ou da cauda do burro. Além disso, também ia haver um prémio de vinte e cinco cêntimos para a melhor máscara original usada pelo seu criador.

Jem e eu resmungámos. Não porque quiséssemos fazer propriamente alguma coisa, mas mais por uma questão de princípio.

O Jem já se considerava demasiado velho para o Dia das Bruxas; a ele ninguém o apanhava à beira do liceu, numa ocasião como aquela. Bem, pensei eu, o Atticus é que lá teria de me levar.

No entanto, não tardou que eu soubesse que iriam precisar dos meus serviços no palco nessa noite. Mrs. Grace Merriweather tinha composto um desfile original chamado Maycomb County: Ad Astra Per Áspera e eu deveria fazer de presunto. Ela achou que seria amoroso se algumas crianças se vestissem de forma a representar os produtos agrícolas do condado: Cecil Jacobs ia vestido de vaca; Agnes Boone ia ser um lindo feijão-manteiga, uma outra criança ia fazer de amendoim e por aí adiante, até esgotar a imaginação de Mrs. Merriweather e o fornecimento de crianças.

A nossa única função, tanto quanto pude perceber pelos dois ensaios, era entrar à esquerda do palco, enquanto Mrs. Merriweather (não apenas a autora, mas também a narradora) nos identificava um a um. A minha deixa era ouvi-la gritar «Porco». Depois, o grupo todo reunido devia cantar o tema «Condado de Maycomb, Condado de Maycomb, ser-te-emos sempre fiéis» em jeito de grand finale, altura em que Mrs. Merriweather subiria ao palco exibindo a bandeira do estado.

O meu fato não foi grande problema. Mrs. Crenshaw, a costureira local, tinha tanta imaginação como Mrs. Merriweather.

Mrs. Crenshaw pegou em arame e dobrou-o, dando-lhe a forma de um presunto

fumado. Depois, cobriu o arame com tecido castanho e pintou-o de forma a parecer-se com o original. A única coisa que eu tinha de fazer era meter-me por baixo do fato e esperar que alguém me enfiasse aquela engenhoca pela cabeça abaixo. Chegava-me quase aos joelhos. Mrs. Crenshaw teve a excelente ideia de me deixar dois buracos para os olhos. Fez um excelente trabalho, confesso; o Jem disse que eu parecia mesmo um presunto, mas com pernas. Apesar disso, o desconforto era grande: era quente; era justo; e se tivesse comichão no nariz não conseguia coçar, não o conseguiria tirar sozinha.

Quando chegou o Dia das Bruxas, pensei que toda a família estaria presente para me ver actuar, mas fiquei desapontada. O Atticus usou de todo o seu tacto para me dizer que não sabia se ia aguentar o desfile de hoje e que queria ficar por casa. Tinha estado uma semana em Montgomery e hoje tinha regressado bastante tarde. Ele pensou que o Jem me acompanharia se eu lhe pedisse.

A tia Alexandra disse que tinha de ir cedo para a cama. Tinha andado toda a tarde a decorar o palco e estava esgotada... e estacou a meio da frase. Fechou a boca, voltou a abri-la, mas as palavras não saíam.

— Qu' foi, tia? — perguntei.

— Oh, não foi nada — disse ela. — Alguém acabou de passar por cima da minha sepultura.

Com um gesto, afastou o que quer que fosse que lhe tinha feito sentir aquele arrepio de apreensão e sugeriu que eu fizesse, ali na sala, uma antestreia para toda a família. O Jem enfiou-me dentro do fato, ficou à porta da sala, gritou «Po-orco» exactamente como Mrs. Merriweather teria dito e eu entrei. O Atticus e a tia Alexandra ficaram encantados.

Repeti a actuação na cozinha para a Calpurnia e ela disse que eu estava uma maravilha. A minha vontade era atravessar a rua para mostrar a Miss Maudie, mas o Jem disse que era provável que ela fosse ao desfile.

Depois disto, já não me importava que eles não fossem. O Jem disse que me levava. E assim teve início a nossa mais longa jornada juntos.

Naquele último dia de Outubro, o tempo estava invulgarmente quente. Nem sequer precisávamos de casaco. O vento começava a soprar mais forte e o Jem disse que ainda ia desatar a chover antes de regressarmos a casa. Não havia luar.

Na esquina, o candeeiro da rua desenhava sombras afiadas sobre a casa dos Radleys. Reparei que o Jem ria baixinho.

— Aposto que ninguém os vai incomodar esta noite — disse ele.

O Jem carregava o meu fato de presunto, um tanto ou quanto desajeitadamente, como se fosse difícil de segurar. Pensei que era galante da parte dele levá-lo.

— Mas é um sítio que mete medo, não mete? — comentei. — Hoje o Boo não quer fazer mal a ninguém, mas olha que estou bem contente por vires comigo.

— Sabes bem que o Atticus não te deixava ir sozinha até à escola — disse o Jem.

— Não percebo porquê. É só virar a esquina e atravessar o pátio.

— Pois, mas esse pátio é comprido demais para as raparigas atravessarem à noite — disse o Jem, a gozar. — Não tens medo de almas penadas?

Desatámos os dois a rir. Almas penadas, suga-vidas, encantamentos e sinais secretos, tudo tinha desaparecido com o passar dos anos como a neblina com o nascer do Sol.

— Como é que era aquela velha cantilena? — perguntou o Jem — Anjo-Luz, vida na morte, sai do meu caminho, não me leves a sorte.

— Para lá com isso — pedi-lhe. Estávamos à porta da Casa Radley.

— O Boo não deve estar em casa. Ouve só — disse o Jem.

Na escuridão da noite, sobre as nossas cabeças, uma cotovia ia derramando o seu repertório numa abençoada ignorância, feliz por não saber em que árvore pousava, passando do agudo kee, kee do pássaro-girassol até ao irado quák, quák dos gaios ou ainda o triste lamento Pobre de mim, Pobre de mim, Pobre de mim.

Virámos a esquina e tropeçámos numa raiz que crescia no caminho. O Jem tentou ajudar-me, mas acabou por deixar cair o meu fato na poeira do caminho. Apesar de tudo, não caí e rapidamente retomámos o nosso caminho.

Saímos finalmente da estrada e entrámos no pátio da escola.

Estava escuro como breu.

— Como é que sabes onde estamos, Jem? — perguntei, quando já tínhamos dado alguns passos.

— Sei que estamos por baixo do grande carvalho porque acabámos de passar por uma zona mais fria. Agora vê lá se tens cuidado e não voltes a cair.

Seguíamos agora a passo lento, tacteando para não irmos de encontro à árvore. A árvore era um carvalho antigo e solitário, tão grande que duas crianças não conseguiam abarcá-lo com os braços.

Estava afastado dos professores, dos seus espiões e dos vizinhos curiosos. Ficava perto da propriedade dos Radleys, só que eles não eram curiosos. Debaixo dos seus ramos a terra era mais firme e dura devido às inúmeras lutas e jogos de dados aí feitos às escondidas.

As luzes do auditório do liceu brilhavam à distância, mas, em vez de nos ajudar, cegavam-nos.

— Não olhes para a frente, Scout — disse o Jem. — Olha para o chão para não caíres.

— Devias ter trazido uma lanterna, Jem.

— Não sabia que ia estar assim tão escuro. Quando anoiteceu não dava para perceber que ia ficar assim. Está tão encoberto, é por isso. Mas vais ver que daqui a bocado já passa.

Alguém saltou à nossa frente.

— Santo Deus! — gritou o Jem.

Um círculo de luz rebentou em cheio na nossa cara e, atrás dele, apareceu o Cecil Jacobs.

— Ah, ah! Apanhei-vos! — gritou ele. — Calculei que viessem por este caminho.

— O que é que andas a fazer sozinho por estas bandas, rapaz?

Não tens medo do Boo Radley?

Cecil tinha ido em segurança com os pais até ao auditório e, como não nos tinha visto, aventurou-se a vir até aqui, pois sabia que nós acabaríamos por aparecer. Mas sempre achara que Mr. Finch viria connosco.

— Ora, é só virar a esquina — disse o Jem. — Quem é que tem medo de virar uma esquina?

Porém, tivemos de dar o braço a torcer e admitir que o Cecil tinha estado bem. Ele tinha-nos pregado um susto e já podia ir contar à escola toda. Tinha esse privilégio.

— Ei — disse eu — tu não devias ser uma vaca? Onde é que está o teu fato?

— Está atrás do palco — disse ele. — Mrs. Merriweather disse que ainda falta um bocado até ao desfile. Scout, podes pousar o teu fato ao lado do meu, atrás do palco, e depois podemos ir ter com os outros.

O Jem pensou que era uma bela ideia. Também pensou que era bom eu e Cecil estarmos juntos. Dessa forma, o Jem podia juntar-se aos miúdos da sua idade.

Quando chegámos ao auditório, vimos que a cidade inteira estava lá à excepção do Atticus, das senhoras que tinham ficado demasiado cansadas por andar a decorar o palco e os habituais insociáveis e deslocados. Ao que parecia, estava lá a maior parte do condado em peso: a entrada estava repleta de camponeses com os seus trajes de domingo. O prédio do liceu tinha uma entrada bastante ampla ao cimo das escadas.

Havia grupos de pessoas em volta das barraquinhas, montadas de ambos os lados.

— Oh, não. Jem, esquecime de trazer o dinheiro — suspirei, mal as vi.

— Mas o Atticus não se esqueceu — disse o Jem. — Toma lá trinta cêntimos. Já dá para fazeres seis coisas. Vemo-nos depois.

— OK — disse-lhe, bastante contente com os meus trinta cêntimos e a companhia do Cecil. Desci com o Cecil até à parte da frente do auditório, atravessámos a porta lateral e fomos ter aos bastidores. Livrei-me do meu fato de presunto e desatei a correr dali para fora porque Mrs. Merriweather estava atrás de uma mesa, logo na primeira fila, a fazer frenéticas alterações de última hora no guião.

— Quanto dinheiro tens? — perguntei ao Cecil. O Cecil também tinha trinta cêntimos, o que nos punha em pé de igualdade. Gastámos as nossas primeiras moedas na Casa dos Horrores, que não nos assustou. Depois, entrámos na sala escura do sétimo ano, fomos guiados pelo fantasma de serviço e fizeram-nos tocar em vários objectos que diziam ser partes de um corpo humano. «Aqui estão os olhos» disseram, quando tocámos em duas uvas descascadas pousadas num pires. «Aqui está o seu coração» que mais parecia fígado cru. «E estas são as entranhas» e as nossas mãos eram empurradas para um prato cheio de esparguete frio.

O Cecil e eu visitámos muitas barraquinhas. Cada um de nós comprou um saco de suspiros caseiros feitos por Mrs. Taylor. Eu ainda queria ir apanhar as maçãs com a boca, mas o Cecil disse que não era lá muito higiénico. A mãe dele disse que ainda podia apanhar alguma doença ao meter a cabeça numa tigela por onde toda a gente já tinha andado com a boca.

— Oh, aqui na cidade já não há nada que se pegue — protestei.

Mas o Cecil disse que a mãe o tinha avisado que não era higiénico comer a seguir às outras pessoas. Mais tarde, fiz a mesma pergunta à tia Alexandra e ela respondeu-me que as pessoas que pensavam assim normalmente eram novos-ricos.

Estávamos prestes a comprar um saco de caramelos quando apareceram os estafetas de Mrs. Merriweather a dizer que tínhamos de ir para os bastidores, pois estava na hora de nos prepararmos.

O auditório começava a encher-se de gente; a banda do Liceu de Maycomb County estava montada mesmo por baixo do palco; as luzes estavam acesas e a cortina de veludo vermelho ondulava e agitava-se devido à confusão que reinava por trás dela.

Nos bastidores, o Cecil e eu encontrámos um estreito corredor atolado de gente: adultos com tricórnios feitos em casa, bonés de soldados confederados, chapéus da Guerra Hispano-Americana e capacetes da Grande Guerra. As crianças, vestidas de vários produtos agrícolas, enchiam uma pequena janela.

— Alguém amassou o meu fato — queixei-me, desconsolada.

Mrs. Merriweather veio a galope em meu socorro, endireitou o arame e empurrou-me lá para dentro.

— Estás bem aí dentro, Scout? — perguntou o Cecil. — A tua voz parece vir de tão

longe... até parece que estás do outro lado do monte.

— Olha que tu também não pareces estar muito perto— respondi.

A banda tocava o hino nacional e ouvimos a audiência levantar-se.

Depois soou o bombo. Mrs. Merriweather, sentada na sua mesa, ao lado da banda, declamou:—Maycomb County: Ad Astra Per Áspera.

O bombo voltou a rufar.

— O que significa—disse Mrs. Merriweather, traduzindo para o público rústico—da lama até às estrelas.

E acrescentou, a meu ver desnecessariamente:—Um desfile.

— Se calhar não sabiam o que era se ela não dissesse—sussurrou o Cecil e foi imediatamente silenciado.

— Toda a cidade sabe isso—suspirei.

— Mas a gente do campo também veio—contrapôs o Cecil.

— Estejam calados aí atrás—ordenou uma voz de homem e ficámos calados.

O bombo rugia a cada frase de Mrs. Merriweather. Num tom triste e cinzento ela ia explicando que Maycomb County era mais antigo do que o próprio estado, que fazia parte dos territórios do Mississippi e do Alabama, que o primeiro homem branco a pôr os pés naquelas florestas virgens tinha sido um antepassado do juiz de paz há cinco gerações atrás, e de quem, aliás, mais ninguém tinha ouvido falar. Depois veio o corajoso coronel Maycomb, que dera o nome ao condado.

Andrew Jackson nomeara-o, então, para um cargo de autoridade, mas a excessiva auto-confiança do coronel Maycomb, juntamente com a sua falta de sentido de orientação, tinham sido o desastre de todos quantos cavalgaram ao seu lado na guerra contra os índios Creek. O coronel Maycomb continuou a perseverar nos seus esforços para tornar aquela região segura para a instauração de uma democracia, mas a primeira campanha havia sido a sua última. As suas ordens, que entretanto lhe tinham sido transmitidas por um correio índio amigo de brancos, foram para avançar para sul.

Depois de ter consultado o musgo de uma árvore, para se certificar para que lado era o sul, e não permitindo que os seus subordinados dissessem uma só palavra para o corrigir do erro que estava prestes a cometer, o coronel Maycomb partiu numa jornada resoluta contra o inimigo, embrenhando de tal forma as suas tropas dentro das florestas ancestrais a noroeste, que tiveram de ser socorridos por pioneiros que se encaminhavam para o interior.

Mrs. Merriweather deu uma descrição de trinta minutos sobre as proezas do coronel Maycomb. Descobri então que, se dobrasse os joelhos, podia metê-los dentro do fato e sentar-me, mais ou menos. Sentei-me, ouvindo a ladainha de Mrs. Merriweather e do bombo, lá ao longe, e adormeci rapidamente.

Mais tarde contaram-me que Mrs. Merriweather se estava a guardar para a grande

apoteose final e quando chamou «Po-orco», disse-o com a confiança resultante das entradas a tempo dos pinheiros e do feijão-manteiga. Esperou uns segundos e voltou a chamar «Po-orco?». Como nada acontecia, gritou «Porco!"

Acho que a ouvi algures no meu sono, ou então terá sido a banda a tocar o Dixie que me acordou. Porém, só quando Mrs. Merriweather subia triunfantemente ao palco, carregando a bandeira do estado, é que eu decidi fazer a minha entrada. Decidir não é o termo mais apropriado: pensei que era melhor juntar-me aos outros.

Mais tarde disseram-me que o Juiz Taylor foi para trás do auditório e ficou lá a rir e a bater nos joelhos com tanta força que Mrs. Taylor lhe levou um copo de água e um dos seus comprimidos.

Mrs. Merriweather parecia ter feito um enorme sucesso pois toda a gente aplaudiu muito, mas quando ela me apanhou nos bastidores disse que eu lhe tinha arruinado o desfile. Ela fez-me sentir muito mal, mas quando o Jem me veio buscar mostrou-se bastante compreensivo. Disse que, de onde ele estava sentado, não tinha conseguido ver muito bem o meu fato. Não sei como ele conseguiu imaginar o meu estado de espírito dentro daquele fato, mas disse que eu me tinha portado muito bem e que só tinha entrado um bocadinho tarde. O Jem estava a tornar-se tão bom como o Atticus a reconfortar as pessoas quando as coisas corriam mal. Quase... nem mesmo o Jem me faria conseguir enfrentar aquela multidão, por isso aceitou esperar nos bastidores até a audiência sair.

— Queres tirar isso, Scout?—perguntou.

— Na, deixa estar qu'eu fico assim—disse eu. Assim podia esconder a minha vergonha debaixo dele.

— Querem boleia para casa?—perguntou alguém.—Não, senhor. Obrigado—ouvi o Jem responder.—É uma caminhada curta.

— Tenham cuidado com as almas penadas—disse a voz.—Melhor dizendo, avisa as almas penadas para terem cuidado com a Scout.—Já não há muita gente—disseme. -

Vamos. , Atravessámos o auditório em direcção à entrada e descemos os degraus. Ainda estava escuro como breu. Havia ainda carros estacionados do outro lado do edifício e os faróis não serviam de grande ajuda.

— Víamos melhor se alguns deles fossem na nossa direcção disse o Jem.—Anda cá, Scout. Deixa-me agarrar na tua... na tua pata. Podes desequilibrar-te.

— Eu consigo ver.

— Pois, mas podes perder o equilíbrio.

Senti uma ligeira pressão na minha cabeça e assumi que o Jem tinha agarrado na pata do presunto.

— Agarraste?

— Ah, ah.

Começámos a atravessar o pátio escuro, esforçando-nos por descortinar os nossos próprios pés.

— Jem—disse eu -, esquecime dos sapatos. Ficaram nos bastidores.

— Então vamos buscá-los Mas quando nos virámos, as luzes do auditório apagaram-se de vez.

— Bom, podes ir buscá-los amanhã—disse ele.

— Mas amanhã é domingo—protestei, enquanto o Jem me virava no sentido de casa.

— Podes sempre pedir ao porteiro para te deixar... Scout?

— Hum?

— Nada.

Já há muito tempo que o Jem não fazia aquilo. Em que estaria a pensar? Bem, o mais certo era dizer-me quando muito bem entendesse, provavelmente quando chegássemos a casa. Senti que os seus dedos apertavam com uma força invulgar o cocuruto do meu fato.

Abanei a cabeça.

— Jem, não precisas de...

— Cala-te por um minuto, Scout—disse ele, beliscando-me.

Continuámos a caminhar em silêncio.

— O minuto já acabou—interrompi.— Em qu' 'tás a pensar?

Virei-me para ele, mas a sua silhueta era praticamente invisível.

— Acho que ouvi qualquer coisa—disseme.— Pára um minuto.

Parámos.

— Ouves alguma coisa?—perguntou.

— Não. Mal tínhamos dado cinco passos quando ele me fez parar outra vez.—Jem, estás a tentar assustar-me? Sabes que já tenho idade suficiente para...

— Está quieta—disse ele e vi logo que ele não estava a brincar.

A noite estava calma. Conseguia ouvir a respiração dele ao meu lado. De vez em quando, sentia-se uma brisa súbita batendo levemente contra as minhas pernas nuas, mas era tudo o que restava de uma noite que prometia ser ventosa. Dir-se-ia que era a calmaria antes da tempestade. Pusemo-nos à escuta.

— Ouvi um cão velho mesmo agora—disse eu.

— Não é nada disso—respondeu o Jem.—Ouvi algo enquanto caminhávamos, mas deixei de ouvir quando parámos.

— Tu ouves mas é o roçar do meu fato. Estás é a ficar apanhado por hoje ser Dia das Bruxas...

Disse-o mais para me convencer a mim própria do que ao Jem.

Quando recomeçámos a andar, ouvi o tal barulho que ele tinha falado.

E não vinha do meu fato.

— É só aquele palerma do Cecil—disse o Jem.— Mas não nos vai assustar outra vez.

E não vamos deixar que ele pense que nos estamos a apressar por causa dele.

Abrandámos o passo. Perguntei ao Jem como é que o Cecil nos conseguia seguir naquela escuridão. O mais provável era que ele esbarrasse connosco vindo de trás.

— Eu consigo ver-te, Scout — disse o Jem. — Mas como? Eu a ti não te consigo ver.

— Está-se a ver a banha. Mrs. Crenshaw pintou a gordura do presunto com uma daquelas coisas brilhantes para se ver bem com as luzes do palco. Até te vejo muito bem, e acho que o Cecil também te consegue ver suficientemente bem para manter a distância.

Decidi mostrar ao Cecil que nós sabíamos que ele nos estava a seguir e que estávamos prontos para o enfrentar.

— O Cecil Jacobs é um grandessíssimo cagarolas! — virando-me, gritei subitamente.

Parámos. Não houve resposta para além do eco distante de caga-ro-las na parede da escola.

— Eu apanho-o já — disse o Jem. — Ei!

«Ei, Eii, Eiii» respondeu de novo a parede da escola.

Normalmente, o Cecil não costumava aguentar-se tanto tempo; quando inventava uma brincadeira, repetia-a vezes sem conta. Já devia ter aparecido. O Jem fez-me sinal para parar outra vez.

E depois disse baixinho:

— Scout, consegues tirar isso?

— Acho que sim, mas olha que não tenho grande coisa por baixo.

— Eu tenho aqui o teu vestido.

— Não o consigo vestir às escuras — Está bem — disse ele — esquece.

— Estás com medo, Jem?

— Não. Acho que estamos quase a chegar à árvore. Mais alguns metros e chegamos à estrada. Aí já conseguimos ver as luzes dos candeeiros — o Jem falava num tom lento e monótono. Perguntei-me por quanto tempo iria ser capaz de manter o mito do Cecil.

— Achas que devíamos cantar, Jem?

— Não. Fica quieta outra vez, Scout.

Decidimos não apressar o passo. O Jem sabia tão bem como eu que era difícil caminhar depressa sem magoar um pé, nem tropeçar numa pedra e outros inconvenientes e, para além disso, eu estava descalça. Se calhar era o vento a abanar as árvores. Só que não havia vento e também não havia árvores à excepção do grande carvalho.

A pessoa que nos seguia arrastava os pés como se usasse botas pesadas. Quem quer que fosse devia usar calças grossas de algodão; aquilo que eu pensava ser o abanar das árvores, era afinal o roçar suave de algodão em algodão, vic, vic, a cada passo.

Senti a areia a arrefecer debaixo dos meus pés e soube que estávamos próximos do grande carvalho. O Jem apertou-me a cabeça. Parámos e escutámos.

Desta vez aquele arrastar de pés não parou. As calças continuavam a roçar com suavidade e firmeza. Até que por fim pararam.

Ele corria, corria na nossa direcção e aqueles pés não eram certamente os de uma criança.

— Corre, Scout! Corre! Corre! — gritou o Jem. Dei um passo gigantesco e dei por mim a cambalear: os meus braços eram inúteis e não conseguia manter o equilíbrio no escuro.

— Jem, Jem, ajuda-me, Jem!

Algo esmagou o arame do fato à volta do meu corpo. Ouvi o barulho de metal a roçar em metal, caí ao chão e rolei o mais longe possível, tentando escapar da minha prisão de arame. Dali bem próximo vinha um som de luta, um barulho de pontapés e ruídos de sapatos e carne a roçarem sobre a terra e as raízes. Alguém rolou sobre mim e eu senti que era o Jem. Levantou-se como um relâmpago puxando-me para ele, mas, embora a minha cabeça e ombros estivessem livres, eu estava tão enredada que não conseguimos ir muito longe.

Estávamos quase a chegar à estrada quando senti a mão do Jem libertar-se e notei que tinha caído para trás no chão. Mais sons de luta, depois um som mais abafado, como se algo se tivesse partido e o Jem gritou.

Corri na direcção do grito do Jem e afundei-me no estômago flácido de um homem. O seu dono fez «Uff!» e tentou agarrar-me pelos braços, só que eu tinha-os presos debaixo do arame. O estômago era mole, mas os seus braços eram como aço.

Lentamente, estava a cortar-me a respiração. Não me conseguia mexer. Subitamente ele foi atirado para trás e caiu no chão, quase me levando com ele. Achei que o Jem se tinha levantado.

Às vezes a mente humana trabalha demasiado devagar. Ali permaneci, meia atordoada. O som da luta esmorecia; alguém respirou fundo e a noite voltou a mergulhar no silêncio.

No silêncio, exceptuando a respiração pesada de um homem...

respiração pesada e andar cambaleante. Achei que ele se dirigira até à árvore e se tinha encostado a ela. Tossiu violentamente, uma tosse soluçante, uma tosse que lhe abanava toda a sua estrutura óssea.

— Jem?

Não houve resposta, excepto a respiração pesada do homem.

— Jem?

O Jem não respondia.

O homem começou a andar às voltas, como se à procura de algo.

Ouvi-o grunhir e a arrastar uma coisa pesada pelo chão. Lentamente comecei a aperceber-me que éramos agora quatro pessoas debaixo da árvore.

— Atticus...? O homem caminhava de modo pesado e titubeante na direcção da

estrada.

Dirigi-me para o sítio onde pensava que ele tinha estado e tacteei o chão freneticamente com os dedos dos pés. Toquei em alguém.

— Jem?

Os meus pés tocaram numas calças, depois a fivela de um cinto, botões, algo que não conseguia identificar, um colarinho e, por fim, um rosto. Uma barba áspera disse-me que não era o Jem.

Senti o cheiro a whisky ordinário.

Caminhei na direcção em que achava ficar a estrada. Não tinha a certeza, porque já tinha dado muitas voltas sobre mim mesma.

Mas lá acabei por encontrá-la e olhei para o candeeiro ao longe.

Um homem passava por baixo dele. O homem caminhava com o passo incerto de quem carregava um fardo demasiado pesado para as suas costas. Depois virou a esquina. Ele carregava o Jem. E o braço do Jem balouçava de forma estranha à sua frente.

Quando cheguei à esquina, o homem atravessava o nosso pátio.

Por um instante, o Atticus ficou enquadrado sob as luzes da nossa porta; desceu os degraus a correr e, juntamente com o homem, levou o Jem para dentro.

Cheguei à porta já eles atravessavam o átrio. A tia Alexandra correu ao meu encontro.

— Chama o Dr. Reynolds!

A voz do Atticus saiu cortante do quarto do Jem.

— Onde está a Scout?

— Ela está aqui—gritou a tia Alexandra, arrastando-me com ela » até ao telefone. Ela puxava-me ansiosamente.

— Eu estou bem, tia—expliquei -, é melhor ligar.

Tirou o auscultador do descanso e disse:—Eula May, ligue-me já com o Dr. Reynolds, rápido!

— Agnes, o teu pai está? Oh, meu Deus. Onde é que ele está?

Diz-lhe, por favor, que venha para cá assim que chegar. Por favor, é urgente!

Não havia necessidade da tia se identificar; em Maycomb as pessoas conheciam as vozes umas das outras.

O Atticus saiu do quarto do Jem. Assim que a tia desligou, o Atticus tirou-lhe o auscultador das mãos. Bateu no descanso e disse:—Eula May, ligue-me com o xerife, por favor.

— Heck? Fala Atticus Finch. Alguém atacou os meus filhos.

O Jem está ferido. Entre a casa e a escola. Eu não posso deixar o meu filho. Vá até lá por mim, por favor, e veja se ele ainda anda por lá. Duvido que o vá encontrar agora, mas se o encontrar gostava de ver a sua cara. Agora tenho de ir. Obrigado, Heck.

— Atticus, o Jem está morto?

— Não, Scout. Cuida dela, irmã—disse, enquanto descia o corredor.

Os dedos da tia Alexandra tremiam enquanto me tentava tirar o tecido e os arames esmagados e enrolados à minha volta.

— Estás bem, querida?—não parava de perguntar, enquanto me tentava libertar.

Foi um alívio sair daquilo. Já começava a sentir os braços dormentes e reparei que estavam cheios de pequenas marcas hexagonais.

Esfreguei-os e ficaram melhores.

— Tia, o Jem está morto?

— Não... não, querida, ele está inconsciente. Só saberemos a gravidade dos seus ferimentos quando o Dr. Reynolds chegar. Jean Louise, o que aconteceu?

— Não sei.

Ela não insistiu. Depois trouxe-me alguma coisa para vestir e, se na altura eu tivesse pensado com alguma clarividência, nunca a teria deixado esquecer-se do seu gesto: na sua atrapalhão tinha-me trazido o meu macacão.

— Veste isto, querida—disse ela, entregando-me a roupa que mais detestava.

Correu de volta para o quarto de Jem e depois veio ter comigo ao átrio. Acariciou-me ao de leve e voltou para o quarto de Jem.

Um carro parou à frente da casa. Conhecia o som dos passos do Dr. Reynolds quase tão bem como os do meu pai. Fora ele que nos trouxera, a mim e ao Jem, ao mundo, que nos tinha tratado de todas as doenças infantis conhecidas pelo homem, incluindo aquela vez em que o Jem caiu da casa da árvore, de maneira que era considerado um grande amigo da família. O Dr. Reynolds disse que se tivéssemos sido crianças mais espinhentas as coisas teriam sido diferentes, mas nós duvidávamos disso.

Atravessou a porta e disse:—Meu Deus—veio direito a mim e disse:—Tu ainda estás de pé—e mudou de rumo. Ele conhecia todos os cantos à casa.

Também sabia que, se eu estava em mau estado, então o Jem também estaria por certo.

Depois de dez longas eternidades, o Dr. Reynolds lá voltou.

— O Jem está morto?—perguntei.

— Longe disso—disse ele, pondo-se de cócoras ao pé de mim.

— Tem um galo na cabeça igual ao teu e um braço partido. Scout, olha para aquele lado... não, não vires a cabeça, só os olhos. Agora olha para além. Tanto quanto me parece tem uma fractura num sítio complicado, no cotovelo. Como se alguém tivesse tentado arrancar-lhe o braço... agora, olha para mim.

— Então não está morto?

— Não-oo!

O Dr. Reynolds levantou-se.

— Esta noite não posso fazer muito mais—disse ele—excepto tentar pô-lo o mais

confortável possível. Vamos ter de tirar uma radiografia ao braço... parece-me é que vai andar de braço ao lado e afastado do corpo por uns tempos. Mas não te preocupes que ele vai ficar como novo. Os rapazes curam-se depressa na idade dele.

Enquanto falava, o Dr. Reynolds observava-me, tocando ligeiramente com o dedo no galo que se formava na minha testa.

— Não te sentes partida, pois não?

Aquela pequena piada do Dr. Reynolds fez-me sorrir.

— Então acha mesmo que ele não está morto?

Ele pôs o chapéu.

— Posso estar errado, mas acho que ele está bem vivo. Apresenta todos os sintomas.

Vai lá dar uma olhadela e, quando eu voltar, decidimos em conjunto.

Os passos do Dr. Reynolds eram vivos e joviais. Os de Mr. Heck Tate não. As suas pesadas botas castigavam o estrado da varanda.

Abriu a porta de forma estranha e disse o mesmo que o Dr. Reynolds tinha dito quando entrou.

— Estás bem, Scout? — acrescentou.

— Estou sim, s'nhor. Vou mas é ver o Jem. O Atticus está com ele lá dentro.

— Eu vou contigo — disse Mr. Tate.

A tia Alexandra tinha tapado a luz de leitura do Jem com uma toalha e o seu quarto estava sombrio. O Jem encontrava-se deitado de barriga para cima. Tinha uma marca bastante feia num dos lados do rosto. O braço esquerdo estava estendido, afastado do corpo; o cotovelo estava ligeiramente dobrado, embora para o lado errado.

O Jem tinha a testa franzida.

— Jem...? , ; Foi o Atticus que falou.

— Ele não te consegue ouvir, Scout. Está tão apagado como uma luz. Ele já estava a acordar, mas o Dr. Reynolds voltou a pô-lo a dormir.

— Sim, pai — afastei-me.

O quarto do Jem era grande e quadrado. A tia Alexandra estava sentada numa cadeira de baloiço ao lado da lareira. O homem que trouxera o Jem estava de pé a um canto, encostado à parede. Devia ser algum homem do campo que eu não conhecia.

Provavelmente devia ter estado no desfile e estaria ainda pelas redondezas quando tudo aconteceu. Deve ter ouvido os nossos gritos e foi a correr.

O Atticus estava ao lado da cama do Jem.

Mr. Heck Tate ficou parado na soleira da porta. Tinha o chapéu nas mãos e uma lanterna a sair do seu bolso das calças. Estava com a sua roupa de trabalho.

— Entre, Heck — disse o Atticus. — Então, descobriu alguma coisa? Não consigo imaginar alguém suficientemente baixo para fazer uma coisa destas, mas espero bem que o tenha encontrado.

Mr. Tate fungou. Olhou gravemente para o homem que estava ao canto, cumprimentou-o, olhou em volta... para o Jem, para a tia Alexandra e depois para o Atticus.

— Sente-se, Mr. Finch—disse, em tom afável.

— Sentemo-nos todos. Sente-se naquela cadeira, Heck. Eu vou buscar uma à sala.

Mr. Tate sentou-se na cadeira da secretária do Jem. Esperou que o Atticus voltasse e se acomodasse. Perguntei-me por que é que o Atticus não tinha trazido uma cadeira para o homem do canto, mas o Atticus conhecia melhor as maneiras das pessoas do campo do que eu. Alguns dos seus clientes do campo amarravam os seus cavalos de orelhas compridas nas cerejeiras, no quintal das traseiras, e era normal o Atticus realizar as suas reuniões nos degraus das traseiras. Se calhar este devia sentir-se mais confortável assim.

— Mr. Finch—começou Mr. Tate—vou-lhe dizer o que encontrei.

Encontrei um vestido de menina... está no meu carro. É teu, o vestido, Scout?

— É sim, senhor, se for cor-de-rosa e plissado—disse eu. Mr. Tate comportava-se como se estivesse no banco das testemunhas.

Ele gostava de dizer as coisas à sua maneira, sem ser interrompido pela acusação ou pela defesa e, às vezes, demorava um bom bocado.

— Encontrei uns pedaços muito estranhos de tecido colorido cor de lama...

— É da minha fantasia, Mr. Tate.

Mr. Tate percorreu lentamente as coxas com as mãos. Coçou o braço esquerdo e pôs-se a investigar a pedra da lareira do quarto.

Depois pareceu mais interessado na própria lareira em si. Passou os dedos pelo seu nariz comprido.

— O que é que se passa, Heck?—perguntou o Atticus.

Mr. Tate levou a mão ao pescoço e esfregou-o.

— O Bob Ewell jaz estendido no chão, debaixo daquela árvore acolá, com uma faca de cozinha espetada nas costelas. Ele está morto, Mr. Finch.

A tia Alexandra levantou-se e agarrou-se à pedra da lareira.

Mr. Tate levantou-se, mas ela declinou a sua ajuda. Pela primeira vez na sua vida, a cortesia instintiva do Atticus tinha falhado: ele ficou sentado onde estava.

Por algum motivo, só conseguia pensar em Mr. Bob Ewell dizendo que se ia vingar do Atticus, nem que isso lhe demorasse a vida inteira. Mr. Ewell quase tinha conseguido e, de facto, isso foi a última coisa que ele fez em vida.

— Tem a certeza?—perguntou o Atticus, num tom cada vez mais apagado.

— Está morto—esclareceu Mr. Tate.— Está morto e bem morto.

Não volta a fazer mal a estas crianças.

— Não foi isso que eu quis dizer—o Atticus parecia um sonâmbulo.

A idade estava a começar a pesar e aquele era o seu único sinal de confusão interior: a linha do seu maxilar, outrora forte, estava a começar a perder algum do seu vigor, uma fina rede de rugas ia-se formando sob as orelhas e o cabelo preto de azeviche apresentava já umas manchas grisalhas que se alastravam até às têmporas.

— Não será melhor irmos para a sala de estar?—disse a tia Alexandra por fim.

— Se não se importa—disse Mr. Tate—é melhor ficarmos aqui, isto é, se não fizer mal ao Jem. Quero olhar para os seus ferimentos enquanto a Scout... nos conta o que aconteceu.

— Importam-se que eu saia?—perguntou ela.—Há uma pessoa a mais aqui e essa pessoa sou eu. Se precisares de mim, estarei no meu quarto, Atticus A tia Alexandra dirigiu-se para a porta, mas parou a meio e virou-se.

— Atticus, eu tinha um pressentimento sobre esta noite... eu... isto é tudo culpa minha—começou -, eu devia...

Mr. Tate levantou a mão.

— Pode ir, Miss Alexandra. Eu sei que foi um choque para si.

E não se preocupe com nada... bem, se fôssemos sempre atrás dos nossos sentimentos andávamos como os gatos, a correr atrás das caudas.

Agora Scout, vê se nos podes dizer o que aconteceu enquanto está tudo fresco na tua cabeça. Achas que consegues? Viste-o a seguir-vos?

Fui ter com o Atticus e senti os seus braços rodearem-me. Enterrei a cabeça no seu colo.

— Nós vínhamos para casa. E eu disse, Jem, esqueci os meus sapatos. Assim qu' nos virámos p'ra os ir buscar, as luzes apagaram-se.

O Jem disse que os podia ir buscar amanhã...

— Scout, fala mais alto para Mr. Tate te poder ouvir—disse o Atticus. Depois, subi para o seu colo.

— Então o Jem disse «cala-te um minuto». Achei que ele estava a pensar... ele quer sempre que eu m' cale p'ra ele poder pensar... depois disse que ouviu qualquer coisa.

Pensámos que era o Cecil.

— Cecil?

— Cecil Jacobs. Já nos tinha assustado uma vez esta noite e pensávamos que era ele outra vez. Ele tinha um lençol. Eles ofereciam um quarto de dólar pela melhor máscara e eu não sei quem ganhou...

— Onde estavam quando pensaram que era o Cecil?

— Logo depois da escola. Mandeí-lhe uma boca...

— Mandaste uma boca? O quê?

— O Cecil Jacobs é um grandessíssimo cagarolas, acho eu. Não ouvimos nada...

então o Jem gritou olá, ou uma coisa do género, tão alto que dava para acordar os mortos...

— Só um minuto, Scout—disse Mr. Tate.—Mr. Finch, o senhor ouviu-os?

O Atticus disse que não. Tinha estado com o rádio ligado. A tia Alexandra tinha também o rádio do seu quarto ligado. Ele lembrava-se bem porque ela lhe tinha pedido para baixar o volume do dele para que ela pudesse ouvir o dela. O Atticus sorriu.

— Eu tenho sempre o volume do rádio demasiado alto.

— Será que os vizinhos ouviram alguma coisa...—questionou Mr. Tate.

— Duvido, Heck. A maioria estava a ouvir rádio ou então deitam-se com as galinhas. Maudie Atkinson podia estar acordada, mas duvido.

— Continua, Scout—pediu Mr. Tate.

— Bem, depois do Jem ter gritado continuámos a andar. Mr. Tate, eu estava presa dentro do meu fato, mas, nessa altura, consegui ouvir alguma coisa. Quer dizer, ouvi passos. Andava quando andávamos e parava quando parávamos. O Jem disse que ele me conseguia ver porque Mrs. Crenshaw tinha posto uma tinta brilhante no meu fato.

Eu era um presunto.

— Como?—perguntou Mr. Tate, espantado.

O Atticus descreveu a Mr. Tate o meu papel e a construção do meu fato.

— Devia tê-la visto quando entrou em casa—disse ele.—O fato estava completamente desfeito.

Mr. Tate esfregou o queixo.

— Agora percebo por que é que ele tinha aquelas marcas. As mangas estavam perfuradas com buracos pequenos. Havia uma ou duas pequenas marcas de picadas nos braços que condiziam com os buracos das mangas. Deixe-me ver essa fantasia, senhor.

O Atticus foi buscar os restos do meu fato. Mr. Tate virou-o e torceu-o para ter uma ideia de como era antes.

— Provavelmente foi esta coisa que te salvou a vida—disse ele.

— Olha.

Ele apontou com o seu longo indicador. Uma clara linha brilhante estava bem vincada no arame baço.

— Bob Ewell sabia o que estava a fazer — murmurou Mr. Tate.

— Estava louco — disse o Atticus.

— Não gosto de o contradizer, Mr. Finch... ele não estava doido... mas sim mau como as cobras. Era um patife da pior espécie encharcado em álcool e suficientemente cobarde para matar crianças. Ele não tinha era coragem para o enfrentar olhos nos olhos.

O Atticus abanou a cabeça.

— Não posso conceber que haja homens capazes de...

— Mr. Finch, há homens que temos de abater a tiro antes de podermos dizer-lhes bom-dia. Mesmo assim, não valem a bala que gastámos. E o Ewell era um desses homens.

O Atticus completou o raciocínio:—Eu pensava que ele tinha deitado tudo cá para fora quando me ameaçou. Mesmo se não o tivesse feito, sempre pensei que acabaria por vir atrás de mim.

— Ele tinha coragem suficiente para incomodar uma pobre mulher de cor, tinha coragem suficiente para incomodar o Juiz Taylor quando pensava que a casa estava vazia, e acha que ele iria enfrentá-lo em plena luz do dia? — Mr. Tate suspirou.

— É melhor continuares. Scout, ouviste-o, então, atrás de ti...

— Sim, senhor. Quando chegámos à árvore...

— Como é que sabias que tinham chegado à árvore? Vocês não viam um palmo à frente dos olhos.

— Eu estava descalça e o Jem diz que o chão é sempre mais frio debaixo de uma árvore.

— Por este andar ainda vou ter de te nomear para seres minha ajudante. Continua.

— E vai daí, de repente, alguma coisa agarrou em mim e esmagou o meu fato... e depois acho que me atirei p'ró chão... ouvi uma confusão danada à beira da árvore tipo...

parecia que estavam aos socos contra o tronco. E depois o Jem encontrou-me e começou a arrastar-me p'rá estrada. Alguém... acho que Mr. Ewell o atirou ao chão. Andaram à pancada durante mais um bocado e depois ouvi um barulho estranho... O Jem gritou e... - parei. Aquele barulho tinha sido o braço de Jem.

— Bem, o Jem gritou e depois não o voltei mais a ouvir e a seguir... acho qu' Mr.

Ewell tentou apertar-me o pescoço até à morte. Acho que o Jem se deve ter levantado. E é tudo o que sei...

— E depois? — Mr. Tate olhava-me atentamente.

— Alguém andava aos tombos e aos tropeções e... com uma tosse de morrer. No princípio pensei qu'era o Jem, mas não parecia ele, por isso pus-me à procura do Jem p'lo chão. Achei que o Atticus tinha vindo ajudar-nos e se calhar estava cansado...

— E quem era essa pessoa?

— Ora, ele está ali, Mr. Tate. Ele é que lhe pode dizer o nome.

Enquanto dizia isto, apontei para o homem que estava no canto, mas baixei rapidamente o braço não fosse o Atticus dar-me uma descompostura por apontar. Era falta de educação apontar para as pessoas.

O homem continuava encostado à parede. Ele já estava encostado à parede quando entrei, com os braços cruzados sobre o peito.

Quando apontei, ele baixou os braços e encostou as palmas das mãos à parede.

Eram mãos brancas, aliás, de um branco demasiado doentio, que nunca tinham visto o Sol, tão brancas que brilhavam contra a parede creme, sob a luz fraca do quarto do Jem.

Desviei o olhar das mãos para as suas calças de caqui manchadas de areia; os meus olhos viajaram desde o seu tronco fino até à camisa de ganga rasgada. O seu rosto era tão branco como as mãos, exceptuando uma sombra no queixo afilado. O seu rosto era tão magro que parecia ter sido talhado a canivete; a boca era grande; tinha umas leves depressões, quase delicadas, nas têmporas e os seus olhos cinzentos eram tão baços que pensei que era cego. O cabelo era fino e sem vida, apresentando uma ligeira penugem no alto da cabeça.

Quando apontei para ele, as palmas das mãos escorregaram ligeiramente, deixando marcas de gordura e suor na parede, e enfiou os polegares no cinto. Foi abanado por um pequeno e estranho espasmo, como se tivesse ouvido o ruído de unhas contra um quadro de ardósia, mas quando o encarei com espanto, a tensão começou lentamente a desaparecer do seu rosto. Os seus lábios separaram-se num sorriso tímido e a imagem do nosso vizinho ficou subitamente toldada pelas lágrimas que, de repente, me encheram os olhos.

— Olá, Boo—disse eu...

— Mr. Arthur, querida—interrompeu o Atticus, corrigindo-me delicadamente.—Jean Louise, apresento-te Mr. Arthur Radley. Acho que ele já te conhece.

Só o Atticus para, numa altura como aquela, me conseguir apresentar com tamanha candura ao Boo Radley. Mas o Atticus era mesmo assim.

O Boo testemunhou a forma como, instintivamente, me esgueirei para a cama onde o Jem estava a dormir, pois o mesmo sorriso tímido inundou-lhe o rosto. Corada, tentei disfarçar o meu embaraço, aproveitando para cobrir o Jem. ,—Não lhe toques - disse o Atticus. Mr. Heck Tate estava sentado a olhar atentamente para o Boo através dos seus óculos de massa. Preparava-se para dizer qualquer coisa quando o Dr. Reynolds irrompeu pelo corredor.

— Todos lá para fora—ordenou, mal entrou no quarto.—Boa-noite, Arthur, desculpa, mas não reparei em ti da primeira vez que cá estive.

A voz do Dr. Reynolds era tão viva e natural como os seus passos.

Era como se, de facto, sempre tivesse dito aquilo na vida, descoberta que, aliás, me espantava muito mais do que propriamente estar no mesmo sítio que o Boo Radley.

Mas é claro... até o Boo Radley tinha direito a ficar doente às vezes. Por outro lado, essa ainda era uma das minhas grandes dúvidas.

O Dr. Reynolds carregava um grande pacote embrulhado em papel de jornal.

Pousou-o sobre a secretária do Jem e despiu o casaco.

— Então, já estás convencida que ele está vivo? Eu digo-te como tirei a prova dos nove. Quando o tentava examinar ele deu-me cá um destes pontapés. Tive de o pôr a dormir para lhe conseguir tocar.

Agora, põe-te a mexer—disseme.

— Hum...—disse o Atticus, olhando para o Boo.—Heck, vamos lá para fora para a varanda. Há muitas cadeiras lá fora e a noite ainda está suficientemente quente.

Perguntei-me por que é que o Atticus nos estava a convidar para a varanda em vez da sala, mas depois compreendi. As luzes da sala eram demasiado fortes.

Sáímos em fila, primeiro Mr. Tate... O Atticus ficou à porta, esperando que saíssemos à sua frente. Depois, mudou de ideias e seguiu Mr. Tate.

As pessoas têm o hábito de cumprir as suas rotinas diárias, mesmo nas condições mais estranhas. E eu não era excepção.

— Venha daí, Mr. Arthur—ouvi-me dizer—se calhar não conhece bem a casa. Deixe-me que eu levo-o até à varanda, senhor.

Ele olhou para mim e acenou com a cabeça.

Conduzi-o através do corredor, passando pela sala.

— Não se quer sentar, Mr. Arthur? Esta cadeira de baloiço é muito confortável.

De repente, a minha pequena fantasia sobre ele adquiria de novo vida: ele ia sentar-se na varanda... «Estamos a ter sorte com o tempo, não é verdade, Mr. Arthur?"

Sim, imensa sorte com o tempo. Sentindo-me um tanto ou quanto irreal, guiei-o até à cadeira mais afastada do Atticus e de Mr. Tate. Estava numa zona bastante escura.

O Boo sentir-se-ia mais confortável no escuro.

O Atticus estava sentado no baloiço e Mr. Tate estava acomodado numa cadeira ao seu lado. A luz forte que vinha da janela da sala incidia neles directamente. Sentei-me ao lado do Boo.

— Bem, Heck—dizia o Atticus—acho que o melhor a fazer...

Deus meu, estou a perder a memória...

O Atticus levantou os óculos e pôs-se a esfregar os olhos com os dedos.

— O Jem ainda não tem treze anos... não, já tem treze... não me consigo lembrar. De qualquer forma, o caso vai ter de ser presente a tribunal...

— Que caso, Mr. Finch?—Mr. Tate descruzou as pernas e inclinou-se para a frente.

— Claro que foi em legítima defesa, disso não há a mínima dúvida, mas vou ter de ir ao escritório e procurar...

— Mr. Finch, acha que foi o Jem que matou Bob Ewell? É isso que pensa?

— Mas você ouviu o que a Scout acabou de dizer. Não há dúvida nenhuma. Ela disse que o Jem se levantou e o afastou dela... provavelmente conseguiu tirar a faca do Ewell no escuro... amanhã saberemos.

— Mr. Finch, Mr. Finch... espere um momento—interrompeu Mr. Tate.—Não foi o Jem que esfaqueou Bob Ewell.

Por momentos, o Atticus permaneceu em silêncio. Olhou para Mr. Tate como se estivesse agradecido pelo que este tinha dito.

Mas depois o Atticus abanou a cabeça.

— Heck, é muito simpático da sua parte e sei que o faz por ter um grande coração, mas não faça isso.

Mr. Tate levantou-se e foi até à extremidade da varanda. Cuspiu para os arbustos, meteu as mãos nos bolsos e encarou o Atticus.

— Mas fazer o quê?—perguntou.

— Peço desculpa se lhe falei com brusquidão, Heck—disse o Atticus -, mas ninguém vai abafar isto. Eu não funciono assim.

— Ninguém vai abafar nada, Mr. Finch.

A voz de Mr. Tate era calma, mas as suas botas estavam de tal forma plantadas nas tábuas da varanda que até pareciam ter germinado ali. Eu não compreendia a natureza da contenda que se estava a desenvolver entre o meu pai e o xerife.

Foi a vez do Atticus se levantar e ir até ao extremo da varanda.

Pigarreou, fez «H'rm» e cuspiu para o pátio. Levou as mãos aos bolsos e encarou Mr.

Tate.

— Heck, você não o disse abertamente, mas sei o que está a pensar. Obrigado. Jean Louise...—e virou-se para mim.—Disseste que o Jem tirou Mr. Ewell de cima de ti, não foi?

— Sim, senhor. Foi o que eu pensei... eu...

— Vê, Heck? Agradeço-lhe do fundo do coração, mas não quero que o meu filho comece a sua vida com este espectro sobre a sua cabeça. A melhor maneira é trazer tudo isto à luz do dia. E é melhor que todo o condado venha em peso para assistir e traga a merenda também. Não quero que ele cresça a ouvir cochichos atrás das costas e não quero que ninguém ande para aí com contos e ditos do género «Jem Finch... o pai dele mexeu todos os cordelinhos para o safar daquilo». Quanto mais depressa acabarmos com isto, melhor.

— Mr. Finch—repetiu Mr. Tate com firmeza—O Bob Ewell caiu em cima da sua própria faca. Ele matou-se.

O Atticus dirigiu-se para um dos cantos da varanda. Pôs-se a olhar para a videira.

Pensei que cada um deles era mais teimoso do que o outro. E perguntei-me qual deles iria ceder primeiro. A teimosia do Atticus era calma e contida, mas havia alturas em que era tão obstinado como os Cunninghams. Mr. Tate era menos culto e mais directo, mas igualzinho ao meu pai.

— Heck—o Atticus estava de costas.—Se isto for abafado será a mais pura negação da forma como eduquei o Jem. Às vezes penso que sou um fracasso como pai, mas, no fundo, eu sou tudo o que eles têm. O Jem olha para mim antes de olhar para qualquer outra pessoa e eu tenho tentado viver de modo a poder retribuir-lhe esse olhar... se eu for conivente com algo assim nunca mais o vou conseguir olhar nos olhos. E quando esse dia chegar vou saber que o perdi. E eu não quero perder nem o Jem, nem a Scout, pois eles são tudo o que tenho na vida.

— Mr. Finch—Mr. Tate continuava pregado ao chão.—Bob Ewell caiu sobre a faca.

Eu posso prová-lo.

O Atticus virou-se. As mãos enterraram-se ainda mais nos bolsos.

— Heck, será que nem sequer consegue ver as coisas pelo meu lado? Você também tem filhos, mas eu sou mais velho. Quando os meus filhos crescerem já eu serei um homem velho, isto é, se eu ainda andar por cá. Mas agora eu... se eles não confiarem em mim, não vão confiar em ninguém. O Jem e a Scout sabem o que aconteceu.

Se eles me ouvirem contar, na cidade, uma coisa diferente daquilo que realmente aconteceu... Heck, eles deixarão de ser meus.

Eu não posso ter duas caras diferentes, uma para a cidade e a outra para a minha casa.

Mr. Tate girou sobre os seus calcanhares e disse, pacientemente:—Ele atirou o Jem ao chão, tropeçou numa raiz daquela árvore e... veja, eu mostro-lhe.

Mr. Tate meteu a mão ao bolso e retirou uma navalha de ponta e mola. Nesse preciso momento, o Dr. Reynolds apareceu à porta.

— O filho... o morto está debaixo daquela árvore acolá, doutor, dentro do pátio da escola. Tem uma lanterna? É melhor ficar com esta.

— Eu posso ir de carro até lá e virar os faróis—disse o Dr.

Reynolds, mas por precaução levou a lanterna de Mr. Tate.—O Jem está bem. Ele não vai acordar esta noite, assim o espero, por isso não se preocupem. É essa a faca que o matou, Heck?

— Não, senhor. Ainda está espetada no corpo. Pelo cabo parece ser uma faca de cozinha. O Ken já lá deve estar com a carroça, doutor. B'a noite.

Mr. Tate abriu a navalha.

— Foi assim—começou. Agarrou na navalha e fingiu tropeçar; quando se inclinou para a frente, levou o braço esquerdo à frente, como se se estivesse a apoiar em desequilíbrio.

— Vê? Apunhalou-se a si mesmo naquela parte mole entre as costelas. Foi o peso dele que a enterrou.

Mr. Tate fechou a navalha e enfiou-a no bolso.

— A Scout tem oito anos—disse ele.—Estava demasiado assustada para perceber o que se passou exactamente.

— Olhe que ainda era capaz de ter uma surpresa—disse o Atticus entredentes.

— Eu não estou a dizer que ela inventou tudo aquilo. Só estou a dizer que ela estava demasiado assustada para perceber o que aconteceu exactamente. Ali estava muito escuro, escuro como breu.

E era preciso haver alguém muito habituado ao escuro para poder ser uma testemunha competente...

— Desculpe, mas não me convence—disse o Atticus, calmamente.

— Diabos o levem, eu não estou a pensar no Jem!

A bota de Mr. Tate bateu no soalho com tanta força que as luzes do quarto de Miss Maudie se acenderam. As luzes de Miss Stephanie Crawford acenderam-se também. O

Atticus e Mr. Tate olharam para o outro lado da rua e, depois, trocaram olhares.

Esperaram um pouco.

Quando Mr. Tate voltou a falar, a sua voz era quase inaudível.

— Mr. Finch, detesto ter de o contradizer quando está assim.

Esta noite foi sujeito a uma pressão enorme que nenhum homem devia ser obrigado a suportar. Eu não sei é como ainda não está deitado numa cama por causa disto. Mas uma coisa eu sei. Pela primeira vez não está a conseguir juntar dois mais dois e isto tem de ficar resolvido hoje. Amanhã será demasiado tarde. O Bob Ewell tem uma faca de cozinha espetada no bucho.

Mr. Tate acrescentou que o Atticus não podia continuar a dizer que um rapaz do tamanho do Jem, e ainda para mais com um braço partido, tinha força suficiente para lutar e matar um homem adulto no meio do escuro.

— Heck—disse o Atticus, abruptamente -, você estava com uma navalha de ponta e mola na mão. Onde a arranjou?

— Tirei-a a um bêbado—respondeu friamente Mr. Tate.

Eu tentava-me recordar. Mr. Ewell estava em cima de mim... depois caiu... O Jem devia ter-se levantado. Pelo menos era o que eu pensava...

— Heck?

— Já disse que a tirei, esta noite, de um bêbado na cidade. Provavelmente, o Ewell deve ter encontrado aquela faca na lixeira. Afiou-a e esperou a sua oportunidade... só ficou à espera.

O Atticus encaminhou-se para o baloiço e sentou-se. As suas mãos baloiçavam entre os joelhos. Olhava para o chão. Tinha-se deslocado com a mesma lentidão daquela noite na prisão, quando eu pensei que ia demorar uma eternidade para dobrar o jornal e o pousar na sua cadeira.

Mr. Tate andava às voltas pela varanda, devagar.

— A decisão é toda minha, Mr. Finch. Não sua. É a minha decisão e fica à minha responsabilidade. Se não vê as coisas como eu, pela primeira vez, não vai poder fazer nada sobre isso. E se quiser tentar, então eu terei de lhe chamar mentiroso na cara. O seu miúdo nunca apunhalou Bob Ewell—disse lentamente.—Nem de perto, nem de longe e agora já sabe. A única coisa que ele queria fazer era levá-los, a ele e à irmã para casa, são e salvos.

Mr. Tate parou. Parou em frente do Atticus de costas voltadas para nós.

— Posso não ser o melhor dos homens, senhor, mas sou o Xerife de Maycomb County. Vivi nesta cidade a vida inteira e já vou a caminho dos quarenta e três anos de idade. Sei tudo o que aconteceu aqui desde antes de ter nascido. Há um rapaz negro morto sem razão nenhuma e o homem responsável por isso está morto. Mr. Finch, ao menos desta vez, deixe que os mortos enterrem os mortos. Deixe os mortos enterrarem os mortos.

Mr. Tate foi até ao baloiço e pegou no chapéu. Estava pousado ao lado do Atticus.

Depois, Mr. Tate puxou o cabelo para trás e enfiou o chapéu.

— Nunca ouvi dizer que é contra a lei um cidadão fazer o máximo para prevenir um crime. Pois bem, foi exactamente isso que ele fez. Agora, se calhar, vai dizer que é meu dever contar isso à cidade inteira e não abafar nada. Sabe o que acontecia depois?

Todas as senhoras de Maycomb, incluindo a minha mulher, iriam bater-lhe à porta e levar-lhe tartes merengadas. Na minha maneira de pensar, Mr. Finch, pegar no homem que fez um grande favor a si e à cidade e arrastá-lo para a luz da ribalta com a sua timidez... para mim isso é que é um pecado. É um pecado e não estou disposto a carregá-

lo na minha consciência. Se fosse qualquer outra pessoa, seria diferente. Mas não este homem, Mr. Finch.

Mr. Tate estava a tentar escavar um buraco no chão com a ponta da bota. Puxou pelo nariz e depois coçou o braço esquerdo.

— Posso não ser lá grande coisa, Mr. Finch, mas ainda sou o Xerife de Maycomb County e o Bob Ewell caiu em cima da faca.

Boa-noite, senhor.

Mr. Tate desceu da varanda e atravessou o pátio. A porta do carro bateu e ele partiu.

O Atticus permaneceu sentado a olhar para o chão durante muito tempo.

Finalmente ergueu a cabeça.

— Scout—disse ele -, Mr. Ewell caiu em cima da sua faca. Tu consegues compreender isto?

Parecia mesmo que o Atticus precisava de ser animado. Corri para ele e abracei-o e beijei-o com toda a força do meu ser.

— Sim, pai. Eu compreendo—assegurei.—Mr. Tate tinha razão.

O Atticus libertou-se e olhou para mim.

— O que queres dizer?

— Bem, era mais ou menos como matar uma cotovia, não era?

O Atticus mergulhou o rosto no meu cabelo e acariciou-o.

Quando se levantou e atravessou a varanda em direcção às sombras, o seu passo juvenil tinha regressado. Antes de entrar em casa parou frente ao Boo Radley.

— Obrigado pelos meus filhos, Arthur—disse ele.

Quando o Boo Radley se levantou, as luzes da sala brilharam sobre a sua testa.

Cada movimento que fazia era incerto, como se não tivesse a certeza que as suas mãos e os seus pés podiam estabelecer um contacto adequado com as coisas que tocava. Tossiu, com aquela sua horrível tosse seca, e ficou tão abalado que teve de voltar a sentar-se. A sua mão procurou no bolso e tirou um lenço.

Em seguida, tossiu no lenço e limpou a testa.

Estava tão habituada à sua ausência que achava incrível que ele estivesse sentado ao meu lado durante todo aquele tempo. Ele não tinha feito um único ruído.

Levantou-se mais uma vez. Virou-se para mim e apontou com a cabeça na direcção da porta da frente.

— Gostava de dizer boa-noite ao Jem, não é assim, Mr. Arthur?

Faça o favor de entrar.

Encaminhei-o pelo corredor. A tia Alexandra estava sentada ao lado da cama do Jem.

— Entre, Arthur—disse ela.—Ele ainda está a dormir. O Dr. Reynolds deu-lhe um forte sedativo. Jean Louise, o teu pai está na sala?

— Sim, senhora. Acho que sim.

— Vou falar com ele. O Dr. Reynolds deixou...—e a sua voz afastou-se.

O Boo tinha ido para um dos cantos do quarto, onde ficou com o queixo levantado, olhando o Jem à distância. Peguei-lhe pela mão. Era uma mão surpreendentemente quente para a sua brancura.

Dei-lhe um ligeiro puxão e ele deixou-me guiá-lo até à cama do Jem.

O Dr. Reynolds tinha montado uma espécie de tenda de campanha sobre o braço de Jem, para manter as cobertas afastadas, acho eu. O Boo inclinou-se e espreitou por cima. O seu rosto mostrava uma expressão de curiosidade tímida, como se nunca tivesse visto um rapaz. A sua boca estava ligeiramente aberta e fitava o Jem da cabeça aos pés. Depois levantou a mão, mas deixou-a cair logo ao longo do corpo.

— Pode fazer-lhe uma festa, Mr. Arthur. Ele está a dormir. Não podia era fazer isso se ele estivesse acordado, que ele não ia deixar... - dei por mim a explicar.—Vá lá.

A mão do Boo pairava sobre a cabeça do Jem.

— Vá lá, senhor. Ele está a dormir.

A sua mão desceu então lentamente sobre o cabelo do Jem.

Estava a começar a entender a sua linguagem corporal. Depois, a sua mão apertou a minha, indicando que queria ir embora.

Levei-o até à varanda, onde os seus passos inseguros pararam.

Ainda segurava na minha mão e não mostrava sinais de querer largá-la.

— Levas-me a casa?

Era quase um sussurro, como se fosse a voz de uma criança com medo do escuro.

Pus o meu pé no primeiro degrau e parei. Tinha-o guiado pela minha casa, mas nunca o poderia guiar até à casa dele.

— Mr. Arthur, dobre o seu braço, assim. Assim está bem, senhor.

Meti a mão na curva do seu braço.

Ele teve de se baixar um bocadito para me dar o braço, mas se Miss Stephanie Crawford estivesse a assistir a tudo da janela, então certamente que veria Arthur Radley a acompanhar-me pelo passeio, como qualquer cavalheiro.

Chegámos ao candeeiro da esquina e perguntei-me quantas vezes o Dill tinha ficado ali, a abraçar o poste, olhar perdido, esperando e desejando. Perguntei-me quantas vezes eu e Jem fizéramos aquela viagem, mas aquela era a segunda vez na minha vida em que entrava pelo portão dos Radleys. O Boo e eu subimos os degraus da varanda. Os seus dedos encontraram a maçaneta da porta.

Gentilmente libertou a minha mão, abriu a porta, entrou e fechou a porta atrás dele. Nunca mais o vi.

Os vizinhos trazem sempre comida quando há um falecimento, flores quando há uma doença e pequenas coisas nas outras ocasiões.

E o Boo era nosso vizinho. Ele dera-nos duas bonecas feitas em sabão, um relógio avariado e a respectiva corrente, duas moedas da sorte e as nossas vidas. Mas os vizinhos retribuem também. Nós nunca devolvemos o que tirámos da árvore: de facto, nós não lhe tínhamos dado nada e isso entristecia-me.

Virei-me para regressar a casa. Trémulos, os candeeiros iluminavam a rua até à cidade. Nunca tinha visto o nosso bairro daquela perspectiva. Ali estava a casa de Miss Maudie, de Miss Stephanie... ali era a nossa casa, conseguia ver o baloiço na varanda... a casa de Miss Rachel logo depois da nossa, perfeitamente visível. Até conseguia ver a de Mrs. Dubose.

Voltei a olhar para trás. À esquerda da porta castanha havia uma grande janela fechada. Fui até lá, parei em frente da janela e dei meia volta. À luz do dia, pensei eu, deve dar para ver até à esquina dos correios.

A luz do dia... na minha mente a noite desaparecera. Era dia e a vizinhança agitava-se. Miss Stephanie Crawford atravessava a rua para contar as últimas a Miss Rachel. Miss Maudie inclinava-se sobre as suas azáleas. Era Verão e duas crianças corriam na direcção de um homem que se aproximava à distância. O homem acenava e as crianças faziam uma corrida para ver quem chegava primeiro.

Ainda era Verão e as crianças aproximavam-se. Um rapaz caminhava lentamente pelo passeio, arrastando, atrás dele, uma cana de pesca. Um homem esperava por ele com as mãos à cintura. Era Verão e os seus filhos brincavam no pátio da frente com o amigo deles, encenando um bizarro dramalhão inventado por eles próprios.

Era Outono e os seus filhos lutavam no passeio, em frente à casa de Mrs. Dubose.

O rapaz ajudou a sua irmã a levantar-se e foram para casa. Era Outono e os seus filhos andavam para trás e para a frente pelas esquinas, mostrando nos rostos os desaires e as vitórias do dia. Paravam junto de um carvalho, delicias, confusas e apreensivas.

Era Inverno e os seus filhos tremiam ao portão, silhuetas recortadas contra o braseiro de uma casa em chamas. Era Inverno e um homem caminhava pela rua, deixava cair os óculos e abatia um cão.

Era Verão e ele via os seus filhos de coração partido. Outra vez o Outono e as crianças do Boo precisavam dele.

O Atticus tinha razão. Certo dia disse que só conheceríamos realmente um homem quando calçássemos os seus sapatos e caminhássemos dentro deles. Para mim, estar na varanda dos Radleys foi o suficiente.

A luz dos candeeiros era difusa e turva devido à morrinha que caía. No meu caminho para casa, sentia-me muito crescida, mas quando olhei para a ponta do meu nariz vi algumas gotas pequeninas, só que troquei os olhos, fiquei tonta e deixei de olhar. No meu caminho para casa pensei nas coisas que tinha de contar ao Jem amanhã.

Ele ia ficar tão chateado com o que tinha perdido que, de certeza, não me ia falar durante uns dias. No meu caminho para casa pensei que o Jem e eu iríamos crescer, mas que não haveria muito mais coisas para aprender, excepto, talvez, álgebra.

Subi os degraus a correr e entrei em casa. A tia Alexandra tinha ido para a cama e o quarto do Atticus estava escuro. Fui ver se o Jem já estava a acordar. Vi que o Atticus estava no quarto do Jem, sentado ao lado da cama. Estava a ler um livro.

— O Jem já acordou?

— Está a dormir tranquilamente. Só vai acordar de manhã.

— Oh. E tu vais ficar aqui sentado?

— Só por uma hora ou assim. Vai para a cama, Scout. Tiveste um longo dia.

— Bem, acho que vou ficar um bocadinho aqui contigo.

— Como quiseses—disse o Atticus. Já devia passar da meia-noite e fiquei espantada com a sua concordância tão amável. No entanto, era mais esperto do que eu: mal me sentei comecei a sentir sonolência.

— O que é que estás a ler?—perguntei.

Atticus virou o livro.

— Um livro do Jem, chamado The Gray Ghost.

De repente, fiquei acordada.

— Por que é que pegaste nesse?

— Não sei, querida. Só peguei nele e pronto. É um dos poucos que ainda não li - referiu.

— Lê alto, Atticus. Por favor. Esse é mesmo assustador.

— Não—disse ele.—Já tiveste sustos que cheguem. Este é demasiado...

— Atticus, eu não estava assustada.

Ele levantou o sobrolho e eu protestei:—E não estava nada, pelo menos até ter começado a contar a Mr. Tate o que tinha acontecido. O Jem não estava assustado. Pergunta-lhe e ele diz-te logo que não estava.

P’ra além disso, não há nada realmente assustador, excepto nos livros.

O Atticus abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas voltou a fechá-la. Tirou o polegar do meio do livro e voltou à primeira página. Cheguei-me para ele e deitei a cabeça nos seus joelhos.

— H’rm—fez ele.—The Gray Ghost, por Seckatary Hawkins.

Capítulo Um...

Esforcei-me por ficar acordada, mas a chuva era tão suave, o quarto estava tão quente, a sua voz era tão profunda e o seu joelho era tão confortável que acabei por adormecer.

Segundos depois, pelo menos assim me pareceu, o seu pé tocou-me suavemente nas costas. Pegou em mim ao colo e levou-me até ao meu quarto.

— Ouvi tudo o qu’ disseste—murmurei.—,... não estava a dormir, é sobre um barco e o Fred Três Dedos e o Stoner’s Boy...

Ele desapertou-me o macacão, encostou-me a si e despiu-mo.

Depois segurou-me com uma mão enquanto pegava no pijama com a outra.

— Pois, e depois eles pensavam qu’era o Stoner’s Boy quem estragava tudo no clube e espalhava tinta por tod’a parte...

Levou-me para a cama e sentou-me nela. A seguir, levantou-me as pernas e meteu-me debaixo das cobertas.

— E vai daí eles perseguiram-no, só qu’ nunca o apanhavam porque não sabiam como ele era, e depois Atticus, quando eles o encontraram, afinal não tinha sido ele qu’ tinha feito aquelas coisas...

Atticus, ele era mesmo bom...

As suas mãos estavam por baixo do meu queixo, puxando as cobertas e aconchegando-as à minha volta.

— A maior parte das pessoas são assim, Scout, quando finalmente as conhecemos.

Desligou a luz e foi para o quarto de Jem. Sabia que ele ia ficar lá a noite toda e lá estaria ainda quando o Jem acordasse de manhã.

FIM

* * * * *

Durante os anos da Depressão, Atticus Finch, um advogado viúvo de Maycomb, uma pequena cidade do sul dos Estados Unidos, recebe a dura tarefa de defender um homem negro injustamente acusado de violar uma jovem branca. Através do olhar curioso e rebelde de uma criança, Harper Lee descreve-nos o dia-a-dia de uma comunidade conservadora onde o preconceito e o racismo caracterizam as relações humanas, revelando-nos, ao mesmo tempo, o processo de crescimento, aprendizagem e descoberta do mundo típicos da infância.

Recentemente, alguns dos mais importantes livreiros norte-americanos atribuíram grande destaque ao livro, ao elegerem-no como o melhor romance do século XX.

«Sem dúvida um verdadeiro fenómeno literário, este romance sulista não apresenta a mais pequena mácula nas suas delicadas folhas de magnólia.

Divertido, alegre e escrito com uma precisão cirúrgica».

Vogue «O estilo de Harper Lee revela-nos uma prosa enérgica e vigorosa capaz de traduzir com minúcia o modo de vida e o falar sulistas, bem como uma imensa panóplia de verdades úteis sobre a infância no sul dos EUA».

* * *

Harper Lee nasceu em 1926, em Monroeville, Alabama, onde freqüentou o Huntington College e estudou Direito na Universidade do Alabama.

Foi galardoada com o Prémio Pulitzer e vários outros prémios literários.